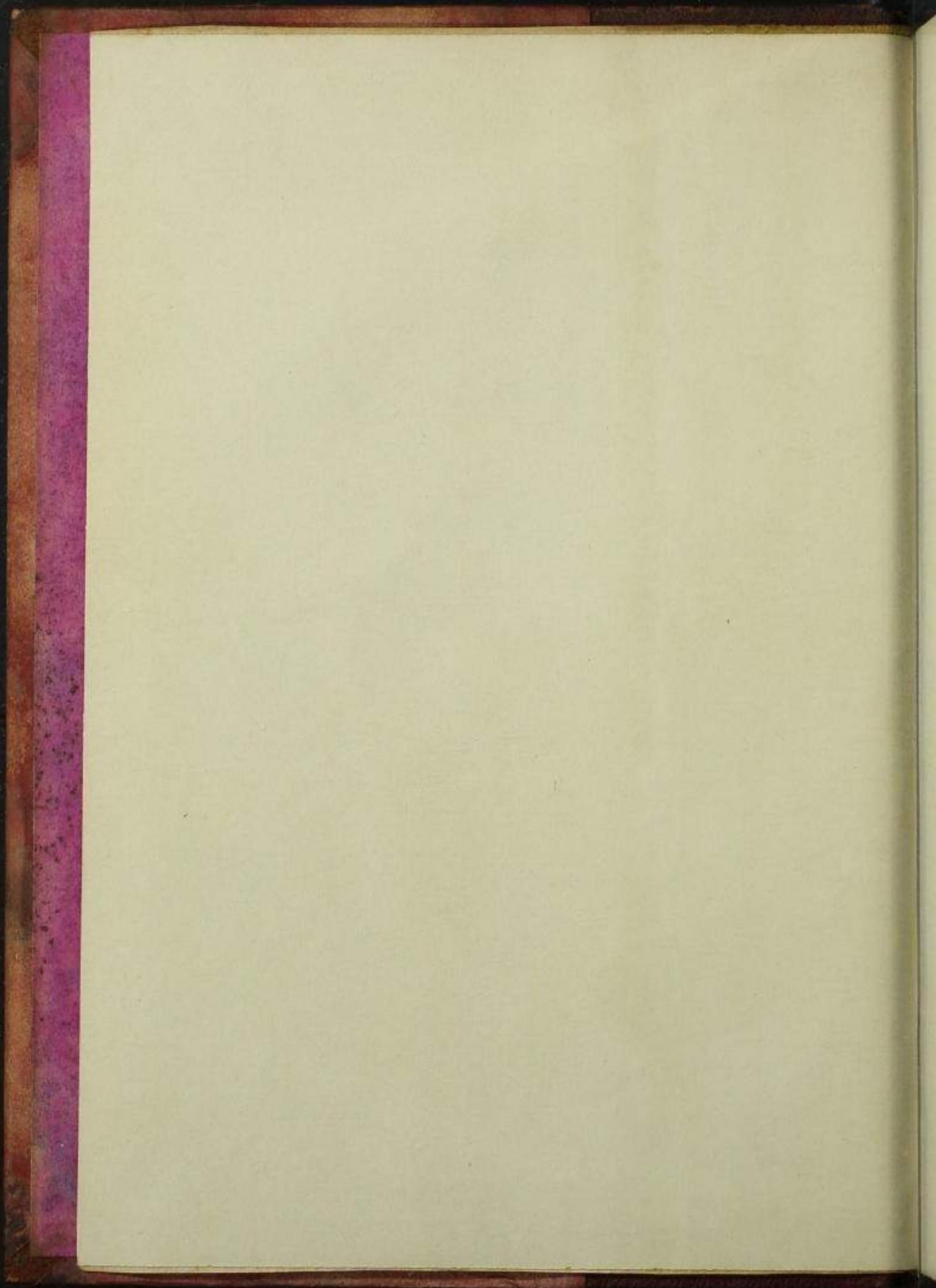


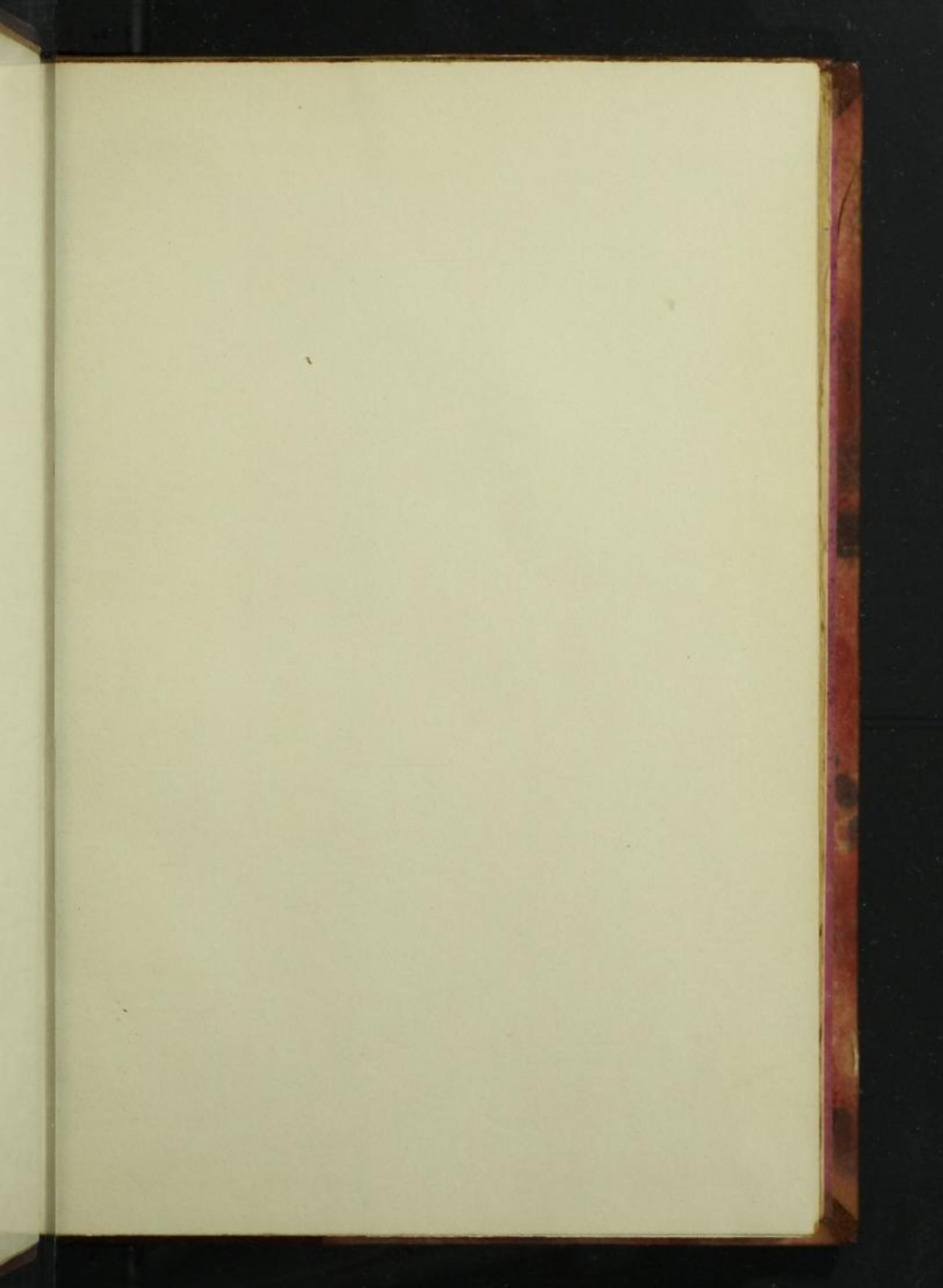
Je ne fay rien  
sans  
**Gayeté**

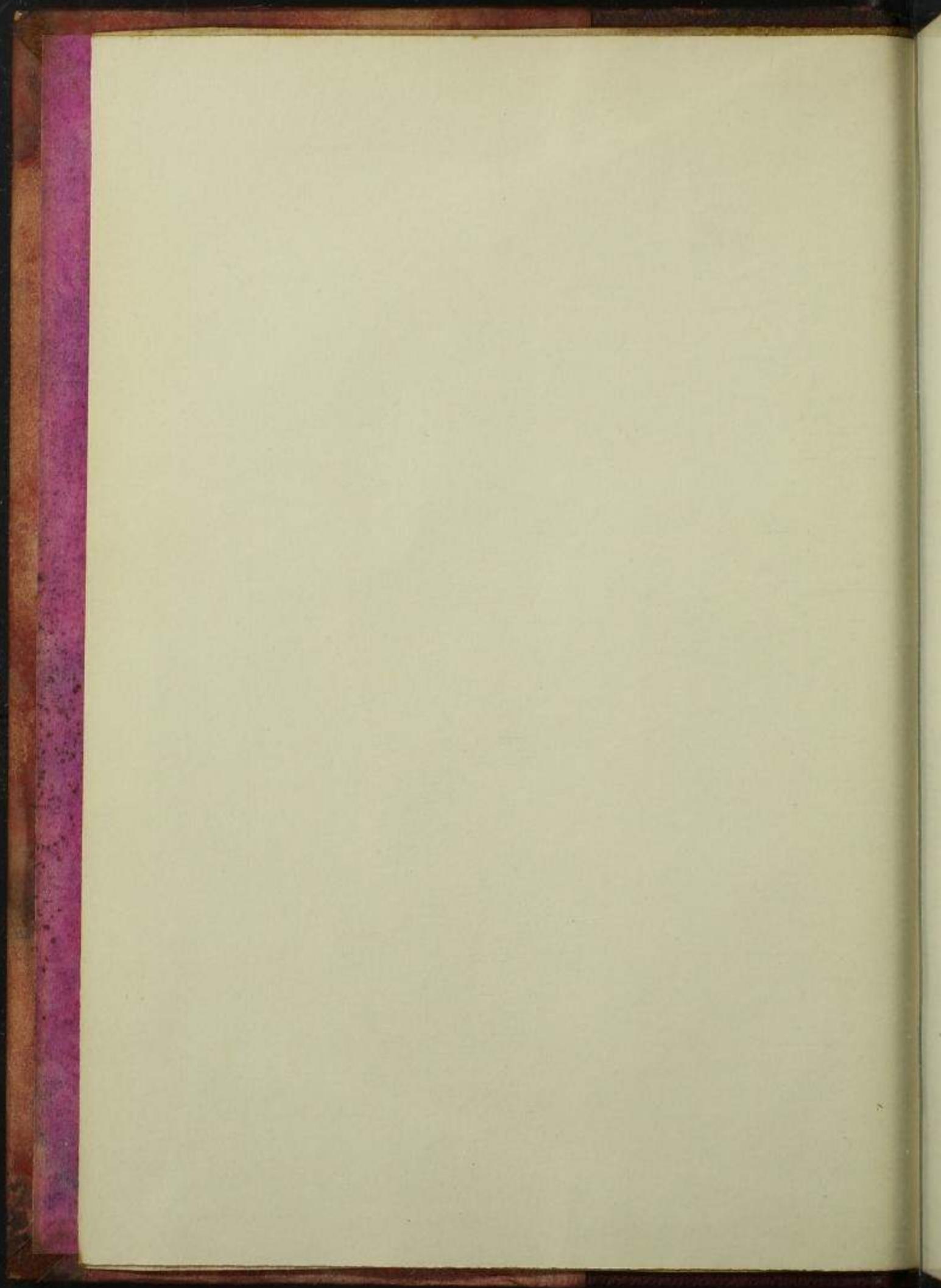
*(Montaigne, Des livres)*

Ex Libris  
José Mindlin

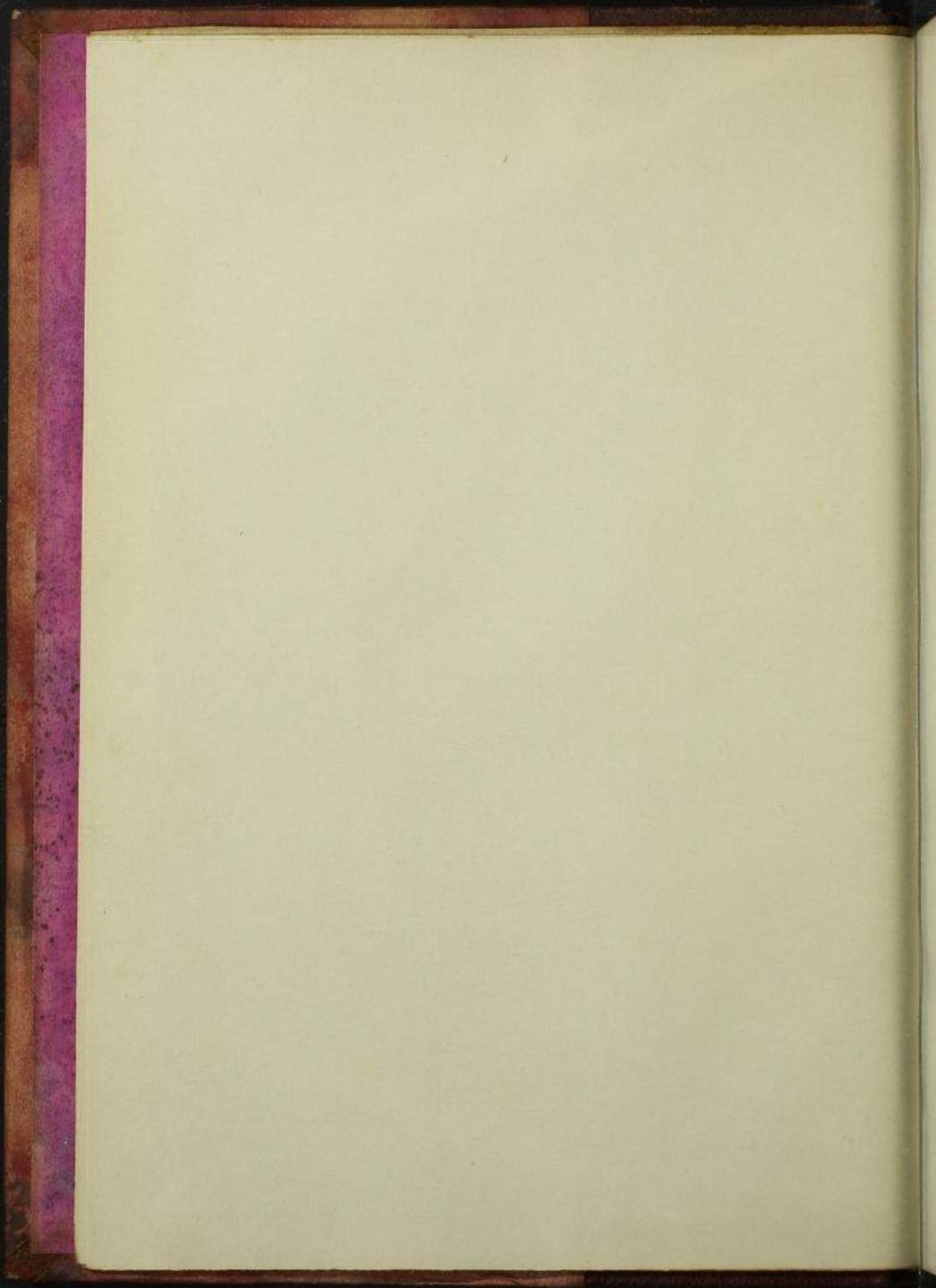


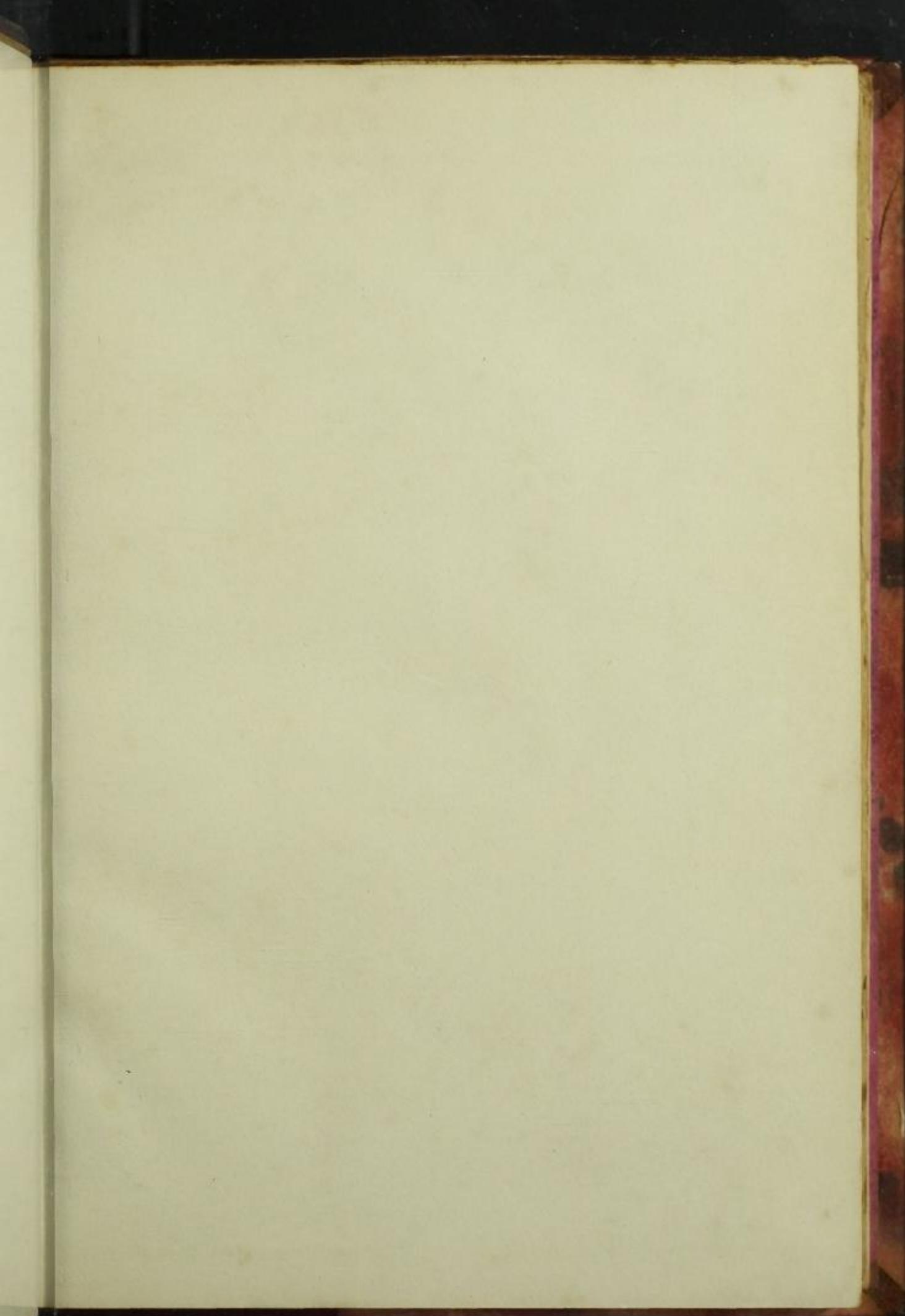


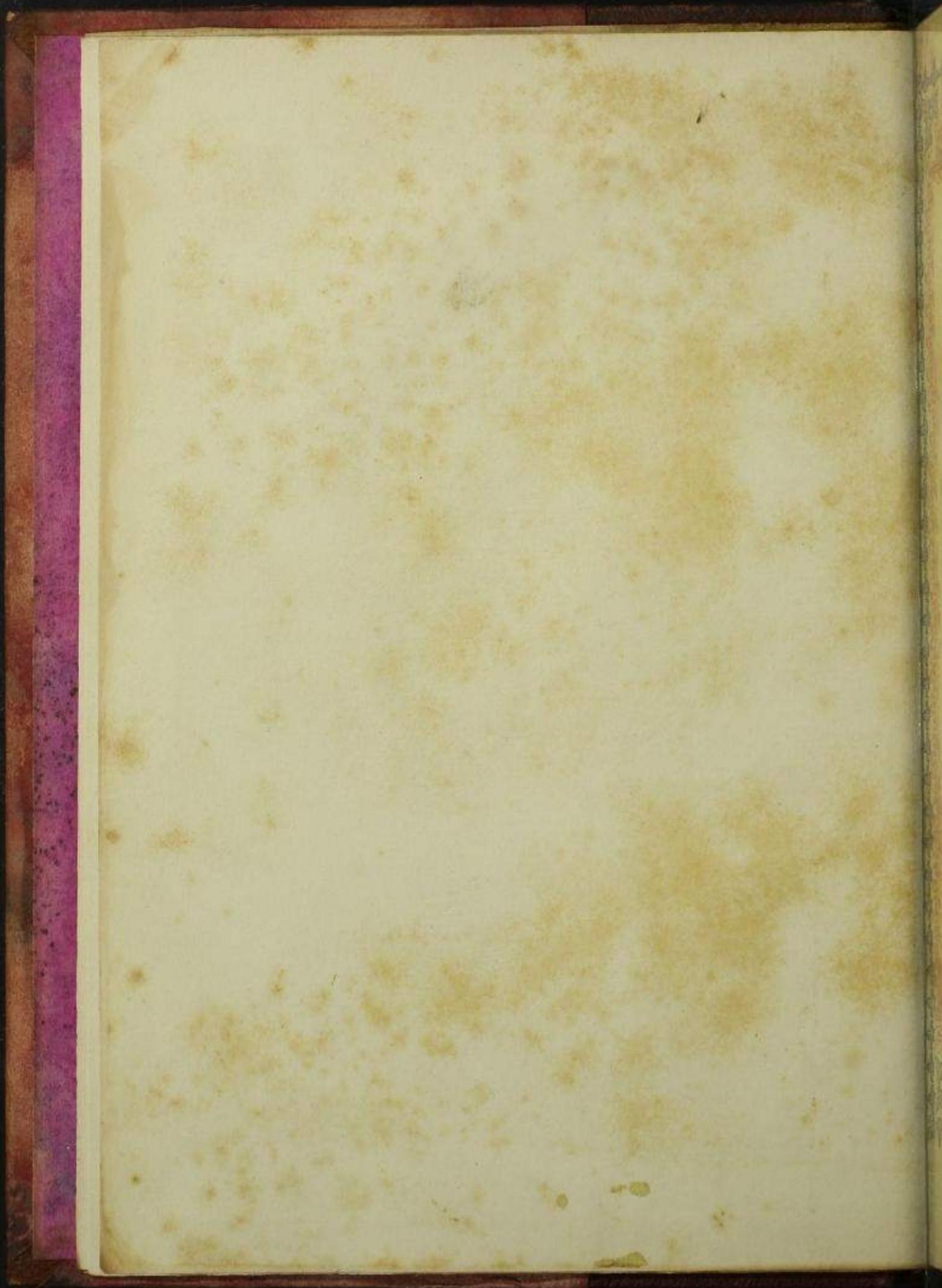


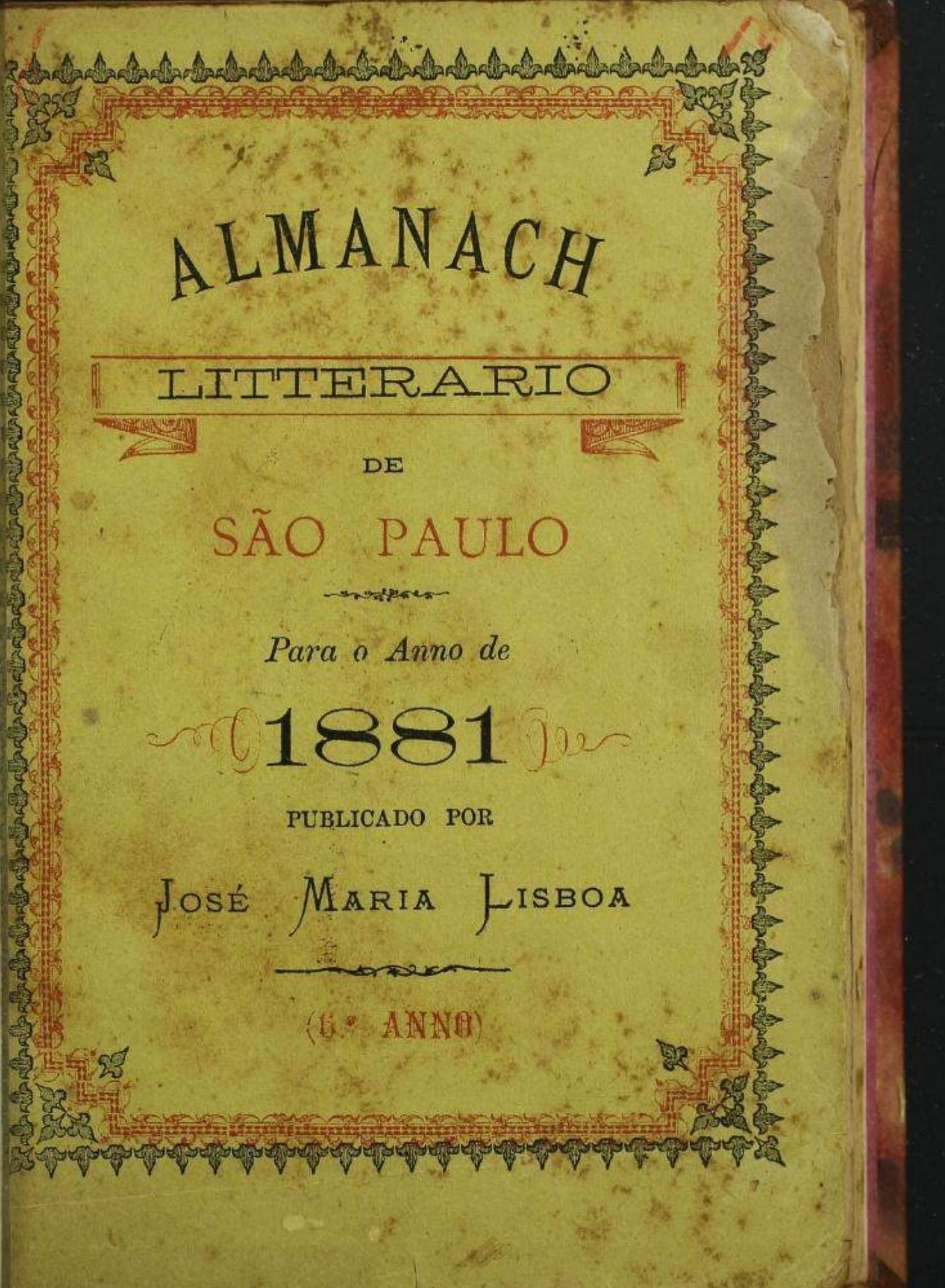












ALMANACH

LITTERARIO

DE

SÃO PAULO

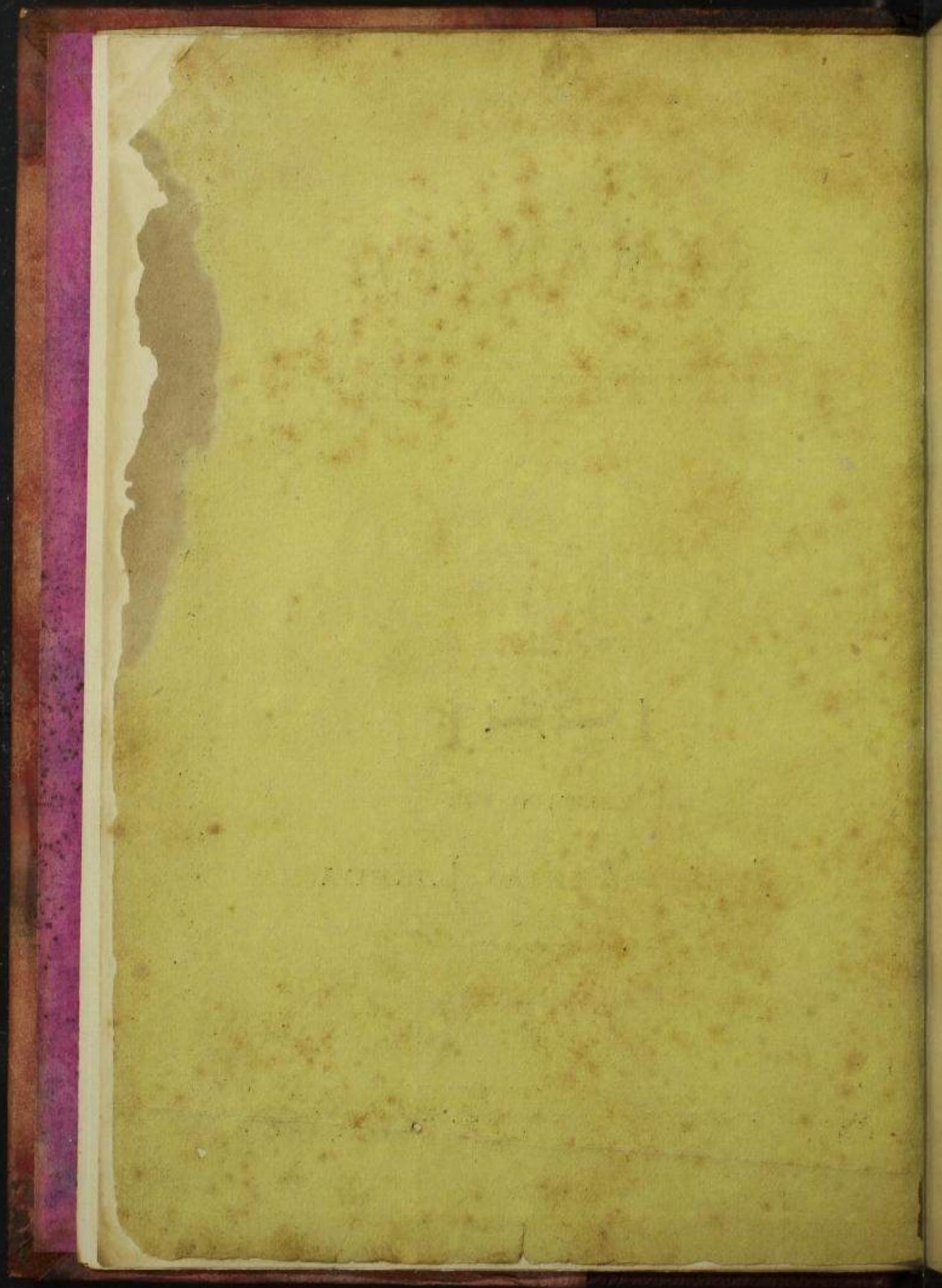
*Para o Anno de*

1881

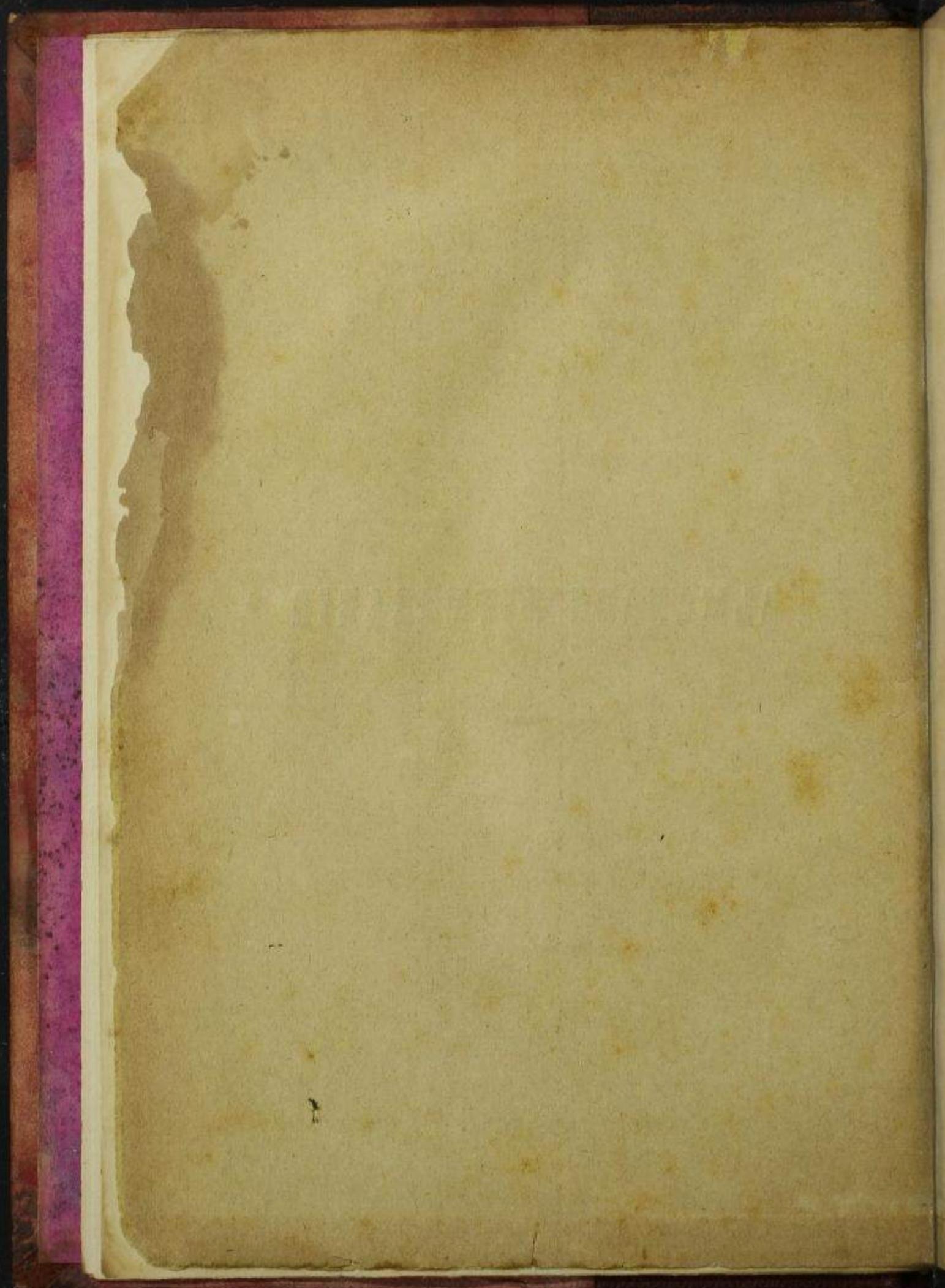
PUBLICADO POR

JOSÉ MARIA LISBOA

(6.º ANNO)

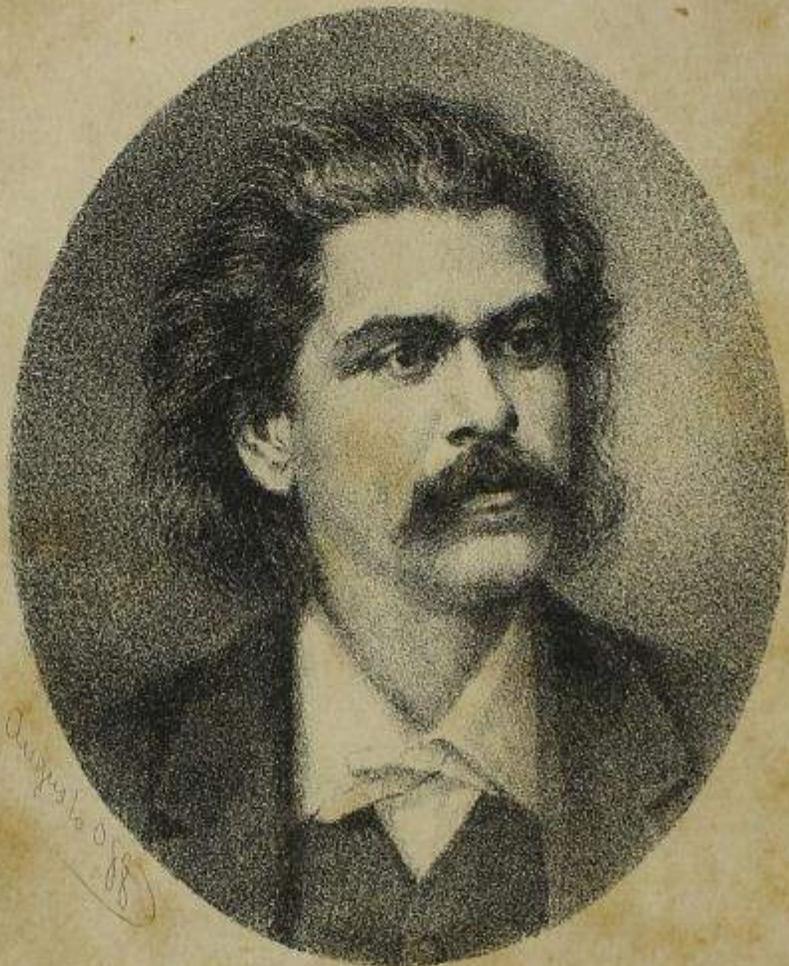


**ALMANACH LITTERARIO**



Horacio de Carvalho  
S. Paulo, 30 - Br. - 88

---



August 1888

A. Carlos Jones

ALMANACH LITTERARIO

DE

**S. PAULO**

PARA

**1881**

ACOMPANHADO DE UM RETRATO LITHOGRAPHADO  
DO EXIMIO MAESTRO CARLOS GOMES

PUBLICADO POR

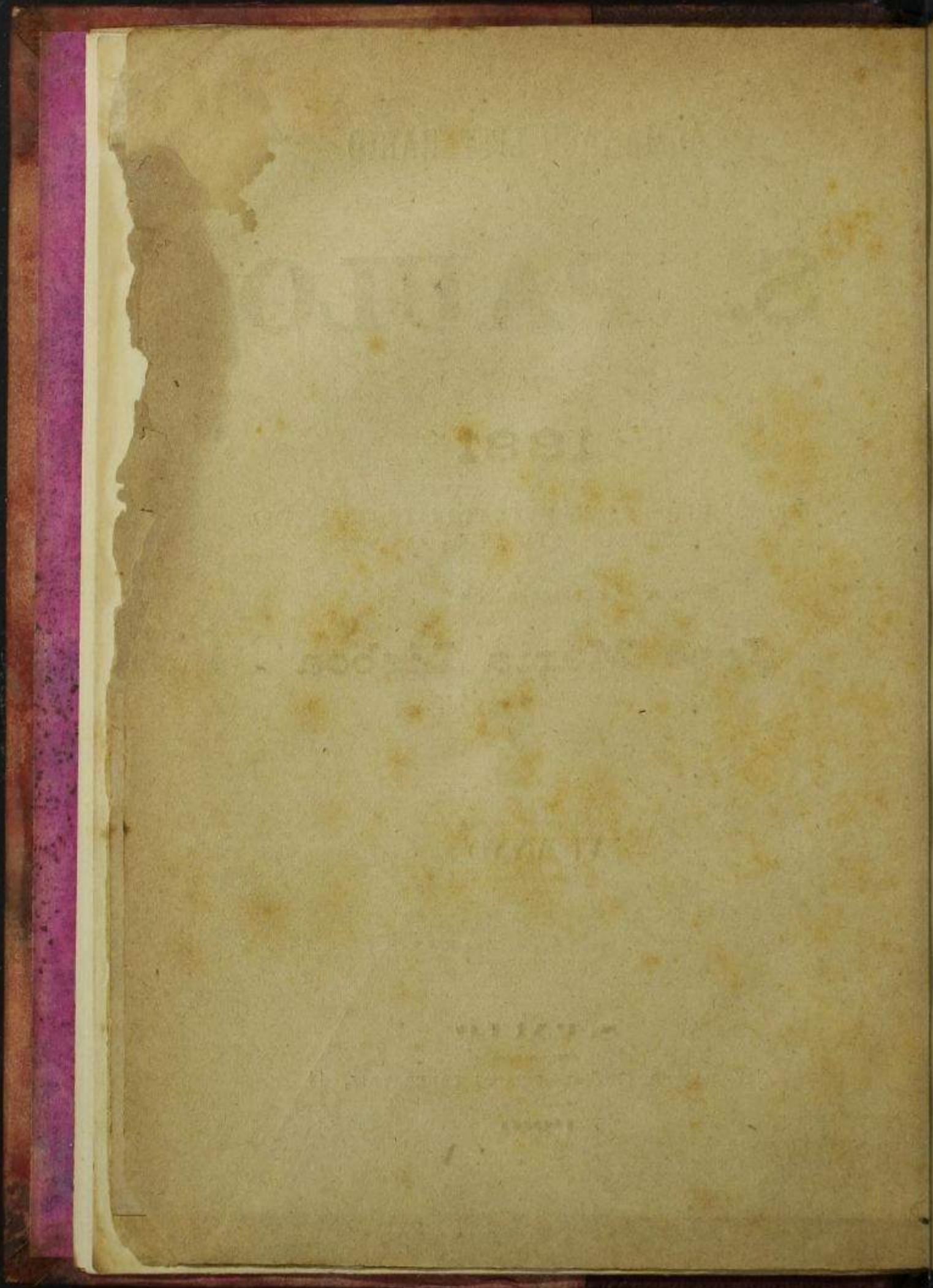
**José Maria Lisboa**

~~~~~  
**VI ANNO**  
~~~~~

**S. PAULO**

TYP. DA «PROVINCIA»—RUA DA IMPERATRIZ, 44

—————  
**1880**



## AO LEITOR

Entregando á publicidade o sexto volume do ALMANACH LITTERARIO DE S. PAULO cumpre-me agradecer aos cavalheiros que tão generosamente me hão animado nesta tarefa já auxiliando-me com seus escriptos, já proporcionando-me os meios de popularisar o modesto livrinho.

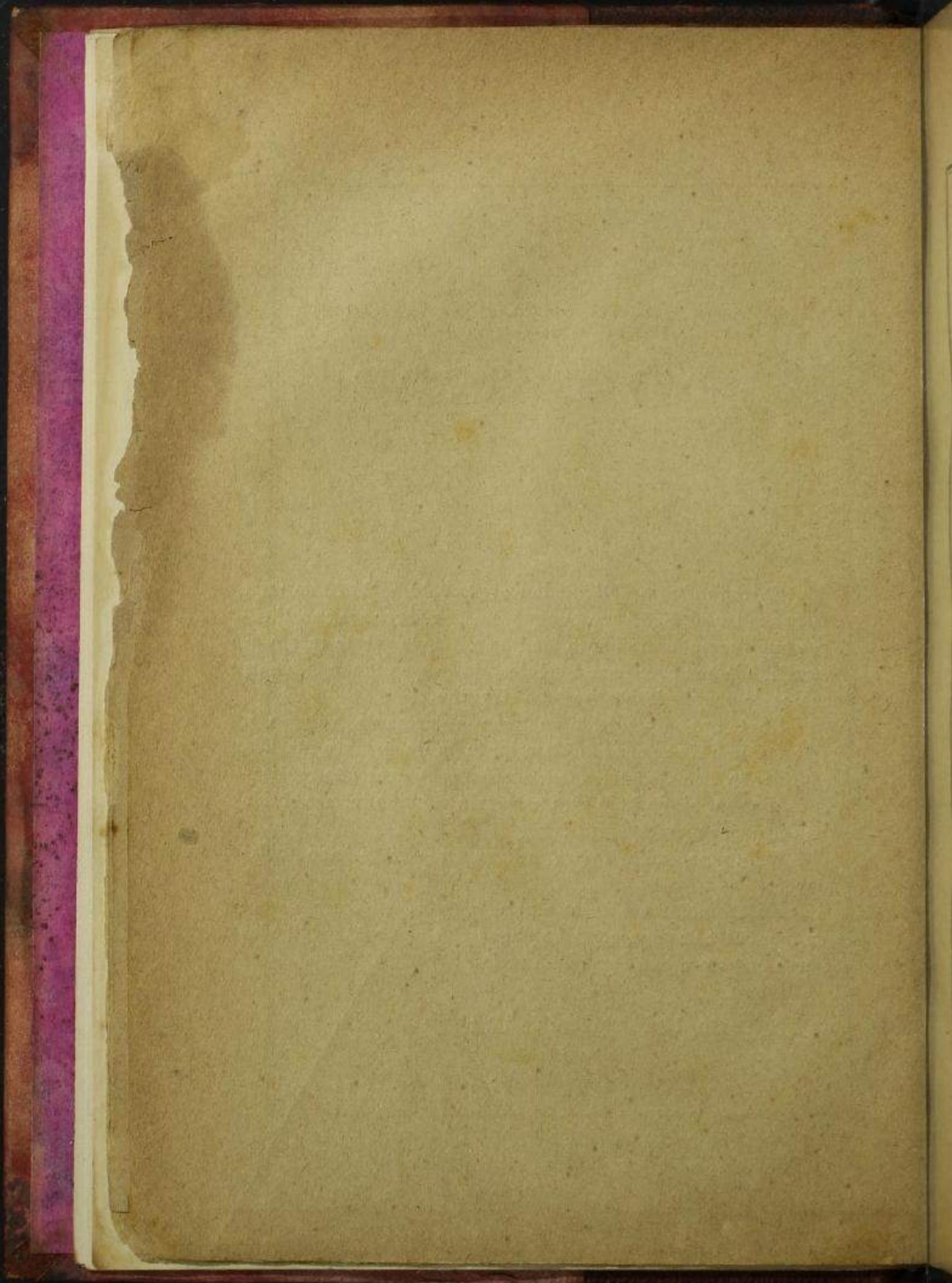
Havíamos promettido publicar no presente volume a photographia e respectiva descripção da importante fazenda do Ibicaba do sr. commendador José Vergueiro; não realisamos, porém, ainda hoje esta promessa por não termos obtido os desejados apontamentos.

Fica, pois, adiada para o livro immediato essa publicação.

Tambem ficam adiados alguns artigos, em prosa e verso, por falta de espaço. A extensão dos que vão publicados são a origem unica desse adiamento.

S. Paulo, 14 de Outubro de 1880.

JOSÉ MARIA LISBOA.

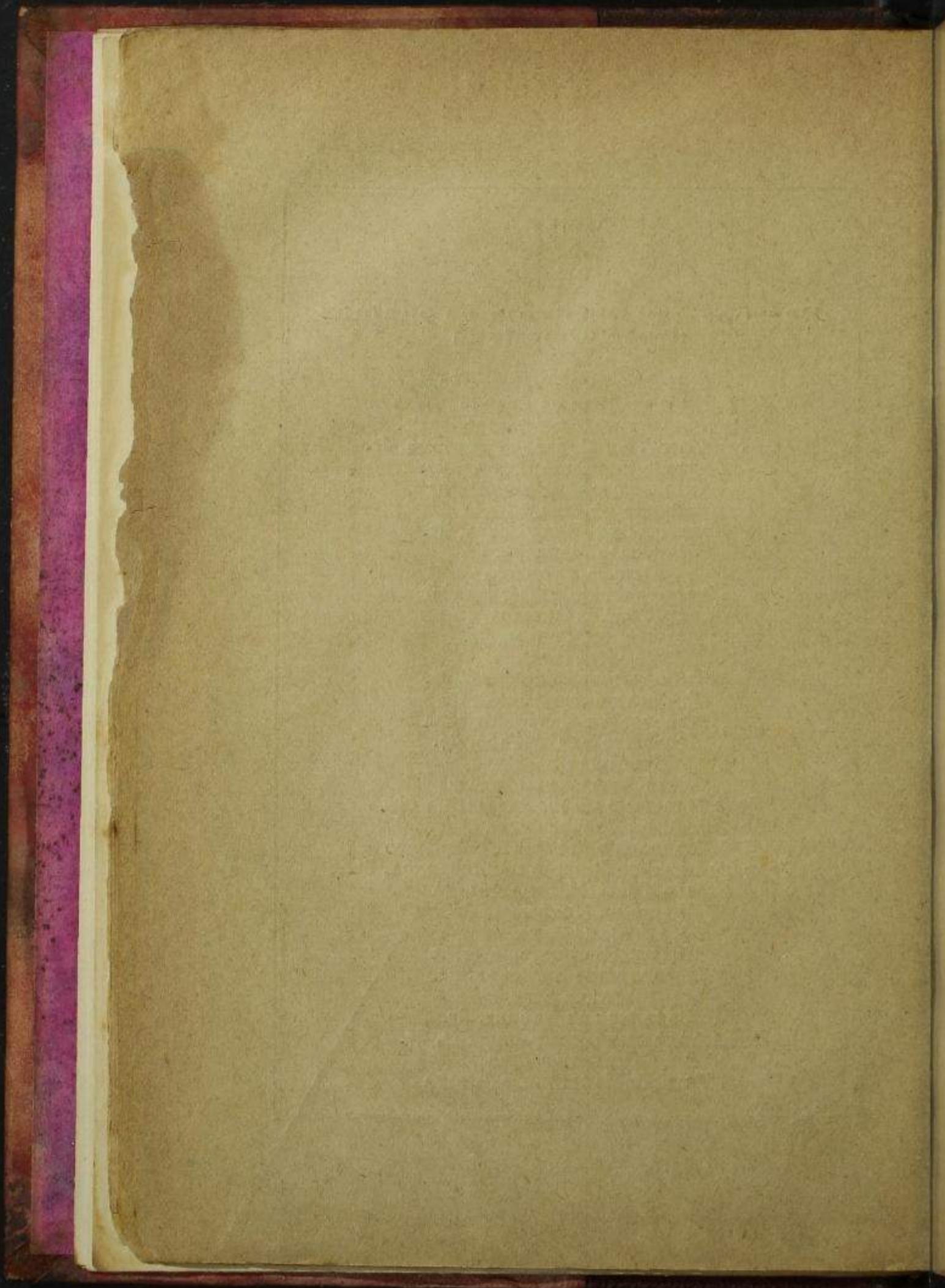


## NOMES

DAS

### **Pessoas que illustram as paginas deste almanach**

A. C. MIRANDA AZEVEDO, dr.  
ALEXANDRE DE GUSMÃO  
ANTONIO AUGUSTO DE QUEIROGA, dr.  
ANTONIO DE C. DE MENDONÇA FURTADO, dr.  
ANTONIO FERREIRA GARCEZ, dr.  
ANTONIO JOAQUIM DOS SANTOS  
BARÃO DE PIRATININGA  
BENTO F. DE PAULA SOUZA, dr.  
BRAZILIO MACHADO, dr.  
CARLOS FERREIRA  
DIOGO ANTONIO FEIJÓ, senador  
EÇA DE QUEIROZ  
EZEQUIEL FREIRE, dr.  
E. LITTRÉ  
F. RIBEIRO DE MENDONÇA, dr.  
F. QUIRINO DOS SANTOS, dr.  
GREGORIO DE MATTOS GUERRA  
HYPPOLITO DE CAMARGO, dr.  
HYPPOLITO DA SILVA  
JOSÉ BONIFACIO, senador  
JOSÉ MARCIANO GOMES BAPTISTA, padre  
J. A. DE BARROS JUNIOR, dr.  
J. J. MACHADO D'OLIVEIRA, brigadeiro  
JOAQUIM ALBERTO RIBEIRO DE MENDONÇA, dr.  
JOÃO TEBIRIÇÁ PIRATININGA  
LUCIO DE MENDONÇA, dr.  
LUIZ GAMA  
MARTIM FRANCISCO, o velho  
M. MONTEIRO DE GODOY, dr.  
PAULO EIRÓ  
PRUDENTE DE BARROS, dr.  
RICARDO GUMBLETON DAUNTRE, dr.  
THEOPHILO DIAS  
TRISTÃO MARIANNO DA COSTA



# COMPUTO ECCLESIASTICO

Periodo Juliano . . . . .	6594
Cyclo Solar . . . . .	14
Aureo Numero . . . . .	1
Epacta . . . . .	*
Indição Romana . . . . .	9
Letra Dominical . . . . .	b
Letra do Martyrologio . . . . .	P

## Festas moveis

Septuagesima . . . . .	13 de Fevereiro
Dia de Cinzas . . . . .	2 de Março
Paschoa . . . . .	17 de Abril
Rogações (Ladainhas). . . . .	23, 24, 25 de Maio
Ascensão . . . . .	26 de Maio
Pentecoste (Espírito Santo). . . . .	5 de Junho
Dominga da SS. Trindade . . . . .	12 de Junho
Corpo de Deus . . . . .	16 de Junho
Sagrado Coração de Jêsus . . . . .	24 de Junho
1ª Dominga do Advento . . . . .	27 de Novembro

## Temporas

Primeiras . . . . .	9, 11, 12 de Março
Segundas . . . . .	8, 10, 11 de Junho
Terceiras . . . . .	21, 23, 24 de Setembro
Quartas . . . . .	14, 16, 17 de Dezembro

## Nupcias

As Bençams Nupciaes são prohibidas desde a 1ª Dominga do Advento (29 de Novembro) até o dia de Reis inclusivè, e desde quarta-feira de Cinzas até a Dominga «in Albis», inclusivè (24 de Abril).

## Estações do anno referidas ao Hemispherio do Sul

Outomno principia a . . . . .	19 de Março
Inverno principia a . . . . .	20 de Junho
Primavera principia a . . . . .	22 de Setembro
Verão principia a . . . . .	20 de Dezembro

# ECLIPSES

No anno de 1881 haverá dous eclipses do sol, dous da lua e transito de Mercurio pelo disco do sol.

O primeiro do sol parcial e invisivel no Rio de Janeiro, terá logar no dia 27 de Maio.

Principio geral na terra no dia 27 de Maio ás 6 h. 52' 42" da tarde. Fim geral na terra ás 10 h. 59' 24" da tarde.

-----

O segundo da lua, total e visivel em parte no Rio de Janeiro terá logar no dia 12 de Junho.

Primeiro contacto com a penumbra no dia 12 de Junho á 1 h. 22' 18" da manhã. Primeiro contacto com a sombra ás 2 h. 18' 12" da manhã. Maxima phase ás 4 h. 0' 54" da manhã. Ultimo contacto com a sombra ás 5 h. 43' 36" da manhã. Ultimo contacto com a penumbra ás 6 h. 39' 30" da m.

Grandeza do eclipse—1,348, sendo o diametro da lua=1.

-----

O primeiro do sol, annular e visivel para o Rio de Janeiro, terá logar no dia 21 de Novembro.

Principio geral na terra no dia 21 de Novembro ás 11 h. 20' 18" da manhã. Fim geral na terra ás 3 h. 56' 12" da tarde.

-----

O quarto da lua, parcial e invisivel para o Rio de Janeiro, terá logar a 5 de Dezembro.

Primeiro contacto com a penumbra no dia 5 de Dezembro ás 11 h. 23' 30" da manhã. Primeiro contacto com a sombra ás 0 h. 35' 6" da tarde. Maxima phase ás 2 h. 15' 48" da tarde. Ultimo contacto com a sombra ás 3 h. 56' 39" da tarde. Ultimo contacto com a penumbra ás 5 h. 8' 6" da tarde.

Grandeza do eclipse—0.973, sendo o diametro da lua=1.

-----

Transito de Mercurio pelo disco do sol, terá logar a 7 de Novembro, invisivel para o Rio de Janeiro.

Entrada (contacto externo) ás 7 h. 23' 41" da tarde. Entrada (contacto interno) ás 7 h. 25' 24" da tarde. Sahida (contacto interno) ás 0 h. 43' 39" da tarde. Sahida (contacto externo) á 0 h. 45' 14" da tarde.

Tempo medio do Rio de Janeiro.

# Janeiro

## PHASES DA LUA

- ☾ Cresc. a 7 ás 5 h. 16' 28" da manhã
- ☽ Cheia a 15 ás 8 h. 41' 16" da manhã
- ☾ Ming. a 23 ás 5 h. 54' 52" da manhã
- ☽ Nova a 29 ás 9 h. 55' 28" da tarde

- 1 ✠ Sabbado, CIRCUNCISÃO DO SENHOR.
- 2 **Domingo**, s. Izidro.
- 3 Segunda, s. Antero.
- 4 Terça, s. Gregorio.
- 5 Quarta, s. Simão Estelita.
- 6 ✠ Quinta, DIA DE REIS.
- 7 Sexta, ☾ s. Theodoro Monge.
- 8 Sabbado, s. Lourenço Justiniano.
- 9 **Domingo**, s. Julião.
- 10 Segunda, s. Paulo.
- 11 Terça, s. Hygino.
- 12 Quarta, s. Satyro.
- 13 Quinta, s. Hilario.
- 14 Sexta, s. Felix de Nole.
- 15 Sabbado, ☽ s. Amaro.
- 16 **Domingo**, O Santissimo Nome de Jesus.
- 17 Segunda, s. Antão.
- 18 Terça, s. Prisca.
- 19 Quarta, s. Canuto Rei da Dinamarca.
- 20 Quinta, s. Sebastião.
- 21 Sexta, s. Ignez.
- 22 Sabbado, s. Vicente e s. Anastacio.
- 23 **Domingo**, ☾ s. Raymundo.
- 24 Segunda, Nossa Senhora da Paz.
- 25 Terça, A conversão de S. Paulo.
- 26 Quarta, s. Polycarpo.
- 27 Quinta, s. João Chrysostomo.
- 28 Sexta, s. Cyrillo.
- 29 Sabbado, ☽ s. Francisco de Salles.
- 30 **Domingo**, s. Martinha.
- 31 Segunda, s. Pedro Nolaseo.

# Fevereiro

## PHASES DA LUA

- ☾ Cresc. a 5 ás 10 h. 1' 29" da tarde
- ☉ Cheia a 14 ás 3 h. 31' 4" da manhã
- ☾ Ming. a 21 ás 4 h. 37' 22" da tarde
- ☽ Nova a 28 ás 8 h. 39' 46" da manhã

- 1 Terça, s. Ignacio.
- 2 ✠ Quarta, PURIFICAÇÃO DE N. SENHORA
- 3 Quinta, s. Braz.
- 4 Sexta, s. André Cursino.
- 5 Sabbado, ☾ s. Agueda.
- 6 **Domingo**, s. Dorothea.
- 7 Segunda, s. Romualdo
- 8 Terça, s. João da Matta.
- 9 Quarta, s. Apolonia.
- 10 Quinta, s. Escolastica.
- 11 Sexta, s. Lazaro.
- 12 Sabbado, s. Eulalia.
- 13 **Domingo**, s. Gregorio II.
- 14 Segunda, ☉ s. Valentim.
- 15 Terça, s. Faustino e s. Jovita.
- 16 Quarta, s. Porfirio.
- 17 Quinta, s. Faustino.
- 18 Sexta, s. Theotónio.
- 19 Sabbado, s. Conrado.
- 20 **Domingo**, s. Eleuterio.
- 21 Segunda, ☾ s. Maximiano.
- 22 Terça, s. Margarida de Cortona.
- 23 Quarta, s. Lazaro.
- 24 Quinta, s. Pretextato.
- 25 Sexta, s. Cesario.
- 26 Sabbado, s. Torquato.
- 27 **Domingo**, (Carnaval) s. Leandro.
- 28 Segunda, s. Romão.

# Março

## PHASES DA LUA

- ☾ Cresc. a 7 ás 5 h. 9' 28" da tarde
- ☽ Cheia a 15 ás 7 h. 44' 10" da tarde
- ☾ Ming. a 23 ás 0 h. 36' 52" da manhã
- ☽ Nova a 29 ás 7 h. 39' 34" da tarde.

- 1 Terça, s. Adrião.
- 2 Quarta, Cinzas. S. Simplicio.
- 3 Quinta, s. Hemeterio.
- 4 Sexta, s. Casimiro.
- 5 Sabbado, s. Theophilo.
- 6 **Domingo**, s. Olegario.
- 7 Segunda, ☽ s. Thomaz de Aquino.
- 8 Terça, s. João de Deus.
- 9 Quarta, s. Francisca.
- 10 Quinta, s. Militão.
- 11 Sexta, s. Candido.
- 12 Sabbado, s. Gregorio.
- 13 **Domingo**, a beata Sancha.
- 14 Segunda, s. Mathildes.
- 15 Terça, ☽ s. Henrique, rei de Dacia.
- 16 Quarta, s. Cyriaco.
- 17 Quinta, s. Patricio Ap. da Irlanda.
- 18 Sexta, s. Gabriel Archanho.
- 19 Sabbado, s. José, esposo de N. Senhora
- 20 **Domingo**, s. Martinho.
- 21 Segunda, s. Bento, Arcebispo.
- 22 Terça, s. Emygdio.
- 23 Quarta, ☾ s. Felix.
- 24 Quinta, s. Marcos.
- 25 ✕ Sexta, AS CINCO CHAGAS DE CHRISTO
- 26 Sabbado, s. Ludgero.
- 27 **Domingo**, s. Roberto.
- 28 Segunda, s. Alexandre.
- 29 Terça, ☽ s. Bertholdo.
- 30 Quarta, s. João Climaco.
- 31 Quinta, s. Balbina.

# Abri!l

## PHASES DA LUA

- ☾ Cresc. a 6 á 1 h. 1' 54" da tarde
- ☉ Cheia a 14 ás 8 h. 57' 10" da manhã
- ☾ Ming. a 21 ás 6 h. 45' 16" da manhã
- ☽ Nova a 28 ás 7 h. 31' 52" da manhã

- 1 Sexta, s. Macario.
- 2 Sabbado, s. Franciseo de Paula.
- 3 **Domingo**, da Paixão. S. Ricardo.
- 4 Segunda, s. Izidoro.
- 5 Terça, s. Vicente Ferrer.
- 6 Quarta, ☾ s. Marcellino.
- 7 Quinta, s. Epiphanio.
- 8 Sexta, s. Amancio.
- 9 Sabbado, s. Procoro.
- 10 **Domingo**, DE RAMOS.
- 11 SEGUNDA-FEIRA SANTA.
- 12 TERÇA-FEIRA SANTA.
- 13 QUARTA-FEIRA DE TREVAS.
- 14 ✠ QUINTA-FEIRA SANTA. ☉
- 15 ✠ SEXTA-FEIRA SANTA.
- 16 SABBADO DE ALLELUIA.
- 17 **Domingo**, DA RESURREIÇÃO.
- 18 Segunda, s. Galdino.
- 19 Terça, s. Hermogenes.
- 20 Quarta, s. Ignez de Montepelliciano.
- 21 Quinta, ☾ s. Anselmo.
- 22 Sexta, s. Soter.
- 23 Sabbado. s. Jorge.
- 24 **Domingo**, s. Fidelis Sigmarigna
- 25 Segunda, s. Marcos Evangelista.
- 26 Terça, s. Pedro de Rates.
- 27 Quarta, s. Tertuliano.
- 28 Quinta, ☽ s. Paulo da Cruz.
- 29 Sexta, s. Pedro.
- 30 Sabbado, s. Catharina.

# Maio

## PHASES DA LUA

- ☾ **Cresc.** a 6 ás 7 h. 31' 34" da manhã
- ☽ **Cheia** a 13 ás 7 h. 31' 4" da tarde
- ☾ **Ming.** a 20 á 0 h. 14' 10" da tarde
- ☽ **Nova** a 27 ás 8 h. 43' 4" da manhã

- 1 **Domingo**, s. Philippe.
- 2 Segunda, s. Mafalda.
- 3 Terça, invenção de Santa Cruz.
- 4 Quarta, s. Monica.
- 5 Quinta, s. Pio.
- 6 Sexta, ☾ s. João.
- 7 Sabbado, s. Estanisláu.
- 8 **Domingo**, Patrocínio de S. José.
- 9 Segunda, s. Gregorio Nazianzeno.
- 10 Terça, s. Antonio.
- 11 Quarta, s. Anastacio.
- 12 Quinta, s. Joanna.
- 13 Sexta, ☽ Nossa Senhora dos Martyres
- 14 Sabbado, s. Bonifacio.
- 15 **Domingo**, s. Isidro.
- 16 Segunda, s. João Nepomuceno.
- 17 Terça, s. Paschoal Baylão.
- 18 Quarta, s. Venancio.
- 19 Quinta, s. Pedro Celestino.
- 20 Sexta, ☾ s. Bernardino de Sena.
- 21 Sabbado, s. Manços.
- 22 **Domingo**, s. Rita de Cassia.
- 23 Segunda, s. Baliseo.
- 24 Terça, s. Afra.
- 25 Quarta, s. Gregorio VII.
- 26 ✠ Quinta, ASCENSÃO DE N. SENHOR.
- 27 Sexta, ☽ s. João.
- 28 Sabbado, s. Germano.
- 29 **Domingo**, s. Maximo.
- 30 Segunda, s. Fernando.
- 31 Terça, s. Petronilha.

# Junho

## PHASES DA LUA

- ☾ Cresc. a 5 á 0 h. 26' 52" da manhã
- ☉ Cheia a 12 ás 4 h. 3' 51" da manhã
- ☾ Ming. a 18 ás 6 h. 25' 40" da tarde
- ☽ Nova a 26 ás 11 h. 11' 5" da manhã

- 1 Quarta, s. Firmino.
- 2 Quinta, s. Marcellino.
- 3 Sexta, s. Paula.
- 4 Sabbado, s. Quirino.
- 5 **Domingo**, ☾ Espirito Santo.
- 6 Segunda, s. Norberto.
- 7 Terça, s. Roberto.
- 8 Quarta, s. Salustiano.
- 9 Quinta, s. Primo.
- 10 Sexta, s. Margarida.
- 11 Sabbado, s. Barnabé.
- 12 **Domingo**, ☉ s. João de s. Facundo
- 13 Segunda, s. Antonio de Lisboa.
- 14 Terça, s. Basilio Magno.
- 15 Quarta, s. Vito.
- 16 ✠ Quinta, CORPO DE DEUS.
- 17 Sexta, s. Manoel.
- 18 Sabbado, ☾ s. Leoncio.
- 19 **Domingo**, s. Joanna do Falconiere.
- 20 Segunda, s. Silverio.
- 21 Terça, s. Luiz Gonzaga.
- 22 Quarta, s. Paulino.
- 23 Quinta, s. João Sac.
- 24 ✠ Sexta, s. JOÃO BAPTISTA.
- 25 Sabbado, s. Guilherme.
- 26 **Domingo**, ☽ s. João e s. Paulo.
- 27 Segunda, s. Ladisláu.
- 28 Terça, s. Leão II.
- 29 ✠ Quarta, s. PEDRO E S. PAULO.
- 30 Quinta, s. Marçal.

# Julho

## PHASES DA LUA

- ☾ Cresc. a 4 ás 2 h. 24' 34" da tarde
- ☉ Cheia a 11 ás 11 h. 20' 40" da manhã
- ☾ Ming. a 18 ás 2 h. 40' 46" da manhã
- ☽ Nova a 26 ys 2 h. 26' 34" da manhã

- 1 Sexta, s. Theodorico, ab.
- 2 Sabbado, Visitação de Nossa Senhora a Santa Izabel.
- 3 **Domingo**, s. Jacintho, m.
- 4 Segunda, ☽ s. Izabel, rainha de Portugal.
- 5 Terça, s. Athanasio, m.
- 6 Quarta, s. Domingas, v. m.
- 7 Quinta, s. Pulcheria, v. imper.
- 8 Sexta, s. Procopio, m.
- 9 Sabbado, s. Cyrillo, b. m.
- 10 **Domingo**, s. Januario e seus 6 irmãos.
- 11 Segunda, ☉ s. Pio, b. m.
- 12 Terça, s. João Gualberto, ab.
- 13 Quarta, s. Anaeto, p. m.
- 14 Quinta, s. Boaventura.
- 15 Sexta, s. Camillo de Lellis.
- 16 Sabbado, Nossa Senhora do Carmo.
- 17 **Domingo**, o Anjo Custodio do imperio.
- 18 Segunda, ☾ s. Marinha, v. m.
- 19 Terça, s. Vicente de Paulo.
- 20 Quarta, s. Jeronymo Emiliano.
- 21 Quinta, s. Praxedes, v.
- 22 Sexta, s. Maria Magdalena.
- 23 Sabbado, Apolinario, b. m.
- 24 **Domingo**, s. Christina, v. m.
- 25 Segunda, s. Thiago, ap.
- 26 Terça, ☽ s. Symphronio.
- 27 Quarta, s. Pantaleão, med. m.
- 28 Quinta, s. Innocencio I.
- 29 Sexta, s. Martha, v.
- 30 Sabbado, s. Rufino, m.
- 31 **Domingo**, Sant'Anna, mãe da Mãe de Deus.

# Agosto

## PHASES DA LUA

- ☾ Cresc. a 3 á 1 h. 49' 52" da manhã
- ☽ Cheia a 9 ás 6 h. 14' 16" da tarde
- ☾ Ming. a 16 ás 2 h. 4' 46" da tarde
- ☽ Nova a 24 ás 6 h. 52' 40" da tarde

- 1 Segunda, s. Pedro.
- 2 Terça, Nossa Senhora dos Anjos.
- 3 Quarta, ☽ Invenção de s. Estevam, proto-martyr.
- 4 Quinta, s. Domingos.
- 5 Sexta, Nossa Senhora das Neves.
- 6 Sabbado, Transfiguração de Christo Nosso Senhor.
- 7 **Domingo**, s. Caetano.
- 8 Segunda, s. Cyriaco.
- 9 Terça, ☽ s. Romão, m.
- 10 Quarta, s. Lourenço, m.
- 11 Quinta, s. Tiburcio e s. Suzana, v.
- 12 Sexta, s. Clara, v. f.
- 13 Sabbado, s. Hyppolito e s. Cassiano, mm.
- 14 **Domingo**, s. Eusebio.
- 15 ✠ Segunda, ASSUMPÇÃO DE NOSSA SENHORA.
- 16 Terça, ☾ s. Roque F.
- 17 Quarta, s. Mamede, m.
- 18 Quinta, s. Clara de Monte Falco.
- 19 Sexta, s. Luiz.
- 20 Sabbado, s. Bernardo.
- 21 **Domingo**, s. Joaquim.
- 22 Segundo, s. Timotheo.
- 23 Terça, s. Philippe Benicio.
- 24 Quarta, ☽ s. Bartholomeu.
- 25 Quinta, s. Luiz Rei de França.
- 26 Sexta, s. Zeferino.
- 27 Sabbado, s. José de Calasans.
- 28 **Domingo**, O sagrado coração de Maria.
- 29 Segunda, Degolação de s. João Baptista.
- 30 Terça, s. Rosa de Lima.
- 31 Quarta, s. Raymundo Nonato.

# Setembro

## PHASES DA LUA

- ☾ Cresc. a 1 ás 11 h. 9' 34" da manhã
- ☉ Cheia a 8 á 1 h. 46' 52" da manhã
- ☾ Ming. a 15 ás 5 h. 8' 52" da manhã
- ☾ Nova a 23 ás 9 h. 1' 59" da manhã
- ☾ Cresc. a 30 ás 6 h. 53' 40" da tarde

- 1 Quinta, ☾ s. Egydio, ab.
- 2 Sexta, s. Estevam.
- 3 Sabbado, s. Euphemia.
- 4 **Domingo**, Nossa Senhora da Penha.
- 5 Segunda, Santo Antonio Martyr.
- 6 Terça, s. Libania.
- 7 Quarta, s. João. Anniversario da Independencia do Imp.
- 8 ✕ Quinta, ☉ NATIVIDADE DE NOSSA SENHORA.
- 9 Sexta, s. Sergio.
- 10 Sabbado, s. Nicoláu de Tolentino.
- 11 **Domingo**, O Santissimo Nome de Maria.
- 12 Segunda, s. Auta.
- 13 Terça, s. Philippe.
- 14 Quarta, Exaltação de Santa Cruz.
- 15 Quinta, ☾ s. Domingos em Soriano.
- 16 Sexta, s. Cornelio e s. Cypriano.
- 17 Sabbado, s. Pedro d'Arbues.
- 18 **Domingo**, As Dores de Nossa Senhora.
- 19 Segunda, s. Januario.
- 20 Terça, s. Eustaquio.
- 21 Quarta, s. Matheus.
- 22 Quinta, s. Mauricio.
- 23 Sexta, ☉ s. Lino.
- 24 Sabbado, Nossa Senhora das Mercês.
- 25 **Domingo**, s. Firmino.
- 26 Segunda, s. Cypriano e s. Justina.
- 27 Terça, s. Cosme e s. Damião.
- 28 Quarta, s. Wencesláu.
- 29 Quinta, s. Miguel Archanjo.
- 30 Sexta, ☾ s. Jeronymo, dr. da Igreja.

# Outubro

## PHASES DA LUA

- ☉ Cheia a 7 ás 11 h. 6' 28" da manhã
- ☾ Ming. a 14 ás 11 h. 33' 28" da tarde
- ☽ Nova a 22 ás 11 h. 38' 34" da tarde
- ☾ Cresc. a 30 á 1 h. 54' 34" da manhã

- 1 Sabbado, s. Verissimo.
- 2 **Domingo**, Nossa Senhora do Rosario.
- 3 Segunda, s. Candido.
- 4 Terça, s. Francisco de Assis.
- 5 Quarta, s. Placido.
- 6 Quinta, s. Bruno.
- 7 Sexta, ☉ s. Marcos.
- 8 Sabbado, s. Brigida.
- 9 **Domingo**, s. Dionysio.
- 10 Segunda, s. Francisco de Borja Jesuita.
- 11 Terça, s. Firmino.
- 12 Quarta, s. Cypriano.
- 13 Quinta, s. Eduardo.
- 14 Sexta, ☾ s. Calixto.
- 15 Sabbado, s. Thereza de Jesus.
- 16 **Domingo**, Nossa Senhora dos Remedios.
- 17 Segunda, Santa Heduwiges.
- 18 Terça, s. Lucas Evangelista.
- 19 Quarta, s. Pedro de Alcantara, pad. do Imperio.
- 20 Quinta, s. João Cancio.
- 21 Sexta, s. Ursula.
- 22 Sabbado, ☽ s. Maria Salomé.
- 23 **Domingo**, s. João de Capistrano.
- 24 Segunda, s. Raphael Archanho.
- 25 Terça, s. Chrispim e s. Chrispiniano.
- 26 Quarta, s. Evarista.
- 27 Quinta, os martyres de Evora.
- 28 Sexta, s. Simão e s. Judas Thadeo, ap.
- 29 Sabbado, s. Feliciano.
- 30 **Domingo**, ☾ s. Sarapião.
- 31 S. Quintino.

# Novembro

## PHASES DA LÃ

- ☉ Cheia a 5 ás 11 h. 10' 22" da tarde
- ☾ Ming. a 13 ás 8 h. 8' 34" da tarde
- ☽ Nova a 21 á 1 h. 28' 40" da tarde
- ☾ Cresc. a 28 ás 9 h. 8' 46" da manhã

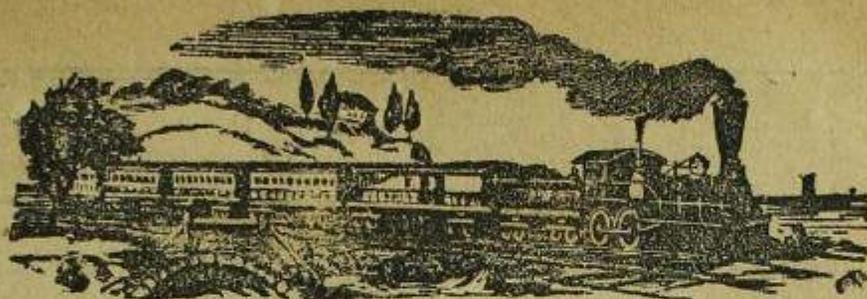
- 1 ✠ Terça, festa de TODOS OS SANTOS.
- 2 Quarta, Commemoração dos Fieis Defuntos.
- 3 Quinta, s. Malaquias.
- 4 Sexta, s. Carlos Borromeu.
- 5 Sabbado, ☉ s. Zacharias e s. Izabel.
- 6 **Domingo**, s. Severo.
- 7 Segunda, s. Florencio.
- 8 Terça, s. Severiano.
- 9 Quarta, s. Theodoro.
- 10 Quinta, s. André Avelino.
- 11 Sexta, s. Marinho.
- 12 Sabbado, s. Martinho.
- 13 **Domingo**, ☾ O Patrocínio de Nossa Senhora.
- 14 Segunda, o B. João Licio.
- 15 Terça, s. Gertrudes.
- 16 Quarta, s. Gonçalo de Lagos.
- 17 Quinta, s. Gregorio Thaumaturgo.
- 18 Sexta, s. Romão.
- 19 Sabbado, s. Izabel.
- 20 **Domingo**, s. Felix de Valois.
- 21 Segunda, ☽ Apresentação de Nossa Senhora.
- 22 Terça, s. Cecilia.
- 23 Quarta, s. Clemente.
- 24 Quinta, s. João da Cruz.
- 25 Sexta, s. Catharina.
- 26 Sabbado, s. Pedro Alexandrino.
- 27 **Domingo**, s. Margarida de Saboia.
- 28 Segunda, ☽ s. Gregorio III.
- 29 Terça, s. Saturnino.
- 30 Quarta, s. André.

# Dezembro

## PHASES DA LUA

- ☉ Cheia a 5 ás 2 h. 21' 4" da tarde
- ☾ Ming. a 14 ás 5 h. 12' 10" da tarde
- ☀ Nova a 21 ás 2 h. 14' 28" da manhã
- ☾ Cresc. a 27 ás 5 h. 48' 58" da tarde

- 1 Quinta, s. Eloy, bispo.
- 2 Sexta, s. Bibiana.
- 3 Sabbado, s. Francisco Xavier.
- 4 **Domingo**, s. Barbara.
- 5 Segunda, ☉ s. Geraldo.
- 6 Terça, s. Nicolau.
- 7 Quarta, s. Ambrosio.
- 8 ✠ Quinta, CONCEIÇÃO DE NOSSA SENHORA.
- 9 Sexta, s. Leocadia.
- 10 Sabbado, s. Melchiades.
- 11 **Domingo**, s. Melchiades.
- 12 Segunda, s. Justino.
- 13 Terça, ☾ s. Luzia.
- 14 Quarta, s. Agnello.
- 15 Quinta, s. Eusebio.
- 16 Sexta, as virgens d'Africa, mm.
- 17 Sabbado, s. Bartholomeu de s. Geminiano.
- 18 **Domingo**, Nossa Senhora do O'.
- 19 Segunda, s. Fausta, mãe de s. Anastacia.
- 20 Terça, s. Domingos de Silos.
- 21 Quarta, ☀ s. Thomé.
- 22 Quinta, s. Honorato.
- 23 Sexta, s. Servulo.
- 24 Sabbado, s. Gregorio.
- 25 **Domingo**, NASCIMENTO DE NOSSO S. JESUS CHRISTO.
- 26 Segunda, s. Estevam Proto-martyr.
- 27 Terça, ☾ s. João.
- 28 Quarta, os Santos innocentes.
- 29 Quinta, s. Thomaz.
- 30 Sexta, s. Sabino.
- 31 Sabbado, s. Silvestre.



## PREÇO DAS PASSAGENS

DAS DIVERSAS

### LINHAS FERREAS DA PROVINCIA

COMPANHIA INGLEZA	1ª Classe	2ª Classe	Ida e volta
DE S. PAULO A			
Braz . . . . .	610	240	910
S. Bernardo . . . . .	2\$180	650	3\$270
Rio Grande . . . . .	4\$250	1\$850	6\$380
Alto da Serra . . . . .	5\$340	2\$400	7\$960
Raiz da Serra . . . . .	6\$430	3\$050	9\$550
Cubatão . . . . .	7\$200	3\$160	10\$300
Santos . . . . .	8\$400	3\$600	12\$550
DE S. PAULO A			
Agua Branca . . . . .	720	240	1\$090
Perús . . . . .	2\$610	1\$200	3\$870
Belém . . . . .	4\$250	1\$850	6\$380
Jundiahy . . . . .	7\$200	3\$050	10\$800
COMPANHIA PAULISTA			
DE JUNDIAHY A			
Louveira . . . . .	1\$500	680	2\$260
Cachoeira (Rocinha) . . . . .	2\$140	980	3\$220
Vallinhos . . . . .	\$900	1\$320	4\$360
Campinas . . . . .	4\$200	\$9202	6\$300

	1 <sup>a</sup> Classe	2 <sup>a</sup> Classe	Ida e volta
DE CAMPINAS A			
Boa Vista . . . . .	840	380	1\$260
Rebouças . . . . .	2\$440	1\$120	3\$660
Santa Barbara . . . . .	3\$560	1\$620	5\$340
Tatú . . . . .	4\$680	2\$140	7\$020
Limeira . . . . .	5\$460	2\$560	8\$200
Cordeiro . . . . .	6\$450	3\$020	9\$640
Rio-Claro . . . . .	7\$920	3\$720	11\$880
Araras . . . . .	8\$000	3\$760	12\$000
Guabiobas . . . . .	8\$320	4\$040	12\$480
Manoel Leme . . . . .	9\$820	4\$760	14\$740
Pirassununga . . . . .	11\$720	5\$680	17\$580
Porto Ferreira . . . . .	12\$560	6\$320	18\$840
COMPANHIA MOGYANA			
DE CAMPINAS			
Anhumas . . . . .	1\$000	500	1\$500
Tanquinho . . . . .	2\$000	1\$000	3\$000
Jaguary (ent.) . . . . .	3\$200	1\$600	4\$800
Resaca . . . . .	4\$300	2\$300	6\$900
Mogy-mirim . . . . .	6\$200	3\$100	9\$300
Mogy-guassú . . . . .	6\$800	3\$400	10\$200
Mattosecco . . . . .	9\$200	4\$600	13\$800
Caldas . . . . .	10\$400	5\$200	15\$600
Casa Branca . . . . .	13\$000	6\$500	19\$500
Jaguary (ent.) . . . . .	3\$200	1\$600	4\$800
Pedreira . . . . .	4\$900	2\$000	6\$000
Coqueiros . . . . .	4\$800	2\$400	7\$200
Amparo . . . . .	5\$400	2\$700	8\$100
COMPANHIA YTUANA			
DE JUNDIAHY A			
Itupeva . . . . .	2\$200	1\$100	3\$300
Quilombo . . . . .	3\$300	1\$760	4\$950
Itaicy . . . . .	4\$180	2\$200	6\$270
Salto . . . . .	5\$830	3\$080	8\$800
Ytú . . . . .	6\$380	3\$300	9\$570

	1ª Classe	2ª Classe	Ida e volta
DE JUNDIAHY A			
Indaiatuba . . . . .	4\$730	2\$530	7\$150
Monte-mór . . . . .	6\$710	3\$520	10\$120
Capivary . . . . .	8\$360	4\$400	12\$540
Mombuca . . . . .	9\$790	5\$170	14\$740
Rio das Pedras . . . . .	11\$110	5\$940	16\$720
Piracicaba . . . . .	12\$540	6\$600	18\$810
COMPANHIA SOROCABANA			
DE S. PAULO A			
Baruery . . . . .	2\$800	2\$000	4\$200
S. João . . . . .	4\$900	3\$500	7\$350
S. Roque . . . . .	6\$000	4\$200	9\$000
Piragibú . . . . .	8\$000	5\$600	12\$000
Sorocaba . . . . .	10\$000	7\$000	15\$000
Villeta . . . . .	11\$500	8\$000	17\$250
Ypanema . . . . .	11\$900	8\$340	17\$850
Bacaetava . . . . .	13\$000	9\$000	19\$500
ESTRADA DO NORTE			
DE S. PAULO A			
Penha . . . . .	900	500	1\$600
Lageado . . . . .	2\$400	1\$200	3\$600
Mogy das Cruzes . . . . .	4\$800	2\$400	7\$200
Guararema . . . . .	6\$700	3\$400	10\$100
Jacarehy . . . . .	8\$400	4\$300	12\$600
S. José dos Campos . . . . .	9\$600	4\$800	14\$200
Caçapava . . . . .	11\$500	5\$800	16\$800
Taubaté . . . . .	13\$100	6\$700	19\$200
Pindamonhangaba . . . . .	14\$200	7\$200	20\$800
Roseira . . . . .	14\$800	7\$700	21\$700
Apparecida . . . . .	15\$300	7\$900	22\$500
Guaratinguetá . . . . .	15\$900	8\$200	23\$400
Lorena . . . . .	16\$400	8\$400	24\$100
Cachoeira . . . . .	17\$500	9\$100	25\$800
Rio de Janeiro . . . . .	30\$000	15\$800	45\$200

## Observações

Os bilhetes de primeira classe dão direito a 50 kilogrammas de bagagem gratis.

Os de segunda 30 kilogrammas.

Na estrada de ferro do Norte, porém, os bilhetes não dão direito a bagagem; em compensação foram reduzidos os preços das passagens e bem assim os fretes de bagagens e encomendas. Estes, entre as estações da estrada do Norte, são calculados a razão de 750 rs. por tonelada e por kilometro. Entre Norte e Côrte, a razão de 2\$100 por 10 kilogrammas, inclusivè o imposto; sendo que as bagagens e encomendas de menos de 5 kilogrammas são taxadas como 5 kilogrammas.

Nesta linha aos bilhetes de ida e volta são concedidos os seguintes prazos:

Entre Norte e Côrte 30 dias.

Entre estações intermediarias do Norte á Côrte 8 dias.

De Norte á Cachoeira 8 dias.

Entre Norte e intermediarias 3 dias; mas solicitou-se do governo auctorisação para que vigorem estes bilhetes por 8 dias. Nos preços das passagens desta estrada estão incluídos os impostos de transito provinciaes e geraes; menos o imposto geral nas passagens de 1ª e 2ª classe de Norte á Penha, visto ter sido proposta a isenção sobre as passagens inferiores a 1\$000.

Nos preços das passagens da Companhia Ytuana tambem está incluído o imposto provincial de 10 por cento.

Nas linhas Ingleza, Paulista, Mogyana, Ytuana e Sorocabana os bilhetes de ida e volta valem por 8 dias e não dão direito a bagagem.

As creanças até 3 annos têm passagens gratis, de 3 a menos de 12 pagam meia passagem.

Os passageiros que quizerem seguir para o Rio de Janeiro no mesmo dia devem partir de S. Paulo no expresso das 5.30 horas da manhã, que chega á Cachoeira ás 12.16 horas da tarde.

Ha nesta estação uma demora de 32 minutos. A's 12.48 parte o trem da estrada de ferro de Pedro II, chegando á Côrte ás 8.11 da noite.

Os passageiros que forem no trem mixto, que sahe de S. Paulo ás 7.15 da manhã e chega á Cachoeira ás 5 horas, pernoitam neste ponto, e seguem a viagem no trem que parte dahi ás 7.20 da manhã, chegando á Côrte ás 6.9 da tarde.

Os trens expressos de S. Paulo demoram-se em Taubaté 20 minutos, tanto na ida como na volta, dando tempo ao almoço ou ao jantar.

Os da Côrte demoram-se igualmente na Barra do Pirahy para o mesmo fim.

---

## HORARIO

DAS

# Linhas ferreas da provincia

Variam constantemente os horarios. Actualmente a hora da partida dos trens das principaes estações, é a seguinte :

De S. Paulo para Santos ás 7.30 da manhã e 12.15 horas da tarde.

De S. Paulo para Jundiahy ás 6.15 da manhã e 11 horas do dia.

De Jundiahy para Campinas ás 9.10 da manhã e 1.25 horas da tarde.

De Campinas para o Rio Claro ás 2 horas da tarde.

De Campinas para Casa Branca ás 2.15 da tarde.

De Jundiahy para Ytú e Piracicaba a 1.30 hora da tarde.

De S. Paulo para Ypanema ás 6.30 da manhã.

Aos domingos e dias santos ha um trem mixto entre S. Paulo e Jundiahy partindo de S. Paulo ás 9.30 da manhã.

De S. Paulo para a Cachoeira os trens partem ás 5.30 e 7.15 horas da manhã.

## C. S. PAULO E RIO DE JANEIRO

CONDIÇÕES REGULAMENTARES PARA A EXPEDIÇÃO DE MERCADORIAS, ENCOMMENDAS E TELEGRAMMAS DAS ESTAÇÕES DO INTERIOR DA PROVINCIA DE S. PAULO PARA AS DA ESTRADA DE FERRO DE D. PEDRO II E VICE-VERSA

### 1ª

As mercadorias apresentadas nas estações da Estrada de Ferro de D. Pedro II, com destino ás da Companhia de Estradas de Ferro Paulistas, serão despachadas com o frete sempre pago até á estação do Norte, na Estrada de Ferro S. Paulo e Rio de Janeiro; o frete da estação do Norte para a do destino será pago na estação da partida, ou irá a pagar na estação destinatária, á vontade do expeditor.

As mercadorias, porém, que, em virtude dos regulamentos das companhias, não pódem ser despachadas com frete—á pagar—só serão acceitas com o frete pago mesmo além da estação do Norte.

### 2ª

As mercadorias apresentadas nas estações das companhias de estrada de ferro paulistas com destino ás estradas de ferro de D. Pedro II, serão despachadas até á estação do Braz, da companhia Inglesa, com o frete pago ou a pagar, á vontade do expeditor.

A companhia S. Paulo e Rio de Janeiro se encarregará de retirar-las dessa estação, baldeá-las á do Norte e redespachá-las ao seu destino, com frete—a pagar—; enviando a primeira via do conhecimento ao consignatario e a segunda ao remetente do interior.

As mercadorias que, em virtude dos regulamentos das companhias, não poderem ser despachadas com frete—a pagar—não serão acceitas.

### 3ª

Os remetentes do interior enviarão ao chefe da estação do Norte os conhecimentos recebidos das companhias estra-

nhas, declarando nelles: o destino das mercadorias, o nome e a residencia do consignatario.

## 4ª

As taxas nas estradas de ferro de D. Pedro II e S. Paulo e Rio de Janeiro, para as mercadorias precedentes da Còrte com destino á estação do Norte e ás estações das outras companhias de estradas de ferro paulistas, ou vice-versa, serão entre Norte e Còrte, as das tarifas especiaes approvadas pelo governo imperial em datas de 9 de Julho de 1878 e 16 de Julho do corrente anno.

Estas taxas poderão ser para o futuro modificadas.

## 5ª

Os telegrammas das estações das companhias de estradas de ferro paulistas, para as da estrada de ferro D. Pedro II, serão expedidos com direcção á estação do Norte, pagas as respectivas taxas até a do Braz: nelles se mencionarão: o nome e a residencia do destinatario, afim de que a companhia S. Paulo e Rio de Janeiro os faça expedir do Norte ao destino, com taxa sempre—a pagar—pelos destinatarios.

## 6ª

Os telegrammas das estações das estradas de ferro D. Pedro II para as das companhias de estradas de ferro Paulistas serão expedidos cobrando-se sempre, na estação onde forem apresentados, as taxas até o destino final.

## 7ª

Os direitos de sahida, a que estão sujeitos certos generos, serão pagos pelo remettente, no interior, ou pela companhia S. Paulo e Rio de Janeiro, na estação do Braz, ao agente do collecter provincial.

No primeiro caso enviarão os remettentes do interior a respectiva guia ao chefe da estação do Norte; no segundo, será o seu importe restituído pelo consignatario na estação do destino.

Inspectoria geral da estrada de ferro S. Paulo e Rio de Janeiro.—S. Paulo, 1 de Setembro de 1879.

IGNACIO WALACE DA GAMA COCHRANE,  
Inspector geral e representante da companhia nesta provincia.

# Tarifa especial

das taxas das estradas de ferro D. Pedro II e S. Paulo e Rio de Janeiro para as expedições de mercadorias e encomendas da Côrte para a estação do Norte na Estrada de ferro S. Paulo e Rio de Janeiro e as estações das companhias de estradas de ferro paulistas e vice versa

POR 1,000 KILOGRAMMAS

MERCADORIAS	S. PAULO E R. JAN. PEDRO II TOTAL			
	Frete	Imposto		
Classe <b>A</b> (Farinha de mandioca e milho, feijão, milho, batatas, arroz, legumes, raizes e outros generos alimenticios produzidos na provincia de S. Paulo)	10\$000	1\$000	10\$000	21\$000
Classe <b>B</b> (Café em grão e algodão em rama).	13\$000	1\$300	13\$000	27\$300
Classe <b>C</b> (Sal, assucar bruto, toucinho, banha, lombo de porco, carne secca, bacalháu e peixe salgado, massas alimenticias, manteiga, batatas, farinha de trigo e generos alimenticios de 1ª necessidade não comprehendidos na clas. <b>A</b> )	18\$000	1\$800	18\$000	37\$800
Classe <b>D</b> (Ferragens e cutelarias)	20\$000	2\$000	20\$000	42\$000
Classe <b>E</b> (Couros seccos, naphta e kerosene)	25\$000	2\$500	25\$000	52\$500

POR 1,000 KILOGRAMMA

---

MERCADORIAS

S. PAULO E R. JAN. PEDRO II TOTAL

---

Frete Imposto

<p>Classe <b>F</b> (Roupa feita e usada, artigos de armarinho e de escriptorio, bebidas espirituosas, oleos, carnes ensacadas, conservas alimenticias, vinhos, productos chimicos, medicamentos, drogas, preparações pharmaceuticas e tecidos de qualquer natureza) . . . . .</p>	30\$000	3\$000	30\$000	63\$000
<p>Bagagens e encommendas</p>	100\$000	10\$000	100\$000	210\$000

Os volumes de bagagens e encommendas de menos de 5 kilogrammas serão taxados como se tivessem 5 kilog.

Secretaria da Estrada de Ferro D. Pedro II.—Rio de Janeiro, 2 de Agosto de 1879.

FRANCISCO PEREIRA PASSOS.

MANOEL MARQUES DE SÁ.

MANOEL JOSÉ FERNANDES PINHEIRO JUNIOR.

---

FOR THE YEAR 1771

MEMORANDUM

of the

Proceedings of the  
Council of the  
Province of New York  
in the Year 1771

Resolved, That the

Commissioners of the

Land Office be and they

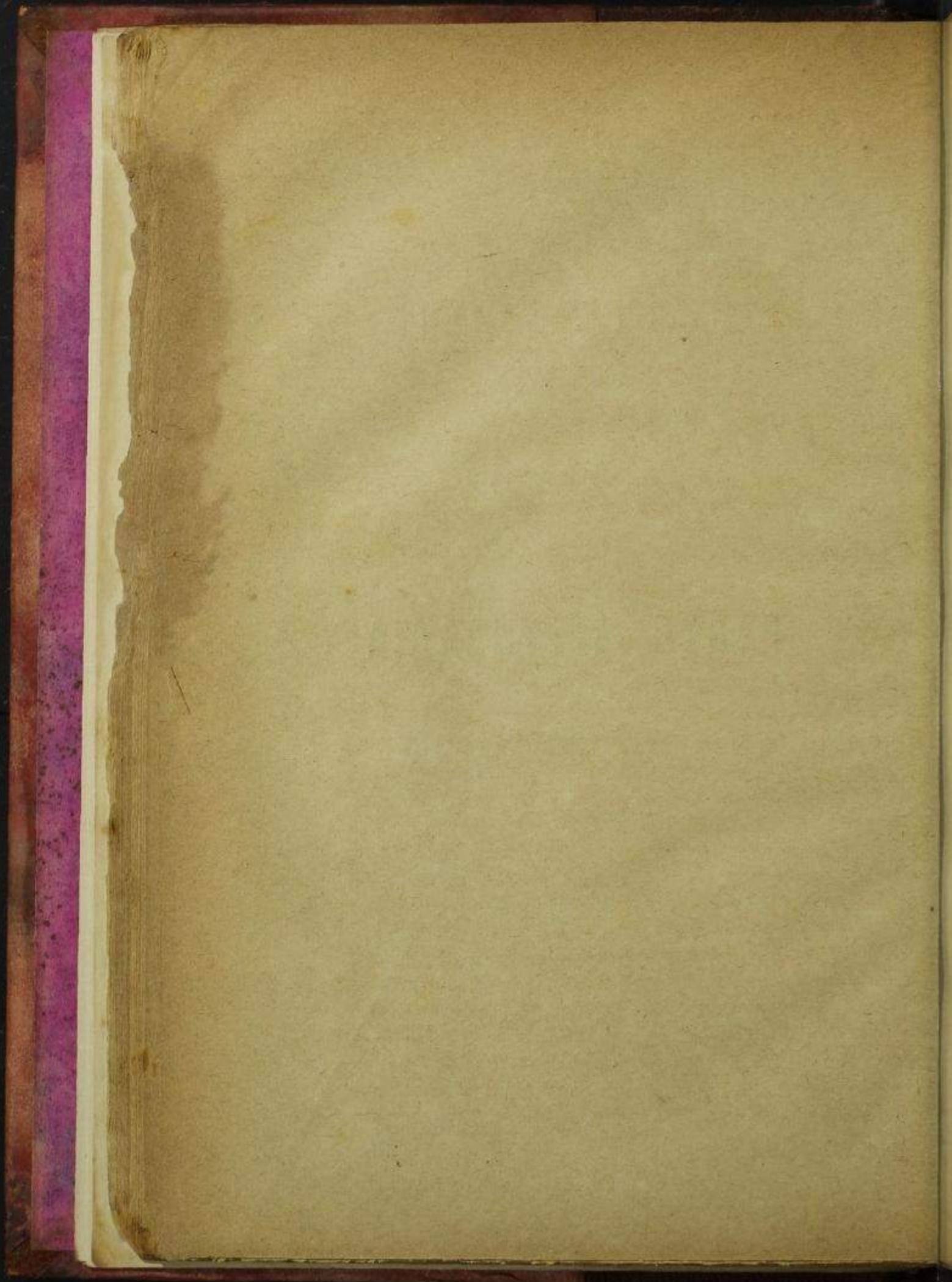
are directed to

do as therein

expressed

By Order

**PARTE LITTERARIA**



## A. CARLOS GOMES

Havia d'antes uma peça de theatro em que nos deliciávamos, os rapazes do meu tempo, quando, ao levantar-se o panno, o homem da zabumba, recolhido da orchestra aos bastidores, arripiava no couro infesado do seu instrumento uns sons imitando tiros de canhão, surdos, compassados, solemnes.

O outro, o actor estava em scena aberta, a contar as pancadas:

... «Dezenove!... vinte!... vinte e um!... Nasceu o principe ducal de Parma!»

E seguia o drama.

Era a celebre «Gabrina», se me não falha a memoria.

Dentro em pouco e no mais infernal arruido de vivas e acclamações vinham apresentar ao povo, das janellas do paço, o feliz pimpolho que tinha de os governar um dia.

A criança, porém, havia sido trocada, não sei por que engenhoso ardil, e a que vinha a occupar o regio berço era o filho de uma mulher desconhecida e d'infima condição.

Carlos Gomes não teve ao nascer os tiros de zabumba e nem as bombardas de polvora sêcca das nossas fortalezas.

Descendente de paes modestos veio todavia ao mundo sob o influxo dos mais auspiciosos destinos: a bella fada dos genios tomou-o em seus braços e fê-lo subir ao solio dourado de onde as magestades se incaram, não pela grandeza do poder e do mando, mas pelo incoercivel esplendor do talento e da gloria.

O proprio imperador, que o trata como amigo, póde repetir-lhe hoje aquelles versos que um dos seus illustres «primos» fallecidos dizia a Ronsard :

Tous deux egalement nous protons de «couronnes»;  
Mais, roi, je les reçois; poëte tu les donnes.

Isto sem desdouro das suas insignes charadas e da celebrada quadrinha que o «fiel povo ytuario» guarda na sala da sua edilidade.

Carlos Gomes viu a luz neste abençoado torrão da provincia de S. Paulo em que estou agora eu, um dos seus patricios, a garatujar-lhe esta noticia biographica, aos 14 do mez de Junho do anno da graça de 1839.

Conheci-o, em pequeno, quando tocava triangulo ou flautim na banda de musica aqui por estas nossas ruas, então escabrosas e ouriçadas de fragoedos como um deserto.

Tinha um appellido que, ao mesmo tempo, symbolisava o seu escasso desenvolvimento phisico e a sua muita actividade intellectual.

Era o idolo da familia.

O pae, aquelle velho Manoel José Gomes que parecia um character excepcional e um talento privilegiado para as artes, estremecia-o de todo o coração.

A nossa boa terra formava então como que uma só familia, mau grado a divergencia profunda que a revolução de 1842 abrira como um sulco de lagrimas e de sangue entre as duas partes da população; que eram ambas pela carta constitucional, todavia.

E' por isso que todos davam os parabens ao velho musico pela viveza do menino, presagiando n'elle um futuro regente de orchestra tão bom, como um outro estimavel ancião, ultimo elo dos velhos typos, pensava de mim para sub-

stitui-lo na mordomia da irmandade do Santissimo Sacramento.

Eu cheguei a occupar esta dignidade beatifica e meritoria aos olhos dos meus concidadãos; Carlos Gomes, porém, estava destinado para as grandes victorias e seguiu desassombrado o rumo da sua brilhante carreira.

A sua mocidade correu como um pezadello febril: estreiteza dos bens da fortuna, abundancia enorme de aspirações, de desejos insaciaveis, de ideaes infindos.

Sahia a dar lições de piano pelas fazendas; voltava a devorar operas, a lêr e a reler os velhos mestres; e a compor:—eram quadrilhas, tangos, serenatas, modinhas, tudo.

Entretanto os seus trabalhos apresentavam já um cunho de originalidade e belleza que não eram compatíveis com a idade e insignificantes conhecimentos de que dispunha.

E' por isso que todos incitavam o seu velho pae para que o fizesse deixar o circulo acanhado do berço natal para atirar-se ao largo, ao estudo, á viagem etherea dos bellos sonhos e das suas ridentes esperanças.

Um dia seu irmão, esse valente preguiçoso que ahí anda, notavel rabequista, intelligencia selecta, e que deu agora para ser juiz de paz na sua freguezia, Sant'Anna Gomes, emfim, resolveu-se ir a S. Paulo dar alguns concertos e fazer-se conhecido.

Acompanha-o o nosso maestro.

E' em 1859.

Ninguem sabe hoje mais o que foi já a «Academia»—chamemo-la assim, pelo seu nome das velhas tradições—aquelle enxame irrequieto onde pollulavam as mais lindas cabeças de moços que agora são ministros, deputados, juizes, advogados, senadores, até senadores! e, sobretudo, honestos e concentrados chefes de familia.

Ai! que tempos!...

O S. Paulo de hoje com as estradas de ferro, com os te-

legraphos, com a pujante força do seu extraordinario crescimento perdeu tudo, tudo, tudo que era amor, poesia, luz!

Eram os dias soberbos de sol e de vida com os bellos passeios á Penha, á Cantareira, ás ruínas da Gloria, aos sitios das jaboticabas, a toda a parte!

Eram as noites, aquellas pallidas noites, de luar e de neblina, desdobradas entre o céu e a terra para se desenrolarem como n'uma transparente cortina entre as delicias supremas e os desejos sem limites—um puro ante-gosto da morte, que enfim é o descanso eterno, incommensuravel!

E os bailes, e as serenatas, e aquelles cantos suavissimos a perderem-se no espaço, quando tudo era silencio, solidão, saudade!

E Carlos Gomes chega nessa epocha feliz. E' um aventureiro, é um sertanejo. Mas vem com o prestigio enorme dos seus grandes olhos profundos, negros, mysteriosos; da sua fronte rasgada e ampla; dos seus labios francos e abertos por onde se escapam palavras de um timbre metalico, sons rudes e a risada argentina, despreoccupada do homem que tem a alma nas mãos, como vulgarmente se diz.

A presença é insinuante e como que se impõe desde logo á sympathia e á estima, ou antes á admiração.

Depois paira-lhe na fronte aquella vaga aureola da mocidade: os raios todos da esperança.

Chega e captiva desde logo a fulgurante pleiade de rapazes. Torna-se n'um instante o companheiro inseparavel das reuniões, dos passeios, dos mil folguedos gentis.

Adoram-no todos.

E' ahi que começa verdadeiramente a sua marcha triumphal pelo caminho dos grandes espiritos.

Os concertos dados por seu irmão, em que elle toma parte saliente, dão brado em toda a cidade.

Elle toma um dia da penna e escreve o HYMNO ACADEMICO, essa musica alegre e festival que faz epocha.

Os estudantes acclamam-no.

—E' um genio, vae á Côrte; vae á Europa; sê grande!  
E' este o grito unisono que salta de todos os labios.

Carlos Gomes olha para si, titubeia, empallidece; e arde-lhe entretanto no peito aquelle vulcão atroz, insondavel, terrivel e bello ao mesmo passo, que impelle para diante as vocações privilegiadas.

Vae!

Atraz ficam as doces recordações da sua juventude; a familia, a cara e terna familia!, os horisontes azulados da sua terra natal! Mas ao longe o clarão fatidico, uma força irresistivel que a arrasta, illumina-lhe já o nome entre as palmas e as galas do futuro.

..

Chegado ao Rio, Carlos Gomes dirige-se ao sr. d. Pedro II. O monarcha recebe-o bondosamente. Mas é um desconhecido e precisa atravessar todas essas tristes vicissitudes do homem que não tem por apresentação mais do que a sua coragem e a convicção do proprio valor.

Emfim Carlos Gomes consegue entrar para o conservatorio de musica regido pelo velho e afamado Francisco Manoel.

Francisco Manoel entrega-o a J. Giannini, professor de «contra ponto».

Abraça-se soffregamente ao estudo: não pára, não cansa; a ambição do saber mordia-lhe o peito como uma hydra voraz.

Se o mestre falta ás lições, o discipulo vae procura-lo, vae despertar-lo importuno e impertinente, no remanso da sua indolencia.

Entretanto Carlos Gomes começa já a «apparecer», como se diz.

O seu primeiro «ensaio», na Córte, é uma «Cantata» para os exames do Conservatorio. E apesar de doente, fraquissimo ainda em razão da «febre amarella» que o havia acommettido, vae elle mesmo reger a orchestra para a execução do seu trabalho.

A nova composição obtem os gabos geraes e vale ao «maestro» uma medalha de ouro.

Depois desse triumpho, vem convalescer á provincia e reconciliar-se com o velho pae que o recebe com todos os carinhos e afagos do mais entranhado amor.

De volta ao Rio, é ainda uma «Cantata» que lhe vae alcançar novos titulos para o apreço e consideração dos seus conterrancos.

Esta era destinada a uma cerimonia de igreja da Cruz dos militares.

Os nossos governos, naquella epocha, não estavam ainda gafados de «realismo», como os de hoje, depois que os «Zolas» e os «Baudelaires» de cá enfiaram pela politica a dentro e estão grimpados na cumieira do edificio social martellando nos cravos do progresso e nos interesses seus d'elles, que tudo é um.

D'antes não; d'antes cada estadista andava com o passarinho de Lesbia de mão em mão e tudo era... «lyrismo»:

«Lugete, o Veneres, Cupidinesque,  
«Et quantum est hominum venustiorum!»

E vem isto para dizer-se que o orçamento naquellas eras das graças e dos risos innocentes, dava para subvencionarem-se companhias de canto italianas, e, o que é mais, dava até para crear-se o theatro lyrico nacional!

D. José Amat, protegido pela administração publica, fundou a nossa opera.

Carlos Gomes foi convidado para regente da orchestra e ensaiador.

Funcionando a «Opera Nacional», Carlos Gomes escreveu em janeiro de 1861 a NOITE DO CASTELLO, primeiro tentamen seu em grande, primeiro vôo do condor que ergue-se do ninho á cupola das arvores para medir com a vista incerta o rumo dos amplos e incommensuraveis desertos.

A partitura foi levada á scena a 4 de Setembro desse mesmo anno.

Não se pôde descrever o entusiasmo que despertou o joven e quasi desconhecido campineiro no seio da sociedade fluminense.

As folhas vieram repletas de saudações, de hymnos, de versos... até de versos.

O monorcha deu-lhe a venera da «Ordem da Rosa» cravejada de brilhantes.

As senhoras fluminenses mimosearam-no com uma batuta de ouro; Francisco Manoel, em nome da orchestra, com outra de unicornio, e a «Associação Campesina» com uma corôa de ouro.

Digam-me se já não era uma victoria?

Em quanto, porém, todos tratavam apenas de voltar do primeiro assombro, já o laureado artista escrevia outra opera.

Outra opera!—a JOANNA DE FLANDRES.

Esta teve as honras do palco a 10 de Novembro de 1863.

Então começa o governo a incita-lo afim de que siga para a Europa a aperfeiçoar os conhecimentos adquiridos.

Carlos Gomes firmado já na esperança, a grande esperança que é, como eu li não sei em que livro, o primeiro degráu para a eternidade, Carlos Gomes resolve-se a partir e escolhe a Italia para ponto onde devesse pousar.

Em quanto lá se vae elle mar em fóra o bem auspiciado moço, emquanto escreve mesmo a bordo do paquete «Paraná em que embarcou-se a 8 de Dezembro de 1863, uma quadrilha—A HERDEIRA DO THRONO»—, voltamos um pouco á terra que o seguia com a saudade pela longa jornada, á bella provincia que lhe deu o berço.

E' uma tarde de verão. As borrascas succederam-se durante o dia e os nevoeiros quentes, abafados vão se levantando pela quebrada das montanhas. Os ultimos reflexos dos clarões avermelhados que vem do occidente esbatem-se entre a fumaça levantada dos valles humidos.

Eu venho de Santos onde fui completar os meus 39 pon-

tos do terceiro anno juridico, venho subindo a enorme serra, a fallada «Paranapiacaba» de frei Gaspar da Madre de Deus, ingalfinhado ás costas de um lerdo e estropiado rocinante que jejuára uma semana na hospitaleira patria de Braz Cubas. Adiante de mim poucas braças caminha um individuo de cabellos completamente brancos, involto em vasta capa, e, como eu, tiritando de chuva e de canção.

E assim fizemos a subida inteira, conservando sempre a mesma distancia, sem trocarmos sequer um olhar.

No topo daquella immensa altura e quando a noite começava a fechar-se, foi que elle parou e nos reconhecemos.

Era o pae de Carlos Gomes.

Vinha de assistir as ovações feitas ao filho durante a representação da NOITE DO CASTELLO.

Com que commoção sincera nos abraçamos!

Nunca me ha de esquecer aquelle instante!

O pobre ancião chorava... chorava e ria ao mesmo tempo! Mas era um chorar e um rir que não tem expressão em lingua humana. O pranto era um soluço arquejante; a risada era um grito estridente.

E dizerem que ha felicidade no mundo! Pois se a propria alegria soffoca e mata!

Contou-me que o seu Antonio queria ir á Europa. Que iria, sem duvida.

Elle é que já não aguentaria semelhante choque.

Como soffrer essa separação?

E quando havia de voltar o «menino»?

Quando voltasse, o velho já estaria acabado. Não teria forças para resistir ao apartamento.

O que mais?

Já vinha meio morto. Que vida era aquella com tantos annos de idade?

Mas o Antonio!

E quem diria?

Como é que havia d'aquillo alli em Campinas?

Entretanto havia.

Era de lá. E não era de mais parte alguma aquelle portento.

E logo no mesmo lance:

—Qual portento: é uma criança. A bondade dos mestres, o Francisco Manoel é quem tinha a culpa do atrevimento d'aquelle «tollinho»!

..

Ai! pobre Manoel Gomes!

Dous annos antes de representar-se o GUARANY, o teu cadáver descia ao tumulo, aqui neste abençoado torrão onde repousas e de onde o teu espirito gentil acompanha a carreira invejavel do teu querido Antonio!

Era justo que eu que te conheci as virtudes, que sempre te votei respeito ás venerandas cans, te viesse, nesta hora, dizer um solemne adeus!

..

O que irei dizer agora da viagem e da estada de Carlos Gomes na Italia?

Depois das lutas e esforços sabidos em casos taes, o «maestro» começa de novo a escrever.

Vem o SE SA MINGA, as revistas do anno e outras composições rapidas sim, mas todas com o cunho d'aquella inspiração vivaz e arrojada.

O que eu ainda não disse e é preciso assignalar é o tormento em que se viu para poder estudar.

Aconselharam-lhe que tomasse para professor a Lauro Rossi, celebridade europea. Rossi acolheu-o cavalheirosamente. Entretanto não podia entrar para o conservatorio como alumno interno por ser estrangeiro, e teve de ficar como discipulo particular, podendo dar-se a exames opportunamente e ser galardoado com a carta de «maestro compositore».

Os exames prestou-os brilhantemente em 5 e 6 de Junho

de 1833, perante a comissão artistica do «Instituto Rossi» em Milão e alcançou a desejada carta.

A SE SA MINGA («revista do anno») a que acima me referi, musica feita para a letra do poeta Antonio Scalvini, foi desempenhada no theatro «Fossati». D'ahi estendeu as azas por toda a Italia, tão notavel foi a reputação que grangeou. Outra «revista do anno» que teve egual nomeada foi a NELLA LUNA exhibida no theatro «Carcani».

Por esse tempo fazia a volta do globo—admiravel!—um romance do nosso chorado Alencar—«O Guarany». Um dia Carlos Gomes tem-no diante dos olhos nas mãos de um triste mascate ambulante, essa joia da litteratura brazileira, traduzida para o idioma immortal do Dante!

—«Il Guarany! — exclama — é este; achei o meu «libretto»!

Carlos Gomes compra o livro e o mesmo é toma-lo como saltar já d'alli em cata do poeta «Scalvini», o da SE SA MINGA.

«Scalvini» lê a obra; pensa, reflecte:

—Não ha duvida: isto vao dar um grande «libretto».

E delinêa-o até o terceiro acto. A conclusão do poema, por motivos especiaes, foi confiada a outro poeta—«Carlo d'Ormeville».

Emfim surgiu a opera.

..

Não se descrevem os mil embarços, as contrariedades de toda a especie com que teve de arcar o «maestro» para que subisse á rampa do «Scala» o seu notavel GUARANY.

O que é certo, porém, é que a «partitura» dominava já todas as auras da fama quando pôde ser ouvida como peça «d'obliga», em a noite de 19 de Março de 1870.

Carlos Gomes deve recordar-se com enternecimento desta noite memoravel.

De brazileiros estavam na platêa seu irmão Sant'Anna Gomes e Antonio Carlos do Carmo, aquelle outro artista que

tinha no peito as cordas do patriotismo afinadas pelos mais nobres sentimentos. Foi elle quem mandou abrir na sepultura raza de José Bonifacio, o da independencia, uma lapida de marmore com inscripção, no intuito de salvar do olvido aquella campa ignorada.

Mas ergueu-se o panno e o apparatus deslumbrante do palco desde logo captivou a attenção dos espectadores.

A «opera» agradou summamente ao exigente auditorio do «Scala»; e desde o primeiro acto o nosso patricio começou a ser chamado á scena e coberto de applausos.

O seu nome estava feito.

A consagração de artista e de «maestro» vinha-lhe do classico paiz das artes.

O «Re galant'uomo» condecorou-o.

As gazetas de Milão todas fallaram com louvor sincero, com elogios eloquentissimos de Carlos Gomes.

E desde aquelle dia, talvez, foi que naquellas paragens se ficou sabendo com alguma certeza, que entre ellas e o oceano, estendendo-se por uma costa illimitada, abrangendo as mais ricas florestas e recortada de rios gigantescos, existe uma região que os mappas apenas qualificavam com o distinctivo de—Brazil!

Oh venturoso mortal! é justo que ainda agora eu te saúde, como Carrer a Bellini:

«Segui: finché germogliano  
 Altre per te corone,  
 Vagheggerem la florida  
 Che al giovin crin t'impone  
 Il plauso di tutt'Adria,  
 Il voto del mio cor.»

O auctor do GUARANY, voltou á patria naquelle mesmo anno. Campinas preparou-lhe uma recepção estrondosa.

Não havia ainda a estrada de ferro. Uma cavalgata im-

ponente foi espera-lo a uma legua da cidade. Diversas pessoas foram até Jundiahy e outras até á capital.

Jantares, illuminações, serenatas, marchas pelas ruas, discursos, vivas, palmas, um delirio de festas e de jubilo: nada faltou para tornar saliente aquella data indelevel.

A 2 de Dezembro representou-se o GUARANY na Côrte.

Foram tambem lá indescriptiveis as ovações, os mimos, os brindes:—flores, grinaldas, poesias, tudo.

D'aqui mandamos-lhe uma lindissima medalha de ouro de fino lavor com um solitario de extraordinario custo.

Tem n'uma das faces a dedicatoria e n'outra esta legenda:

«Surge, illuminare: quia venit lumen tuum, et gloria super te orta est.»

...

Depois de uma ausencia de dez annos, o maestro torna com os seus louros multiplicados.

Agora já são—a FOSCA, SALVATOR ROSA, MARIA TUDOR—operas todas, todas cantadas pelos theatros do velho continente com exito sempre crescente, já são mais esses, repito, os seus immarceveis tropheus.

Tem composições ainda inéditas como PALMA, além de outras de menos folego, publicadas, como o HYMNO DO CENTENARIO, etc., etc.

Desde que pisou praias brazileiras Carlos Gomes não descança, não tem socego, não dorme, porque todas as horas do dia são poucas para receber as acclamações que hoje surgem de toda a parte, de todas as provincias, até das aldeias mais insignificantes.

O que lhe tem feito a Bahia, Pernambuco, o Pará e outras, e ainda o nosso S. Paulo, e mais que tudo a nossa Campinas!

Ainda echoam pelos nossos ouvidos as vozes unisonas e estrepitosas de um povo inteiro electrizado em face da mais assombrosa organização artistica da America do Sul.

Percorrendo-se todas as classes sociaes, desde o chefe supremo da nação, não se acha um só individuo neste paiz, a quem fossem tributadas honras semelhantes. E o que mais é—com tal espontaneidade, com expansões tão sinceras e verdadeiras.

..

Não me proponho fazer critica ás obras de Carlos Gomes. Tenho-as todas como excellentes, pois que me prendem, pois que me extasiam.

Entretanto as suas composições têm sido apreciadas por todas as maneiras, como acontece aos talentos de eleição.

Ainda, ha pouco, nos veio dizendo o grande «Dictionario Universal» do Larousse que o GUARANY alcançára um tal qual «sucesso»; que a FOSCA era somenos; mas que o SALVATOR ROSA é um primor.

Não sei. Isso é lá com os homens dos «contra-pontos» e das «fugas».

Em musica eu não reconheço outro juiz além dos meus ouvidos. Fico em duvida se eu poderia aguentar com o «Tannhaüser», ou com o «Lohengrin», ou com a tetralogia dos «Nibelungen», sem cahir em lethargo maior do que o dos sete mil dormentes. Muita gente diz que esta é «a musica do futuro», como Ihe chamam.

Lendo estas cousas é que acho razão ao Sthendal quando lamenta que o «bello ideal» na sublime arte, esteja a mudar de 30 em 30 annos.

Que abysmo entre o «Balet de la Reine» e o «Roberto o Diabo», por exemplô.

E' por isso que deixo de lado o meu «Schuré» com toda a sua mania «Wagneriana»; afasto-me do «Fetis», o sabio, e volto-me ás fontes, ás verdadeiras fontes do «fluido sonoro».

Essas não pôdem estar senão na propria alma.

Estou de accôrdo com «Alphonse Karr» n'um dos seus ultimos livros: «fica-se (quem é leigo na materia, como elle «e eu,) fica-se arrebatado ainda hoje ao ouvir certos trechos

«de Donizetti, de Bellini, de Verdi, principalmente deste no «Trovador», no «Rigoletto», na «Traviata». Deixem lá dizer «na sua os entendidos: A TONALIDADE É MENOR COM EFFLU-  
«VIOS MAIORES,—UMA FUGA EM SOL MENOR,—PHRASE DE TREZE  
«MEDIDAS,—IMITAÇÃO Á QUARTA SUPERIOR,—UMA FUGA QUE  
MODULA SEM PARAR, etc.»

(E' a apreciação de um «requiem», que vae nessa algaravia).

«Transportai esse processo de julgamento á litteratura  
«e teremos:

«Concordancia completa do adjectivo com o substantivo,  
«—metonymia bastante arrojada,—metalepse lindissima,—  
«ah! que synedoché!—que rigida observação da regra dos  
«participios;—e como tudo isso finda por uma antonomasia!»

Eis ahí como ficariam sendo bons uns versos das «Folhas do Outumno»; observa judiciosamente o citado escriptor.

Não! a verdadeira musica não é assim, não deve ser assim; a verdadeira musica—e póde o artista alliar nella o sentimento com a sciencia—a verdadeira musica hade conter sempre pedaços que se não esqueçam, que entrem pela memoria, uma vez ouvidos, para a existencia inteira.

Assim como a linguagem é a musica dos labios, a musica é a linguagem do coração.

Mas o coração tem só duas palavras:—o sorriso e a lagrima!

O homem que chega a interpretar essas duas palavras, chama-se—genio!

F. QUIRINO DOS SANTOS.

Campinas—Outubro de 1880.

---

## Considerações sobre uma anomalia apparente do nosso clima

Aquelles que possuirem alguns rudimentos de climatologia, não poderão deixar de estranhar o frio occasional, muitas vezes assás intenso, dos nossos invernos. Com effeito, já na zona torrida e sem altas montanhas proximas e nem grande elevação acima do nivel do mar, é pouco comprehensivel o frio de S. Paulo. E' pois preciso indagar qual a causa deste phenomeno e é este o fim destas poucas linhas.

E' geralmente attribuida ao hemispherio sul da nossa terra uma temperatura sensivelmente mais baixa que a do outro hemispherio. Este phenomeno é explicado principalmente por maior abundancia de gelos fluctuantes no nosso hemispherio, onde elles caminham até mais proximo do Equador (já foram vistos do Cabo da Boa Esperança). A causa desta abundancia de gelos fluctuantes é com forte probabilidade devida ás altas serras austraes, segundo entre outros, já ha muito tempo conjecturou Cook, o celebre navegante e sagaz observador.

Em escriptos passados, julguei ser a causa que acabo de apontar, aquella a que podia-se attribuir tão estranho facto de todos nós perfeitamente conhecido; lendo, porém, ultimamente

uma relação de viagem do intrepido explorador argentino á Patagonia, o sr. F. P. Moreno, creio que além da causa já apontada, coopera fortemente a orographia da Patagonia.

Com effeito, esta região começa a elevar-se desde a Bahia Blanca até o rio Santa Cruz, e depois desce até o Estreito de Magalhães. O sr. Moreno, subindo o rio Santa Cruz até os Andes, encontrou alturas acima do nivel do mar de 1,200 até 2,500 pés, o que na latitude por elle estudada causa grande esfriamento da atmospherá. Accresce a isto a falta de montanhas que diminuam a impetuosidade dos ventos. Esta impetuosidade dos ventos não permite o aquecimento durante o seu trajecto pelas regiões mais quentes, e por isso nos trazem o frio intenso das altas latitudes d'onde vêm. Eis porque os ventos patagônicos nos chegam tão frios e são aqui conhecidos por sul e sudoeste, e no Rio da Prata e no Rio-Grande pelo nome de pampeiro e minoano.

Entretanto não é só o facto que acabo de referir a unica causa que concorre com os gelos fluctuantes para o frio do nosso clima. Em sua aventureosa excursão o sr. Moreno observou a 34 de Janeiro!! o thermometro collocado sobre a vegetação, ao lado de sua tosca cama, marcar apenas 2 gráus acima de zero ao anoitecer. Se nos lembrarmos que durante a noite o thermometro desce muitos gráus, podemos fazer justa idéa do frio dos Andes a muitas leguas de seus cumes, pois que o explorador se achava então a 20 leguas proxivamente destas geladas monta-

nhas. Supponhamos agora que dure por 3 ou 4 dias o vento andino sobre a desabrigada região patagônica e que logo depois nos venham ventos impetuosos de tão esfriada região, e finalmente compreenderemos a causa do intenso frio em nossas regiões, muitas vezes mesmo longe da época normal da baixa temperatura.

Em meus escriptos geologicos eu expuz uma theoria segundo a qual a causa do levantamento das montanhas, da elevação lenta das terras e dos phenomenos volcanicos eram effeitos da pressão dos sedimentos carregados pelos rios e correntes maritimas e depositadas nas regiões proximas das desembocaduras dos rios. Parece-me, na orographia das regiões adjacentes á foz do Prata, encontrar uma prova desta theoria.

E' sabido de todos que estudaram geographia, que os paizes platinos são immensos planos com pequena elevação acima do nivel do mar. Na extremidade norte da nossa provincia do Rio-Grande do Sul, na de Santa Catharina e Paraná, as terras se elevam bastantemente para influir no nosso clima de uma maneira bem sensivel. Pouco acima acabamos de vêr que uma boa parte da Patagonia era igualmente bastante elevada. E' mais que conhecida a elevação dos Andes, e assim vemos uma vasta região plana (os Pampas) rodeada de um immenso anel de terrenos altos.

A explicação destes factos geographicos parece facil á luz da theoria que acima recordei. Os sedimentos do Prata tendem por um lado a abaixar o solo, a sua accumulção a eleva-lo,

resultando disto um equilibrio só modificado por longa serie de seculos.

A pressão exercida pelos sedimentos sobre a parte fluida interna a faz refluir sobre as partes da crosta terrestre mais fraca, collocada a longa distancia, porque dellas derivam os sedimentos arrastados pelos rios, e as eleva gradualmente acima das regiões collocadas proximas das embocaduras dos grandes rios. Se meu modo de vêr é exacto, vê-se o quanto é simples a explicação de factos na apparencia muito além do poder de nossa intelligencia. As sciencias naturaes estão cheias de factos semelhantes, e a não ser o trabalho incessante dos grandes pensadores que têm illustrado a humanidade, todos elles jazeriam nas trevas das edades passadas.

E' curioso notar-se que além das considerações que acabo de fazer ha ainda a extraordinaria coincidencia de achar-se o Aconcagua e seus elevados companheiros precisamente defronte da foz do Prata, assim como o da região volcanica do Equador igualmente defronte da embocadura do Amazonas. Como nada existe sem causa na superficie terrestre, estas coincidencias devem ter uma causa que creio ser a acima apontada.

Nem é este um facto isolado na historia do globo.

Na memoravel obra de Lyell (Principios de Geologia), 41ª edição, este auctor justamente celebre, cita diversos factos de phenomenos volcanicos na região do Atlantico, comprehendida entre Santa Helena, Ascensão e Cabo Verde. Nestas paragens, diversos navegantes têm encontra-

do grandes quantidades de escorias volcanicas á tona d'agua, effeitos de erupções volcanicas submarinas, o que fez Darwin suppôr, e com fundamento, que uma nova região terrestre ia surgir do fundo do Atlantico. Disse com fundamento porque Lyell corrobora logo a hypothese de seu compatriota com o exemplo dos Açores e Madeira, ilhas egualmente volcanicas, e nas quaes se observa testaceos *semelhantes* aos dos mares actuaes das mesmas localidades a alturas de mais de cem pés, o que denota claramente a elevação recente daquellas ilhas.

Logo em seguida diz o illustre sabio que ao contrario do que pensam alguns geologos, as ilhas em muitos casos são terras incipientes ou que começam a emergir, e não restos de continentes que se afundam nos abysmos dos mares. Uma e outra hypothese são verdadeiras; as razões que as torna taes é a sua collocação em relação aos centros de sedimentação ou de deposição dos depositos dos rios e correntes maritimas.

Não podia escapar a um espirito tão atilado como o de Lyell, a immensa importancia que teria um continente ou ilhas entre a Africa e America para o commercio das nações e por isso logo elle a aponta, ainda que isto não possa aproveitar senão a gerações muito longe ainda de apparecerem sobre o Atlantico; mas o sabio não é egoista e o encanto que elle encontra em predizer bens futuros o consola de não ser testemunha occular delles.

Termino aqui desejando que estas linhas despertem o animo de meus patricios para investi-

gações que tanto encanto encerram, além da manifesta utilidade que trazem á nossa intelligencia, alargando-lhe a esphera e alongando-lhe o alcance.

Resaca, 6 de Agosto de 1880.

JOÃO TEBYRIÇÁ PIRATININGA.

---

## Byron

( A BRAZILIO MACHADO )

De fé e descrença esplendida feitura  
Virtude e vicio, scepticismo e amor,  
Frieza e coração, ternura e dor,  
Desgraça immensa e subita ventura !...

Egoismo alliado a um'alma pura,  
Subtil veneno em calix de flôr ;  
Ironico, blasphemo, sonhador,  
Altivez infantil, audaz loucura !...

Mixto contradictorio e quasi incrivel :  
Poeta descrido e liberal soldado,  
Amante pae e esposo indefinivel...

Vivo—e quasi em vida sepultado,  
Morto—e quasi á morte um impossivel...  
Tal foi teu ser, oh grande desgraçado !...

S. Paulo—1874.

JOSÉ BONIFACIO.

## Ermida de Santo Antonio

A seis kilometros de S. Roque e em direcção ao nascente, o capitão Fernão Paes de Barros fundou a fazenda de Santo Antonio, construindo no sitio de Boy-poruçuguaba uma casa de estylo gothico, baixa, sombria, escassamente allumiada por pequenas janellas de grade de páu. Um extenso paredão de pedra de dous metros de altura e de todo comprimento da casa, dá ingresso para um alpendre, aberto na frente, cujo tecto é sustentado por columnas de madeira oitavadas, entre as quaes se levanta um parapeito de um metro e dez centimetros de altura. Da parede do fundo pendia um retrato a oleo em taboa de cedro, que o ultimo administrador alferes João de Deus assegurava ser do venerando padre José de Anchietta. (\*)

A' direita do vasto alpendre se estende uma comprida sala, em cuja extremidade ha um compartimento, separado por um tabique, onde se erguia um altar. Alli o padre Belchior de Pontes celebrava missas e outras funcções do seu santo ministerio.

---

(\*) Emprestámos esta preciosidade archiologica a um amigo que a levou para Ytú, onde se acha no collegio de S. Luiz.

Como este oratorio não satisfizesse o fervor religioso de d. Maria de Mendonça, insistiu ella com seu marido Fernão Paes, que edificasse uma capella da invocação de Santo Antonio; e como o que a mulher quer, Deus o quer, o marido satisfez os ardentes votos da sua virtuosa esposa, levantando a 50 metros da sua casa de moradia uma capella de dimensões regulares, com côro, pulpito, dous altares lateraes com obras de entalhe dourado, capella e altar-mór, throno, sacristia, torre, etc. De cada lado do altar-mór levanta-se um busto africano sustentando na mão um castiçal. Na parede esquerda do corpo da capella ainda existe uma grande tela representando no plano superior o céu com o Padre Eterno, a Santa Virgem, os anjos e os justos, e no plano inferior o inferno com os réprobos, entre os quaes se destacam frades e freiras!

A 26 de Setembro de 1681, o dr. Francisco da Silveira Dias, protonotario e governador do bispado do Rio de Janeiro, deu provisão ao padre Francisco de Almeida Lara, vigario de Araçari-guama, para benzer a mencionada ermida.

A 12 de Junho de 1682 o padre Lara a benzeu com grande solemnidade.

Fernão Paes instituiu em testamento um vinculo perpetuo na fazenda de Santo Antonio, comprehendendo as terras, grande numero de escravos do *gentio de Guiné* e do *gentio do Brazil*, nomeando administrador para este vinculo e providenciando sobre a sua successão, com a obrigação de serem ditas annualmente 50 missas por sua alma.

Em virtude desta disposição testamentaria, foram ditas 8,650 missas por alma do testador!

A lei de 6 de Outubro de 1835 extinguiu os vinculos e morgadios com a morte dos proprietarios existentes.

O que o leitor não sabe é que esta lei foi iniciada pelos esforços de um paulista notavel, e que foi o vinculo de Santo Antonio, que deu origem áquella lei, digna dos applausos da civilisação do seculo XIX.

Não é ainda tempo de revelar os pormenores que determinaram este facto.

Por morte do ultimo proprietario, alferes João de Deus Martins Claro, foi extinto o vinculo de Santo Antonio, e dividido por seus filhos.

Actualmente esta fazenda passou a mãos estranhas á familia do ultimo administrador que falleceu na idade de 105 annos.

BARÃO DE PIRATININGA.

---

## Discrição

Muito vence quem se vence ;  
Muito diz quem não diz tudo ;  
Porque a um discreto pertence  
A tempo fazer-se mudo.

## Guaratinguetá

Meu charo Lisboa.—Se de todo não julgar descabidas de interesse as seguintes linhas, dê-lhes um cantinho no seu precioso livro. São duas rectificações relativas a Guaratinguetá, incontestavelmente o municipio mais importante e populoso do norte da provincia; basta dizer-lhe que sua exportação de café regula 400,000 arrobas annualmente. Os dous enganos foram commettidos em *Almanachs*, justo é que por *Almanachs* sejam corrigidos.

O *Almanach da Provincia de S. Paulo* para 1873, organizado pelos srs. A. J. Baptista Luné e Paulo Delfino da Fonseca, referindo-se á posição da cidade, diz na pag. 205: «Fica situada a uma legua de distancia da margem direita do rio Parahyba.»

O rio Parahyba passa pela cidade, quasi toda collocada á sua margem direita, e divide-a de outra parte, hoje um bairro populoso o *Pedregulho*, que tem mais de 60 fogos. As duas partes da cidade estão ligadas por uma excellente e elegante ponte de madeira com 40 metros de comprimento.

O outro lapso lê-se na pag. 59 do seu precioso *Almanach Litterario* de 1878, em um *Glossario de palavras indigenas*, que diz seu auctor ter ex-

trahido de diversas obras, especialmente de Martius.

Dá para traducção do termo o seguinte:— Guará branco. Creio ter havido erro na copia; o que aquelle illustre sabio escreve a respeito, na parte de seu *Glossario*, que traz os nomes de logares, é diverso.

Eis o que lemos na pag. 500, no vocabulo:

GUARATINGUETÁ.— (S. Paulo. Villa (\*)) Contractum e *coaracy*, sol, *tim*, fim, *goata*, caminhar. Locus unde sol cursum vergit (vicinus tropico Capricorni). Esta etymologia me parece muito aceitavel, e a tenho encontrado admittida por outros viajantes, que tem se occupado com estes assumptos.

Eis o que tinha a offerecer-lhe; é possível que para o anno lhe dê trabalho mais pensado sobre este importante municipio.

Guaratinguetá—1879.

DR. MIRANDA AZEVEDO.

---

As escolas publicas, segundo os dados colligidos pela presidencia desta provincia, foram frequentadas no anno de 1879 por 10,934 alumnos, sendo 6,625 do sexo masculino e 4,306 do sexo feminino.

---

(\*) Foi elevada a cidade em 23 de Janeiro de 1844.

## A barra de Santos

( FRAGMENTO DE IMPRESSÕES DE VIAGEM )

Era pouco depois da ante-manhã; o sol apenas fóra despedia raios que feriam horizontalmente a superficie do mar e se refrangiam, se acaso deparavam com onda que objectasse o proseguir de sua linha de fogo. O bafejar de terra, ondulando o mar sem bulicio, fazia navegar o navio, se é navegar o resvalar serenamente á superficie de aguas, que se movem pelo seu proprio pezo, e não a impulso de vento e sem o tumultuar das ondas. Assim é o accorder da natureza em todas as regiões dos tropicos nos bellos dias equinoxiaes, e quando nem o verão, nem o inverno estão abertamente pronunciados.

Com o percorrer do navio para o lado do septentrião, avistavam-se melhor as assomadas da serra do mar, e as aguas que de seu cume se despenham em lenções de neve; e aos poucos iam surgindo os cabeços das montanhas que vem banhar-se ao mar, resistindo ao mesmo tempo aos seus assaltos. Entre esses apparecia mais em relevo e muito adiantado da primeira encurvatura que fórma a pequena enseada da Buritioca, a ponta do Monduba, que é uma península composta de uma ramificação austral da cadeia de montes, que orla a costa e serve de começo ao paiz ondulado por montanhas que é interposto ao mar e ao Paranapiacaba.

Esta ponta tem por antemural que a protege e escuda das procellas do oriente a ilha da Moela, que distando pouco do Monduba deve a duração a esse promontorio, porque a não socorrer-lhe sua poderosa visinhança, que semelhantemente a ampara das formidaveis vagas do occidente, certo que ha muito teria sido desmornada, e nem mãos de homens lhe poderiam valer contra o furor maritimo que alli é successivo e rigoroso.

A ilha da Moela, que recebe a sua denominação da semelhança de suas fórmãs com a viscera de ave, que tem o mesmo nome, apresenta uma formação de rochedos, nús e denegridos pelo rigor do tempo e do mar, até onde chega o embate de suas ondas, e dahi para cima revestidos de vegetação esmorecida e baixa que ao depois vae se mostrando mais vicejante e robusta á medida que se lhe fazem mais prestadios os agentes de sua nutrição. Pousa-lhe no cimo da parte mais elevada o pharol da ilha que vem a ser uma torrinha, acanhado e rustico casebre branqueado, emergindo d'entre o arvoredos com uma phisionomia pittoresca e amena.

Do apinhado de montanhas da península do Monduba, que compõe a parte mais saliente da costa que do nascente corre a barra de Santos e que occupa uma extensão revestida de diversos accidentes de terreno e vegetação, começa um seio de mar estendido entre o Monduba e a Ponta Grossa, e que estreitando-se d'improviso para o fundo, comprime as terras entre o seu mar e o de fóra, e fórma o isthmo dessa península. Nesse

logar interrompe-se a fiada de montes que do Manduba vae prender-se á Paranapiacaba e se estende um espaçoso valle coberto de areia e pouco acima do nivel do mar, cujas extremidades tocam n'uma e outra margem, revelando que em tempos remotos corria por alli o mar livremente, separando o Monduba do corpo de que ao depois veio a tornar-se cabeça. Guarnece este seio uma outra serie de montes que se ramifica da serra do mar, em direcção obliqua entre o levante e o septentrião e que se eleva sobranceira á bahia em que se perdem os canaes do interior. E' ella como de moldura pelo nascente do quadro que figura a bahia, e em linha correspondente a outra serie que surge da parte do occidente.

A obliquidade da costa oriental da barra fenece, de envolta com aquella serie de montes, na ponta do Engenho, sendo substituida por um lançamento a norte, que tambem fallece na extrema meridional da recurvada praia do Góes fronteira á ponta de S. Vicente.

Ao encarar esta praia, que ainda é espaldada pelos ultimos montes que vem do nascente, despertaram-me reminiscencias de trinta annos ! Alli... que notavel coincidencia, naquelle mesmo logar e no proprio mez, em que deu fundo o navio que me transportava para o Pacifico, ancorou em 1840 o brigue *Charonte*, que daquella provincia conduzia para a guerra do sul uma expedição da Legião de S. Paulo, em que era eu um dos officiaes. Então no despontar da idade juvenil, moço cheio de animação e a devanear futuros,

palpitante de brios, enlevado por aspirações de gloria, sem ainda saber apreciar o valor de uma patria que se deixa, e as contingencias que se prendem á terra extranha e sem que me importasse de alongar-me do amparo do tecto paternal e de affagos de familia, lançava-me na amplitude do acaso, anhelava por devorar os espaços, por ir de rapida transição da juventude á quadra varonil, e pela falsa nomeada que se ganha no campo dos combates matando homens e desolando cousas. Hoje aproximado ao limiar da ultima quadra da vida, sem esperança de porvir melhor que o passado, tendo só percorrido longos annos de vicissitudes e fadigas e sabendo quanto doem n'alma saudades de uma patria que tenho em grande conta e a cujos humbraes toquei, aventurava-me em mares inhospitos e procelosos a demandar trepido e esmorecido paizes longinquos e a ir comer o duro pão de terra estranha.

O quadro, que alli aos olhos tinha e tão vivo punha ao meu animo o painel do passado, vivificava recordações que jámais e tanto haviam se apagado de minha lembrança... Não ha tempo e espaço, por maiores que sejam, que façam olvidar as doces reminiscencias da patria! E inda por 34 annos que por alli passára, designei as localidades por seus proprios nomes, e reconheci as habitações de pobres pescadores que outr'ora alli viviam, e onde por vezes partilhára de suas refeições frugaes.

.....  
Na margem d'oeste da bahia, em ponto cor-

respondente á praia do Góes ao lado opposto, e depois de entestar com o mar uma fiada de montes, que vem do interior das terras, começa a desenvolver-se em curva semi-circular a deleitosa praia de Embaré, semeada de alegres casinhas de pescadores com seus cataventos e varaes de rêde em frente, e cuja brancura casava deliciosamente com o verde escuro do arvoredos, que se eleva por igual a pouca distancia da praia, e onde o successivo balançar do mar não alcança.

Fronteira a esta praia se vê a embocadura da barra a rumo do sul, guarnecida de um e de outro lado de altas montanhas a modo de *dentuça*; que apesar disso a não defende do investir das vagas quando o vento as impelle daquella parte. Nesta espaçosa obra entram dous canaes, que como fauces servem de vehiculos ao ir e vir das aguas, que separam da terra firme as ilhas mediterraneas de S. Vicente e Santo Amaro, tão famosas nos tempos originarios da descoberta e onde os Tamoyos e seus auxiliares tentaram por vezes vingar injurias da conquista e affrontas de decepções.

A quasi obstrucção de um desses canaes deu alento e preponderancia a outro, e dahi veio a decadencia da villa de S. Vicente, e essa quebra de cathegoria, sem que lhe valessem brios e qualidade de primogenita dos conquistadores, e braço de morgadia que a ennobreceram como feudo de Martim Affonso e séde do seu apanagio. Nos poucos e velhos edificios que ainda sobram desse primeiro emporio dos vicentistas, e d'onde partiram as aventurosas descobertas para as re-

giões austraes da America, contempla-se ainda certo ar de dignidade com resguardamento a dominio, e de suggerir deferencias por prerogativas que jazem aos pés de tres seculos. O silencio que alli se nota não é o da ausencia de vida e movimento, que totalmente lhe não fallecem, e nem o do assentimento á ancianidade a que o tempo o tem condemnado; é sim o do despeito que embarga as vozes, o da altaneria reprimida por força poderosa, o do forçado recuar de uma vontade que ainda se não tem por deficiente.

O outro canal que fica folgado á navegação de Santos, e que conduz para o mar copiosa massa d'aguas que excede á capacidade das grandes bacias do interior, formadas entre as ilhas e o rez do Paranapiacaba, confunde-se na bahia á sua margem oriental, onde da parte do sul vê-se o fórte da Barra Grande, ainda em consistencia de offender, e que tem por correspondente do lado septentrional o fortim da Trincheira, já em grande decadencia.

1844.

Brigadeiro MACHADO D'OLIVEIRA.

---

Examinando-se certo ordenando, o bispo lhe perguntou :

—Como está Deus no céu?

—Essa é boa! lhe respondeu elle; como está em sua casa, póde estar como quizer.

## O dr. Joaquim Xavier da Silveira

Dous annos antes do fallecimento do poeta cujo nome abre este pequeno artigo, deu-se o seguinte episodio na sua passagem tão curta pela vida :

Estavamos em Santos, na Barra, em a poetica chacara de Braga Junior, o espirito mais intelligente e delicado para tudo quanto é artistico, e além disso cavalheiro amabilissimo no seu trato particular. Alli naquella *chacara*, formoso *templo da felicidade*, á beira mar, esplendidamente preparada com todos os atavios da arte e do luxo, Braga Junior convidou-nos para assistirmos a um *serão* musical.

Lá fomos, eu, dr. Jorge Miranda, Silveirinha (como chamavamos ao poeta), Henrique de Oliveira e outros amadores. A distincta esposa de Braga Junior cantára a *Serenata* de Schubert, com aquella melodia sagrada e harmoniosa que prantêa uma elegia ! Foi um momento solemne quando expirou o canto saudoso e plangente no meio da noite silenciosa e ao murmurio das vagas ! Então, destacou-se a figura poetica do Silveirinha, e como um personagem sombrio de Byron, embuçado em seu negro manto, improvisou esta estrophe profundamente dolorida e que até hoje ainda guardo-a na memoria :

Eu tinha commigo umas sobras  
Uma contribuição de lagrimas  
Que não devia derramar aqui,  
Porque aqui é o templo da f'licidade,  
Fui verte-las sobre as vagas,  
Que suspiram nas procellas,  
Porque os prantos do infortunio  
Devem gemer como ellas !

Effectivamente o Silveirinha tinha comsigo  
*uma contribuição de lagrimas* que foi verter sobre  
as vagas que gemiam alli perto ! E, pouco mais  
tarde desceu ao tumulo, ainda moço e tão espe-  
rançoso !...

Que lembranças desse tempo !...

.....  
S. Paulo, 47 de Agosto de 1879, em viagem.

J. A. DE BARROS JUNIOR.

---

## Casas de Misericordia

Conta a provincia sete estabelecimentos de-  
nominados—Santa Casa de Misericordia—nas ci-  
dades seguintes : Bananal, Jacarehy, Campinas,  
Santos, capital, Ytú e Sorocaba. A de Santos é a  
mais antiga. Foi fundada por Braz Cubas em 1543.

## O sete de Setembro de 1822

O facto da acclamação do principe d. Pedro tem aberto margem a muitas discussões; cada qual dando a versão que lhe parece mais aceitavel sem curar de excogitar documentos, limpos de qualquer suspeita, e firmados por pessoas que testemunharam os successos daquelle dia.

Convêm, pois, tirar do obscurecimento a verdade; e crêmos te-la inteira nas seguintes linhas escriptas pelo conego Ildefonso Xavier Ferreira, de grata memoria, e que nos successos politicos daquelle época sempre representou um conspicuo papel.

A sua carta, cujo original possuimos, reza :

.....  
«Correndo a noticia do grito que soou no Ypiranga, lembraram-se que houvesse uma recita no theatro; e só ás 9 horas se foi dizer ao principe que estava prompto.

Antes nos reunimos defronte do theatro e os patriotas (de que me lembro) Joaquim Machadinho (1) e João Olinto me disseram que era necessario declarar-se um monarcha e formar uma

---

(1) Joaquim José Machado, irmão do brigadeiro José Joaquim Machado de Oliveira.

dynastia brazileira. Estavamos em um interregno de cinco horas, e ninguem merecia mais do que o inclyto principe, que nos acabava de dar a independencia, de Portugal.

Eu era o escolhido para fazer esta acclamação. Apezar das idéas tão justas, eu fiz minhas reflexões. Não sabendo as relações intimas entre d. Pedro e seu pae d. João VI, a quem havia jurado com seu sangue de nunca lhe ser infiel, temia que o principe não acceitasse, e então eu era preso, como revolucionario. Temia por outro lado o grupo dos *Bernardistas* que poderiam gritar:— *fóra! fóra!* e no meio do barulho apunhalar-me.

Então os dous amigos e outros, armados (como todos andavamos nesse tempo) me declararam:—que era mais que certo que o principe acceitava o titulo de primeiro rei brazileiro, e nelle creava nova dynastia, que eu não tivesse receio de ser apunhalado, porque primeiro seriam elles.

Fui ao camarote n. 11, que era nosso effectivo, communiquei aos amigos Gurgel e Mestriho (2) que approvaram, e então sahi á platéa, colloquei-me na 3ª bancada, bem defronte ao camarote do principe; apenas appareceu soltei o grito:—*Viva o primeiro Rei Brazileiro!*

O principe inclinou-se, annuindo ao meu brado, a explosão foi geral, e me animei a repetir por tres vezes.

---

(2) Conselheiro Manoel Joaquim do Amaral Gurgel e Antonio Mariano de Azevedo Marques.

Portanto a minha acclamação que foi repetida pelo Rio de Janeiro e por todas as provincias firmou a fórma de governo monarchico constitucional e bulrou a esperança dos *Bernardistas* inimigos declarados de d. Pedro e que pretendiam proclamar a republica.

. . . . .  
Nos entre actos repetiu um brigadeiro inspector do telegrapho uma decima—*Independencia ou Morte*, que dizem foi glozada pelo mesmo sr. d. Pedro. O desembargador Manoel da Cunha repetiu outra; e o amigo major Thomaz de Aquino improvisou uma ode.

O meu viva se repetiu por cem vezes e acompanhando todos, e d. Pedro, ainda mesmo dentro do paço, ouviu acclamações clamorosas. Note-se que um só não deixava de ter as duas fitas amarella e verde no braço.

No dia seguinte formou-se o corpo civico e eu fui o orador...

S. Paulo, 26 de Janeiro de 1864.»

---

O numero de feitos que deram entrada na Relação de S. Paulo no anno de 1879 elevou-se a 241, pertencendo a esta provincia 211, á do Paraná 26 e á Côrte e provincias do Rio de Janeiro 4 (revistas).

## Á CRUZ

Embora em teu pedal convolva-se irritada  
a serpente do erro,  
mais forte do que o ferro  
quebras os dentes vis á serpe amaldiçoada !

Escarve a dura terra o sec'lo que não cansa...  
tu, arvore da vida  
embora sacudida  
darás fructos de fé, de amor e de esperança !

E quando ao ferro audaz cahissem de teus braços  
os braços de Jesus  
e o vento sobre o chão varresse os estilhaços...

terias pedestaes nos corações, oh cruz !  
E mesmo dos espaços  
sobre o mundo o *cruzeiro* espalharia a luz !

S. Paulo.

BRAZILIO MACHADO.

---

Maçoneria : brinquedo de creanças feito por  
velhos.

Padre DIOGO A. FEIJÓ.

## Thomazinho

### UM ERRO JUDICIARIO

Os annaes judiciarios do nosso paiz já registram um numero avultado de causas criminaes verdadeiramente celebres,—umas pela enormidade dos crimes, cuja natureza e circumstancias revelam a perversidade descommunal de seus autores, outras pela enormidade das injustiças commettidas por juizes e tribunaes condemnando accusados, cuja innocencia verifica-se mais tarde, e, ás vezes, tão tarde que toda a reparação é impossivel.

A causa de que vamos occupar-nos pertence á segunda classe:—é celebre pela injustiça que envolveu.

O nome que nos serve de epigraphe era aquelle porque vulgarmente se designava Thomaz Pires de Almeida, a infeliz victima dessa causa: Thomazinho foi victima de um erro funesto e irreparavel, como são, em geral, os erros judiciarios em materia criminal.

Para servir de subsidio á collecção das causas celebres brazileiras, damos em seguida um extracto fiel do processo que terminou pela condemnação de Thomazinho por crime de homicidio, que não commetteu.

A injustiça, o erro judiciario foi reconhecido, porém o mal, o grande mal que importou não foi reparado e nem podia se-lo.

---

Em a noute de 27 de Janeiro de 1831, em sua casa, sita á rua da Palha da cidade de Porto-Feliz, foi assassinado, com um tiro de arma de fogo, o prussiano João Bérner. O seu cadaver foi encontrado sobre uma esteira, deitado de costas, tendo sobre as ultimas costellas do lado esquerdo diversas pequenas feridas produzidas por chumbo grosso e uma maior produzida por bala. A bala penetrou na caixa do peito e offendeu o pulmão esquerdo, conforme verificaram os peritos.

João Bérner morava só e estava só na occasião do assassinato.

Quem foi o autor desse crime ?

As primeiras suspeitas recahiram sobre o preto Floriano, escravo de d. Maria Angelica, o qual foi logo preso e contra elle instaurado processo *ex-officio*.

Nesse processo foram inquiridas onze testemunhas, cujos depoimentos extractamos :

1.º—Thomaz Pires de Almeida—, de 48 annos de idade, casado, natural de Porto-Feliz, negociante, conhecido por Thomazinho (o mesmo que afinal foi condemnado como autor do assassinato).

Disse que na noute do assassinato, o indiciado Floriano, com seu irmão Feliciano e Elizeu, escravo de José de Toledo, estiveram em seu ne-

gocio, onde beberam agoardente; sahiram e logo depois voltou Feliciano só, ignorando o destino que tomaram o indiciado e o escravo Elizeu. No dia seguinte teve noticia do tiro que matou o prussiano Bérner, mas não soube da hora em que se deu. Benedicto, escravo de Francisco Vieira, contou á mulher d'elle depoente, que o assassinado dera uns tapas no escravo Elizeu e que este promettêra vingar-se.

2.<sup>a</sup>—José Pires de Almeida—, filho de Thomazinho: Disse que, no dia seguinte ao assassinato, o indiciado Floriano appareceu na chacara d'elle depoente, na sahida para Sorocaba, e pediu-lhe que dissesse a seu irmão Feliciano que ia espera-lo na *venda* do capitão-mór Moraes, recommendando que dêsse o recado a Feliciano quando este estivesse só, visto que estavam imputando a elle Floriano a morte do prussiano. Elle depoente deu o recado a Feliciano, mas este respondeu que não se importava e que não ia ao lugar indicado por seu irmão.

3.<sup>a</sup>—Antonio José de Camargo:—Ouvii dizer-se que suppunha-se que o indiciado Floriano praticára a morte por mandado de pessoa da casa de Thomaz Pires de Almeida (*Thomazinho*) por haver intrigas entre este e o prussiano.

5.<sup>a</sup>—Luiz Antonio de Almeida —Disse que tendo trocado com o indiciado Floriano um trabuco por uma pistola, o indiciado fôra receber o trabuco no dia 27 do corrente mez.

*Fallando-se em presença de JOAQUIM BERNARDO que não se podia descobrir o autor do assassinato, visto o assassinado não ter inimizade alguma, res-*

pondeu Joaquim Bernardo que tinha visto o prussiano dar uns pescoções em um escravo de José de Toledo e atirar-lhe uma trempe de ferro.

6.º—José Antonio Lopes :—Estando á porta de sua casa, na noite do crime, viu passar um vulto alto e magro, que dirigiu-se para o lado da casa do prussiano; meio quarto de hora depois, ouviu um grande tiro. Gertrudes Gonçalves (a 40ª testemunha), vizinha do prussiano, contou a elle depoente, no dia seguinte, que tinha visto um vulto abrir a cerca do quintal do prussiano e sahir para a rua, logo depois que ouviu o tiro. Entende em sua consciencia que não foi o indiciado Floriano o autor do crime por ser baixo e gordo e o vulto que elle depoente vira era alto e magro.

8.º—Maria Francisca de Arruda—, casada com Ignacio, escravo de Thomaz Pires de Almeida : Disse que sabe que quem assassinou o prussiano foi o marido della depoente Ignacio, escravo de Thomazinho, por mandado deste, que, como recompensa, prometeu liberta-lo. Que Thomazinho e seu escravo Ignacio foram juntos á casa do prussiano, armados ambos de trabuco; que o prussiano estava deitado sobre uma esteira, lendo um livro e com uma garrafa de vinho ao pé de si; que Thomazinho mandou Ignacio atirar, o que este fez por um buraco da porta; que Thomazinho, em vez de libertar o marido della depoente, como havia promettido, alguns dias depois da morte do prussiano levou-o para Campinas e lá vendeu-o. Disse mais que tudo

quanto depoz ouviu do proprio assassino, seu marido, antes de ser levado para Campinas.

10.<sup>a</sup>—Gertrudes Gonçalves :—Logo que ouviu o tiro sahiu á porta da rua de sua casa, ouviu bulha de quem abria a cerca do quintal do prussiano e viu sahir um vulto, que não pôde conhecer. Tem ouvido dizer-se que fôra Thomazinho o autor da morte do prussiano.

11.<sup>a</sup>—Testemunha :—Respondeu que Anna Rosa contou-lhe que ouviu de Ignacio e Sebastião, escravos de Thomazinho, que este foi quem mandou matar o prussiano por seu escravo Ignacio, com a promessa de dar-lhe liberdade, mas que, alguns dias depois do crime, levou-o para Campinas e lá vendeu-o, e que o comprador sabendo que o escravo era criminoso veio entregalo a Thomazinho, que o metteu em castigo, ignorando o destino que teve depois. Soube de Maria Francisca que o escravo Ignacio, seu marido, esteve com effeito em castigo e que Thomazinho promettia mata-lo.

A 4.<sup>a</sup>, 6.<sup>a</sup> e 9.<sup>a</sup> testemunhas apenas referem ter ouvido dizer que fôra Thomazinho quem mandára assassinar o prussiano Bérner, sem ao menos mencionar o motivo dessa vaga imputação.

---

Com a data de 18 de Junho de 1854, o juiz do summario pronunciou Thomaz Pires ds Almeida e seu escravo Ignacio como incursos nas penas do art. 193 do cod. crim. pela morte do prussiano João Bérner e mandou relaxar da prisão Floria-

no, escravo de d. Maria Angelica, por não haver resultado provas contra elle.

Thomazinho, que havia se ausentado de Porto-Feliz ao saber que era provavel a sua pronuncia, logo que foi convocada a primeira sessão do jury, apresentou-se espontaneamente para ser julgado, levado pela consciencia de sua innocencia e pela confiança que lhe inspirava o jury de Porto-Feliz, então reputado um dos melhores da provincia pela illustração do seu pessoal e pelo espirito de justiça, que sempre havia dictado as suas decisões.

Mas, infelizmente para Thomazinho e para a causa da justiça, aquelle tribunal, em quem tanto confiava, não correspondeu á sua confiança, e, deixando-se influenciar por uma falsa opinião publica e por apparencias de provas, suppondo punir um grande criminoso, com a espada que a justiça poz em suas mãos feriu um innocente, de quem fez um desgraçado!

Em sessão do jury, presidida pelo juiz de direito dr. Joaquim Octavio Nebias, foi submittido a julgamento Thomazinho, no dia 1º de Dezembro de 1851.

Ao longo e minucioso interrogatorio que lhe dirigiu o presidente do tribunal, respondeu o accusado, em resumo o seguinte :

Que não assassinou e nem mandou assassinar o prussiano João Bérner, de quem não era inimigo; que a imputação que se lhe fazia era uma calumnia, que dava a igreja e os santos por testemunhas e que as pessoas que juraram contra elle no processo eram *uns cacos*; que nenhum

dos seus escravos teve parte no crime, o qual, entretanto, sem motivo algum, foi attribuido, a principio ao seu escravo João e depois ao seu escravo Ignacio; que era falso que houvesse castigado a este escravo e que, se o vendeu em Campinas depois da morte do prussiano, foi porque comprava e vendia escravos, tanto que, na mesma occasião, além desse, vendeu outros naquella povoação; que, ao tempo em que o prussiano era seu visinho, tivera com elle uma rixa sem importancia por causa de creanças d'elle interrogado; que o prussiano foi assassinado na casa da rua da Palha, para onde se havia mudado da vizinhança d'elle interrogado, tres mezes antes; que depois da morte do prussiano esteve a maior parte do tempo em Campinas e andou recuado da justiça com medo que o prendessem, não porque tivesse culpa, mas porque haviam formado processo contra elle; que não foi preso e que elle mesmo se apresentou para ser julgado; que não trouxera comsigo o escravo Ignacio, que estava em Campinas, porque disseram-lhe não ser necessario; finalmente que na noute do assassinato esteve dormindo em sua casa.

A accusação contra Thomazinho foi sustentada pelo promotor publico dr. Indalecio R. Figueira de Aguiar e a sua defesa foi produzida pelo finado Tristão de Abreu Rangel, que residia em Ytú, onde gozava de estima e consideração como advogado notavel.

O jury, por 7 votos, affirmou que o accusado mandára matar o prussiano João Béerner *por um seu escravo*; reconheceu as aggravantes da noute,

superioridade de armas e surpresa, e, (ao que parece, só pelo desejo de diminuir a pena, porque não existe no processo outra explicação) por decisão unanime, reconheceu em seu favor as circumstancias attenuantes da falta de pleno conhecimento do mal e de desaffronta de injuria.

Em conformidade com suas decisões, foi Thomazinho condemnado a soffrer a pena de 12 annos de prisão com trabalho, como incurso no gráu médio do art. 493 do cod. criminal.

Dessa sentença, de cuja injustiça ninguem estava mais convencido do que elle, Thomazinho appellou para o Tribunal da Relação, mas este limitou-se a negar provimento ao recurso. E assim tornou-se irrevogavel essa condemnação, cuja grave e clamorosa injustiça devia mais tarde manifestar-se de modo irrecusavel, para motivo de remorso pungente ás consciencias dos julgadores.

---

Seis mezes depois da condemnação de Thomazinho, na seguinte sessão periodica do jury de Porto-Feliz, que teve logar em Maio de 1852, entrou em julgamento o escravo Ignacio, accusado como executor do assassinato do prussiano João Béerner por mandado de seu senhor.

Presidiu a sessão o mesmo juiz de direito e exerceu a promotoria o mesmo dr. Indalecio; o accusado teve por defensor o intelligente paulista Cândido José da Motta.

Em seu interrogatorio declarou que era in-

nocente, pois que não havia matado e ninguém o mandára matar o prussiano João Béerner; que seu senhor Thomazinho, desgostoso com elle interrogado por sahir á noute ás suas *peraltagens*, já o havia ameaçado de vende-lo, e, dias depois da morte do prussiano, vendeu-o a Bento Theodoro, residente em Campinas, onde soube que estava processado pela morte do referido prussiano, mas que não se incommodou com isso porque tinha certeza de que a sua innocencia havia de triumphar de tão falsa accusação, e com effeito, sentiu satisfação quando foi prezo e conduzido para aqui por vêr que vinha defender-se e mostrar a sua innocencia. Declarou mais que não tinha inimizade com pessoa alguma e que ao finado prussiano apenas conhecia de vista, nunca tendo conversado com elle.

O julgamento terminou pela absolvição do accusado por 11 votos; essa decisão passou em julgado.

---

A absolvição do escravo Ignacio, fazendo contraste com a condemnação de seu senhor Thomazinho, importava o reconhecimento por parte do jury da grande injustiça dessa condemnação.

Com o mesmo processo, com as mesmas provas, com os mesmos elementos de convicção, apenas com o intervallo de seis mezes, o jury proferiu decisões manifestamente contradictorias: condemnou Thomazinho por haver mandado matar o prussiano João Béerner *por um seu es-*

*cravo*; entretanto, julgando Ignacio, o escravo accusado de haver feito essa morte por *mandado de seu senhor*, absolveu-o por decisão quasi unanime!

O escravo foi absolvido porque não commetteu o crime e nem recebeu ordem de seu senhor para commette-lo; entretanto, Thomazinho, o senhor, já cumpria a pena que lhe fôra imposta — *por haver mandado esse escravo commetter esse crime!* O mandante condemnado, o mandatario absolvido por não haver executado o mandato, isto é, o crime punido sem que fosse praticado! Eis o resultado produzido pelas contradictorias decisões do jury.

---

A decisão que, por maioria de um voto, condemnou Thomazinho como mandante do assassinato do prussiano João Béerner, não assentava em provas que satisfizessem a juizes, mesmo pouco exigentes.

De facto, no processo, além do boato vago, que, sem razão plausivel, indigitava Thomazinho como mandante desse assassinato; além de referencias vagas, não confirmadas pelas testemunhas referidas, que não foram ouvidas; além da levissima suspeita, que resultava da venda do escravo, supposto executor, effectuada depois do crime, nada mais se encontra a não ser o depoimento da 8ª testemunha, a liberta Maria Francisca de Arruda, a qual, depondo circumstanciadamente, mas por ouvir, affirmou que o prussiano

fôra assassinado por seu marido, o escravo Ignacio, por mandado de Thomazinho, seu senhor, que promettêra liberta-lo.

Se a prevenção não dominasse o espirito dos juizes, elles teriam reconhecido facilmente o nenhum valor desse depoimento, já por consistir todo elle em uma referencia não confirmada e ao contrario mais tarde contestada formalmente por Ignacio, já porque a testemunha nenhum credito merecia por ser habituada ao vicio da embriaguez, como provou o defensor de Thomazinho perante o jury, já finalmente porque esse depoimento encontrava explicação natural no despeito e desejo de vingança que devia ter a testemunha contra Thomazinho por separa-la de seu marido, o escravo Ignacio, vendendo-o em Campinas.

Mas, infelizmente, a prevenção cegou os juizes e illudiu-os a ponto de obriga-los a praticar uma gravissima injustiça, que teria de feri-los tambem sob a fôrma de cruciantes remorsos, que deviam soffrer por have-la praticado.

— — — — —

A contradicção entre a condemnação de Thomazinho e a absolvição do seu escravo Ignacio, accusados pelo mesmo crime em um só processo, produziu, dous annos depois, o decreto de 20 de Dezembro de 1853, que commutou a pena de 12 annos de prisão com trabalho, em que foi condemnado aquelle, na de sete annos de degredo para a povoação de Garapuava.

. . . . .

Alguns annos depois, quando Thomazinho cumpria a pena de degredo, Joaquim Bernardo, morador em Porto-Feliz, achando-se doente e sentindo que ia morrer, em confissão extrema, revelou ao vigario que fôra elle o autor do assassinato do prussiano João Béner, cujo motivo e circumstancias referiu, e que Thomazinho nenhuma parte tinha tido nesse crime. Aconselhado pelo confessor, o moribundo repetiu sua revelação em presença de testemunhas qualificadas, que depuzeram posteriormente em uma justificação, que instruiu um recurso de graça em favor do innocente condemnado.

No processo houve uma referencia ao autor do assassinato, em que este figura insinuando motivos de suspeitas contra outros. Em referencia foi feita pela 5ª testemunha Luiz Antonio de Almeida, nos termos seguintes :

*«Fallando-se em presença de Joaquim Bernardo que não se podia descobrir o autor do assassinato, visto o assassinado não ter inimizade alguma, respondeu Joaquim Bernardo que tinha visto o prussiano dar uns pescoções em um escravo de José de Toledo e atirar-lhe uma trempe de ferro.»*

Esta referencia foi desprezada. Se não fôra a prevenção contra Thomazinho, seria chamado Joaquim Bernardo a depôr como testemunha referida, e quem sabe se trahindo-se em juizo, já então ficaria conhecido o verdadeiro assassino e assim ter-se-hia evitado a consummação de uma gravissima injustiça ! ?

Quando já estava a terminar o prazo da pena, o decreto de 6 de Abril de 1860, em vista

da confissão de Joaquim Bernardo, *perdoou* a Thomazinho o resto do tempo que lhe faltava (alguns mezes) para cumprir a pena de 7 annos de degredo em Garapuava, em que havia sido commutada a de 12 annos de prisão com trabalho imposta pelo jury !

Thomazinho foi *perdoado*. Se se tratasse de algum bispo ou fidalgo, provavelmente seria *amnistiado*, embora criminoso convicto ; mas, como tratava-se de um homem do povo, Thomazinho foi simplesmente *perdoado*, não obstante estar verificada a sua completa innocencia !

---

Para completar a exposição desta causa, tristemente celebre, só nos resta accrescentar que o desgraçado Thomazinho nem ao menos pôde reconhecer os effeitos desse tardio perdão ; era já então insensível ao soffrimento da pena, o cruel martyrio que supportára durante longos annos havia extinguido lentamente a luz de sua razão ! Condemnaram a um innocente ; perdoaram a um louco !

A infeliz victima, que a injustiça dos homens fizera enlouquecer, pouco sobreviveu a esse perdão inutil !

Piracicaba, 18 de Agosto de 1880.

PRUDENTE DE MORAES.

---

No mais grave dos homens ha uma fibra de histrião.

EÇA DE QUEIROZ.

## Sexta-feira Santa

Que és terra, homem, e em terra has de tornar-te,  
Hoje te lembra Deus, por sua igreja,  
Do pó te faz o espelho, em que se veja  
A vil materia de que quiz formar-te.

Lembra-te Deus, que és pó, para humilhar-te,  
E como teu baixel sempre fraqueja  
No mar da vaidade, em que peleja,  
Te pôz á vista a terra onde salvar-te.

Alerta ! alerta, pois ! que o vento berra,  
Que assopra a vaidade, e que incha o panno ;  
Na prôa a terra tens, amaina, e ferra.

Todo o lenho mortal, baixel humano,  
Se busca salvação, tome hoje terra,  
Que a terra de hoje é porto soberano.

Bahia.

GREGORIO DE MATTOS GUERRA.

---

A despesa realisada pela provincia com obras  
publicas em 1879 subiu a 270:076\$134.

# EXPORTAÇÃO

Do ultimo relatorio do thesouro apresentado pelo illus-  
estatico:

Synopsis da exportação da provincia de S. Paulo, pelo Por-  
quinze ultimos exercicios

EXERCICIOS	PRINCIPAES PRODUCTGS			
	CAFÉ kilogram.	ALGODÃO kilogram.	FUMO kilogram.	TOUCINHO kilogram.
1864 a 1865	26.551.073	103.211	14.763	250.453
1865 a 1866	20.323.321	2.898.645	89.653	200.019
1866 a 1867	19.038.137	3.344.898	198.579	177.220
1867 a 1868	27.524.006	8.185.973	486.474	310.252
1868 a 1869	37.899.979	7.176.255	348.725	225.183
1869 a 1870	35.790.251	6.142.228	350.751	285.512
1870 a 1871	32.605.477	5.475.682	268.620	222.719
1871 a 1872	28.516.112	10.304.610	559.543	222.008
1872 a 1873	32.883.765	9.286.250	976.405	475.502
1873 a 1874	46.322.472	9.283.258	457.271	510.784
1874 a 1875	49.410.895	6.127.174	424.467	285.755
1875 a 1876	44.436.200	4.074.965	484.397	105.309
1876 a 1877	38.013.044	2.193.946	472.302	978.472
1877 a 1878	58.584.664	643.074	499.361	554.517
1878 a 1879	71.114.677	1.181.391	291.299	680.074

# DA PROVINCIA

trado sr. dr. Brazilio Machado extrahimos o seguinte quadro  
to de Santos, valores officiaes e direitos provinciaes nos

VALORES OFFICIAES			DIREITOS PROVINCIAES E RENDIMENTOS DA MESA DE RENDAS
VALOR DA PRODUÇÃO DE S. PAULO	PRODUÇÃO DE OUTRAS PROVINCIAS	VALOR TOTAL DA EXPORTAÇÃO	
10.059.746\$409	82.445\$000	10.142.191\$409	319.486\$404
11.264.698\$059	172.089\$000	11.436.787\$059	370.478\$880
9.286.370\$845	230.542\$000	9.516.912\$845	413.636\$817
17.740.386\$656	216.953\$000	17.957.339\$656	709.564\$743
20.297.735\$460	502.568\$000	20.800.303\$460	863.789\$025
19.967.382\$991	275.813\$500	20.243.196\$491	631.779\$561
14.462.528\$743	281.972\$500	14.744.501\$243	611.261\$968
20.603.152\$929	270.333\$600	20.873.468\$529	714.639\$945
22.807.730\$068	341.546\$200	23.149.276\$268	846.769\$498
31.673.202\$476	275.904\$000	31.949.106\$476	1.300.165\$573
29.213.769\$531	276.012\$328	29.489.781\$859	1.223.650\$664
25.273.176\$744	214.274\$100	25.487.450\$844	1.006.545\$992
20.232.442\$193	323.689\$500	20.556.131\$693	813.902\$061
29.650.480\$715	236.776\$990	29.887.257\$705	1.383.037\$598
32.270.761\$240	330.538\$699	32.601.299\$939	1.664.871\$120

Assim a exportação dos productos foi :

CAFÉ

EXERCICIOS	KILOGRAMMAS
1864 a 1869 . . . . .	131.336.516
1869 a 1874 . . . . .	176.118.077
1874 a 1879 . . . . .	262.559.480
	<hr/>
	570.014.073

ALGODÃO

EXERCICIOS	KILOGRAMMAS
1864 a 1869 . . . . .	21.708.982
1869 a 1874 . . . . .	40.392.028
1874 a 1879 . . . . .	14.220.550
	<hr/>
	76.321.560

FUMO

EXERCICIOS	KILOGRAMMAS
1864 a 1869 . . . . .	1.138.194
1869 a 1875 . . . . .	2.612.590
1874 a 1879 . . . . .	2.171.826
	<hr/>
	5.922.610

TOUCINHO

EXERCICIOS	KILOGRAMMAS
1864 a 1869 . . . . .	1.163.127
1869 a 1874 . . . . .	1.716.489
1874 a 1879 . . . . .	2.604.127
	<hr/>
	5.483.743

O resumo do valor official subdividido em quinquenio,  
está em :

1864 a 1869 . . . . .	66.853.534\$429
1869 a 1874 . . . . .	110.959.567\$007
1874 a 1879 . . . . .	137.961.922\$040
	<hr/>
	318.775.023\$476

Nesta somma a provincia de S. Paulo é representada nos:

1.º quinquenio por . . .	68.648.937\$429
2.º quinquenio por . . .	109.513.997\$207
3.º quinquenio por . . .	136.640.630\$423
	<hr/>
	314.803.563\$059

em quanto que as outras provincias que se servem do porto de Santos para a exportação de seus productos tiveram:

No 1.º quinquenio . . . . .	1.204.597\$000
No 2.º quinquenio . . . . .	1.445.569\$800
No 3.º quinquenio . . . . .	1.321.291\$617
	<hr/>
	3.971.458\$417

O rendimento provincial orçou, na seguinte progressão:

1864 a 1869 . . . . .	2.676.955\$869
1869 a 1874 . . . . .	4.104.616\$545
1874 a 1879 . . . . .	6.092.107\$435
	<hr/>
	12.873.679\$849

Assim o quinquenio de 1869 a 1874, excedeu ao anterior em 1.427.660\$676, e foi inferior ao ultimo, de 1874 a 1879 em rs. 1.987.490\$890.

## A respeito de hygiene

A hygiene, todos sabem, tem por objecto a determinação das condições mais favoraveis á conservação da saude : é, pois, um dos ramos da biologia que deve merecer-nos maxima attenção, porquanto corresponde á satisfação do mais preponderante dos instinctos : os da conservação individual.

Para chegar-se a determinar com certa precisão as circumstancias em que a saude melhor se conserva, bem se comprehende, torna-se indispensavel que se conheçam todas as influencias a que o organismo está sujeito, e que sobre elle podem actuar mais ou menos energicamente e modifica-lo dentro de certos limites.

Estas influencias correspondem aos diversos meios em que vivemos.

Até hoje, todos os livros de hygiene, salvo raras excepções que ultimamente têm apparecido, só consideram e estudam os agentes de ordem physica e sua acção sobre o organismo humano, deixando inteiramente de parte a influencia do meio social, cujo estudo fica entregue a uma classe insufficientemente preparada.

E' contra esta divisão anarchica que pretendemos protestar, pois já tem durado mais do que a transição metaphysica da sciencia o exige, e

seus perniciosos effeitos fazem-se sentir de um modo cada vez mais notavel.

E' justo, é mesmo necessario, emquanto se estuda a acção dos agentes physicos, considerar isoladamente o individuo; mas devemo-nos lembrar que esse isolamento é hypothetico, que é um processo logico indispensavel ao estudo, mas que não corresponde a uma realidade.

Se cada individuo fosse desde o nascimento entregue aos seus unicos e exclusivos recursos, sem duvida que não estaríamos cercados hoje de todas as commodidades de que gozamos, e nem sonhar poderíamos com os requintados gozos que a civilisação nos proporeciona.

Como o selvagem, estaríamos obrigados a procurar recurso contra as intemperies nos productos que a natureza nos offerece, e taes quaes ella os produz; as nossas casas e palacios seriam ainda os antros e cavernas naturaes onde nos abrigariamos; e toda a nossa actividade seria consummida nos combates contra as feras, cujas pelles nos agasalhariam do frio.

E' aos nossos antepassados, é aos conhecimentos de toda a ordem por elles accumulados e á custa dos maiores sacrificios e dos mais generosos esforços que devemos tudo o que possuímos.

Assim, uma geração qualquer representa sempre a somma de todos os antecedentes.

Se assim é, como não ha nega-lo, devemos reconhecer a influencia immensa que sobre o nosso modo de sentir, pensar e obrar exerce o passado e a sociedade em que vivemos.

E' sobre a acção desse agente que, como dis-

semos, não tem sido convenientemente attendida, que pretendemos chamar a attenção com estas linhas.

O estudo da influencia do meio social sobre o individuo só póde ser feito de modo proveitoso por aquelles que conheçam sufficientemente os dous elementos com todas as leis que presidem ao desenvolvimento progressivo de cada um delles. E' por isso que diziamos que convém terminar-se o mais cedo possivel a anarchica separação que entrega a mãos bem diversas os elementos que devem concorrer juntos para a solução do problema.

Augmentando-se de dia em dia o nosso capital theorico e pratico, segue-se que tambem de mais a mais cresce a influencia da sociedade sobre o individuo.

Se considerarmos uma sociedade muito elementar para a qual tenhamos de prescrever cuidados hygienicos, de certo que as influencias cosmicas figurarão em primeiro lugar, com os instinctos de conservação do individuo e da especie; mas se os nossos cuidados se dirigirem a uma sociedade muito culta, a acção social occupará o primeiro plano.

Assim, á proporção que a sociedade se desenvolve, predominam em progressão crescente as funcções cerebraes sobre as organicas.

O hygienista não póde, pois, sem grave perigo, e certeza de errar o alvo a que se destina, eliminar dos seus estudos a acção social, nem esquecer-se de que nas sociedades humanas o cere-

bro tende de mais a mais a predominar sobre os outros orgams.

Bem desejaríamos expôr, pelo menos em geral, os principios que devem presidir a esse estudo, mas os estreitos limites de um escripto de *Almanach* não no-lo permittindo, limitamo-nos a chamar a attenção sobre a lei geral que nos ensina que, entre o individuo e um meio qualquer, a acção é reciproca e as modificações operam-se em razão inversa da energia de cada elemento até que o equilibrio se estabeleça. Se, para conseguir esse estado definitivo de equilibrio, as alterações tiverem de exceder os limites de modificabilidade que a especie comporta, é esta que terá de desaparecer. Dahi segue-se que este estado, por assim dizer, de lucta deve ser considerado transitorio e não final.

Dar-nos-hemos por satisfeitos se estas linhas despertarem nos competentes na materia o desejo de examina-la, e em suas mãos deixamo-la, para maior proveito publico.

S. José dos Campos, 31 de Julho de 1880.

DR. F. RIBEIRO DE MENDONÇA.

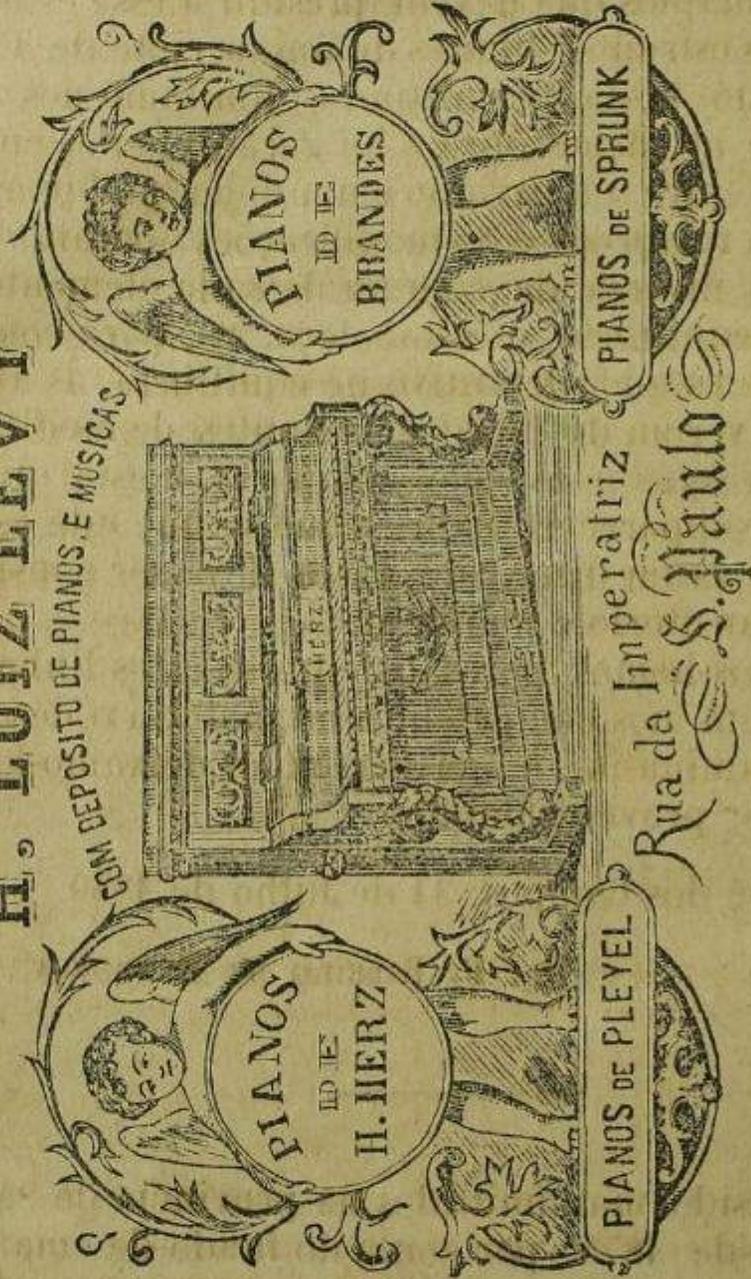
---

Têm sido manumittidos na provincia de São Paulo desde 1875, por conta do fundo de emancipação, 372 escravos. De 28 de Setembro a 31 de Dezembro de 1875 foram manumittidos por liberalidade particular 3,440.

# PIANOS DE CHICKEING

## H. LUIZ LEVY

COM DEPOSITO DE PIANOS. E MUSICAS



# PIANOS DE KAPS

Instrumentos de madeira e metal para banda e orchestra, objectos á phantasia, perfumaria, cachimbos, piteiras, papel de musica pautado de todos os formatos, etc., etc.

## Soneto

Sou velho e sou casado, tenho filhas,  
Advogo *p'ra viver*, e fui juiz,  
Prézo e muito o valor do meu paiz,  
E da Liberdade sempre sigo as trilhas.

Adoro deste mundo as maravilhas,  
Sonhei na mocidade—era feliz!  
Mas nunca abaixou-se-me a cerviz,  
A mim jámais disseram :—*tu te humilhas!*

Sim ! mas aos Reis, aos fidalgotes,  
Aos mandões e á troça semelhante  
Que bruscamente mostram-se em magotes.

Hoje sinto-me ainda terno amante,  
Olhando da janella os bellos dotes  
De uma virgem palmeira verdejante.

Côrte—Agosto—1880.

J. A. DE BARROS JUNIOR

---

Em Dezembro de 1879 existiam na penitencia-  
ciaria de S. Paulo 166 criminosos, sendo 153 ho-  
mens e 13 mulheres.

## EM 1830

Eis uma curiosa peça official daquella época :

«Tendo-se estabelecido neste imperio um tope nacional pelo decreto de 18 de Setembro de 1822, que tem força de lei por ter sido mandado executar e ficar em seu inteiro vigor pela carta de lei de 20 de Setembro de 1823, é obvio e não póde entrar em duvida que todos os cidadãos brazileiros são obrigados a usar do referido tope nacional : e como tem estado ha algum tempo em uso apresentarem-se com elle sómente nos chapéus armados e com particularidade nos dias de festa nacional, isto não dá direito a que porventura algum cidadão pretenda constranger aos outros por meio de ataques ou insultos a usar do mesmo effectivamente ; e muito menos que pelo quotidiano uso d'elle por alguns outros cidadãos, o que aliás é muito louvavel, haja quem se atreva a commetter o attentato de ridicularisar e tornar objecto de despreso uma instituição nacional e estabelecida por lei, como praticam todas as nações civilisadas, pois que pela voz publica consta ter-se collocado um tal distinctivo em animaes como aconteceu com um que ha dias foi lançado de uma loja, na rua do Commercio, levando ao pescoço um collar de fitas verdes e amarellas, com um tope nacional sobre a cabeça : e não de-

vendo ficar impune um semelhante attentado :—  
Ordeno a vmc. que tome conhecimento legal do  
facto quanto ao tope nacional, e verificando a  
verdade delle, fórme o competente corpo de de-  
licto para ter a marcha que a lei determina.

«Deus guarde a vmc.

«Palacio do governo de S. Paulo, 7 de Maio  
de 1830.—MANOEL, bispo.—Sr. juiz de paz da fre-  
guesia da Sé.»

---

## Epigramma

A um beato, de alcunha o *Cardeal*, que mor-  
reu estando a comer :

Pouco santo mostrou ser  
Este, que a terra consome,  
Os santos morrem de fome,  
Este morreu por comer ;  
Veio o *Cardeal* a morrer,  
Que ninguem da morte escapa,  
E por baixo de sob-capa,  
Dizem, não com pouco espanto,  
Se não morreu como santo,  
Que teve morte de papa.

## Luiz Cama

### I

Os republicanos brasileiros, a toda hora abocanhados pela recordação injuriosa de meia dúzia de apostasias, das que negrejam na chronica de todos os partidos, se quizessem com um nome só, que é um alto exemplo de honrada perseverança, tapar a bocca aos detractores, podia lançar-lhes o bello e puro nome que corôa esta pagina. Quantos outros eguaes offerecem porventura, desde o começo de sua existencia, os nossos velhos partidos monarchicos?

Faz-se em duas palavras o elogio deste homem verdadeiramente grande, grande neste tempo em que só o podem ser os amigos da humanidade; nascido e criado escravo até á primeira juventude, tem depois alcançado a liberdade a mais de quinhentos escravos!

A' nobre provincia de S. Paulo, que hoje o estima entre os seus melhores cidadãos, e que elle présa com o enthusiasmo que lhe inspiram todas as grandezas democraticas, presumo que ha de ser grato lêr, em um livro que é particularmente seu, a biographia, já hoje gloriosa, deste bom republicano.

Se chegar a cumprir-se, como eu espero e desejo, o seu elevado destino, possam ser estas

linhas obscuras fiel subsidio para chronistas de  
melhores dias!

II

Nasceu Luiz Gonzaga Pinto da Gama na cidade de S. Salvador da Bahia, á rua do Bangla, em 21 de Junho de 1830, pelas 7 horas da manhã; e foi baptisado, oito annos depois, na egreja matriz do Sacramento, da cidade de Itaparica.

E' filho natural de uma negra, africana livre, da costa de Mina, da nação Nagô, de nome Luiza Mahin, pagã: recusou esta sempre baptisar-se e de modo algum converter-se ao christianismo. Era mulher baixa de estatura, magra, bonita, de um preto retincto e sem lustro; tinha os dentes alvissimos; era imperiosa, de genio violento, insoffrida e vingativa; de

.....olhos negros, altivos,

.....  
No gesto grave e sombria.

Era quitandeira, muito laboriosa. Mais de uma vez, na Bahia, foi presa, por suspeita de envolver-se em planos de insurreições de escravos, que não tiveram effeito. Em 1837, depois da revolução do dr. Sabino, naquella provincia, veio ao Rio de Janeiro, e nunca mais voltou. Procurou-a o filho em 1847, em 1856 e em 1861, na Côrte, sem que a pudesse encontrar; em 1862 soube, por uns pretos minas, que a conheciam e della deram signaes certos, que, apanhada com

malungos desordeiros, em uma *casa de dar fortuna*, em 1838, fôra posta em prisão, e que tanto ella como os companheiros desapareceram. Era opinião dos informantes que os amotinadores houvessem sido deportados pelo governo, que nesse tempo tratava rigorosamente os africanos livres, tidos como provocadores.

Nada mais, até hoje, pôde Luiz alcançar a respeito de sua mãe. Naquelle mesmo anno de 1861, voltando a S. Paulo, e estando em commissão do governo, na então villa de Caçapava, consagrou á mãe perdida os saudosos versos que se lêem, como nota de um sentimentalismo dissonante, no risonho livro das *Trovas Burlescas*, que deu a lume com o pseudonymo de Getulino.

Vê-se que é hereditario em Luiz Gama o profundo sentimento de insurreição e liberdade. Abençoado sejas, nobre ventre africano, que deste ao mundo um filho predestinado, em quem transfundiste, com o teu sangue selvagem, a energia indomita que havia de libertar centenas de captivos!

O pae de Luiz—outra analogia deste com Spartacus—era nobre, fidalgo, de uma das principaes familias bahianas, de origem portugueza. Foi rico, e, nesse tempo, extremoso para o filho: criou-o nos braços. Foi revolucionario em 1837. Era apaixonado pela pesca e pela caça; gostava dos bons cavallos; jogava bem as armas, e melhor as cartas: comprazia-se em folguedos e orgias: esbanjou uma boa herança, havida de uma tia, em 1836. Reduzido a pobreza extrema, em 40 de Novembro de 1840, em companhia de Luiz

Candido Quintella, seu amigo inseparavel, que vivia dos proventos de uma casa de tavolagem na Bahia, vendeu o filho, como seu escravo, a bordo do patacho *Saraiva*!

Não sei se o desgraçado ainda vive, nem lhe conheço o nome, que Luiz occulta generoso aos amigos mais intimos; mas, ainda que jogador e fidalgo, a recordação da monstruosa infamia deve ter-lhe esbofeteado, em todo o resto de seus dias, a velhice deshonorada.

### III

Remettido, dias depois para o Rio de Janeiro, no mesmo navio, que partiu carregado de escravos, foi Luiz, com muitos outros, para a casa de um cereeiro portuguez, de nome Vieira, estabelecido com loja de velas á rua da Candelaria, esquina da do Sabão. Era um negociante de estatura baixa, circumspecto e energico, que recebia escravos da Bahia, á commissão. Tinha, além de um filho peralta que estudava em collegio, umas filhas já crescidas, muito compassivas e meigas; a senhora de Vieira era uma perfeita matrona, cheia de piedade. Tinha então Luiz 40 annos. Todas as mulheres da casa se lhe affeioaram immediatamente. Eram 5 horas da tarde quando lhes entrou em casa; mandaram-o lavar; vestiram-lhe uma camisa e uma saia da filha mais nova, deram-lhe de ceiar, e mandaram-o dormir em boa cama.

Ainda hoje Luiz Gama, que é um dos melhores corações que eu conheço, lembra-se commo-

vido daquella boa gente que o recebeu com tanto affago.

Mas foi por poucos dias : dalli sahiu logo depois, chorando amargamente e deixando as suas boas amigas chorosas tambem de o vêrem ir.

Era em 1840 ; foi vendido, naquella casa, ao negociante e contrabandista alferes Antonio Pereira Cardoso, o mesmo que, ha oito ou dez annos, sendo fazendeiro no municipio de Lorena, da provincia de S. Paulo, no acto de o prenderem, por haver matado á fome alguns escravos em carcere privado, já velho de setenta annos, suicidou-se, atravessando o craneo com uma bala de pistola.

O alferes Cardoso comprou Luiz em um lote de cento e tantos escravos, e levou-os todos, pois tal era o seu commercio, a vender para a provincia de S. Paulo.

A pé, com 10 annos de idade, fez Luiz toda a viagem de Santos até Campinas. Escravo, sahido de uma infancia tragica, descalço, desamparado, faminto, subiu entre um bando de escravos aquella aspera serra do Cubatão, por onde, annos depois, não ha muitos annos, lembra-me que passámos juntos os dous, eu estudante que voltava para as aulas, elle advogado que voltava da Côrte, abastado, jovial e forte, com um cesto de fructas para a familia, repotreado no assento macio de um dos ricos vagões da companhia ingleza.

Foi escolhido por muitos compradores, na capital paulista, em Jundiahy, em Campinas, e

por todos rejeitado, como se rejeitam as cousas ruins, pela circumstancia de ser *bahiano*.

O ultimo que o engeitou, foi o respeitavel ancião Francisco Egydio de Souza Aranha, pae do sr. conde de Tres Rios. Depois de o haver escolhido, affagou-o, dizendo :

—Está um bom pagem para os meus pequenos.

E perguntou-lhe :

—Onde nasceste ?

—Na Bahia.

—*Bahiano* !... exclamou, admirado, o excelente velho. Nem de graça ! Já não foi por bom que o venderam tão pequeno !...

O sr. conde de Tres Rios, que esteve a ponto de ter Luiz para pagem, tem-n'o hoje como um de seus amigos mais considerados.

Engeitado como *refugo*, com outro escravo bahiano, de nome José, sapateiro, voltou para a casa de Cardoso, na cidade de S. Paulo, á rua do Commercio n. 2, sobrado, perto da igreja da Misericordia.

Alli aprendeu a copeiro, a sapateiro, a lavar e engommar, e a costura.

Em 1847, tinha Luiz 17 annos, quando para a casa de Cardoso veio morar como hospede, para estudar humanidades, o menino Antonio Rodrigues do Prado Junior, hoje doutor em direito, o qual já foi magistrado de muito merito, e reside agora em Mogy-guassú, onde é fazendeiro.

Travaram amizade estreita, de irmãos, e com o estudante entrou Luiz a aprender as primeiras

letras. Em 1848, sabendo lêr, escrever e contar alguma cousa, e havendo obtido ardilosa e secretamente provas inconcussas de sua liberdade, retirou-se, fugido, da casa do alferes Cardoso, que aliás o tinha na maior estima, e foi assentar praça.

Termina aqui o periodo do seu captiveiro.

#### IV

Serviu como soldado até 1854, seis annos; chegou a cabo de esquadra graduado, e teve baixa do serviço, depois de responder a conselho, por actos de supposta insubordinação, quando limitára-se a ameaçar um official insolente, que o insultára, e que soube conter-se. Esteve preso o cabo de esquadra Luiz Gama, de 1º de Julho a 9 de Agosto, trinta e nove dias, que passou em leitura constante.

Durante o seu tempo de praça, nas horas vagas, fez-se copista; escrevia para o cartorio do escrivão major Benedicto Antonio Coelho Netto, que se tornou seu amigo; e dahi, sem duvida, lhe nasceu a inclinação para o fôro.

Serviu tambem como amanuense no gabinete do conselheiro Francisco Maria de Souza Furtado de Mendonça, que por longos annos exerceu na capital de S. Paulo altos cargos administrativos, e é ainda hoje cathedratico na Faculdade de Direito. Luiz foi sempre seu ordenança, e pelo seu vivo talento, pela sua actividade e bom proceder, mereceu-lhe toda a estima e protecção, e d'elle recebeu proveitosas licções de letras.

Em 1836, depois de haver servido como es-  
crivão perante diversas auctoridades policiaes,  
foi nomeado amanuense da secretaria da policia,  
onde esteve até 1868, epocha em que, por *turbu-*  
*lento e sedicioso*, foi demittido, *a bem do serviço pu-*  
*blico*, pela reacção conservadora. A portaria de  
demissão foi lavrada pelo dr. Antonio Manoel dos  
Reis, seu dedicado amigo e ainda mais dedicado  
catholico, então secretario da policia, e assignada  
pelo dr. Vicente Ferreira da Silva Bueno, que,  
por este e semelhantes actos, foi escolhido des-  
embargador da Relação da Côrte.

A turbulencia de Luiz Gama consistia em ser  
liberal exaltado e militante, em promover pelos  
meios judiciaes a liberdade de pessoas livres re-  
duzidas a criminoso captiveiro, e auxiliar alfor-  
rias de escravos, na medida de suas posses, e, ás  
vezes, além dellas, na medida de sua dedicação  
á causa santa dos opprimidos.

V

Nesse anno de 1868, conheci Luiz Gama. Vi-o,  
se bem me lembra, a primeira vez, na typogra-  
phia do diario liberal *O Ypiranga*, de proprieda-  
de e redacção de meu irmão Salvador de Men-  
donça e do dr. José Maria de Andrade. Alli era  
eu revisor de provas, e empregava os ocios do es-  
tudo em aprender a arte typographica; tambem  
Luiz Gama era aprendiz de compositor, prati-  
cãnte do fôro, e collaborador da folha, onde as-  
signava com o pseudonymo *Afro*.

No anno seguinte, lembro-me delle entre os

redactores do *Radical Paulistano*, que eram Ruy Barboza, Bernardino Pamplona de Menezes, o dr. Eloy Ottoni e outros, e entre os oradores do Club Radical. Foi applaudidissima uma conferencia sua no salão Joaquim Elias, á rua Nova de S. José.

Os radicaes foram, nos nossos ultimos annos politicos, os precursores dos republicanos. A' excepção de meia duzia de estacionarios ou retrogrados, entre os quaes Silveira Martins, Silveira da Motta e Ruy Barboza, em fins de 1879 e começo de 1871, os radicaes declararam-se abertamente pela republica.

Por esse tempo, ou proximamente, fazia Luiz Gama a todo transe a propaganda abolicionista : a sua advocacia era o terror dos senhores de escravos. Sei que teve a cabeça posta a premio por fazendeiros de S. Paulo, e tempo houve em que não poderia ir da capital a Campinas sem risco de vida.

Ha 8 ou 40 annos, foi Luiz Gama á barra do jury de S. Paulo, processado por crime de injurias contra uma auctoridade judiciaria ; defendeu-se por si mesmo, brilhantemente ; teve de referir grande parte de sua vida passada ; a sala do tribunal, apinhada de assistentes, onde estava quasi toda a mocidade da Academia de Direito, a todo o momento cobria de applausos a voz do réu, a despeito da campainha do presidente ; o jury o absolveu por voto unanime, e foi Luiz levado em triumpho até á casa.

Como defensor de escravos perante o jury, foi mais de uma vez chamado á ordem pelo pre-

sidente do tribunal, por prégar francamente o direito de insurreição:—Todo escravo que mata o senhor, affirmava Luiz Gama, seja em que circumstancias fôr, mata em legitima defesa!

Em uma causa celebre no fôro de Santos, em que o advogado contrario era ninguem menos que o seu grande amigo José Bonifacio, ganhou Luiz Gama a liberdade de mais de cem escravos.

Recordo-me, como testemunha presencial, de outra solemne occasião em que o nobre vulto de Luiz Gama destacou-se a toda a luz. Estava reunido em S. Paulo, n'um palacete da rua de Miguel Carlos, em 2 de Julho de 1873, o primeiro congresso republicano da provincia, presidido pelo austero cidadão dr. Americo Braziliense.

Era uma assembléa imponente. Verificados os poderes na sessão da vespera, estavam presentes vinte e sete representantes de municipios-Agricultores, advogados, jornalistas, um engenheiro, todos os membros do congresso, moços pela maior parte, compenetrados da alta significação do mandato que cumpriam, tinham na sobriedade do discurso e na gravidade do aspecto, a circumspecção de um senado romano.

Lidas, discutidas e approvadas as bases offeridas pela *Convenção de Ytú* para a constituição do congresso, e depois de outros trabalhos, foi, por alguns representantes, submettido ao congresso, e afinal approvado, um manifesto á provincia relativamente á questão do estado servil. No manifesto, em que se attendia mais ás conveniencias politicas do partido do que á pureza de seus principios, annunciava-se que, se tal proble-

ma fosse entregue á deliberação dos republicanos, estes resolveriam que cada provincia da União Brasileira realisaria a reforma de accordo com seus interesses peculiares *mais ou menos lentamente*, conforme a maior ou menor facilidade na substituição do trabalho escravo pelo trabalho livre; e que, *em respeito aos direitos adquiridos* e para conciliar a propriedade de facto com o principio da liberdade, a reforma se faria tendo por base a indemnisação e o resgate.

Posto em discussão o manifesto, tomou a palavra Luiz Gama, representante do municipio de S. José dos Campos. Protestou contra as idéas do manifesto, contra as concessões que nelle se faziam á oppressão e ao crime; propugnava ousadamente pela abolição completa, immediata e incondicional do elemento servil.

Crescia na tribuna o vulto do orador; o gesto, a principio frouxo, alargava-se, accentuava-se, energico e inspirado; estava quebrada a calma serenidade da sessão: os representantes, quasi todos de pé, mas dominados e mudos, ouviam a palavra fogosa, vingadora e formidavel do tribuno negro. Não era já um homem, era um principio que fallava... digo mal: não era um principio, era uma paixão absoluta, era a paixão da egualdade que rugia! Alli estava na tribuna, envergonhando os timidos, verberando os prudentes, alli estava, na rude explosão da natureza primitiva, o neto d'Africa, o filho de Luiza Mahin!

A sua opinião cahiu vencida e unica; mas não houve tambem alli um coração que se não

alvorocasse de enthusiasmo pelo defensor dos escravos.

Dir-te-hei sempre, meu nobre amigo, que não estás isolado, no partido republicano, na absoluta affirmação da liberdade humana. Tambem como tu, eu proclamo que não ha condições para a reivindicação deste immortal principio, que não ha contra elle nem direitos nem factos que se respeitem. *Pereat mundus, fiat justitia!* E é ignorar essencialmente a natureza das *leis de instituição*, querer que ellas respeitem *direitos adquiridos*. Não é para Victor Hugo, nem para Castelar que appellamos : é para Savigny, o historico.

## VI

Ahi está, em meia duzia de pallidos traços, o perfil do grande homem que se chama Luiz Gama.

Filho de uma provincia que, com razão ou sem ella, não é sympathica aos brazileiros do sul; emancipador tenaz, violento, inconciliavel, n'uma provincia inundada de escravos; sem outra familia a não ser a que constituiu por si; sem outros elementos que não fossem o seu forte caracter e o seu grande talento; atirado só a todas as vicissitudes do destino, ignorante, pobre, perseguido, vendido como escravo por seu proprio pae, engeitado pelos proprios compradores de negros, Luiz Gama é hoje em S. Paulo um advogado de muito credito e um cidadão estimadissimo. E' mais do que isso : é um nome de que se ufana a democracia brazileira.

O seu passado é, como se viu, dos mais inte-

ressantes; o seu futuro, se se der em vida sua o grande momento politico desta terra, ha de lêr-se—sem a menor duvida o vaticino — nas laudas de nossa historia.

Seja como fôr, e ainda que mais não faça, é já um nome que merece um logar, na gratidão humana, entre Spartacus e John Brown.

S. Gonçalo, Minas, 21 de Agosto de 1880.

LUCIO DE MENDONÇA.

---

## Tiradentes

De ha muito que ella vive a se estorcer na terra  
Anciosa por trazer ao sol o são rebento,

A uberrima semente;

Mas falta quem lhe atire o balsamo que encerra

Além do pensamento,

A vida, a luz, o ar :—o sangue incandescente...

O' grande mocidade, ó mocidade brava !

Agarra nessa foice impavida—a Revolta

E á dura terra cava...

Que ouvireis ecoar os fortes brados quentes

Que essa grande aridez—a Tyrannia—solta

A' augusta seiva fertil do tronco—Tiradentes !

MANOEL DA ROCHA.

## A cidade de Ytú

No anno de 1651, 11º do reinado de d. João IV, 8º duque de Bragança, foi povoado o lugar em que assenta a cidade de Ytú, por Domingos Fernandes e seu genro Christovam Diniz; estes em 1653 alcançaram provisão de capella curada com o titulo de Nossa Senhora da Candelaria, e sua população constava de 444 casas.

Em 1654 foi elevada á cathegoria de villa por Gonçalo Couraça de Mesquita, e a cidade por lei provincial de 5 de Fevereiro de 1842. A população do municipio é mais ou menos de 12 mil habitantes.

A cidade de Ytú é illuminada a kerozene desde 7 de Setembro de 1864. Suas ruas principais são macdamisadas e os passeios lateraes calçados pelas lindas lages de nossas pedreiras. Os largos do Carmo, da Matriz, do Bom Jesus e S. Francisco são arborisados e neste ultimo se ostenta magestoso talvez o maior cruzeiro do imperio, feito de nossas pedras, e com tal primor d'arte, que parece um monolitho assentado sobre uma peanha octogona, que mede de altura, contando desde a base até o vertice, 8 metros; esta obra tem mais de cem annos e foi feita sob a direcção do franciscano padre Padua, auctor das bellas meditações ineditas, que se rezam nas novenas do Bom Jesus.

PRINCIPAES EDIFICIOS

A casa da camara e cadêa nos primitivos tempos era um sobrado de mesquinhas proporções, na esquina do largo do Bom Jesus, muito posteriormente aberto, onde hoje é o quintal da casa do fallecido dr. João Dias Ferraz. Estando em ruinas esta casa foi vendida a Caetano Novaes Portella, e comprado no largo da Matriz o sobrado de Pedro Gonçalves, que a camara apropriou-o para suas sessões e cadêa.

Foi ahi que a camara composta dos vereadores Joaquim de Almeida Salles, Bernardino José de Senna Motta, Joaquim Manoel Pacheco da Fonseca e Lourenço de Almeida Leite, recebeu o decreto de 13 de Novembro de 1823, acompanhado do projecto de constituição para a camara sobre elle fazer as observações que lhes parecessem justas. Para esse fim convocou homens illustrados e nomeou uma commissão de dous membros para estudar e apresentar seu parecer a tão grave assumpto. Passado mais de um mez a commissão apresentou o seu importante e extenso trabalho, assignando-o: padre João Paulo Xavier, padre José Galvão de Barros França, padre Diogo Antonio Feijó, José Rodrigues do Amaral e Mello, Candido José de Senna Motta, Fernando Dias Paes Leme, padre Manoel Ferraz de Camargo, padre Francisco Leite Ribeiro, Antonio Pacheco da Fonseca e João de Almeida Prado. Destes só existe o velho nonogenario padre José Galvão de Barros França.

As observações ao projecto de constituição

foram enviadas em officio da camara com data de 1º de Fevereiro de 1824, assignadas pelos supraditos vereadores. Muitas copias se tem pedido deste celebre documento. Por outro alvará de 17 de Março de 1823 foi concedido o titulo de fidelissima á comarca de Ytú.

Na madrugada do dia 17 de Novembro de 1847 este edificio foi devorado por um incendio. Em consequencia deste desastre a camara occupou por algum tempo o convento do Carmo e o seminario do padre Campos, e só em 4 de Março de 1860 foi que abriu sua primeira sessão na actual casa. Este edificio é de architectura vulgar, situado no largo do Carmo. Na sala das sessões existe um quadro de Pedro II e um outro que contém a poesia :

O sincero acolhimento  
Do fiel povo ytuario  
Gravado fica no peito  
De seu grato soberano.

*(Nous verrons.)*

#### MATRIZ

A primeira matriz foi erecta em 1679, aonde é hoje o largo da actual, que foi edificada pelo padre João Leite Ferraz, benemerito ytuario que empregou sua fortuna nas obras da matriz e em esmolas aos pobres. As paredes são piladas de terra de pedregulho, conduzida de um kilometro distante da então villa. As telhas foram feitas no sitio do mesmo padre João Leite, hoje do capitão.

Bento Dias de Almeida Prado, e para transportalas o padre João convidou o clero e povo, que em romarias aos domingos e dias santos fizeram a remoção de todas as telhas até o largo da matriz.

Foi inaugurada a nova matriz em 1780, sendo vigario collado o padre José do Rego Castanho.

Antes que o padre João Leite promovesse a edificação do templo, tentou transferir a povoação para o Salto nas margens do rio Tieté, a 6 kilometros de distancia da villa, onde julgava preferivel o local. Ytú era o nome dado pelos indigenas á catadupa que ahi existe, sempre visitada pelos curiosos que admiram a natureza que ahi se ostenta magestosa.

A transferencia não se realisou ; a esse projecto se oppoz Caetano Novaes Portella, rico proprietario ; houve demanda, e perdendo o padre nos tribunaes do paiz, recorreu á rainha d. Maria I, em Portugal. Não obtendo solução do recurso, era ytuario dotado de tão bom coração, que assim mesmo tratou de edificar o templo.

A egreja é bem proporcionada, as obras de talha do altar-mór e dos lateraes são de bellissimo gosto. O observador que estiver no côro e fizer abstracção das linhas lateraes, verá o altarmór em baixo do arco cruzeiro, tal é a belleza e effeito dos raios visuaes neste apurado gosto architectonico ; a romana architectura ahi ostenta sua magnificencia, já pela harmonia e elegancia de suas volutas, já pela belleza dos seus ara-

bescos. Chamava-se Guilherme o architecto e morreu em Jundiahy.

Os dourados dos tres altares principaes e as pinturas do tecto da capella-mór, são devidos ao pincel de José Patricio da Silva, natural de Santos ; os grandes quadros da capella-mór, corpo da igreja e sachristia são devidos á habilidade do padre Jesuino do Monte-Carmello ; os grandes quadros da via-sacra foram agora pintados por d. Lavinea Serda, pintora italiana ; as despezas destes foram feitas á custa do nosso actual vigario, o virtuoso padre Miguel Corrêa Pacheco, incansavel propugnador para melhorar e sempre conservar em nossa matriz as bellezas do culto catholico e verdadeiro ministro de Jesus Christo que tem feito debaixo do augusto manto de sua modestia tantos beneficios aos pobres e á sua terra natal.

Existe um organ harmonium tambem doado pelo padre Miguel, que fundou a musica parochial da matriz de Ytú, que fez doação á mesma igreja de 60 acções da companhia Ytuana para seus dividendos serem repartidos pelos membros da dita corporação musical, que existe desde 8 de Março de 1871 e da qual somos indignamente o mestre da capella. Para o sachristão tambem o vigario tomou dez acções, cujos dividendos são entregues semestralmente.

Em 1871 o padre Elias do Monte-Carmello fez construir a torre no centro do frontespicio, sendo nesse tempo restaurada toda a igreja interna e externamente. Dotou a torre de novos sinos e relógio, ciborio de ouro para o sacrario,

fornecendo as senhoras ytuanas o precioso metal que dispensavam de suas joias. Os seis lustres dos zimbórios do corpo da igreja foram doados pelo desembargador dr. Fernando Pacheco Jordão. O grande adro da frente é de pedras de lage com degráus.

#### CONVENTO DO CARMO

A mais antiga data que se encontra de actos da Ordem Terceira de Nossa Senhora do Carmo é de 1716.

Em 26 de Janeiro de 1777, deliberou a mesa que o procurador fizesse o pagamento das sete imagens para a procissão do Triumpo, que estavam encommendadas a Pedro da Cunha no Rio de Janeiro no valor de 600\$, e o transporte destas imagens do porto de Santos até Ytú foi feito em redes, cuja despeza montou á *grande somma de 15\$000!*

Nesse tempo o mestre de capella, pelos seus serviços nas musicas dos sabbados, ganhava dez mil réis!

O convento possui duas grandes fazendas, que occupam uma extensão de 48 kilometros, hoje abandonadas.

Em 1861 o procurador da Ordem Terceira, o tenente Francisco José de Andrade, edificou a torre actual, o largo de Santa Thereza, e reparou as ruinas que ameaçavam o templo.

No jazigo notam-se alguns tumulos de marmore e a sepultura do conselheiro dr. Antonio de Paula Souza; as pilastras do portão das grades

de ferro, que são dous monolithos de lage de 4 metros de altura, e o adro de toda a igreja que mede 51 metros de extensão com 8 de largura.

SEMINARIO DO PADRE CAMPOS

O finado padre José de Campos Lara, piedoso e sabio ytuano, membro da Companhia de Jesus, formou uma chacara nos arrabaldes de Ytú, a qual legou para estabelecimento de educação de meninos pobres, constando de um sobrado apropriado ao fim, com uma capella anexa sob a invocação de Nossa Senhora da Boa-Morte.

O irmão Joaquim Francisco do Livramento, celebre pelos seminarios que fundou em diversas provincias, estabeleceu o primeiro em 1822, aproveitando essa propriedade, segundo a intenção do doador, que falleceu em 1816.

O irmão Joaquim, vendo regularizado o seminario, entregou a direcção ao padre Manoel da Silveira, e retirou-se para S. Paulo em 1823 aonde fundou o seminario de Sant'Anna.

O seminario do padre Campos (ficou assim chamado) prosperou por muitos annos, e deixou de existir quando o governo provincial negou a subvenção que lhe dava.

O padre Campos em seu testamento declarou ter passado escriptura de doação da dita chacara ao irmão Joaquim, e no caso de não existir o seminario passaria a mesma e seu estabelecimento ao seu afilhado padre José Galvão de Barros França. Realizada a hypothese, o herdei-

ro fez valer seu direito. Neste tempo o padre Miguel Corrêa Pacheco, tendo sempre a idéa de fundar um collegio para meninos, além do que já tinha para meninas, consultou aos seus parentes e amigos mais illustrados sobre a realisação de tal projecto; então acertaram que o padre Miguel escolhesse para professores os padres jezuitas, sobre cuja direcção ficasse o collegio.

Assim se fez, e o padre Miguel mandou convidar ao geral dos jezuitas no Brazil para tal fim, gastando com o transporte dos padres e outras despezas necessarias para o estabelecimento 12 contos de réis, e o padre José Galvão fez doação da chacara do padre Campos aos padres jezuitas, que edificaram com todas as regras da hygiene acomodações para um collegio, onde hoje estão 229 alumnos.

#### SANTA CASA DE MISERICORDIA

Fallecendo em 1838 o capitão Caetano Novaes Portella, legou em testamento dous contos de réis para a fundação de uma casa de misericórdia em Ytú; e se em dous annos não se dêsse começo á edificação, o legado passaria á Santa Casa de Misericórdia de Santos. Ao findar-se o prazo o padre Antonio Joaquim de Mello (depois bispo de S. Paulo), padre Elias e Joaquim Manoel Pacheco da Fonseca promoveram uma subscrição que elevou-se a mais de seis contos de réis. Nesta occasião estavam ausentes os irmãos major Antonio Paes de Barros (barão de Piracicaba) e capitão-mór Bento Paes de Barros (barão de Ytú)

mas quando regressaram foi-lhes apresentada a subscrição, e assignaram quantias avultadas.

Creada a irmandade a 15 de Março de 1840, elegeram provedor ao barão de Ytú, que foi re-eleito até sua morte.

O edificio tem 56 metros de frente, com a capella de S. João de Deus no centro, bella imagem de uma perfeição rara, mandada vir de Genova pelo respeitavel capellão da Misericordia frei Bartholomeu Marques, que occupa logar immediato ao barão de Ytú como bemfeitor e zelador da Santa Casa.

Na capella repousam os restos mortaes do exm. barão de Ytú, morto a 9 de Fevereiro de 1858, o qual tal dedicação votava á Santa Casa que chamava-a—minha filha!—e assim foi, deixando em testamento quanto de legitima tivessem seus filhos.

Estando sempre em andamento as obras do hospital, a 16 de Janeiro de 1867 solemnizou-se com toda a pompa a sua abertura.

O patrimonio da casa dava um juro de 225\$ por mez, quantia muito insignificante para um hospital que tem mais de 26 doentes pobres por dia. Hoje deve ser maior o rendimento dos juros porque o exm. barão de Piracicaba tambem deixou em seu testamento 40 acções da companhia Ytuana para a Misericordia de Ytú.

Citaremos aqui alguns trechos do relatorio que o fallecido dr. João Dias Ferraz da Luz, medico da Santa Casa, redigio como membro da commissão externa da camara municipal:

«A Santa Casa de Misericordia, o mais authen-

tico e expressivo documento em favor da illustração e philantropia desta cidade, funciona á cerca de dous annos, tendo já prestado immensos serviços a mais de duzentos enfermos que alli encontram excellente tratamento a par de todos os soccorros espirituaes.»

Mostrando a necessidade de augmentar-se o pessoal do serviço, diz :

«Todo o trabalho peza sobre as irmãs de S. José, sobre esses anjos de candura e de paciencia, sobre essas heroínas da caridade e abnegação, que com zelo infatigavel e com uma dedicação sem limites, não recuam diante de serviço algum, ainda mesmo daquelles que nossos servos e escravos não fariam sem repugnancia ; ao excesso de trabalho, uma dellas, que era regente, por tal modo comprometteu a sua saude, que difficilmente conseguirá restabelecer-se.»

Refere-se este facto porque ainda ha pessoas que odeiam estas virtuosas irmãs.

#### HOSPICIO DE NOSSA SENHORA DAS MERCÊS

Esta casa de educandas foi fundada em 1824 pelo padre Elias do Monte-Carmello, destinada para o abrigo e instrucção de meninas desvalidas. A primeira regente chamava-se Maria Thezeza, irmã do fundador. O primeiro capellão padre Joaquim Feliciano da Costa.

O fallecido Henrique José de Araujo, rico negociante da praça do Rio de Janeiro, concorreu com muitos donativos para esta casa. Hoje tem para mais de 30 moças que recebem educação

sob a direcção de d. Anna da Conceição, e o edificio tem uma nova e elegante capella.

HOSPICIO DA TERRA SANTA E CAPELLA DO SANTO  
SEPULCHRO

Esta casa foi fundada por frei Bartholomeu Marques ha mais de 20 annos; tem uma capella annexa onde está a sepultura do seu fundador, o virtuoso missionario frei Bartholomeu, que por mais de 24 annos evangelisou nesta cidade.

EGREJA DE NOSSA SENHORA DO PATROCINIO

Jesuino Francisco de Paula Gusmão, era natural de Santos, nasceu a 26 de Março de 1764; pintor de profissão veio em companhia de um carmelita para pintar a igreja do convento do Carmo. Suas affaveis maneiras e exemplar conducta logo a todos captivaram. Casou-se em 1784 com d. Maria Francisca de Godoy e teve cinco filhos, dos quaes cresceram quatro: Maria Thereza, Elias, Elizeu e Simão.

Apenas viuvo, dirigiu-se á capital para estudar e receber as ordens sacras, e em 1798 celebrou a primeira missa no dia 16 de Julho, festa de Nossa Senhora do Carmo; desde então começou a assignar-se padre Jesuino do Monte-Carmello.

O padre Manoel Ferraz de Camargo, fazendeiro abastado, fez doação ao padre Jesuino do engenho do Tanque, todos os escravos e mais um terreno, onde hoje está a igreja de Nossa Senhora

do Patrocínio, feita com o producto da venda dos escravos e fazenda doada.

Ao mesmo tempo que o padre Jesuino dirigia os trabalhos da igreja, compunha as musicas para as festas que havia de celebrar. Hoje seriam muito apreciadas essas musicas se um descuido inqualificavel não fosse a causa de desaparecerem.

O padre Jesuino não teve o prazer de vêr realiado o objecto do seu amor e dedicação : a inauguração do templo. Morreu a 2 de Janeiro de 1819. Contava 53 annos !

A seu respeito disse o padre Diogo na oração funebre (que recitou dous annos depois da morte do padre Jesuino, quando fizeram a trasladação de seus ossos do jazigo do Carmo para a igreja do Patrocínio) : «Elle tem sido o credito de sua patria, a honra da provincia, a gloria e as delicias dos ytuanos.»

O padre Simões Stok, seu quinto filho, foi quem realisou a inauguração em Novembro de 1820. O exm. bispo d. Antonio Joaquim de Mello, aproveitando a igreja e coadjuvado pelo nosso estimavel e virtuoso padre Miguel Corrêa, que deu dez contos de réis, fundou o actual collegio de S. José em 13 de Novembro de 1839.

Este importante estabelecimento de instrucção e caridade é dirigido pelas irmãs de S. José de Chambery. Tem 200 alumnas pensionistas, 44 orphãs e 462 externas, que ensinam em uma casa immediata ao collegio.

As orphãs, além da instrucção, vestuario e medico, que têm á custa do collegio, ainda po-

dem formar peculio do seu trabalho. As externas recebem calçado, vestuario e alimentação durante as horas da escola, quando seus paes sejam tão pobres que não o possam dar; e assim as meninas não perdem a frequencia das aulas.

#### EGREJA DO BOM JESUS

Em 1653 a 54 foi levantada uma capellinha ao Senhor Bom Jesus; e em 1763 o vigario da vara, dr. Manoel da Costa Araujo, edificou a igreja actual, inclusivè o sobrado adjacente destinado ao capellão.

Esta igreja está hoje inteiramente nova, devido ao zelo e dedicação do seu actual capellão o padre Bartholomeu Thady, que fazendo leilões e subscrições pôde refazer as ruinas causadas pelas chuvas torrencias e aformosear o templo alargando o arco cruzeiro, fazendo quatro arcos magestosos dos lados, mudando os altares lateraes, e dando assim uma nova vista e commodidade ao povo.

A festa do Senhor Bom Jesus, que celebra-se todos os annos com muita pompa no dia 1º de Janeiro, data desde a fundação da primeira capella, conforme consta dos livros muito velhos da mesma igreja.

O largo foi arborizado por Tristão de Abreu Rangel em 1842 com casoarinas, arvores gigantes, que foram derribadas ha 3 annos por ordem da camara municipal. Mas os moradores do largo logo requereram licença para nova arborisação, e todos quotisando-se foram plantadas

novas arvores pelo afilhado do fallecido Tristão Rangel, que traz o mesmo nome do padrinho.

As arvores actualmente estão bem crescidas, e logo será o largo do Bom Jesus um dos bellos passeios da cidade.

#### HOSPITAL DOS LAZAROS

Este hospital está proximo á officina da companhia Ytuana; foi fundado pelo benemerito padre Antonio Pacheco e Silva em 1806. A casa é espaçosa, com bons compartimentos para enfermos. Em frente está a ermida com a invocação do Senhor do Horto.

O patrimonio que deixou o illustre fundador a este asylo dos desgraçados, não é sufficiente, por isso annualmente se consigna uma quota a seu favor no orçamento provincial.

O padre Antonio Pacheco empregou o seu tempo e fortuna na fundação do hospital, sendo elle mesmo o primeiro capellão, e doando para patrimonio uma estalagem e pastos annexos.

Hoje é capellão e voluntario zelador desses infelizes o padre Bento Dias Pacheco, verdadeiro apostolo da caridade.

Depois que o padre Antonio Pacheco regulou tudo para o hospital, pensou em trazer agua potavel para a cidade, por cuja falta muito soffre hoje a salubridade publica, e difficilmente a camara conseguirá abastecer a cidade, porque não mais encontrará outro padre Antonio Pacheco.

Contra todas as manifestações oppostas de almas egoistas, encetou os trabalhos de encana-

mento por elle mesmo dirigidos, e conseguiu que as aguas corressem pelo largo do Carmo e rua Direita abaixo.

Resolvida a primeira difficuldade, tratou de erigir o primeiro chafariz no largo do Carmo, e ainda não estavam inteiramente concluidas estas obras, quando foram interrompidas, porque o seu director o padre Antonio Pacheco cahiu doente e suas forças exauridas nesse trabalho de sol e chuva, com mais de 70 annos, não se restabeleceram e morreu em 1820.

Fatal egoismo dos homens! Nem ao menos souberam aproveitar o que estava feito!... Tudo se abandonou, até o chafariz, que era um testemunho tacito desse inqualificavel procedimento, um dia amanheceu arrazado! E' bem desagradavel esta referencia, mas é facto historico.

O hospital ahi está para transmittir á posteridade o nome desse illustre e benemerito ytuano.

#### CAPELLA DE SANTA RITA

Em 1726, Mathias de Mello Rego, obteve provisão do bispo do Rio de Janeiro, d. frei Antonio de Guadalupe, para com outros devotos erigirem uma capella a Santa Rita nos arrabaldes de Ytú.

Em 1728 foi inaugurada a pequena capella, da qual hoje é zelador o velho e prestante ytuano Joaquim Januario do Monte Carmello, pae de uma familia de habéis e considerados artistas.

#### CONVENTO DE S. LUIZ

Não ha memoria da fundação deste conven-

to dos frades franciscanos ; porém a architectura do velho edificio denota ser de uma remota era. Sómente temos a data de 1696, quando já celebrava-se a missa na capella de S. Luiz, e a povoação contava 45 annos.

Nas visinhanças deste convento, até o largo do Bom Jesus, foram achadas algumas urnas funerarias dos indigenas, todas de argilla.

A Ordem Terceira de S. Francisco data de 1697 ; possuia uma capella que communicava por um arco com a de S. Luiz.

Em 1793 cuidou a ordem na edificação da actual egreja ; em 1856 o procurador tenente Francisco José de Andrade, sob sua direcção, deu principio ao forro do corpo da egreja. O jazigo foi delineado pelo dr. Antonio de Aguiar Barros em 1861. O retabulo é trabalho do entalhador Bernardino de Senna Reis e Almeida. Neste cemiterio está o tumulo com os ossos do grande senador Francisco de Paula Souza e Mello.

Ao cuidado do tenente Luciano Francisco de Lima se deve o quadramento do largo, arborisação e abertura da rua de S. Francisco.

E' capellão ha 8 annos o digno coadjutor da parochia padre Luciano Francisco Pacheco, que com zelo e dedicação muitos melhoramentos tem feito a bem da Ordem Terceira de S. Francisco em Ytú. Tirou subscrições e comprou um excellente organ harmonium, sinos, fez levantar duas columnas para sustentaculo do côro, grades de ferro, convidou devotos que se prestam gratuitamente na musica das missas da ordem e de São Benedicto, fez levantar no cemiterio nova cruz de

madeira com peanhas de pedras, tem regulado o culto divino com a maior pompa possível e conseguido a frequência dos irmãos.

#### ESCOLAS

Ha em Ytú seis escolas publicas, sendo tres do sexo masculino, duas do feminino (estas de primeiras lettras) e uma de latim e francez no collegio Joaquim Mariano, onde tambem se ensina a muitos pobres gratuitamente as primeiras lettras, grammatica portugueza, doutrina christã, arithmetica, geometria e musica. Ha mais tres escolas particulares uma para meninos e duas para meninas.

O Instituto do Novo Mundo, foi fundado pelo dr. José Carlos Rodrigues ha seis annos no convento do Carmo, onde tambem se ensina primeiras lettras, calligraphia, grammatica portugueza, francez, latim, geographia e mathematicas. Neste estabelecimento está tambem uma typographia pertencente a uma associação, que se presta a varios impressos, onde alguns jovens se exercitam na arte typographica e se imprime a *Imprensa Ytuana*, jornal de pequeno formato.

Comprehendendo os alumnos do collegio de S. Luiz, S. José, Joaquim Mariano, as aulas publicas e particulares, ensina-se em Ytú a mais de 800 creanças.

#### THEATRO

E' uma casa de proporções bem regulares

para a população de Ytú. Pertence a uma associação particular.

#### FABRICA DE TECIDOS GROSSOS

Esta fabrica pertence á firma social de Anhaia & Mendes, movida a vapor, com 32 tearas, onde estão empregados 60 trabalhadores, que tecem por dia de 1,500 a 2,000 metros de panno de algodão. Esta casa é um asylo onde muitas moças pobres se abrigam e vivem honestamente do seu trabalho.

Nas proximidades desta tambem está assentada, no convento de S. Luiz, uma machina de descascar arroz pertencente ao tenente-coronel José Feliciano Mendes.

#### AS PEDREIRAS DE YTU'

Ha tres chacaras a poucos kilometros da cidade, onde presentemente seus donos têm as pedreiras: a do dr. José Elias Pacheco Jordão, a do sr. Miguel de Azevedo e Souza e a do sr. Antonio Augusto Corrêa, sendo esta ultima a que offerece uma superficie mais plana em suas lagas que não tem ondulações, e que ha rendido a seu dono 1:200\$ por mez, por causa da facilidade do transporte que hoje offerecem as estradas de ferro; esta pedreira, talvez por ser a que tem uma estrada mais franca, ha sido visitada por muitos amantes e apreciadores desta curiosidade, e entre elles homens illustrados como o capitão Bourton, dr. Capanema, João Tebyriçá, frei

Germano d'Annecy e outros que nos falha a memoria.

A maneira porque estão dispostas as camadas destas lages affigura-se uma grande livraria em posição toda horisontal.

Sem sermos auctoridade e como ainda não vimos nenhum escripto sobre a hypothese da formação e origem destas pedras, julgamos que em épocas prehistoricas, conforme varios indicios aqui na provincia, existiu por estas immediações um volcão que em suas periodicas erupções lançava grande quantidade de cinzas sobre o oceano atlantico que alagava todo o continente americano, do qual só apparecia o cume das mais altas montanhas que formavam diversas e agrupadas ilhas; estas cinzas assim depositadas como sedimento das aguas em periodicas camadas, como provam diversos corpos estranhos encravados n'algumas pedras, formaram esta pedreira que agora admiramos.

Parece que á medida que o volcão ia extinguindo-se, as camadas tornavam-se mais finas, pois as inferiores, exploradas e conhecidas, têm uma grossura de 50 a 60 centímetros, como pôde verificar-se nos dous monolithos das pilstras do portão do jardim do Carmo e as mais finas que são muito procuradas para ladrilhar terreiros de café, regulam 6 centímetros.

Perguntamos agora: para onde foram as aguas do atlantico? Foram pelo estreito de Gibraltar, aberto por um terremoto ou outra qualquer causa, formar o mar Mediterraneo que não

havia, conforme dizem Deodoro e Strabão da Sicilia, historiadores antiquissimos.

Assim as aguas do oceano recuadas deviam influir muito na existencia do volcão e na solidez das lages, deixando seus vestigios em produções maritimas, que encontramos na fazenda do nosso amigo, de saudosa lembrança, Luiz de Mesquita Barros, em estado fossil: eram conchas petrificadas. Esta fazenda dista talvez 10 kilometros na mesma direcção das pedreiras.

Desejamos muito que o sr. João Tebyriçá, illustre patricio nosso e naturalista, faça uma descripção sobre esta curiosidade de nossa terra; e o provocarmo-lo á discussão sobre assumptos scientificos, sempre será motivo de satisfação e interesse geral para nosso paiz.

#### LAVOURA

A lavoura do municipio de Ytú é a canna de assucar, agoardente, cereaes e café, cuja plantação já excede a um milhão de pés.

#### POVOAÇÃO DO SALTO

Distante uns 6 kilometros está a florescente povoação do Salto nas margens do rio Tieté que, a julgar pelo presente, será logo uma pequena Manchester.

Tem ella uma decente capella em frente á maior cascata do rio Tieté. Já existem duas fabricas de tecidos grossos de algodão: uma do alferes José Galvão e outra do cidadão inglez

o sr. Arthur D. Sterry, e dous terrenos mais comprados para edificação de machinas, sendo um do dr. Francisco Fernandes de Barros Junior, cujas obras já estão em andamento e outro do sr. Fox, que dizem ser para fabrica de estamparias.

---

O povo ytmano é essencialmente religioso desde seus principios; amante da instrucção, tanto que tem sempre filhos seus estudando na Europa, nas academias do imperio e na escola militar.

Ytú é patria do grande senador Francisco de Paula Souza e Mello, do bispo d. Antonio Joaquim de Mello, do conselheiro dr. Antonio de Paula Souza, do naturalista João Tebyriçá Piratininga e de muitos artistas que se distinguem: na musica Miguel Archanjo da Silva Dutra, musico e pintor que morreu em Piracicaba, Elias Lobo e José Mariano presentemente; na pintura José Ferraz de Almeida Junior que está aperfeiçoando-se na academia de bellas artes em Pariz á custa de d. Pedro II, e tem merecido applausos e distincções do grande professor Cabanel e do critico Albert Volff, muito conceituado em seus severos juizos, sobre dous grandes quadros de José Ferraz—*O remorso de Judas* e *o Derrubador brasileiro em repouso*.

O povo ytmano ainda ha anno e meio mostrou que por suas veias corre o velho sangue dos paulistas. (Referimo-nos á terrivel hecatombe da familia do dr. João Dias Ferraz da Luz.)

Era o dia 8 de Fevereiro de 1879 quando pelas 6 horas da manhã o sanhudo Nazario, tigre sedento, assassinou o dr. João Dias, duas filhas, uma pobre velha que fazia companhia ás moças e deixou moribunda uma escrava, e com o maior cynismo foi se entregar á prisão !...

O dr. João Dias e sua familia eram mineiros, não eram ytuanos, mas a caridade desse medico, a sizudez de seu character e bondade de coração captivaram o povo ytuaño, que não esperando mais um prompto castigo confirmado pelo poder moderador, por suas proprias mãos arrastou o cadaver do malvado e sanguinario Nazario pelas ruas da cidade, dando vivas á justiça do povo ! Pois quando um monarcha esquece seu dever o povo é o verdadeiro soberano. Sim, o povo ytuaño que deu exemplo do quanto póde fazer a bem da liberdade e segurança de suas familias, o povo que legislou por suas proprias mãos, não espera mais nada desse hypocrita philanthropo, zombador de nossa cara patria.

---

Terminando esta succinta noticia sobre a fundação de Ytú, seus edificios, etc., etc., não podemos deixar em silencio o nome do prestimoso ytuaño Joaquim Leme de Oliveira Cesar, autor das *Notas historicas de Ytú*, d'onde extrahimos a maior parte das datas e noticias curiosas. Joaquim Leme, soffrendo na velhice de um amolecimento cerebral, foi mandado para o hospicio de alienados da capital e ahi morreu ha dous an-

nos; e (cousa admiravel!) nos ultimos momentos de sua vida voltou-lhe a razão, e nesse momento lucido reconheceu o lugar onde estava, e qual cysne da Australia, dizendo ainda algumas palavras em lembrança de sua terra, deixou entrever em seus labios um sorriso de desprezo por este mundo enganador, e nessa hora derradeira só teve a seu lado o ministro de Jesus Christo para cerrar-lhe as palpebras.

*Militia est vita hominis  
Sic transeat gloria mundi !*

Ytú, 15 de Julho de 1880.

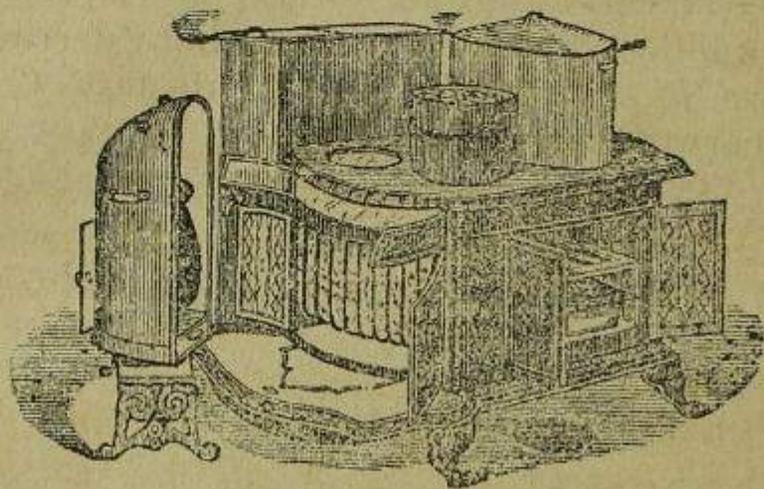
TRISTÃO MARIANO DA COSTA.

---

O imposto provincial de transito, arrecadado durante o ultimo exercicio, importou em 834 contos de réis, segundo o calculo do thesouro; e as estradas de ferro da provincia tiveram de transporte de mercadorias cerca de 8,340 contos de réis, durante o anno que findou a 30 de Junho passado.

# FOGÃO AMERICANO

## «Uncle Sam»



Premiado em tres exposições universaes

PHILADELPHIA em 1876 ; PARIZ em 1878 ;  
e este anno na capital da AUSTRALIA, por ser  
o melhor fogão que até hoje se tem conhe-  
cido.

No Brazil já estão bastante conhecidos e  
nesta capital contam-se cerca de DUZENTOS  
destes magníficos fogões funcionando.

Deposito geral em S. Paulo

**52 A RUA DA IMPERATRIZ 52 A**

FREDERICO A. UPTON.

## Os caçadores

### I

Descendo o largo rio na rapida canôa  
Os caçadores vão ;  
Já nos campos d'além, no morro e no varjão,  
Aqui, alli ao tom do vento forasteiro,  
Sonóro já resôa  
O côro festival das tréfgas matilhas  
Nas tortuosas trilhas  
Do impavido *galheiro*.

.....

### II

Do rio naquella volta as aguas vão serenas  
E placidas correndo ;  
Apenas se alevanta um murmurinho, apenas,  
Além naquelle tronco annoso que pendendo  
Da alpestre riba esconde a velha fronte curva  
Do liquido Sendal na profundez mais turva.  
Sorri calma e tranquillã  
A natureza alli ; e etherea e doce e flébil  
Soluça a viração nas escarpadas fraguas :  
Da matta a sombra densa estende-se nas aguas  
Em cuja superficie agora não scintilla  
Do sol um raio debil.

E a margem acostada  
A canôa no escuro evita a correnteza  
Daquelle vasto mar ;  
E então com mais furor naquella redondeza  
Retumba da caçada  
O estrepido sem par.

E no umbroso agazalho  
Onde ella assim está das vistas encoberta,  
Elles fitam d'além o ignorado atalho  
Por onde da matilha a prêa se liberta  
E lança-se no rio atraz de salvamento,  
(Oh desditosa sorte !)  
Para de novo achar no perfido elemento  
A angustiosa morte !

III

Nas aguas, de repente,  
Retumba de uma quêda o estrondo sonoro,  
E no meio do rio, soberbo e vigoroso  
Lá se vae o animal nadando altivamente.

Esplendida alegria invade os caçadores  
E um *hurrah* colossal troveja n'amplidão !  
A presa foge em vão,  
Em vão mil voltas faz nos impetos do aneio !  
Daquelle esquife esguio os fortes remadores  
N'um rapido meneio  
Já tiram-lhe de todo a extrema salvação !  
Os cães se atiram n'agua e o impavido animal  
Em breve já se vê cercado de inimigos  
Que apertam mais e mais o circulo fatal  
Dos lubricos perigos !

Então na lucta atroz da vida contra a morte,  
Terrível, pavoroso investe sobre a prôa  
Da rábida canôa  
Com toda intrepidez de um ultimo transporte.

Bem pouco dura a lucta  
A lucta derradeira, a lucta sem igual !  
Pelos chifres seguro o misero já nuta  
Naquelle transe atroz,  
E geme, e já descahe, e anima-se e depois...  
—Os barbaros sorrindo affogam-n'o afinal !...

Entre-Rios (S. Paulo), 1880.

H. DE CAMARGO.

---

A philosophia positiva é um monte elevado  
d'onde se descobre todo o paiz percorrido, os ac-  
cidentes do terreno, a direcção dos caminhos e o  
curso das correntes de agua.

E. LITTRÉ.

---

A illuminação publica da capital consta ac-  
tualmente de 794 lampeões.

A despeza realisada com este serviço de 1º de  
Janeiro a 30 de Novembro de 1879 montou a  
98:134\$102.

## Um jesuita sem azas

A expulsão dos jesuitas em França deu lugar á publicação dos mais extraordinarios contos e anedotas ácerca dos filhos de Loyola. Uma das anedotas mais engraçadas é por certo a seguinte :

Augusto II, eleitor de Saxe, rei da Polonia e filho de Augusto I, era ainda principe de Saxe quando fez uma viagem a Vienna, estreitando nessa occasião a mais profunda amizade com o archiduque, depois imperador, sob o nome de José I.

Eram ambos grandes caçadores e muito apaixonados pelos exercicios corporaes, em que eram abalisados. Esta conformidade de gostos tornára-os inseparaveis e raras vezes eram vistos um sem outro.

Ha muito que viviam nesta intimidade, quando o principe de Saxe inesperadamente observou um resfriamento sensivel nas maneiras do archiduque. Este, obrigado a explicar o seu procedimento, resistiu muito tempo, mas fez-lhe as seguintes declarações :

—E' o céu, disse elle, que manda que nos separemos, e a causa, sem duvida, é a religião que professaes (a familia reinante de Saxe não tinha ainda abraçado a religião catholica). Como quer que seja, ha umas poucas de noutes que recebo ordem de me separar de vós ; essa ordem trans-

mitte-m'a um anjo. Acreditei longo tempo que seria erro dos meus sentidos, ou que era effeito de um sonho, mas já não me resta duvida de que é a vontade do céu que assim se manifesta. Prolongar esta resistencia seria falta de fé e um acto de revolta.

—Eu respeito essa ordem tanto como vós— disse Augusto II, e submisso me curvo a ella, mas quero que me concedaes um favor.

—O que ?

—E' que me deixeis ouvir com os meus proprios ouvidos a sentença que parte os laços da nossa amizade. Permitti que eu fique esta noute no vosso quarto, sem que ninguem do palacio o saiba.

O archiduque consentiu e ao anoutecer o principe agachou-se a um canto do quarto. Pelo meio da noute a visão appareceu e renovou a ordem.

O principe de Saxe, sahindo precipitadamente do esconderijo, agarrou com uma mão o mensageiro celeste, com a outra abriu a janella, e lançando-o ao ar com o seu braço vigoroso, disse-lhe :

—Se és anjo, has de vôar !

No dia seguinte jazia morto um jesuita debaixo das janellas do palacio.

---

A provincia de S. Paulo divide-se em 47 cidades, 56 villas e 57 freguezias.

## **Fôro Ecclesiastico**

No escriptorio da redacção do MONITOR CATHOLICO, á rua da Esperança n. 15, tiram-se provisões de vigarios, dispensas de casamento (na secretaria ecclesiastica e na internunciatura apostolica,) requer-se e promove-se pagamento de congruas, trata-se de acções de divoreio e de todos os negocios affectos ao fôro ecclesiastico.

Cartas a ESTEVAM LEÃO BOURROUL.

**S. PAULO**

---

## **FREI CAETANO DE MESSINA**

ESTUDO HISTORICO-RELIGIOSO

POR

**Estevam Leão Bourroul**

DIRECTOR DO

**MONITOR CATHOLICO**

1 vol. in-8 de XXI-138 paginas, com retrato e «fac-simile» do moderno apostolo do Brazil, e introduccão do sr. dr. Antonio Manoel dos Reis. Brochado 3\$; encadernado 4\$000.

Remette-se pelo correio a quem enviar o importe do registro e sello.

A' venda á rua da Esperança n. 15, (escriptorio).

**S. PAULO**

## Beijo de mãe

Quando meu peito continha  
Um coração innocente,  
No regaço providente  
De minha mãe repousei  
Ella então mal respirando  
Beijou-me, e eu acordei !

Depois—no peito bateu-me  
Meu coração violento ;  
Commovida, sem alento  
Óutra mulher me beijou :  
Esse férvido contacto  
Q'eternidade sellou !

Agora—tenho saudades  
A meu berço, entre mil ais,  
Lembro os risos maternas,  
E aquelle affago innocente,  
Porque em labios de mulher  
Só beijo de mãe não mente !

PAULO EIRÓ.

---

## DISCURSO

PROFERIDO NO SARÁU LITTERARIO, QUE EM COMMEMORAÇÃO  
DO TRICENTENARIO DE LUIZ DE CAMÕES, PROMOVEU  
O CLUB GYMNASICO PORTUGUEZ DE S. PAULO  
A 10 DE JUNHO DE 1880.

O DR. BRAZILIO MACHADO:—Senhores, ao abrir-se o cyclo portentoso dos tempos modernos, nas extremas da Europa, como gigantes que subito, aos abalos convulsivos de uma força estranha, surgissem nas planuras, dous povos, desdobrando insignias distinctas, um em nome da civilisação, outro em nome do exterminio, erguiam-se, pólos supremos da vida e da morte, da treva e da luz, do sol e da neve, combatendo-se sem que o pensassem, e vencendo, sem que o soubessem.

No oriente, purpureava um clarão sanguineo, em vez dos esplendores de uma aurora eterna que deveria chover scintillações sobre o berço da humanidade.

No oriente... esse clarão, longe de prenunciar o sol fecundo que activa as germinações da vida nas montanhas e no homem, na flôr e no oceano, era o rebate lugubre do apparecimento de um astro cuja claridade melancholica, infunde tristezas, redobra o pallor dos mortos, realça

a brancura dos tumulos, na álea sombria dos cy-  
prestes. (*Muito bem.*)

Das luctas medivaes se desprendêra ; e então  
mais temeroso do que nunca, por sobre os hori-  
sontes, desenhou-se o crescente do islamismo.

Porque surgira ?

A Europa fôra assanhar o tigre nos fojos da  
Palestina, e dera-lhe a beber o sangue que redo-  
brava-lhe a sêde.

Mal ferido sacudiu o dorso ; e quando talvez  
menos se apercebesse a Europa, aquella pata  
sanguinolenta, sinete do exterminio, abateu-se  
sobre as cupolas de Bizancio, sellando a carta de  
uma escravidão de quasi quinhentos annos. (*Mui-  
to bem.*)

No occidente, porém, eram bem outras as  
scenas do assombroso quadro.

Portugal, essa nação pequenina que a Hes-  
panha comprime, mas que o oceano alarga (*muito  
bem*) ; essa nova Grecia dos argonautas da gloria ;  
esse mesquinho atomo de terra que na historia  
ganhou as proporções esculpturaes de uma mon-  
tanha (*muito bem*), Portugal em face das ondas,  
em cujos términos só pôde a mão do genio rasgar  
as sombras do desconhecido, sentia delinear-se,  
abrir, crescer a rota luminosa de seus descubi-  
mentos que longe levaria a fama de seu nome, o  
nome de seus heróes, os heróes de sua immorta-  
lidade, a immortalidade de seu patriotismo. (*Ap-  
plausos geraes.*)

Antithese de prodigios !

A mão devastadora de Mahomet levantava no

oriente uma muralha de tumulos, superpondo cadaveres sobre cadaveres.

E a Europa... recuou!

A prôa das náus portuguezas rasgava os muros de ondas que o oceano levantava, superpondo descobrimentos sobre descobrimentos.

E a Europa... avançou. (*Applausos.*)

O turco tentava cerrar as portas do oriente... á civilisação que caminha; e em torno, cavando largos fôssos, alagou-os de sangue. (*Muito bem.*)

O portuguez—sobre a vaga rasga o caminho do oriente á civilisação que douda o acompanhára; e quasi até o infinito, abriu os sulcos das descobertas, e alagou-os de luz. (*Muito bem.*)

Um sobre o Caucaso soergue o crescente, symbolo immovel da solidão e da morte.

Outro, ao lado da cruz, prende á corôa de neve do Hymalaia, o rutilante sol do movimento e da vida. (*Muito bem.*)

O Bosphoro rola sangue... são cadaveres as náus que rompem suas aguas!

O Amazonas rola vagas de scintillações: são as quinas que sulcam suas ondas. (*Muito bem.*)

A basilica desaba aos golpes profundos do alfange dos ottomanos, e d'entre suas ruinas ergue-se a mesquita, que os minaretes erriçam.

Mas além... os pagodes da India sentem que um novo Deus invade triumphante o recesso de seus mysterios... quasi que secca-se a fonte do Ganges, que afoga, e rebenta o nascedouro do Jordão, que baptisa. (*Muito bem.*)

Ainda além.. na America... a floresta trava a ramagem de suas frondes, e a cupola se encur-

va; o vento balança os corymbos da liana, e os thuribulos fumegam: as aves soltam harmonias na espessura, e a lyra de David rompe em accordes divinos... e de pé, tranquillo, o olhar mergulhado nos esplendores do infinito, e os pés enredados nas serpentes do espinheiro, o missionario planta na floresta mais uma arvore,—a cruz! (*Applausos.*)

-----

E tudo isso fizeram portuguezes.

Mas quem pudera memorar a trabalhosa jornada desse punhado de homens, que arrojavam-se no desconhecido, abrindo o caminho da immortalidade?

Quanto combate travado! quantas provações soffridas!... quanta miseria e quanta morte?!

Em terra a traição da calumnia, a guerra, o exterminio: no mar a onda e o cyclone: no horisonte o naufragio nas azas da tempestade, a tempestade nas azas do desconhecido! (*Muito bem.*)

Mas quando na linha vaga do horisonte, como a luz branca das alvoradas, uma mancha apparecia, alargava-se, desprendia-se do céu, fluctuava sobre o mar, corporisava-se, estendia-se, e o grito salvador de—*terra! terra!*—vibrava entre os rumores do oceano; quando ainda mal desperto, o olhar do marinheiro, cansado de interrogar o infinito, de divagar sombrio sobre o fluctuante dorso de Neptuno, fitava-se emfim no abrigo do suspirado porto: quando aquellas almas

alvoroadas, entre as visões do patriotismo e da saudade, encontravam no tombadilho as dulcíssimas imagens da patria e da familia... (*muito bem*) que commoções de alegria immensa não lhes premavam os peitos! que recompensa não apagava a memoria mesmo dos infortunios! e que sublimada corôa não era aquella para depôr aos pés da patria estremecida! (*Muito bem.*)

As costas africanas, devassadas; a Madeira em fogo, ateando o gigantesco pharol de um incendio, como que para alumiar a rota das descobertas; o cabo das Tormentas, esse adamastor, sphinge plantada nos términos do mundo, duas vezes investido, mas uma vez e para sempre dobrado; essa longa derrota do Gama até a India; a conquista, a lucta, a gloria do triumpho; essas mil batalhas feridas sobre as ondas, ou nas escadadas em terra; a immortalidade emfim... tudo fazia daquelle Portugal a mãe fecundissima de mil heróes; daquelle nesga de terra um continente de luz, no universo da historia. (*Applausos.*)

Atrevido bandeirante, da espada e da idéa, cada marinheiro era um patriota, cada patriota um descobridor; e cada descobridor alargava os dominios de sua patria; recuava os limites do mundo; estendia a rede do commercio; abria novas arterias á circulação do pensamento humano (*muito bem*); dava mundos ao mundo, e homens á humanidade... (*muito bem*) preparando assim a confraternisação dos povos, éras de aspiração suprema em que as fronteiras de todas as patrias cahirão ás plantas da humanidade! (*Applausos geraes.*)

No emtanto toda a gloria, como o sol, tem seus cyclos de obscurecimento.

E Portugal declinava.

Depois de um rei fanatico, a senilidade, depois da imbelicidade, a loucura de uma ambição quixotesca, revezaram-se naquelle throno tão sublimado e d'onde o ultimo rei que cahia, arrastou para a derrota e para a escravidão, a nacionalidade augusta daquelle povo.

Ao desabar a monarchia, muito antes que ao retinir do alfange mouro, na jornada de Alcacer, se rompesse em estilhaços o escudo sempre victorioso de Affonso Henriques, ao tempo, porém, em que, confusamente, nas fronteiras orientaes já se ouvia ranger nas pedras da ambição a garra da Hespanha;—a alma immensa daquelle povo de gigantes refluia toda inteira para um homem. (*Muito bem.*)

O ultimo dos portuguezes deveria nascer naquelle periodo de decadencia, não para gemer sobre as ruinas da patria, já que não podia ampara-la na columna de seus braços (*muito bem*); mas para, em nome do patriotismo, erguer um monumento tão largo que pudesse conter o cadaver da grande nação. (*Applausos.*)

Esse homem foi Luiz de Camões.

Portuguez—não podia mais ser comprehendido por aquella raça que se corrompera.

Poeta—a Dejanira da fatalidade pré-gara-lhe aos hombros a tunica ensanguentada do infortunio e da fome, do desespero e da morte. (*Muito bem.*)

Por isso repudiaram-n'o.

Portugal recusou-lhe fortuna e amor, alimento e mortalha!

Ao apparecer na côrte, amára doudamente essa Nathercia, immortalisada em seus cantos.

Mas logo a muralha dos preconceitos levantou-se entre os dous amantes.

Negára-lhe a fortuna meios com que restaurasse o velho solar de seus avós, e mandasse gravar, em letras de ouro, sobre o escudo da familia, os titulos de sua nobreza. (*Muito bem.*)

No emtanto—montanhas de pergaminhos, pyramides de brazões jámais poderiam, na concha da immortalidade, pezar mais que uma só folha da sua laurea de poeta; brilhar mais do que uma só das estrophes de sua epopeia. (*Applausos geraes.*)

Eloquentissima lição da historia! a auréola da linhagem apagou-se, como espuma, da frente de Catharina, e, hoje no sombrio recesso dos seculos, vinculado seu nome ao nome do mesquinho, ella apenas se destaca aos clarões geniaes daquella grinalda de amor que o poeta pôde tecer com as scintillações de seus versos. (*Muito bem.*)

---

Luiz de Camões, exilado, preso, salteado pela desventura, sentiu que a patria lhe fugia de sob os pés...

Partiu.

Para que revolver as cicatrizes daquella vida crucificada?

A guerra desfigura-o; mas volta em busca

da guerra, ou quem sabe mesmo se da patria.  
(*Muito bem.*)

Atravessa os oceanos ainda assombrados pelos prodigios do Gama; afina as cordas de sua lyra ao diapason das tempestades; crêa adamantor; inquire as ondas; mede o sulco luminoso na face convulsa desses mares já captivos; pisa a terra de promessa da India... e tudo, tudo lhe vem fallar dos heroismos de outr'ora; e entre os palmares, vê surgir, amortalhados pela gloria, os vultos de Castro, de Pacheco, de Almeida e de Albuquerque. Por toda a parte, restos de triumphos; por toda a parte vestigios de combates; por toda a parte as tradições do descobrimento; por toda a parte a sombra de suas bandeiras... mas, ai! por toda a parte... ausente a patria.  
(*Muito bem.*)

Onde estava ella, que um portuguez já não podia reconhecê-la?

Quem desfigurára tanto essa mãe, que um filho já não podia encontra-la?

Que mais restava?

O cavalleiro poeta buscou um abrigo no passado.

Alli, na historia, tumulo de sua mãe, estendeu a espada e pendurou a lyra.

Salteiam-lhe a affronta, o exilio, as prisões... mas que importa? Sua alma, bussola teimosa, voltava-se para o polo da patria, com a insistencia de um fanatismo. (*Muito bem.*)

Mas quando sahiu daquelle Pantheon de glorias e triumphos: ao descer daquelle Sinai onde a immortalidade espera o heroismo, Camões trou-

xera as taboas de um decalogo immortal, os dez cantos de seus *Lusiadas*. (*Muito bem.*)

Era um testamento: Camões legava-o á humanidade, porque já não tinha patria. (*Muito bem.*)

Era uma pyramide, amassada em estrophes de bronze, para encerrar os periodos de mais prodigio da historia de uma patria... já morta!

A espada das conquistas no futuro poderia arrazar aquelles monumentos; náus estrangeiras e que não soffreriam o esplendor dos feitos de outra bandeira, teriam de retalhar aquelles oceanos, e empanar talvez a esteira de assombros que o Gama abrira sobre as ondas; outros embates d'armas talvez fizessem recuar, para as penumbras do passado, as batalhas portuguezas sempre feridas com tanto heroismo...

Como salvar aquellas quinas ainda uma vez do naufragio, do profundo naufragio do esquecimento?

Como suspender aquellas enormes proezas que feriram de espanto os povos do mundo, senão levantando-as nas azas potentes da epopeia, tão alto... que a poeira das ruinas não pudesse marea-las; tão alto que os emulos na victoria não pudessem jámais ser emulos na immortalidade. (*Muito bem.*)

Eis porque as conquistas da India inscreveram-se no Hymalaia, menos fundo do que nas pedras graniticas do monumento epico de Camões.

---

E' tempo de concluir.

Cansado de peregrinar, volta o poeta a Portugal.

E alli...

Cerremos um véu de bronze sobre a agonia do ultimo dos portuguezes, no cyclo glorioso dos descobrimentos.

A infamia daquelle tempo, tres seculos de reparação já devem tê-la esquecido.

A mortalha que a patria lhe não pôde coser ao glorioso cadaver, porque a patria, despojada da corôa antiga, com elle preferira morrer, deram-lh'a trezentos annos de admiração na purpura sublime de sua propria epopeia. (*Muito bem ! muito bem ! salva prolongada e repetida de palmas. O orador é abraçado e felicitado.*)

---

A installação da primeira assembléa legislativa provincial de S. Paulo deu-se a 2 de Fevereiro de 1835.

---

O physico-mór Mariano José do Amaral foi quem creou um hospital militar em S. Paulo, e publicamente ensinava medicina e physica. D'entre seus discipulos muito figurou o cirurgião Joaquim Theobaldo Machado de Vasconcellos, pae do afamado oculista e orador politico Alvares Machado.

# HARGREAVES IRMÃOS

**ENGENHEIROS**

CIVIS, MECHANICOS E CONSTRUCTORES NAVAES

Escriptorio de engenharia civil, officinas de  
machinas, fundição de ferro e bronze,  
estaleiro

44 a 50 Rua da Gamboa 44 a 50

RIO DE JANEIRO

---

**AOS SRS. LAVRADORES**

ESCRITORIOS TECHNICOS, EM S. PAULO E  
TAUBATÉ

Especialidade: Machinas para beneficiar  
café, as mais aperfeçoadas, machinismos  
agricolas de toda a especie.

**Solidez, segurança e barateza**

Agencias: em Guaratinguetá, Taubaté,  
Campinas e todas as principaes cidades da

**PROVINCIA DE S. PAULO**

## Cozar e morrer

Mucho demandas  
Poco pedi  
Quieres un beso ?  
Dame-lo si :  
Pero tus labios  
Clavem-se em mi,  
E hasta la muerte  
Nos halle assi.

MARTINEZ DE LA ROSA.

O' virgem ! quem deu-te do céu o sorriso  
De suave ambrosia ?

Quem deu á tua voz tão meiga e saudosa,  
Tão doce harmonia ?

Quem deu aos teus olhos de maga expressão  
Divinos fulgores,

Que arroubam minh'alma—se ternos me fallam  
Mysterios de amores ?

O' virgem ! quem dera unir ao teu peito  
De neve formado

O peito do vate—que treme, suspira  
De amor abrasado !

Quem dera em teus labios ligeiro roçar  
Um beijo a tremer...  
Depois nos teus braços—de gozos quem dera,  
Meu anjo—morrer !

BARÃO DE PIRATININGA.

---

## Bento Dias

Bento Dias Pacheco nasceu no meiado do seculo XVIII em Ytú, e era filho do sargento-mór Antonio Ferraz de Arruda.

Foi o primeiro que cultivou a cana de assucar naquelle municipio que então consumia o assucar fabricado em Sorocaba.

Um seu irmão introduziu alli o uso dos carros para transportar os productos da lavoura.

E ainda um outro seu irmão foi quem primeiro mandou ahi construir um engenho de assucar, movido por agua, e lançou a primeira ponte sobre o Tieté.

Deixou numerosa prole.

---

A provincia de S. Paulo tem 43 comarcas e 74 termos.

## O Tubarão

Lá vae mais uma anecdota cynegetica. E' o tributo que o *Almanach* paga gostosamente ao importante grupo de distinctos amadores de caça desta nossa querida provincia.

Nem seria justo que esta collecção de escriptos, tentada e organizada com a mira de adaptar-se a todos os paladares, e de dar satisfação ao maior numero, esquecesse e deixasse á margem tão grande parte de nossos comprovincianos, e não a peor, certamente.

Eia, pois; tomemos sobre nós esse pequeno contingente do compromisso que o amigo Lisboa tomou para com o publico, e contemos aos nossos bons amigos, e alegres companheiros de caçadas, e só a elles, mais uma *sorte* de um cão paulista, o grande *Tubarão*.

Ei-la conforme a ouvimos do nosso velho amigo Elias, que no-la contou uma noute no sertão, quando sentados ao redor do fogo descansavamos, com mais companheiros, das fadigas de uma rude jornada consagrada á perseguição de antas e veados. A corrida do dia fôra brilhante, contentes conversavamos junto á fogueira, relatando o que testemunháramos, e commutando o merecimento dos cães.

A eterna e velha questão que consiste na

comparação dos cães antigos aos modernos, viera a tapete provocada pelos *modernistas* que podiam na occasião allegar contra os *carranços* as façanhas do dia.

O velho Elias pertencia ao partido dos *carranços*; era o nosso mais terrivel adversario. Sua memoria guardava com fidelidade uma vastissima e variada collecção de factos memoraveis praticados pelos cães de *d'antes*. Sabia conta-los de certo modo e em certa linguagem pittoresca que muito nos deleitava. Sua paixão pela caça aquecia a narração, sempre acompanhada de gestos e sons imitativos que a tornavam mais eloquente, mais viva. O incidente que elle contava parecia repetir-se de novo á nossa vista.

Tanto gostavamos de ouvi-lo, que não perdiamos occasião de provoca-lo. Exageravamos propositalmente a astucia e habilidade de nossos cães, elle sempre achava na sua memoria alguma historia de acções celebres dos cães de nossos avós.

—Não é que os de agora sejam ruins, acrescentava, mas os antigos a modo que conheciam mais as manhas dos veados; d'antes a modo que as cachorradas pensavam que era obrigação *pastar* a caça que corriam.

Na noute em que ouvimos o que vou contar, as circumstancias do dia eram por nós. Foramos testemunhas, bem como o Elias, de uma notavel *bansada* dada pelo *Coimbra* do David, já á noute. O veado fôra atirado no escuro pelo Elias e morto. Pensavamos que, seduzido pela felicidade do tiro, e mesmo pelo merecimento do cão, real-

mente excepcional, elle adoçasse suas opiniões, e se inclinasse um pouco ao partido dos *modernos*, confessando pelo menos, que em identicas circumstancias os antigos não fariam melhor, porque com effeito a bansada dada pelo *Coimbra* merecia sinceros applausos.

O facto deu-se assim: voltavamos já para as barracas depois de termos matado cinco ou seis veados e duas antas. Era tarde, 3 horas; os cães cançados e esfomeados não queriam mais caçar. O nosso bom amigo João de Souza, chefe de nossa roda, ao qual chamavamos—patrão—déra signal de retirada, signal que foi repetido por todos que o ouviram para aviso dos companheiros que estivessem a maior distancia.

Caminhavamos de retirada, o David, o Elias e eu, quando alguns cães que vinham atraz de nossos cavalloos sentiram rasto, deram signal de caça e entraram na matta ganindo. Parámos um pouco para chama-los, emquanto que os companheiros seguiam viagem. Os cães não nos acudiram e levantaram um mateiro novo, que depois de correr por algum tempo veio fazer perda em um banhado a cujas bordas chegámos acompanhando a corrida. Já por ser tarde, já por estarem cançados, quasi todos os cães largaram e vieram deitar-se perto de nós. Só dous teimavam ainda, mas friamente e quasi desanimados.

—Ah! se o *Coimbra* estivesse aqui, bem podia dar uma de *mão* ao *Ponteiro*. Vou experimentar se chamando, elle acode. Vou até aquelle altiinho; fiquem aqui afilando, disse o David.

Assim fez. Depois de um quarto de hora de

chamada, o *Coimbra* appareceu offegante, com a lingua pendente, os flancos agitados. Viera não sabemos de onde.

O David prendeu-o e levou-o até ás margens do banhado onde soltou-o, atijando-o.

O cachorro entrou, e logo depois ganio.

—Este cachorro mostra ter raça dos antigos, parece ajuizado, diz o Elias.

—E' dono do aço, responde o David. Queria vêr se no tempo de d'antes os antigos trabalhavam até esta hora. Veja as estrellas, já estão brilhando no céu.

—Os cães de d'antes não tinham hora; quando se os levava ao matto para caçar, a modo que elles trabalhavam de empreitada, e entendiam ser preciso dar cabo da caça para ganhar jornal; enfiavam dia e noite até pegar. Olhe; se o *Tubarão* aqui estivesse, eu negociava o couro deste veado. E com o *Coimbra* não tenho animo.

—Quem sabe, respondeu o outro.

Não esperámos muito tempo, o *Coimbra* bateu. Corremos pela beira do banhado, cercando a bocca do cão. O veado saltou para o Elias que pelo escuro atirou-o.

—Matou? perguntámos.

—Não sei; respondeu-nos, abri a esteira do *pary* por este lado. Procurem que o veado deve estar dentro.

O Elias era um atirador formidavel, dizia sempre que ha muitos annos não errava, pelo que baptisára a espingarda de *pary*, que não deixa escapar o peixe que apanha.

Effectivamente o veado estava na esteira do

pary. Démo-lo aos cães, trazendo para a barraca uma orelha como signal.

—Então que me diz do *Coimbra*, nho Elias?

—Digo que hoje fez acção de homem de bem. Parece neto do *Tubarão*.

—Pois ha de nos contar lá no rancho a historia desse *Tubarão*. O que poderia fazer de melhor do que este ?

—Eu lhes contarei uma caçada a que assisti, e vms. mesmo hão de vêr como o cachorro era bom.

Conversando voltavamos para o rancho. Ao chegar, contámos aos companheiros, já um pouco inquietos, a causa da nossa demora. Todos applaudiram muito o *Coimbra*, que foi proclamado o primeiro d'entre os 120 cães que nos rodeavam.

Sentados em roda da fogueira conversavamos alegremente discutindo aventuras de caça. Todos tinhamos a referir incidentes originaes que presenciaramos ou ouvimos contar. Nessas occasiões era o Elias o heróe da reunião, era elle o que não só mais sabia, como melhor contava. Nessa conversação pouco demorou-se em generalidades, logo tomou elle a palavra para contar um caso que a bansada do *Coimbra* lhe recordára.

—O que vi hoje, disse, me faz lembrar de uma caçada a que assisti ha muitos annos, na qual o *Tubarão* fez cousas de deixar a gente pensativa. Ainda guardo esse dia na memoria, parece-me que foi hontem, e já lá vão 30 annos ! Como estou velho ! Eu sou do tempo do *Mardo* de Francisco Galvão. *Mardo*, que cachorro de bigode ! Eu sou do tempo do *Tubarão*, ah cachorro do dente sec-

co! Quando o veado cahia n'agua, o dono José Rodrigues, que era muito galhofeiro e folgazão, dizia sempre: «Tirem as espoletas, rapaziada, o veado já fez testamento, está preparado para bem morrer. Nós herdamos a camisa que elle nos deixa.» E assim era.

—Um cão assim é que eu quizera, interrompeu um de nós. Também se chego a possuir um desse naipe, ha de ter ajoio de prata e comer á mesa em gamella de cedro.

—Quem caçou com cachorros daquelle tempo, continuou o narrador tristemente, bem devia não ir mais ao matto. E aqui ando eu cumprindo fadario, tal é a força da inclinação. Mas antes quero contar historias do tempo de d'antes, do que me lembrar disso. Me representa que fico mais moço quando me recordo de cousas que se passaram quando eu tinha a idade de vmcs. que me estão escutando.

Ora, pois; o defunto José Rodrigues possuia naquelle tempo seis cães sómente, mas todos mestres, todos de primeira ordem. Cada domingo, nos pedrados da matriz de Ytú, depois da missa do dia, se ouvia contar historias de veados pegados por esses seis cães. Para elles não havia aguas nem queimadas. No secco o *Velludo* e a *Platéa* decidiam, no rio o *Tubarão* tomava conta. Veado corrido era veado comido.

Um dia combinámos ir vê-los correr, e pedimos ao José Rodrigues que nos marcasse dia para isso, accrescentando o Xiquinho Santa Cruz que queria que a corrida fosse perto d'agua para vermos o *Tubarão* trabalhar no rio.

—Pois vamos soltar os cães na barra do Jundiahy com o Tieté, disse o José Rodrigues. Sabbado eu os espero lá até 6 horas da manhã.

—Pois bem; sabbado lá estaremos.

A' hora indicada estavamos todos reunidos no lugar aprazado.

O Silvestre, cachorreiro do José Rodrigues, soltou os seis cães que pegaram rasto e começaram a ganir. Até certa altura seguiram a mesma trilha, mas de certo lugar em diante o *Tubarão* começou a apartar-se dos companheiros.

—São dous veados, disse o José Rodrigues, se o *Tubarão* levantar primeiro, todos unir-se-hão a elle; se o *Velludo* levantar, o *Tubarão* não se unirá, e teremos duas corridas.

Foi o *Velludo* que levantou, e começou a tocar seguido pelos quatro companheiros.

—Vamos acompanhar esta corrida, rapaziada; Silvestre fica ahi com o *Tubarão* para nos dar noticias mais tarde.

Todos acompanhámos o veado do *Velludo*, que andou por séca e méca barroado por toda a parte. Afinal fez uma perda á borda do campo, dentro de um capão. Separámo-nos para poder atira-lo, se barroado alli, quizesse saltar no campo.

Afinal a *Platéea* barroou, a corrida encorprou-se, e antes do veado saltar no campo os cães o alcançaram e pegaram.

Eu estava enlevado ouvindo aquelle corridão tapado. Só se póde comparar á boniteza de uma apanhação quando os caçadores disparam as espingardas para o ar, como uma procissão quando

vae entrando pela igreja ao som de musica e estrondo de rojões.

O coração da gente fica batendo como quando se está com medo. Só no céu se é mais feliz.

O José Rodrigues nos disse: meus convidados hão de ter a bondade de desculpar meus cachorros por não terem deixado o veado pular no campo para ser aqui atirado. Elles são muito caipiras, não conhecem ainda as etiquetas das cidades. Espero que serão mais delicados em outra occasião. Agora voltemos afim de procurarmos o *Tubarão*. Se não o ouvirmos daquelle alto, solta-se estes cães de novo. Ainda temos tempo de apreciar outra corrida.

Voltámos, e como em ponto algum se ouvisse o *Tubarão*, foram os outros cães de novo lançados ao matto.

Não tardou acharem rasto, ganiram e levantaram. Correram lindamente, mas o veado não quiz sahir para o campo. Sua velhacada consistia em não affastar-se do Jundiahy, no qual cahiu seis ou sete vezes, produzindo cada entrada na agua demoradas perdidas.

—E' porque o *Tubarão* não está aqui que o veado tanto gosta d'agua, dizia o José Rodrigues. Tambem onde iria o tal arrenegado? E o Silvestre que não apparece. Está vendo que estes cães não dão conta deste veado, mestiço de capivara.

Tal qual aconteceu. Ao meio-dia o veado cahiu pela ultima vez no rio, atravessou-o, e foi amoitar-se em uma das lagôas proximas.

Como vms. todos sabem, o Jundiahy transborda em muitos pontos, e isto produz grandes

alagadiços desligados uns dos outros por braços estreitos de terra firme. Nesses alagadiços crescem capins d'agua de varias qualidades, muito cerrados, e mais altos do que um homem. Não se póde entrar nelles porque ha logares fundos nos quaes não se póde nadar. Esses alagadiços são o padrinho dos veados daquellas paragens. E' bem raro, é quasi impossivel ser barreado o veado que souber aproveitar-se de todos estes accidentes do terreno: E' por isso que até hoje, apesar de tantos e tão bons caçadores como são os de Ytú, ainda ha naquella terra tanto catin-gueiro.

Ora bem; foi em um desses alagadiços que entrou o tal veado vaqueano de todos esses logares. Os cães do José Rodrigues trabalharam como gente boa até uma hora da tarde, sondando tudo, examinando tudo sem preguiça alguma, procurando dar boa cópia de si, mostrando serem cachorros de raça de branco. Afinal desanimaram, e vieram, todos cheios de vergonha, procurar o dono. Este mesmo, depois de rodear todos os logares, a vêr se descobria a sahida do veado, esmoreceu e deu signal de retirada.

—Forte caipora, disse; logo hoje que vms. vieram vêr o *Tubarão* trabalhar, é que esse cousa ruim some-se. Que veado bom para elle mostrar toda a sabedoria. Emfim como não ha remedio, resignemo-nos. Fica para outra vez. Por hoje a caçada está feita. Voltemos para casa.

Montamos a cavallo, e teriamos caminhado cerca de um quarto de legua, quando encontrá-

mos o Silvestre que trazia o *Tubarão* amarrado na ponta do cabresto, e um veado na garupa.

—Ora viva, gritou o José Rodrigues, onde andou você até estas horas, Silvestre ?

—Como meu senhor disse para acompanhar o *Tubarão*, fui atraz delle. O veado nos levou até abaixo do Salto, e atravessou o Tieté. O cachorro foi pegar do outro lado do rio. Mas como não ha ponte lá onde eu estava, tive de voltar até a ponte do Salto para atravessar o rio. Perdi muito tempo procurando o veado, porque o cachorro estava sósinho e não tinha companheiro para brigar. Só achei o veado depois que o cachorro encheu a barriga e me procurou. Fui pelo rasto delle até onde estava o veado morto. Depois é que vim procurar a caçada. Por isso me demorei.

—Ainda bem que afinal appareceu o tal sr. *Tubarão*. Felizmente ainda é cedo, temos tempo de ir vêr aonde está o veado deitado.

—Pois vmc. ainda quer ir trabalhar na perdida, sr. José Rodrigues? Como é possível que o cachorro barroe agora? Está empanturrado de *paquêra* do veado que pegou, não esteve na corrida, ha de confundir rastos, cançar-se e nada fazer.

—Pois não me disseram que queriam vêr o *Tubarão* trabalhar n'agua? Ainda temos 4 horas de dia, é tempo de sobra para elle examinar todas as lagôas. Vamos entretanto jantar, depois voltaremos.

—Como! pois ainda quer ir jantar? Se ainda é possível haver indreitada é indispensavel ir-

mos já á perda emquanto não se evapora a catinga do rasto. Depois do jantar é impossivel.

—O que me parece impossivel é eu perder um veado n'agua tendo o *Tubarão*. Vamos jantar que é o melhor. Eu os convidei para nos divertirmos, e não para fazermos vida santa com jejuns fóra de tempo.

Fomos todos para casa, e lá comemos ás pressas, menos o José Rodrigues que jantou socegradamente. Concluido o jantar quizemos logo montar a cavallo, mas elle nos declarou que fazia mal á saude montar-se depois da comida, que convinha esperar, que tinhamos tempo para tudo, que bem se via que eramos rapazes ardentes, que elle já estava velho e preguiçoso, e que além de tudo os cavallos ainda estavam comendo milho, e os cães na gamella do angú.

Começaram os coixos e confidencias entre nós. O que elle quer, dizia um, é que o tempo passe e a hora sirva de pretexto para não irmos mais á perda. Elle sabe que é impossivel haver barroada naquelle veado e não quer desacreditar o cão.

—Não, elle já é idoso, está cançado, quer ficar em casa.

Estas e outras cousas diziamos entre nós, convencidos da inutilidade de tentar-se de novo desenleiar ás 4 horas da tarde uma perda feita ao meio-dia.

Finalmente os cavallos acabaram de comer o milho, os cães abandonaram a gamella e deitaram-se. Ninguem mais fallava de caçar ainda, quando o José Rodrigues chamou o cachorreiro.

—Silvestre, amarra o *Tubarão* e pucha os cavallos. E' tempo de partirmos, meus amigos. Já não está tão quente.

—Deveras vme. espera que o cachorro faça alguma cousa? Eu penso que elle nem trabalhará. Olhe a barriga com que está. Parece uma pipa.

—O que tem isso? Elle ha de estar mais vagaroso; mas não é preciso ligeireza para pegar um veado mais morto de cançado e duro por estar ha tanto tempo dentro d'agua.

—Pégo algum cachorro para amarrar com o *Tubarão*? perguntou o Silvestre.

—Não; leva-o sósinho, é quanto basta.

Dahi a um instante partiamos todos para o logar da perdida.

Chegando, o José Rodrigues levou o cão para o logar em que apparecia no chão humido e molle da beirada da lagôa, o rasto que o veado deixára entrando nella.

O *Tubarão* cheirou o rasto, e abanando levemente a cauda, penetrou no alagadiço. Dahi a pouco gemeu.

—Está surtindo, gritou o dono; sentemo-nos agora, e esperemos.

O cão começou a procurar. Ora nós o viamos rodeando a lagôa, cheirando no chão e nos capins, ora ouviamos o barulho que fazia agitando a agua, e movendo os capins. Depois de procurar bem nessa lagôa, e de verificar que o veado alli não estava, passou para outra proxima, e ainda uma vez gemeu.

—De certo lá está o veado, disse-o José Ro-

drigues, em todo caso, se lá não está, por lá passou.

O veado alli não estava. Depois de examina-la cuidadosamente, o cachorro deixou-a e passou para a terceira lagôa, aonde não foi mais feliz. Passou finalmente á quarta, e nós que o vimos passar notámos differença no seu modo de andar e de procurar. Parecia que estava mais alegre, mais esperançado, tinha um *não sei quê* que indicava resolução assustada de ir até o inferno, se tanto fosse preciso para dar a sahida do catin-gueiro. Não havia no seu todo o mais pequeno signal de fraqueza ou de hesitação.

Vendo aquelle geito, o Xiquinho disse :

—O diabo do cachorro barroa ; e se não barroar, é capaz de nos prender aqui até de madrugada. Achei na cara d'elle feição de quem fez promessa e está cumprindo o voto.

Com effeito já estavamos no crepusculo, mais meia hora, teríamos noute fechada.

Mas não fomos até lá. Na quarta lagoa, depois de verificar a entrada do veado, depois de rodea-la e convencer-se de que o veado não sahira, o *Tubarão* entrou vagarosamente n'agua cheirando todos os capins, só caminhando para diante depois de examinado tudo. De repente soltou um barro, mais parecido com grito de gente que levou um susto de matar, do que com latido de cachorro que barroa. Todos démos um pulo. O que será aquillo, meu Deus ?

Era o cachorro que achára o ninho do veado. Oh que gritaria, meu Deus do céu. Ainda está no meu ouvido aquella barroada. Cem annos

que eu viva, não me hei de esquecer della. Meus cabellos arripiaram, eu fiquei tremendo como se soffresse de maleitas. Mais de 10 segundos levou o cachorro a gritar, a gritar sem fim. Parecia que era um burrico que estava zurrando, tão fortes eram os gritos e tão *differentes*. Foi preciso elle pegar o veado ao sahir da lagôa, para calar a bocca. Nós todos fizemos roda ; eu estava pasmado, e até meio assustado. Aquillo parecia-me cousa do outro mundo.

O que mais me arripiava era o ar triste e serio do cachorro. Não mostrava alegria alguma por ter pegado, parecia que para elle, pegar veado era cumprir sentença. Os outros cães quando alcançam a caça ficam poetas, saltam, latem, pulam na gente. E' como quem vae a um banquete.

Este porém não. Pegou o veado mordendo-o na garganta com o olhar feroz de cachorro louco, e logo que o veado morreu, deitou-se sem puchar o folego, sem mostrar canceira. Era legitimo de coração preto.

Nunca mais quiz ir vêr esse cachorro correr, só para não incorrer em peccado mortal de inveja. O *Tubarão* era capaz de me botar no inferno ; se fosse meu, pela soberba que me havia de encher por ser seu dono, e não sendo meu, pela inveja. Deixei-o na mão de quem estava, e nunca mais quiz assistir outra apanhação feita por elle.

Ora aqui está a caçada que eu assisti, e da qual me recordei, vendo o trabalho do *Coimbra*.

1870.

B. F. P. S.

## O rio e o vento

( A PEREIRA DA COSTA )

Muitas vezes se vê, sobre os rios do Norte,  
Na quadra em que o calor abafa mais ardente,  
O horrisono tufão, rugir, sanhudo e forte,  
Em direcção contraria á indomita corrente.

Freneticos pegões, com impavidos roncros,  
Arrancados com furia ás validas entranhas,  
No impetuoso correr lascam os velhos troncos,  
E fazem desabar as pedras das montanhas.

De encontro ás aguas rúe a turbida descarga,  
E em brusco assalto ferve, e remoinha, e brama :  
—Sem cólera, encrespando a superficie larga,  
Atravez da floresta o rio se derrama.

Como um athleta o vento, em porfiado esforço,  
Cava a humida arena :—o rio, que se empóla,  
Sob a affronta erriçando o magestoso dorso,  
Com lento passo equal a rude massa róla.

Apenas, nesse dorso herculeo, que fuméga,  
Brincam da espuma errante os férvidos matizes :  
E elle vae fecundando as regiões, que rega,  
Nutrindo e avigorando as soffregas raizes.

---

Ideal! Ideal! tu és como esse rio!  
—Sem ouvir o clamor dos sceptros, das thiáras,  
Com grave placidez, imperturbavel, frio,  
Vaes rolando em triumpho as tuas ondas claras.

Em balde sobre ti a bava dos insultos  
O preconceito cospe, e golfeja a insolencia:  
—Vaes nutrindo de amor os corações incultos,  
Fecundando o dever em cada consciencia.

Fatigando ao passado a resistencia, a furia,  
Marchas para o futuro inalteravelmente;  
Não te póde sustar a força, nem a injuria:  
—O tufão não suspende aos rios a corrente!

S. Paulo, 1880.

THEOPHILO DIAS.

---

## Novo insecticida

RECEITA PARA OS HORTICULTORES E JARDINEIROS

Põe-se a ferver em agua caules e folhas de tomateiro, deixa-se arrefecer o cosimento e applica-se depois de frio com um pincel ou borrifador ás plantas atacadas pelos insectos. Affirma-se que por este meio é destruida toda a classe de insectos que infectam as hortas e os jardins, havendo ainda a vantagem de que o cheiro especial que fica na planta evita que elles voltem por um grande espaço de tempo.

## O correio de S. Paulo

**1879—1880**

Ha na provincia 455 agencias de correio. Destas 53 recebem e expedem malas diariamente; 4, 15 vezes por mez; 2, 12 vezes, 38, 10 vezes; 35, 6 vezes; 9, 5 vezes; 13, 3 vezes; e 1, 2 vezes.

O termo médio de malas recebidas e expedidas pela administração do correio é 91 diariamente.

No segundo semestre do exercicio ultimo de 1879—1880, Janeiro e Junho de 1880, a estatística da correspondencia recebida e expedida apresentou o seguinte movimento :

### CORRESPONDENCIA NACIONAL RECEBIDA

#### Official :

Officios . . . . .	45,070
Maços . . . . .	2,696
Autos . . . . .	78

#### Particular :

Cartas. . . . .	293,402
Encommendas . . . . .	6,288
Jornaes e livros. . . . .	355,423

#### Registrados :

Officios . . . . .	3,176
Cartas. . . . .	30,233

A importancia que transitou em registrados officiaes com valor foi 212:940\$390.

A que transitou em registrados particulares foi 163:412\$483.

EXPEDIDA

Official :

Officios . . . . .	17,060
Maços. . . . .	6,305
Autos . . . . .	337

Particular :

Cartas. . . . .	312,608
Encommendas . . . . .	230
Jornaes e livros. . . . .	658,698

Registrados :

Officios . . . . .	2,145
Cartas. . . . .	28,547

A importancia que transitou em registrados officiaes foi 156:647\$017.

A que transitou em registrados particulares foi 184:596\$850.

CORRESPONDENCIA ESTRANGEIRA RECEBIDA

Cartas. . . . .	22,828
Jornaes . . . . .	20,277

EXPEDIDA

Cartas. . . . .	9,891
Jornaes . . . . .	8,834

A receita do correio no exercicio de 1879—  
1880 foi 230:043\$873.

A despeza foi 215:060\$943.

Os valores postaes importaram em 28:570\$770.

---

## A' morte do dr. João Baptista Badaró

Seja-te leve a terra, ó grande, ó justo !  
Corajoso escriptor da patria esteio,  
Outr'ora ella te viu, sem vil receio,  
Regar da liberdade o tronco augusto.

P'rigos venceste, subjugaste o susto,  
Ao despotismo audaz lançaste um freio ;  
Viste, de bençams mil, de gloria cheio,  
Triumphar a razão, mas não sem custo.

Ah ! se podem soar na Eternidade  
Os tristes echos de magoado pranto,  
Que em nós excita funeral saudade ;

Attende lá do Empireo sacrosanto  
A dôr pungente, a lugubre anciedade  
Do Brazil que em perder-te perde tanto !...

Padre JOSÉ MARCIANO GOMES BAPTISTA.

Natural de Minas-Geraes.

(Do *Parnaso Academico.*)

# SOROCABA

PROVINCIA DE S. PAULO

—«»—

O dr. Manoel Lavrador, medico e pharmaceutico, garante a cura perfeita das molestias syphiliticas; a cura radical das enfermidades cutaneas; a cura completa da epilepsia ou mal de gota, nas seguintes condições :

1.ª

Mediante contracto prévio com os atacados de taes molestias ou com as pessoas para isso auctorisadas.

2.ª

O pagamento só será feito obtida a cura desejada.

—«»—

Quem quizer livrar-se de taes enfermidades, algumas das quaes tem zombado da sciencia medica, dirija-se ao abaixo assignado, em sua residencia

**9 RUA DA PONTE 9**

Dr. M. Lavrador.

## A família

Debaixo do ponto de vista social, o individuo é méra abstracção; necessaria, é verdade, como hypothese scientifica para o estudo da sociologia, como o é a inercia da materia para o da mechanica e a soberania do povo para a politica.

Dizemos hypothese, e não verdade objectiva, porque essa concepção, comquanto necessaria á sciencia, é destituida de fundamento no tocante á formação das sociedades humanas; que não ha, não houve, e ousa affirmar não haverá parte alguma do nosso planeta onde a individualidade seja o elemento constitutivo da collectividade.

As cinco partes do mundo confirmam o que avançamos.

Desde o estreito de Magalhães até o de Behring, desde o Cabo da Boa Esperança até Spitzbergen, nunca encontrou-se o homem vivendo isolado, e sim em familia.

E' por conseguinte a familia o elemento social.

Assim, a sociedade, longe de ser como pensam os methaphysicos, uma reunião de individuos, é o conagraçamento de um certo e determinado numero de familias.

Para nós positivistas, o fim principal do ca-

samento não é a propagação da especie, mas o aperfeiçoamento dos conjuges em virtude das reacções cerebraes mutuas que a conveniencia dos dous provoca e alimenta. A principio o amor dos dous é sufficiente, depois vêm os filhos, laço de união entre a mãe e o pae, e a familia fica então completa. Ahi nós aprendemos, como esposo a amar os nossos eguaes, como pae a proteger os nossos inferiores, como filho a obedecer aos nossos superiores.

Sublime escola de civismo é essa que nos mostra que a conveniente obediencia aos que nos são verdadeiramente superiores é a base do aperfeiçoamento individual, quando essa obediencia tem por fonte o amor.

Se a nossa educação domestica se baseasse francamente nestes principios organicos, não se veria na praça publica a desobediencia á auctoridade arvorada em systema de governo permanente.

Não somos, nem podemos ser, partidarios do governo absoluto, nem mesmo do patriarchal; acceitamos a revolução em casos extremos como poderoso correctivo da acção deleteria da obediencia passiva, que enerva o cidadão e o torna indifferente ao bem-estar geral, e que tirando-lhe a responsabilidade, tira-lhe tambem o merecimento. O que queremos é que os governantes e os governados, tendo por principio o amor, por base a ordem, e por fim o progresso, respeitem-se mutuamente, e cooperem para o aperfeiçoamento e o bem-estar do individuo e da especie: para isso, porém, cumpre que as ordens

emanadas do poder sejam sensatas e a obediencia do povo reflectida e espontanea.

Para o bem geral, faz-se necessario que todos acatem o que é digno de respeito e consideração, e nesse caso está a familia.

E' por isso que o bom pae, o bom filho, o bom marido, é respeitado nas sociedades cultas e considerado bom cidadão.

A educação, abstracção feita da instrucção, só póde ser convenientemente dada na familia e pela familia. A importancia de uma boa direcção imprimida aos nossos sentimentos é de tão grande alcance e exige tanto tempo e cuidados que a mãe de familia, que se preza de o ser e de cumprir com os rigorosos deveres que lhe impõe o seu respeitavel estado, não tem tempo para entregar-se á vida material propriamente dita, e menos ainda ás questões politicas que tanto nos preocupam.

Assim, o lar domestico é o verdadeiro templo da mulher e a praça publica a tribuna do homem, o qual tem demais a rigorosa obrigação de sustentar a familia.

Bem sabemos que nada ha de novo no que dizemos, e que é este felizmente o estado actual da familia entre nós; todavia, como ha alguns methaphysicos que pregam que a mulher deve de ter as mesmas occupações que o homem, partilhar o seu trabalho qualquer que elle seja, e entrar nas luctas partidarias, julgamos conveniente nos prevenir contra o assalto projectado á moral publica e privada.

Reconhecemos a conveniencia e mesmo a

necessidade que ha para a mulher de desenvolver-se intellectualmente, de modo a poder bem comprehender o alcance das medidas a tomar, e da direcção a dar aos sentimentos altruistas; achamos, porém, inconveniente que para prover á sua subsistencia, veja-se ella na rigorosa necessidade de concorrer com o homem nas artes, officios e luctas politicas que soem desmoralisar os que nellas se empenham.

S. José dos Campos, 30 de Julho de 1880.

JOAQUIM ALBERTO RIBEIRO DE MENDONÇA.

---

## **DELICIOSA BEBIDA**

Deitem-se tres gemmas de ovo em uma grande taça, das de preparar punch, adicione-se-lhes um calice de bom cognac e meia colher de chá de biter d'Angostura. Bata-se tudo muito bem batido durante uns dez minutos, pelo menos, e continuando sempre a mecher, despeje-se-lhe uma garrafa de verdadeiro Champagne e depois... beba-se.

E' simplesmente uma cousa admiravel, dizem os inventores, capaz de resuscitar defuntos. Experimentem os incredulos, e mandem-nos para o anno um perú, pelo conselho.

## O moralista

E tu, famoso heróe, por cuja sabia  
Intervenção a egreja se viu livre  
Deste schisma nascente, brandos olhos  
Corre a lançar-me, e a meu projecto anima,  
Mas do assumpto, que é sério, não te rias...

BOILEAU.

De Junho era no mez ; por entre nevoas,  
E rosas purpurinas, no poente,  
O sol, em aureas chammãs, se atufava :  
Era dia de festa ; era domingo.

No templo augusto o povo, como prótheus,  
Sedento de gosar divinas graças,  
Em lufados cardumes se engolfava.

Na excelsa cathedral de altivas cupolas,  
De dourados relevos molduradas,  
Bifranjadas purpureas bambolinas  
Dos marmoreos umbraes pendiam tremulas.  
Soavam pelas vastissimas abobodas  
Gregorianos canticos plangentes,  
Que a meditar aos crentes convidavam.

Em pulpito elevado, posto á nave,  
De estamenha vestido, hircoso frade,  
Da classe refinada dos Capuchos,  
De joelhos, prostrado, em parenesis,  
Do céu, á idéa vã, nescio mentia.

Reluzia-lhe o craneo escabellado,  
Descorado *flamengo* de Provença,  
Ou núa de desenho *esphera-mundi*.

Do brunido carão, avermelhado,  
Oleoso suor brotava, em bagas,  
Como azeite infiltrado em nova infusa.

Flammifero tição era o nariz,  
De alcoholicos ardores adornado,  
Que, do altivo Hymalaia sobre o pico,  
Do vasto mundo as trevas devastára.  
Nos baios olhos, de candeia em vascas,  
Felina raça o cachaçudo attesta ;  
Orelhas de abanar, pensa a beição,  
Obeso o ventre, de impinada banza,  
Esguias gambias, de elevado porte :  
—Cetaceo humano, roncador de bromas.

Da Ordem os preceitos observando,  
Segundo a grã filaucia dos oraculos,  
De capuz no cachaço encrapitado,  
Camandolas na cinta, a barba hirsuta,  
Medindo ao auditorio a compostura,  
Ergue-se, a pino, obeso o fradalhão.

Ia já do dia a parte vespertina,  
D'aure-arroixadas nuvens revestida,  
Vagarosa tombando no occidente ;  
E, ou fosse por falta de talento,  
Ou por vesos de normas corredias,  
O nedio Carapanta, ao povo imbecil,  
Em linguagem commum do céu fallava.

—«Meus irmãos! ronca o frade em ré profundo :

«Em nome do Senhor desconhecido

«A verdade vos trago, sem contrastes.

«De artimanhas não venho premunido ;

«Ardendo em compunção, da fé mais pura

«Trago o peito embebido santamente ;

«E ao scintillante lume das estrellas

«A mente depurei para fallar-vos.

—«Perdido o mundo vae ; de queda em queda

«A moral se esborôa, e tibia tomba

«Dos abysmos no seio—atra caverna !...

«O peccado seduz, zomba do dogma ;

«A rebeldia ousada o colo altivo,

«Com arrojo, alevanta em toda parte ;

«Subtil o maçonismo, como a lava,

«Tragando vae Pompeias desta idade ;

«Corrompe o ouro vil ; as leis corrompem !

«O gladio da justiça polluido

«Faz tremer os concílios ; Roma treme !...

«Vacilla a santa fé no Vaticano ;

«Do Pescador a barca sobre as ondas

«Vanzêa ao vendaval das heresias !...

«O clero só, irmãos, puro soergue-se,

«Affronta os vícios todos, e derrama,

«Em torrentes de luz, santos milagres !

—«Os governos... o apoio nos retiram...

«Nós damos liberdade aos nossos servos ;

«Manda Deus o pão *nosso* aos que vadiam ;

«De esmolas nossos cofres regorgitam !...

«Escolas abre o povo em toda parte...

«Nós temos seminarios ; e sotainas,

«Como chuva, espargimos pelo mundo...  
«Onde um homem houver uma samarra  
«Ha de ser tão sómente o seu vestido :  
«E, confundindo, assim, as classes todas,  
«Teremos devastado a rebelgia.

—«A luz, a santa luz da sã verdade  
«Ha de o orbe accender de amor em chammas ;  
«Em vez da Inquisição, do sacro lume,  
«Serão as nossas linguas labaredas,  
«Nossos craneos volcões, os olhos brazas ;  
«De lavas trasbordando nossos peitos  
«Vasto incendio farão pelo universo !...»

Mas... eis que, de repente, a voz lhe falta,  
Ou, no dengue fallar dos academicos,  
A palavra lhe impede agro *carôço* !...  
Disfarçando parou ; pela samarra  
A manopla estendendo, vagaroso,  
A chumbada boceta poz de fóra ;  
E, nella, os rombos dedos cabelludos  
Foi, de prompto metendo costumeiro.

A tardonha tabóca—nariz-tromba—  
Em linha horisontal apropinquando,  
Prepara-se a alojjar cargas a dentro ;  
E, grunhindo, nas ventas resonantes,  
—Clangoroso clarim, entre tambores—  
A mádida pitada se evapora !

Da narina obducta, encabellada,  
Estanque de *granito*, e do *simonte*,  
Como a veia da limpha, que deslisa

Da sombria floresta pelo solo,  
De estioladas folhas tapetado,  
Assim, da funda fôssa fungadora,  
Escuro, lento monco serpeava ;  
E, a cálida beijada demandando,  
Ia, nella, empecido, abrir lagôa.

Alli, pois, suspendido o pardo fluxo,  
E, delle, evaporada a parte aquosa,  
Do enrubecido rosto pela ardencia,  
Do vil tabaco um banco se projecta,  
Que, com torvo subsidio, mais se augmenta  
Do labio á orla, em conica pitomba.

. . . . .  
Forceja, embalde, o prégador sanhudo ;  
Cerrou-se a fauce, palradeira insulsa,  
Por impia falta da fallaz memoria !  
Tresua, e geme, boquejando, e gago ;  
Enorme bocio na garganta avulta ;  
Vermelha mascara, de zarcão borrada,  
Suppõe-se a cara, de garraio a perros !...

Ao parvo povo, que de ouvi-lo pasma,  
Impante affirma, que da arenga o termo  
Chegado tinha : *Ave Maria* implora...

Responde o côro, a resmungar latim :  
Cantaram, todos, da parlanda o fim.

S. Paulo,—Julho de 1876.

L. GAMA.

NAO HA MAIS DORES DE DENTES NEM DE CABEÇA

# A LERPYLINA

DE

V. A. O'FLAHERTY

## CHIMICO DE PARIZ

cura instantaneamente as dôres de cabeça, de dentes, a nevralgia e a enxaqueca.

Este prodigioso medicamento inteiramente vegetal, e que não pôde ser nocivo á saude é util a todas as pessoas, qualquer que seja a edade e o temperamento.

Preço do vidrinho 1\$000.

Unico deposito em casa dos srs. Eduardo & Fernando.

29 RUA DA IMPERATRIZ 29

S. PAULO

---

## GOTTAS ANTI-ODONTALGICAS JAPONEZAS

E' o melhor especifico para curar, com grande efficacia, as dôres de dentes, as mais fortes e violentas.

Preço do vidrinho 1\$000.

## Tinta indelevel para marcar roupa

O uso desta excellente tinta, que resiste a todas as lavagens, é muito facil.

Preço 1\$000.

## A capella de Nossa Senhora do Rosario de Campinas

Não se passaram muitos annos depois da erecção do bairro do Matto-Grosso de Campinas em parochia, desmembrando o seu territorio da de Jundiahy, apezar da opposição violenta do parochio desta (que chegou a informar officialmente que a população da projectada parochia existia em tal estado de pobreza que lhe seria impossivel sustentar um parochio), que a opinião publica reconheceu a necessidade de haver mais um templo além da igreja matriz; e nos primeiros dias deste seculo um homem que concentrava em si grande cópia do antigo civismo e espirito emprehendedor paulista, Pedro Gonçalves Meira, tratou de edificar uma capella ao lado do logar actualmente occupado pela igreja de que tratamos, no terreno em que depois se construiu o sobrado, propriedade do sr. Joaquim Teixeira Nogueira de Almeida, e que depois foi por alguns annos occupado como cemiterio.

Nesse tempo, porém, o terreno no local escolhido era ainda por demais humido para supportar uma construcção de taipa, circumstancia que allegou o então vigario collado padre Joaquim Gomes como motivo para dissuadir os seus parochianos da edificação. Infelizmente Pedro

Gonçalves Meira não quiz estar pelo prudente alvedrio do vigario, e a divergencia degenerou em grossa briga, cujo resultado foi o Meira retirar-se para Ytú, ficando a nascente villa privada do valioso concurso que a seu engrandecimento promettêra um homem de caracter e fortuna como este.

Decorreram alguns annos, quando as condições do terreno achando-se outras, o revd. padre Antonio Joaquim Teixeira de Camargo, irmão dos srs. Domingos e Luciano Teixeira Nogueira, ainda vivos, se tornou herdeiro da idéa; e reunindo a si o seu parente, o senhor de engenho Joaquim José dos Santos Camargo, sempre prompto para o que fosse do serviço de Deus, elles deram começo á obra em logar que a configuração do largo (hoje do Rosario) indicava como proprio; e aos poucos, e maximè ajudados por esmolas de captivos, conseguiram elevar o templo e pô-lo em estado que permittia a celebração do Santissimo Sacrificio Eucharistico, tendo-se primeiramente promptificado para este fim uma capella lateral, que é collocada sob a invocação do Senhor Bom Jesus da Pedra Fria.

A falta de recursos, naquella época, em Campinas, era grande; as esmolas se limitavam no geral a patacas e cruzados; porém a vontade era boa, e assim as obras puderam caminhar. Infelizmente uma morte prematura veio roubar o padre Antonio Teixeira a sua familia e a Campinas; e ainda moço o seu corpo descançou no Carmo de Ytú, em cuja cidade tinha parentes, e

para onde fôra em busca de recursos medicos, alli de ordem superior.

Não tardou em apparecer quem efficazmente continuasse a boa obra já assáz adiantada. Foi o revd. padre Manoel José Fernandes Pinto que disto se encarregou, e quando ao cabo de poucos annos veio a fallecer deixou muita cousa feita.

Houve depois um longo periodo em que a tarefa de completar o que ainda faltava parecia abandonada. A irmandade que havia sido creada para zelar da egreja cahira em tal relaxação que fôra suspensa, sendo nomeado um zelador; e nestas condições foi que dous respeitaveis clérigos, filhos de Campinas, o finado padre Januario Maximo de Castro Carneiro e Prado e padre Francisco de Abreu Sampaio (actual vigario da parochia do Carmo e Santa Cruz de Campinas), se dedicaram aos interesses desta egreja. Conseguiram a restauração da irmandade que por alguns annos, de 1857 em diante, funcionou com brilho; e encontrando o padre Sampaio, nomeado capellão da egreja mais ou menos por este tempo, em successão (salvo erro) ao padre Januario, um auxiliar de raro prestimo e dedicação na pessoa do sr. José Pinto Nunes, os melhoramentos necessarios receberam poderoso impulso.

O corpo da egreja foi forrado á moda abaulada, ou em meia laranja, como se diz. O assoalho e o côro foram renovados. Janellas receberam os competentes caixilhos envidraçados; e construíram-se dous altares aos cantos do Arco Cruzeiro. A egreja estava sem frontespicio e torres. Esta falta emprehendeu supprir um campi-

neiro de nobre familia e elevada posição social, o sr. Joaquim do Amaral Camargo, que entre seus amigos e parentes encontrou o auxilio de alguns contos de réis com que principiou a obra, e já a tinha consideravelmente adiantada quando por motivos de enfermidade retirou-se; sendo dalli a pouco seu logar supprido por outro campineiro importante e abastado, morador tambem no largo, o sr. capitão Camillo Xavier da Silveira Bueno, que, supprindo o *deficit* das subscrições populares dos bastos recursos de sua ampla fortuna, fez caminhar a obra até dotar a igreja com elegante frontespicio e duas torres, e certamente ainda muito maiores beneficios teria feito se em idade que ainda permittia a esperança de sua conservação por longos annos a bem de Campinas, de sua familia e de seus amigos, a morte não o houvera roubado.

Quando se realisou a salutarissima medida da divisão em duas da por demais populosa e extensa parochia de Campinas, ficou a igreja do Rosario comprehendida no territorio reservado á Nossa Senhora da Conceição, e passou a servir de matriz provisoria dessa parochia emquanto se espera a terminação da nova matriz.

Desde então a irmandade cahiu de novo em abandono, não tendo havido eleição de empregados e nem acção de qualquer sorte, sendo por isto muito a desejar que a irmandade seja liquidada e suspensa até melhores tempos e nomeado um zelador.

A igreja tem capella-mór, nave, dous corredores lateraes, terminando, um no altar do Se-

nhor Bom Jesus e outro na sacristia. Esta igreja tem no fundo e ao lado direito um pequeno terreno que a separa das propriedades immediatas. Existem os paramentos necessarios e algumas imagens boas, e tambem alguns quadros attribuidos ao pintor paulista Manso. O forro da sacristia foi pintado por um habil artista nacional, cuja viuva morreu ha pouco em extrema pobreza, porém sem cousa alguma lhe faltar por haver sido ha annos recolhida á casa de um fazendeiro.

A igreja do Rosario ainda necessita de muitos melhoramentos que alguns devotos tem em mente realizar quando de lá se transportar a pia parochial para a nova matriz.

Convém descrever os assumptos desenhados no tecto da sacristia, cuja escolha e execução attestam o gráu de civilisação pertencente a São Paulo *jure proprio* antes da invasão estrangeira.

O tecto é dividido em dous compartimentos. O 1º, á entrada, representa o Santissimo Sacramento, estando uma custodia ao meio e dous anjos ao lado em adoração. Em baixo um altar e em frente ao altar quatro jovens clerigos de joelhos. No 2º se vê Santa Clara, S. Francisco de Assis, S. Domingos, Nossa Senhora do Rosario e a imagem de Christo resuscitado ou o S. Salvador.

A frente da igreja tem um bonito atrio formado de lages de Ytú, com degráus em volta da mesma pedra, que foi feito a expensas do já mencionado sr. Camillo Bueno.

Campinas, 1880.

R. G. D.

## Acto de civismo

O velho Martim Francisco, depois da revolução de 1842, foi demittido de camarista de s. m. o imperador, e tendo conhecimento do decreto de sua demissão, dirigiu ao ministro do imperio, nesse tempo, o conselheiro Araujo Cunha, que morreu marquez de Sapucahy, este officio :

«Illm. e exm. sr.—Inteirado pelo *Jornal do Commercio* da minha demissão, que por decreto de 5 do corrente mez me fôra dada de camarista (sem exercicio) de s. m. o imperador, apresso-me, agradecido, em remetter a v. exc. a chave não desejada, não pedida, não esperada, e acceita, bem a meu pezar, e sómente por submissão e respeito á mão augusta d'onde espontaneamente partira ; porque acostumado a avaliar os homens pelas suas acções, nunca por nomes e atavios postiços, forcejei por conservar-me sempre bom christão. Não querendo incorrer na heresia de um segundo baptismo.

Reflectindo bem sobre este e alguns outros decretos da mesma natureza, consinta v. exc. que eu arrisque a minha opinião a tal respeito, e vem a ser—a exautoração de honras sem sentença prévia, é entremez de um genero tão novo, que só comicos em delirio podem representar.— Deus guarde a v. exc., etc.»

## Montanha de ouro

No *Vinte Cinco de Março*, importante jornal que o illustrado sr. dr. Carlos Ilidro da Silva redigia e era publicado na florescente cidade de Ytú, o barão de Piratininga fez estampar uma noticia sobre a montanha aurifera do Botuca-varú, que foi transcripta em diversos jornaes da época.

E como esse artigo tem interesse de actualidade, aqui o reproduzimos :

### BOTUCA-VARU'

Nos vastos e incultos sertões que se estendem como um mar de verdura entre a cidade de Iguape e as villas de Una e Piedade, se ergue, áquem da serra da marinha, o celebre morro de Botuca-varú, ao qual a tradicção de seculos attribue riquezas fabulosas. Regatos crystalinos serpenteam sobre palhetas de ouro e pedras diamantinas; lagos encantados em cuja superficie lisa e dormente surge ás vezes, aos ultimos clarões do dia, uma nayade gentil, deslumbrante de belleza como as madonas de Raphael, ou as virgens pallidas, melancholicas e celestiaes, que a mente ousada do poeta entrevê nos rozeos horisontes do futuro, através das sombras de ridentes sonhos de illusão que nos enganam, e tem miragens fascinadoras e doces, no sentir de Cha-

teaubriand. Os cabellos de ouro da formosa naya-de se desprendem sobre espaduas alabastrinas e meio que lhe velam o seio puro e virgineo, reflectindo como raios de nosso sol inter-tropical nos diaphanos crystaes do grande lago. A' noute, os genios do deserto, transformados em meteoros inflammados, descem ao palacio de crystal para visitar a dama do lago; e algumas vezes os seus gritos agudos como os dos phantasmas de Ossian, suas fallas mysteriosas e incomprehensiveis, segredadas por entre nuvens alvacentas, confundem-se com o sybilar dos ventos da meia-noute, e quebram a solidão augusta do deserto...

Pondo, porém, de lado essas e mil outras lendas mais ou menos romanescas e phantasticas, a existencia da montanha aurifera do Botuca-varú está na consciencia de todos. Sabe-se que todo o ouro empregado no douramento da igreja de MBoy foi trazido dalli pelos indigenas que lhe sabiam o caminho.

Ha talvez 40 annos que o alferes João de Deus partiu de S. Roque á frente de numerosa caravana em direcção dessa montanha, e no fim de 4 mezes, acabadas as suas provisões, e fatigado de inuteis trabalhos, voltou sem ter podido chegar ao Botuca-varú, que pretendia ter avistado por vezes.

No archivo da camara de Itapetininga e de outras villas antigas ha discripções do caminho do Botuca-varú e de suas immensas riquezas. A essas discripções dão o nome de Roteiro e Aranzel.

Em época recente encorporou-se em Sorocaba uma companhia para a exploração do Bo-

tuca-varú, e os sertanejos empregados nessa exploração nada conseguiram senão muita fadiga e grandes despesas para a associação.

O habil engenheiro o sr. Porfirio de Lima, explorando por ordem do governo a direcção de uma estrada que ligasse o sul da provincia com o porto de Iguape, pretende ter visto de longe o Botuca-varú, em cujo cimo, auxiliado por um oculo de alcance, avistou duas pedras superpostas, sendo a debaixo com a configuração de um cavallo, e a superior com a de uma mosca com duas grandes azas abertas, o que justifica o nome de Botuca-varú, que na lingua guarany quer dizer—mosca a cavallo.

Vamos, porém, tratar de um phenomeno que alli se deu recentemente.

No dia 30 de Março preterito, ás 11 da manhã, alguns individuos do municipio da Piedade, que se haviam internado pelo sertão para uma caçada de antas, ouviram uma detonação rouca e prolongada como a de um trovão longinquo. Os caçadores subindo immediatamente ao cume de uma montanha que lhes ficava mais proxima, e voltando os olhos para o lado onde se suppõe existir o Botuca-varú, viram um rôlo expesso de fumo, que da crista da mais alta montanha se elevava ao céu como uma longa serpente negra. Os caçadores ouviram ainda algumas detonações de espaço em espaço que se tornavam cada vez mais surdas e mais fracas; e quando dissipou-se a fumaça pareceu-lhes que uma parte do morro havia desmoronado, visto como apresentava um aspecto inteiramente novo.

Esta explosão veio ainda confirmar a existência e abundancia de mineraes no Botuca-varú, e o recente desmoronamento poderá servir como um pharol aos sertanejos que reprehenderem novas excursões ás regiões auríferas do Botuca-varú.

---

## A UMA CRIANÇA

Infante, como é placido teu somno !  
Como brilha em teus labios a doçura !  
Eu quizera dormir assim uma hora,  
Trocara-se o meu berço em sepultura.

Respiras brandamente, nada altera  
Teu joven coração puro e innocente ;  
E' que as luctas do amor e da fortuna  
O tormento que eu sinto elle não sente.

Dorme, folga, que é tempo—bem depressa  
Essa quadra feliz ha de findar,  
Dorme, brinca, sorri antes que o mundo  
Te despedace o berço no passar.

Santo Amaro—1853.

PAULO EIRÓ.

## TEU NOME

Teu nome foi um sonho do passado ;  
Foi um murmúrio eterno em meus ouvidos ;  
Foi som de uma harpa que embalou-me a vida ;  
Foi um sorriso d'alma entre gemidos !

Teu nome foi um echo de soluços,  
Entre as minhas canções, entre meus prantos ;  
Foi tudo que eu amei, que eu resumia—  
Dôres—prazer—ventura—amor—encantos !

Escrevi-o nos troncos do arvoredó,  
Nas alvas praias onde bate o mar ;  
Das estrellas fiz lettras—solettei-o  
Por noute bella ao morbido luar !

Escrevi-o nos prados verdejantes  
Com as folhas da rosa ou da açucena !  
Oh quantas vezes na aza perfumada  
Correu das brisas em manhã serena ! ?

Mas na estrella morreu, cahiu nos troncos,  
Nas praias se apagou, murchou nas flôres ;  
Só guardado ficou-me, aqui no peito,  
—Saudade ou maldição dos teus amores.

JOSÉ BONIFACIO.

---

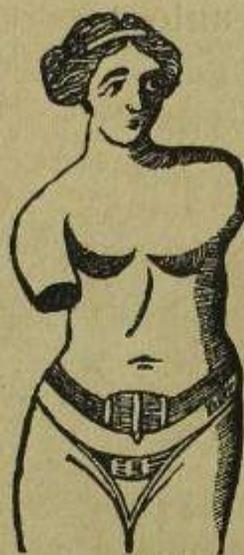
# FABRICA DE COLLETES

**PARA SENHORAS**

CASA FUNDADA EM 1848 NO RIO DE JANEIRO

**MME. MARY ESCOFFON**

35 RUA DA IMPERATRIZ 35



Esta casa, conhecida ha mais de 32 annos neste imperio, não só por sua fabricação especial de colletes para senhoras e meninas, como tambem pelas affamadas cinturas para antes e depois do parto, tem sempre um grande sortimento de colletes feitos a todos os gostos.

Tambem se faz sobre medidas conforme o gosto dos freguezes.

35 RUA DA IMPERATRIZ 35

**S. PAULO**

Ouvidores da comarca de S. Paulo, creada  
em 1699

- 1.º Dr. Antonio Luiz Peleja.
- 2.º Desembargador João Saraiva de Carvalho.
- 3.º Sebastião Galvão Rasquinho.
- 4.º Desembargador Raphael Pires Pardiniho.
- 5.º Manoel de Mello Godinho Manso.
- 6.º Francisco da Cunha Lobo.
- 7.º Francisco Galvão da Fonseca.
- 8.º Gregorio Dias da Silva.
- 9.º João Rodrigues Campello.
10. Domingos Luiz da Rocha.
11. José Luiz de Brito Mello.
12. João de Souza Filgueira.
13. Domingos João Viegas.
14. Salvador Pereira da Silva.
15. José Gomes Pinto de Moraes.
16. Estevam Gomes Teixeira.
17. Sebastião José Ferreira Barreto.
18. Desembargador Miguel Marcelino Velloso

Gama.

19. Caetano Luiz de Barros Monteiro.
20. Joaquim José de Almeida.
21. Joaquim Procopio Picão Salgado.
22. Miguel Antonio de Azevedo Veiga.
23. Dr. Nuno Eugenio de Locio e Schilibis.
24. João de Medeiros Gomes.

A criação da comarca foi participada ao senado da camara de S. Paulo pelo proprio rei na honrosa carta seguinte :

«Juizes, vereadores, e procuradores, fidalgos, cavalleiros, escudeiros, homens bons e mais povo da capitania de S. Paulo. Eu el-rei vos envio muito saudar. Pela confiança, que tenho do dr. Antonio Luiz Peleja, o mando ir para ouvidor geral dessa capitania, que eu fui servido crear de novo para nella servir o dito cargo, por tempo de tres annos, e além delles os mais que houver por bem emquanto não mandar tomar residencia na fórma da carta que elle leva, que vos apresentará ; e em conformidade della lhe dareis posse do dito cargo, de que se lhe passará certidão, e enviar a Francisco Galvão meu escrivão da camara do despacho da mesa do desembargo do paço : cumpriu assim. Antonio Bahia a fez em Lisboa a 13 de Agosto de 1699. Francisco Galvão a fez escrever.—REL.»

Frei GASPAR DA MADRE DE DEUS (*Memorias.*)

---

E' de 10 de Janeiro de 1685 o edital da camara da villa de S. Paulo mandando restituir os indios que pelos particulares haviam sido tirados das aldêas e prohibindo com penas severas a continuação deste abuso.

---

Palavras indigenas começando por «Ita», que  
em lingua brazilica significa pedra

Itabapoana, Itabaquára, Itabipussús, Itabira, Itabitinga, Itabó, Itabóca, Itaborahy, Itabuna, Itabiré; Itacaiú, Itacambira, Itacarahy, Itacaranha, Itacuaré, Itacarúna, Itacedo, Itacibá, Itacoatiára, Itacoera, Itacoi, Itacolumi, Itacorá, Itacorussú, Itacotéguassú, Itacotémi, Itacuá, Itacuan, Itacuára, Itacurú, Itacurussá; Itaepé, Itae-peté; Itagaçaba, Itaguá, Itaguaba, Itaguahy, Itaguaré, Itaguassú; Itahim, Itahype; Itaiaçupeba, Itaicý, Itaimbé, Itaiobi, Itaipaba, Itaipú, Itaipuassú, Itaituba, Itaiúba; Itajaguá, Itajahy, Itajassupeba, Itajubá; Itamaracá, Itamarandiba, Itamaraty, Itambé, Itamby, Itamirim; Itaneira, Itanhaem; Itaóca; Itapacoroy, Itapagipe, Itapará, Itaparica, Itapé, Itapebussú, Itapecerica, Itapema, Itaperoá, Itapeti, Itapéva, Itapevy, Itapichene, Itapicú, Itapicurú, Itapimirim, Itapióca, Itapiranga, Itapirassaba, Itapiroba, Itapirú, Itapissuna, Itapitanga, Itapitangui, Itapitinga, Itapitingui, Itapitininga, Itapirubá, Itapitocay, Itapooan, Itapóca, Itaporanga, Itaporóca, Itapororoca, Itapúa, Itapuá, Itapuca, Itapucú, Itapuhy, Itapum, Itapura, Itaputera; Itaquanduba, Itaquecetuba, Itaquary, Itaquera, Itaquerê, Itaquery, Itaquy; Itaraca, Itararé, Itarendava, Itarery, Itariry, Itaruna; Itatahy, Itatiaya, Itatiba,

Itatinga, Itatingui, Itatins, Itatú, Itaty; Itaubira, Itaúna, Itaussú; Itaveraba, Itavuvú; Itaypava, Itaypetê.

A. F. GARCEZ.

---

## Soneto (\*)

Elias a Eliseu a capa entrega,  
quando á sublime esphera transportado  
o conduz um Espirito dobrado  
nesse carro, que em chammás se desprega-

Naquella capa liberal aggrega  
Elias o seu zelo duplicado  
com que Eliseu se vê condecorado  
qual doce fonte, que o Carmello rega.

Illustre filho de um tal pae augusto,  
nobre herdeiro de um espirito eminente,  
vos contemplo, José, hoje, sem susto

pois de Maria, a mãe mais excellente  
declamaes o louvor excelso, e justo  
com o mesmo espirito, o mesmo zelo ardente.

---

(\*) Versos offerecidos pelo capitão-mór da villa de Ytú, Vicente da Costa Taques Góes e Aranha, ao revd. commissario dos terceiros carmelitas daquella villa, depois de ouvi-lo prégar. Copiados de um manuscripto alli encontrado, que reza o seguinte: Ao revd. sr. padre-mestre commissario louvando a adoravel Mãe de Deus, Senhora do Carmo, em o panegyrico daquelle dia.

## S. JOSÉ DOS CAMPOS

ESBOÇO HISTORICO GEOGRAPHICO E POLITICO DESTA CIDADE  
E SEU MUNICIPIO PELO DR. ANTONIO DE C. DE  
MENDONÇA FURTADO EM 1878

Consta que primitivamente a aldêa ou villa de S. José, fôra fundada pelos padres jesuitas, no alto do Rio-Comprido (margem direita), a distancia de dez kilometros da actual cidade de S. José dos Campos e a oito kilometros da cidade de Jacarehy, e á beira campo e a pouca distancia da estrada geral (e ainda disso ha vestigios); e que depois fôra mudada pelos mesmos para a actual situação; isto em éra que não se pôde precisar, mas que deve ter sido no fim do seculo XVI ou principio de XVII.

Até hoje é conhecida essa localidade pelo nome de Villa Velha.

Nesta ultima edificaram a egreja e ao lado esquerdo o collegio, tendo muros de taipa e o alto barranco e banhado que vae ter ao rio Parahyba, por defesa e segurança de sua nova povoação. Ainda existem antigos que viram o resto dos muros do collegio á esquerda da matriz.

Como todos os collegios jesuiticos, era elle edificado proximo á beira do alto barranco, cortado quasi a prumo e de altura de mais de trinta

metros, que em fôrma de semi-circulo, margea o grande banhado que vae até o rio, com um subterraneo que ia ter á base do barranco ou beira do banhado.

Este barranco é todo cheio de vertentes em sua base, tendo actualmente cinco fontes publicas, e muitas outras particulares, cujas agoas infiltram-se e somem-se no banhado, tornando-o quasi intransitavel em seu principio, sendo que para diante na vasta planicie, o terreno é mais firme, e naturalmente para o futuro será aproveitado para cultura ou pastagens, quando houver expedição para as aguas, pois que só nas maiores enchentes do rio fica a planicie alagada e por pouco tempo; ao menos ha vinte annos não se vê essa planicie coberta de agua como me asseguram que já tem ficado.

#### ORIGEM DA CIDADE

De uma memoria do general Arouche (dr. José Arouche de Toledo Rendon) no anno de 1798, no archivo da camara municipal da cidade de S. Paulo (livro de registro de 1639), constam as observações seguintes :

«Que os jesuitas, que sempre tiveram o maior cuidado em possuir indios, deram origem ás aldeas de Carapucuíbe, MBoy, Itapeçerica, Itaquaquecetuba e S. José (hoje villa); então tinham o nome de fazenda, que elles herdaram dos paulistas com bastantes indios, cujo numero elles procuraram sempre augmentar não só com os indios vindos do sertão, mas ainda mesmo com

indios de pessoas particulares, que elles seduziam, o que deu causa a serem expulsos de São Paulo, sendo restituídos em Maio de 1653, celebrando-se primeiro em S. Vicente uma composição por escriptura, na qual os padres, entre outras condições, se obrigaram expressamente a não receber e nem amparar em suas casas ou fazendas, os indios, *serviços dos moradores*, nem consentirem em suas fazendas e mosteiros, antes a entregarem-nos a seus donos com boas practicas para que os servissem.»

Desta memoria vê-se que a actual cidade de S. José dos Campos foi em seus principios uma fazenda ou aldeamento de indios.

«O governador e capitão-general d. Luiz Antonio de Souza Botelho Mourão conheceu bem a necessidade de erigir em freguezias e villas as aldeas que fossem tendo maior consideração; por effeito de suas deligencias esperançava-se muito nas de S. Miguel, Pinheiros e S. José (officio de d. Luiz Antonio ao ministerio de 21 e 22 de Dezembro de 1766); comtudo, unicamente erigio em villa a de S. José, ficando as outras em aldeas. Nota-se no procedimento daquelle governador duas incoherencias, a primeira é erigir em villa a aldeia de S. José, que não tinha e nem tem até hoje (1798) capacidade para ser villa, não obstante haver-se augmentado bastante a sua povoação com brancos e mestiços; segunda, que tendo aquella povoação o nome de villa, com pelourinho e camara em que serviam promiscuamente brancos e indios, ainda conservasse o nome de aldeia e tivesse director quando a visi-

tei. E' da maior evidencia, que se até alli haviam indios com a capacidade de reger os mesmos brancos e administrar-lhes justiça, não estavam no estado em que os contempla o directorio, e que se lhes fazia injuria em conserva-los debaixo de direcção. Se d. Luiz Antonio de Souza tirasse o director dos indios de sua nova villa, se os sujeitasse unicamente ás justiças ordinarias, e mesmo fizesse alistar os mais habeis nos corpos milicianos, decerto já haveria pouca lembrança que foi aldêa de indios, como aconteceu á dos Guarulhos...»

Ainda da observação acima vê-se que a aldêa de S. José foi elevada a villa pelo governador o general d. Luiz Antonio Botelho Mourão, sem primeiro ter sido freguezia; e parece deprehender-se do officio acima que este a elevou a villa no anno de 1766, porém deprehende-se melhor do livro de tomada de contas do conselho da villa, que ella foi elevada a villa em 1773.

O brigadeiro Machado de Oliveira em sua noticia raciocinada sobre as aldêas de indios da provincia de S. Paulo, diz que ella foi elevada a villa em 1767 por d. Luiz de Souza, parecendo bazear-se na memoria do general Arouche.

No archivo da camara nada encontrei de positivo sobre a data de sua elevação á cathegoria de villa: só em um livro de tomada de contas á mesma pelo provedor da comarca, Estevam Gomes Teixeira, ouvidor geral em data de 18 de Agosto de 1780, achei a conta tomada ao conselho desta villa nova de S. José, desde a criação da mesma até o anno de 1773. Sendo o rendi-

mento do conselho no primeiro anno de 1773 o seguinte :

Estanque de agoardente . . . . .	13\$100	
Aferição . . . . .	\$840	
	<hr/>	
Receita. . . . .		43\$940
1774 :		
Estanque de agoardente . . . . .	17\$000	
Aferição . . . . .	\$640	
	<hr/>	
Receita. . . . .		47\$640
1775 :		
Estanque de agoardente . . . . .	27\$000	
Aferição e uma multa. . . . .	1\$900	
	<hr/>	
Receita. . . . .		28\$900
		<hr/>
Somma. . . . .		60\$480
Despeza nos tres annos . . . . .		25\$630
		<hr/>
Saldo . . . . .		34\$850

No anno de 1792, o ouvidor dr. Caetano Luiz de Barros Monteiro, tomou contas a Faustino Corrêa de Alvarenga, desde 1788 a 1789; a Antonio Corrêa da Silva, do anno de 1790; a Antonio Leme Nogueira, dos annos de 1791 a 1792.

No anno de 1800, pelo desembargador Joaquim José de Almeida, foram tomadas as contas dos procuradores Antonio Lopes Nogueira (1793); Angelo Nogueira Collaço (1794); alferes Manoel José Leme (1795); João de Souza Faria (1796 e 1797); Manoel José Leme (1798); João Rodrigues

Teixeira (1799). Contou de custas 37\$762, mais de metade da receita da camara !

Daqui vê-se a verdade de que bem ponderou o general Rendon em data de 1798 «que ella, ainda nessa data, não tinha capacidade para ser villa».

O ouvidor geral, corregedor e provedor dr. Joaquim Procopio Picão Salgado, no anno de 1805, tomou conta aos procuradores Simplicio da Rocha Pimenta (1800) ; Manoel José Leme (1801) ; Manoel Rodrigues Chaves (1802) ; Antonio José da Costa (1803) ; José Joaquim de Moraes (1804). A receita deste ultimo anno foi de 76\$445.

Até 1822 não consta haver mais correição ou tomada de contas pelos ouvidores geraes ; as contas foram tomadas pelas camaras.

Este ouvidor, dr. Joaquim Procopio Picão Salgado, nesse anno, na abertura de um livro de vereança, appellidou esta villa—S. José do Parahyba do Sul—e existe, ou existia na camara, um sinete com o appellido de—Sul.

Em sessão da camara municipal de 13 de Agosto de 1824, reuniu-se a camara e povo para jurar a constituição do imperio, na fórma da carta de lei de 25 de Março desse anno, e juraram 457 cidadãos.

Em sessão de 23 de Abril de 1829, pelo vereador Gomes foi indicado que se puzesse a estrada do Rio por dentro desta villa como n'outro tempo era, podendo por este meio ser a mesma feliz ; o vereador Andrade impugnou a indicação, fazendo vêr que este caminho era mais longo um quarto de legua, que tinha um banhado que

tornava intransitavel e que era preciso, além desta grande despeza, tapar o caminho velho, que era um mal para os moradores, e que assim indicava que se consultasse o conselho da presidencia se podia-se obrigar os andantes a passarem por este caminho de mais volta. O vereador Gomes, porém, fez vêr que o augmento não excedia a meio quarto de legua e que o aterro se fazia com 30\$000. E assim venceu-se para não se consultar.

A 2 de Março de 1830, Hermenegildo Rodrigues da Silva, administrador do capitão-mór Claudio José Machado, requereu contra a abertura da estrada tapada pela camara, que os povos reclamaram por um abaixo assignado. A 10 de Maio a camara nomeou uma commissão para dar seu parecer sobre a abertura da estrada.

Em sessão de 13 de Maio do mesmo anno (1830), o capitão-mór Claudio allegou que o potreiro por onde se quer fazer passar a estrada, lhe foi dado por carta de data de 1822; que tomou posse judicial do terreno por decisão do corregedor em camara, e que não é exacta a allegação dos povos; que quando pediu o terreno, já ha muitos annos essa estrada estava abandonada, etc., etc.

Nessa mesma sessão a commissão nomeada deu seu parecer: que acharam, do pateo da Matriz ao potreiro de Manoel Caetano, 95 cordas de 45 braças; e de Manoel Caetano ao pateo do Rosario, 94 cordas; e que a estrada que estava servindo era melhor e livre de pontes e aterros; que a estrada pretendida pelos povos é de gran-

des difficuldades, como a ponte sobre o Lava-pés e o aterrado para sahir no Manoel Caetano. Assignaram este parecer Ignacio Bicudo de Brito e José Martins da Costa.

O vereador Andrade deu parecer contra, achando 98 cordas do pateo da Matriz a Manoel Caetano e 99 cordas pela estrada existente: que a estrada requerida tinha um pantano de 30 braças (represso do rio), unica difficuldade que encontrou.

Cahiu a representação, e o vereador Diniz Galvão votou para que se cumprisse o art. 44 da lei de 1º de Outubro de 1828.

Em sessão de 14 de Maio de 1830 foi decidido que se conservasse a estrada que passava por fóra da villa, por ser melhor e por não se ir de encontro ao direito da propriedade.

Esta estrada, ou antes este atalho, que os povos desejavam abrir, afim de melhorar a condição da povoação, fazendo-a passar por dentro da villa, foi origem de constantes dissensões e afinal foi aberta definitivamente em 1862. O seu local era com effeito de difficil conservação pelos banhados do Lava-pés e ribeirão do Sapé, mas a bem do incremento da povoação era uma necessidade. Póde-se dar com razão como uma das causas que mais contribuiu para o atrazo da villa, o não passar a estrada geral do norte por dentro da mesma.

A cidade demora a 23º e 12' de lat., e 2º e 45' de long. em uma elevada planura de cerca de 30<sup>m</sup> de elevação acima do rio Parahyba, que corre de poente para nascente ao norte da mesma e

á distancia de 3 k., tendo ao sul E.S.E e O.S.O. vastos campos, pela maior parte publicos ou pertencentes ao padroeiro, e que dão-lhe o nome, e na extensão de 18 k. de comprimento sobre 6 k. de largura, pouco mais ou menos, e com desigualdade, e entremeados de bosques e lagôas mais ou menos extensos.

Estes campos são quasi planos e elevados e em parte ainda mais do que a cidade, que apesar disso sobranceira olha ao norte para as elevadas serras da Mantiqueira e suas ramificações, e desde N.O. até N.E. ; e para o sul, para as eminencias do Serrote (continuação do Quebra Cangalhas), que parece cerca-la por essa parte, e por detraz de seus formosos campos e á distancia de 12 k., mas que realmente se prolongam mais ou menos na direcção de N.E. para S.O., conservando assim um horisonte limpo e sem limites na direcção do curso do Parahyba, até as fronteiras de Taubaté, Pindamonhangaba e além, onde apparece a Mantiqueira, como que querendo tomar a vista do observador e estreitar o grande valle e querendo juntar-se ás ramificações da serra maritima. Ao poente vêem-se as serras pouco elevadas do Tapety e suas ramificações a distancia de mais de 30 metros.

Os campos são cortados em chapadas quasi planas pelos ribeirões que vem do Serrote e vão deitar-se no Parahyba ou seus banhados, formando estes quasi as unicas e mais sensiveis depressões desta continua planicie, desde o Rio-Comprido, divisa com o municipio de Jacarehy, até o Pararangava, para o lado de Caçapava, em cuja

extensão de quasi 20 k. a chapada é cortada pelos ribeiros Serimbura, Lava-pés, Sapé ou Agua Branca, João Curcino e Tatetuba. Além destes tem mais o ribeirão da Deveza (entre Caçapava e S. José), o qual já não atravessa o campo, mas corre entre terras lavradas.

Estes campos em geral são productivos, e alguns até bons e proprios para a cultura do café, e existem mesmo alguns pequenos cafezaes nas immediações da cidade, e sendo lavrados podem se prestar com muita vantagem a qualquer cultura e com especialidade o arroz, canna, mandioca, etc., etc. A camara municipal concede terrenos por cartas de data com a condição de serem cultivados.

À largura e commodidade que offerece o campo á gente pobre, talvez que se deva em parte a grande emigração que para aqui tem vindo dos logares visinhos; pouco aproveitado porém tem sido para a criação de gado, o que comtudo, fazem alguns moradores da cidade e de beira-campo, talvez porque o campo não seja de boa qualidade: a macega é de variada qualidade, porém prepondera a barba de bóde; apesar de que tenho visto o gado bem gordo, principalmente no tempo de verde, mas os maiores creadores retiram o gado no tempo secco, isto é, de Maio a Agosto.

No mez de Setembro e Outubro, que os campos estão queimados e vem brotando, assemelham a um vasto jardim, de variadissimas flôres, primando entre outras a jalapa (côr de rosa), o paratudo (côr de baeta vermelha); a flôr até pare-

ce ser de lã e conserva-se perfeita por alguns dias. Entre as fructas produz o campo a guabirova, o araçá, o cajú, a guapijuva, etc.

Entre as plantas medicinaes o velame, douradinha, caiapiá, carobinha, jalapa, paratudo, etc., etc.

Além do Parahyba até á serra da Mantiqueira e áquem, porém além do campo, da base do Serrote até ás divisas com Santa Branca e Jacarehy, Parahybuna e Jambeiro, e além do Pararangava a divisar com Caçapava, as terras são de cultura e algumas excellentes e no geral de boa qualidade, e prestam-se a qualquer genero de cultura, mas com especialidade são cultivados o milho, o feijão, arroz, batatas, cará, mandioca, a canna de assucar, o fumo e o café; já se cultivou muito o algodão e produziu regularmente; porém a cultura principal e que recompensa mais o lavrador e pela qual tem se limitado ou abandonado outras, é a do café, calculando-se pelo menos o producto do municipio em 3,000,000 de kilos, querendo outros que vá muito além, isto é, a 4,000,000 de kilos; porém a estrada de ferro em breve demonstrará o engano, sendo porém de notar que bastante café é exportado para o sul de Minas-Geraes e com especialidade para o municipio de Jaguary (Camandocaia). Tambem para lá e para outros logares, exporta bastante agoardente, e para outros logares mantimentos.

Apezar de boas e bem productivas, são barattissimas as terras do municipio, o que naturalmente é devido á falta de braços e de capitaes. Ainda hoje compram-se terras proprias para a

cultura de café a 30\$ e 40\$ por alqueire, e ha bem pouco tempo ainda vendeu-se uma grande fazenda quasi toda em matta virgem, com mais de dous mil alqueires (planta de milho) por 15 contos de réis á vista, ou a razão de 7\$500 por alqueire ! E' verdade que fica a distancia de seis leguas da cidade, onde as terras tem pouco valor, apezar de excellentes e novas e de haverem para alli boas estradas ; porque as terras boas proximas á cidade até 2 e 3 leguas, já se vendem a 200\$ e mais por alqueire. Além disso, essas terras (sertão do Rio do Peixe), apezar de atravessadas pelas estradas que vão para o sul de Minas, são pouco conhecidas dos lavradores de café, que mais dão merecimento aos terrenos e quasi que pelos mineiros de Jaguary, S. Bento e do sul de Minas onde não se cultiva este genero de maior riqueza da provincia e mesmo do imperio.

E' para felicidade deste municipio, que essas mattas virgens tem sido conservadas quasi intactas, porque se fossem vistas e conhecidas estariam hoje todas estragadas, como as que estão mais proximas e que além de serem devoradas pelo fogo e cortadas pelo ferro, serviram por muitos annos a alimentar a industria pouco lucrativa de madeireiro, que daqui pelos rios Buquira, Jaguary e Parahyba tiravam as suas preciosas madeiras para irem vende-las por pouco preço em Caçapava, Taubaté, Pindamonhangaba, Guaratinguetá e Lorena. Existe pois em ser, isto é, em mattas virgens, quasi, ou talvez mais da terça parte do municipio que devendo ter mais ou menos 27 leguas quadradas, possue ao

menos 9 leguas quadradas em mattas virgens muito abundantes em madeiras de primeira qualidade como cedro, peroba, jequitibá, balsamo, oleo, canellas, etc.

Além do rio Parahyba, que atravessa o municipio na direcção (em geral) de S.O. para N.E., e que tambem serve de divisa ao municipio em direcção opposta, quando do municipio de Parahybuna entra neste, e se dirige para a freguezia da Escada, com a mediação de 4 leguas de Parahyba a Parahyba, neste municipio, contém elle dous rios notaveis o Jaguary e o Buquira, desembocando o primeiro na direcção de N.O. e o segundo na de N., cujo curso mais ou menos conserva desde quasi a freguezia do Buquira, pertencente ao termo e a 36 k. de distancia. Estes rios desembocam no Parahyba a distancia de 3 k. um do outro e tambem a 3 k. da cidade. São rios que prestam-se á navegação ao menos de canôa, pois tem o primeiro em sua confluencia mais de 50<sup>m</sup> e o segundo mais de 20<sup>m</sup> de largura e com bastante profundidade. O Jaguary vem do lado de Santa Izabel, recebe o Praty que vem dos morros do Itapety e o Rio do Peixe que vem da serra da Mantiqueira, ambos já rios de canôa, e juntam-se neste municipio d'onde corre na direcção de S.O. para N.E. O Buquira é formado pelos grandes ribeirões Buquira e Ferrão, juntando-se perto e abaixo da freguezia do Buquira. Por estes rios tem descido (e ainda continúa) quasi toda a riqueza florestal do municipio para as cidades da margem do Parahyba até Lorena, ainda com a desvantagem de se applica-

rem os habitantes desta parte do municipio na extracção das madeiras, em vez de se applicarem á lavoura, o que por muitos annos concorreu para o atrazo do municipio.

Além da riqueza florestal, a mais importante do norte da provincia, o Rio do Peixe é considerado aurifero, e consta ser o municipio atravessado por uma grande veia de carvão de pedra, apesar de não ter sido explorada e de não haver dados positivos a respeito.

O municipio divide-se ao norte pela serra da Mantiqueira com a provincia de Minas-Geraes e com o municipio de S. Bento de Sapucahy-mirim. A léste com o municipio de Caçapava. As divisas por este lado não estão bem determinadas e nem assim ao norte.

Em 23 de Outu'ro de 1839 a commissão de vistoria de limites desta então villa, apresentou o seu parecer sobre a divisa deste municipio com o de Taubaté pela maneira seguinte :

«A commissão examinando a divisa desta villa com a de Taubaté, do outro lado do Parahyba, no ribeirão denominado Tuvú, observou que o dito ribeirão é composto de quatro do mesmo tamanho, que depois de serpenteadas e *alcantiladas* voltas, se unem em um só, que a mui pequena distancia desagua n'um grande pantano e ahí se confunde com as aguas do mesmo. A' vista pois disto é impossivel estabelecer-se naquelle ribeirão uma divisa solida e fixa; e seria um contrasenso e reproduzir novas dissensões e desordens, e bem assim roubaria um grande terreno a esta villa, visto que os ribeirões fogem em gran-

de volta para o territorio desta villa. Visto não se poder por alli estabelecer aquella divisa, achamos melhor afinar um marco no barranco do Parahyba defronte do ribeirão do Cardoso e cortando a rumo direito até á serra da Mantiqueira, visto que desta divisa para esta villa poderá ser tres leguas e para Taubaté tem cinco leguas para mais. E' o que se nos offerece a dizer. S. José, 25 de Outubro de 1839.—*Luiz Antonio da Silva.*—*Claudio José Machado.*»

«N. B.—Aquelle ribeirão denominado o Cardoso, ha longos annos serve de divisa e até agora a esta villa. Era ut supra.—*Machado.*—*Silva.*»

Posto em discussão e votos, foi approvedo *intotum*, e fez-se e assignou-se o officio que devia subir ao exm. governo, dando parte desta commissão. (Vide livro das actas de 1839, fl. 63.)

Tambem o municipio se divide a léste, na freguezia do Buquira, com o municipio de Taubaté, a saber : Da pedra do Travijú, seguindo pelo morro do mesmo nome até o rio Buquira e deste em linha recta a estrada da Pedra Branca. (Lei n. 20 de 26 de Março de 1866.)

Esta freguezia primitivamente pertencia a Taubaté, pela lei provincial n. 46 de 17 de Abril de 1866 ficou pertencendo a Caçapava e pela de 1867 a este municipio. Continúa a léste a divisa, do rio Parahyba pelo rio da Divisa ao alto do Jambeiro.

Ao poente divide-se com os municipios do Pátrocínio, Santa Izabel e Jacarehy. A lei provincial n. 24 de 19 de Abril de 1864 que elevou a freguezia a capella curada de Nossa Senhora do

Patrocinio, marca as divisas entre ella e esta parochia, a saber: Do fim das terras do barão de Santa Branca, no rio Jaguary, seguindo a rumo a procurar o serrote de Miguel Diniz e no mesmo rumo o Rio do Peixe, no sitio de Luiz Pedroso e pelo mesmo rio até á barra do ribeirão do Guirra e por este até a sua nascente.

A lei n. 11 de 12 de Abril de 1864 desannexou desta a fazenda do barão de Santa Branca e annexou a Jacarehy.

A lei n. 64 de 9 de Maio de 1868 desmembrou deste a freguezia do Patrocinio (com as mesmas divisas) e a incorporou a Santa Izabel. Da extremidade das terras do barão de Santa Branca, no rio Jaguary, atravessa ao Parahyba e dahi segue divisando com Jacarehy pelo Rio-Comprido e por este acima.

Ao sul divide-se o municipio com a nova villa do Jambeiro e municipio de Parahybuna, pelo alto do Jambeiro, vertentes para o Capivary até o rio Parahyba e por este abaixo até encontrar o municipio de Jacarehy.

As divisas nesta ultima parte são: Do tanque de Fabiano Martins Alves Porto Junior sóbe por um espigão até o alto do João Venancio, e pelo mesmo e por terras de d. Clara e d. Antonia Maria Fernandes, Candido e Claudino Leite, até a fazenda de Fabiano Martins Alves Porto, onde cahe n'uma vertente que vae ao Rio-Comprido. Cumpre notar que esta fazenda do Porto, hoje por lei de 1877, pertence a Jacarehy.

Durante muitos annos permaneceu esta cidade em estado tão atrasado que nem ao menos

podia formar termo, até que em sessão da camara municipal de 11 de Outubro de 1847 a camara deliberou officiar ao governo pedindo a sua separação do termo de Jacarehy, visto dar numero sufficiente de jurados, na fórma da lei. Porém o termo desta villa só foi creado por portaria do governo da provincia datada de 5 de Janeiro de 1854, e em virtude do disposto no decreto de 24 de Março de 1843, foi pelo governo imperial nomeado José Rodrigues de Toledo e Silva tabellião do publico judicial e notas e escrivão de orphams, da provedoria e execuções, passando-se-lhe titulo de serventia vitalicia em data de 6 de Outubro de 1856; e por decreto de 18 de Janeiro de 1858 foi nomeado juiz municipal e de orphams o bacharel Antonio de Castro de Mendonça Furtado, que entrou em exercicio do cargo a 13 de Março do mesmo anno e serviu o quatriennio completo até 13 de Março de 1862. Depois do qual tem sido juizes os drs. José Manoel Portugal, Virgilio de Siqueira Cardoso, Matheus Marcondes de Moura Romeiro, José Pedro de Paiva Baracho, José Manoel Freire Junior e actualmente o dr. Francisco Lopes de Freitas.

Pela lei provincial n. 25 de 22 de Abril de 1864 foi creado um officio de escrivão de orphams. E pela lei n. 26 de 28 de Março de 1863 foi este officio desannexado de escrivão do publico judicial e notas. E pela lei n. 27 de 22 de Abril de 1864 foi elevada á cathegoria de cidade com a mesma denominação de cidade de S. José do Parahyba, cuja denominação foi mudada para São José dos Campos pela lei provincial n. 47 de 2 de

Abril de 1871. Até 1872 o termo conservou-se sujeito á comarca de Jacarehy, que tambem comprehendia o termo de Mogy das Cruzes, até que pela lei provincial n. 46 de 6 de Abril de 1872, foi creada a comarca de S. José dos Campos, comprehendendo este termo e o de Caçapava que assim ficou desmembrado do de Taubaté, e nomeado juiz de direito o dr. Francisco Ribeiro de Escobar.

A população do municipio pelo recenseamento de 1874, é de 15,154 habitantes, sendo 12,998 desta parochia e 2,156 da freguezia do Buquira. Aquella freguezia com esta fórma collegio eleitoral com 37 eleitores, sendo 32 desta e 5 do Buquira. A cidade tem 9 ruas com 315 casas, matriz e egreja do Rosario. A capella da Cruz e de Sant'Anna, em principio, e a do Senhor Bom Jesus do Serimbura, todas nos suburbios.

O bairro da Cruz, cujo augmento tem sido extraordinario, está quasi unido á cidade, com perto de cem casas habitadas e com esta tem uma população de mais de 1,300 habitantes.

A cidade tem uma excellente cadêa, talvez a melhor do norte da provincia, casinha, mata-douro publico. O commercio é bem activo e aos domingos reune-se a feira ou mercado, que é um dos mais importantes do norte. Na cidade ha duas machinas a vapor para beneficiar café, além de mais quatro no municipio e varias machinas americanas para agua.

#### ADDITAMENTO

Estão montando mais duas grandes machi-

nas a vapor para o beneficio do café, uma no bairro de Santa Cruz e outra n'uma fazenda.

O cultivo do café tem progredido extraordinariamente e em breve tempo egualará, e talvez mesmo sobrepujará, os municipios mais productivos deste norte.

Pela lei provincial n. 149 deste anno (1880) foi elevada a freguezia do Buquira á cathegoria de villa e annexada a Caçapava, com as divisas seguintes: Do alto do Taquary, descendo pelas terras de Alexandre Ribeiro e seus filhos, com as terras de João Antonio Ferreira Monteiro, no logar denominado Morro Podre, descendo por essas divisas a procurar as terras do finado João Antonio Duarte, no rio Buquira, subindo o mesmo em linha de norte, pelas terras do finado Ignacio dos Santos, por um espigão dos pastos do mesmo, abaixo da ponte do rio Buquira a procurar a fazenda de Francisco Galvão de França, entre as vertentes das terras e o rio do Descoberto pertencendo á freguezia; dahi atravessando o mesmo rumo as aguas do rio Cafundó, suas vertentes em linha recta a procurar o alto da serra da Mantiqueira na ponta da pedra do Sellado, que divide a provincia de Minas, sendo a que fica de lado norte pertencente á villa.

Estas divisas conforme a redacção da citada lei, são de tal natureza obscuras, que póde-se dizer que a nova villa ficou sem divisas, ou servirão para objecto de constantes duvidas.

A nova villa do Buquira não tem ainda proporções para villa: falta-lhe pessoal habilitado para os cargos publicos; e a sua annexação a

Caçapava não consultou o bem geral de sua população. E' quasi um impossivel uma boa estrada dalli para Caçapava por causa das serras, ao passo que por S. José a estrada acompanha o curso do rio Buquira, e naturalmente está feita essa estrada, além de mesmo ser excellente, a ponto de servir o local para uma estrada de rodagem, ou via ferrea para penetrar na provincia de Minas pela serra de S. Bento ou Santa Barbara.

E' pois uma lei de occasião, que necessariamente será revogada, ao menos em parte, isto é, quanto ás divisas e desannexação deste termo, a que naturalmente deve pertencer por sua posição topographica, emquanto não fôr elevada a termo separado; ao menos as divisas, desde já, precisam serem corrigidas e determinadas de um modo claro por lei.

S. José dos Campos, 2 de Agosto de 1880.

---

## Emboabas

Os indios denominavam de emboabas os portuguezes porque traziam as pernas cobertas com calças, semelhando certos passaros que vestiam-se de pennas.

---

## Uma curiosidade

Despeza feita na abertura dos rumos das sesmarias do illm. sr. brigadeiro Francisco Xavier dos Santos, por ordem do sr. padre Joaquim Duarte Novaes :

A João Rodrigues Caraça, de levar os cargueiros com mantimentos, seis dias a 160 rs. . . . .	\$960
João Caetano, 18 dias a 160 rs. . . . .	2\$880
Antonio Pires, 18 dias a 160 rs. . . . .	2\$880
Bento de Amorim, 16 dias a 160 rs. . . . .	2\$560
João Bicudo, 12 dias a 160 rs. . . . .	1\$920
José Lopes, 24 dias a 160 rs. . . . .	3\$840
Pedro da Silva, 20 dias a 160 rs. . . . .	3\$200
José Rodrigues, 24 dias a 160 rs. . . . .	3\$840
Constantino Rodrigues, 14 dias a 160 rs. . . . .	2\$240
Ivo José de Moraes, 22 dias a 160 rs. . . . .	3\$520
Modesto A. Rodrigues, 14 dias a 160 rs. . . . .	2\$240
José Benedicto, 23 dias a 160 rs. . . . .	3\$680
Francisco Rodrigues, 22 dias a 160 rs. . . . .	3\$520
Joaquim M. Corrêa, 32 dias a 160 rs. . . . .	5\$120
O piloto Ignacio José, na abertura de rumos e na medição judicial, ganhou em 58 dias a 640 rs. . . . .	37\$220
José Joaquim Bueno, ajudante de corda,	

50 dias na abertura de rumos e na  
medição judicial, a 200 rs. . . . 10\$000

Somma. . . . 89\$620

Araraquara, 2 de Setembro de 1823.

Como procurador do sesmeiro,

MANOEL JOSÉ DO AMARAL.

---

CARLOS GOMES

Um dia a Gloria, a deusa soberana,  
Fez-te pulsar o coração paulista :  
—Era tão grande a terra americana  
E tão pequena dos heróes a lista !

—Vamos ! disseste, e voaste á sua conquista,  
Cheio de sonhos bons, grandes, eternos,  
E a Arte, a filha dos ideaes modernos,  
Ungiu-te a fronte e proclamou-te artista !

Hoje que as multidões vão em diluvio  
Irromper como as lavas do Vesuvio  
N'uma grande explosão, para saudar-te,

Deixa que o povo aperte-te nos braços,  
Pois tú reuniste em vigorosos laços  
—Patria, familia, amor, talento e arte !

Setembro de 1880.

HYPOLITO DA SILVA.

## Petéca

Chefe indio na matta  
Em lèdo circo dizia :  
«Cada par á porfia  
«Na petéca—que bata.»

A orchestra das selvas  
Co'um gesto—rompia,  
E cada um se movia,  
Esgueirando das relvas.

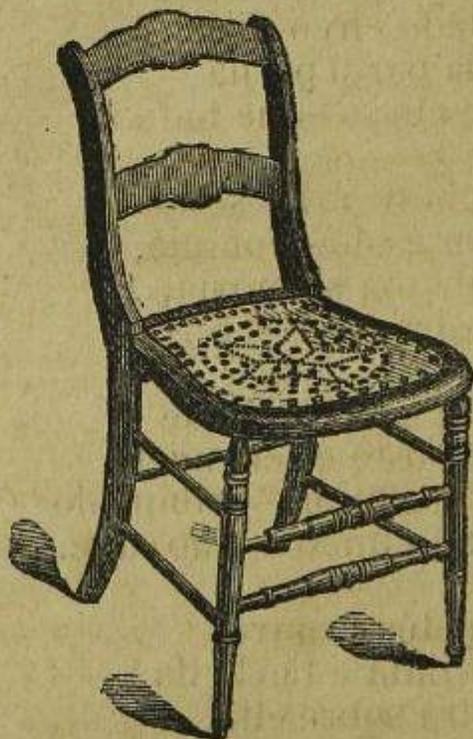
«Vê. A petéca lá vae  
«Sem susto e sem medo.  
«—Para mim é brinquedo  
«Eu não quero—não cahe.»

E a petéca voava  
Tão linda e tão bella,  
E outra sobre ella,  
Passando—encrusava.

As petécas tinindo,  
Mais outras subindo  
Se fechavam por dentro.  
E as moças—sorrindo  
Com pennachos—luzindo  
Se grupavam no centro.

Com cantigas, com danças,  
Com mesuras—, com geitos  
Tremiam os seus peitos  
Voavam suas tranças.

# CADEIRAS AMERICANAS



De assento de madeira perfuradas.

POR ATACADO E AVAREJO

NO DEPOSITO AMERICANO

**52 A RUA DA IMPERATRIZ 52 A**

Frederico A. Upton.

## Dr. Luiz Barbosa da Silva

Na historia contemporanea, os annos valem as decadas das chronicas medivae e os seculos das mythologias antigas.

Os successos precipitam-se mais velozes, e as sociedades modernas, na febre da actividade que as consome, deixam de occupar-se com os factos de hontem, pois tem a attenção sollicitada por occurrencias do dia, e presa ao estudo de problemas sociologicos para segurança do futuro. Graças á educação positivista do seculo, acha-se mais robustecida a intuição de justiça e verdade do povo, por isso occupam-se as nações mais com os homens da sciencia, ou com os philantropos do que com os conquistadores.

A imprensa e seus representantes tem ganho o terreno, que a polvora e os seus heróes vão perdendo. O jornalismo, cujo influencia fecunda e poderosa, dirigiu e preparou o grande acontecimento da humanidade—a Revolução de 1789, tem uma parte brilhante, senão principal em todas as phases evolutivas do progresso, nas nações modernas.

Não entra em nosso plano traçar a historia do jornalismo brasileiro, nem mesmo rememorar os triumphos de nossos jornalistas. Falta-nos o valor de um Leonard Gallois, para historiar o papel que representou entre nós um Ledo, ou um Evaristo da Veiga, e para descrever todo o valor de um José Maria do Amaral, de Justiniano da Rocha, de José M. da Silva Paranhos, de José de Alencar e de tantos e tantos talentos de primeiro quilate; é incumbencia para ser estudada em trabalho mais pensado e melhor acabado. Queremos porém contribuir, com o fraco contingente, para o monumento que hão de talvez consagrar á memoria dos jornalistas politicos do Brazil.

Nesta epocha de descrença publica, ante a abjuração de convicções politicas, crêmos de bom effeito para o povo, esboçar a firme individualidade do distincto paulista dr. Luiz Barbosa da Silva, typo do cidadão, que tudo sacrificou em serviço de suas crenças politicas e sociaes.

Já é tempo da patria tratar de esculpir seu nome no

Pantheon dos filhos benemeritos, e de archivar seus serviços nos registros da historia.

∴

A provincia de S. Paulo, tão rica de grandezas naturaes, tão prodiga de varões notaveis, teve a felicidade de ser o berço do illustre patriota e distincto republicano dr. Luiz Barbosa da Silva.

No extremo norte da provincia de S. Paulo, no municipio do Bananal, existe a fazenda da — Cascata — «residencia pittoresca, que faz lembrar os castellos da Escocia e os cantos de Ossian, edificada em uma altura, e ao lado de uma abundante cachoeira que se despenha com murmurio eterno batendo pelas penhas escarpadas do rochedo». (\*) Ahi nasceu a 30 de Outubro de 1840, o dr. Luiz Barbosa da Silva, filho legitimo do commendador Antonio Barbosa da Silva e de d. Maria Arruda Barbosa.

Era portanto neto dos distinctos paulistas que em 1810 mais contribuíram para o desenvolvimento e povoação da cidade do Bananal, por meio de doações de terrenos e outros cabedaes para construir-se egrejas e habitações para os povos que ahi affluíam, chamados pelos esforços dos finados commendador Antonio Barbosa da Silva e seus cunhados coronel Joaquim Silverio, major Braz Arruda e André Lopes, sendo aquelles avós do dr. Luiz Barbosa.

Se não teve Luiz Barbosa, circumstancias sobrenaturaes, com que as lendas costumam revestir o nascimento e a infancia de seus heróes, revelou comtudo, bem cedo a energia e firmeza de seu character independente e a agudeza da intelligencia que possuia.

Mais de um facto existe na sua vida de collegial, que denota a franqueza independente e tenacidade com que defendia os seus direitos, sempre que eram offendidos pela injustiça.

Do collegio do Castro em Botafogo, passou para o collegio Kopke em Petropolis, onde estudou diversas disciplinas.

Aos 12 annos de idade, seguiu para S. Paulo a completar os estudos, pois o collegio Kopke, apesar da reputação que teve algum tempo, era muito defficiente quanto á organisação do ensino, e não dispunha de pessoal habilitado para ministrar a educação litteraria necessaria para a matricula nos cursos superiores do paiz.

Aos 14 annos Luiz Barbosa tinha todos os exames pre-

---

(\*) Zaluar. Peregr. pela Prov. de S. Paulo. Pag. 61.

paratorios, estava portanto habilitado a matricular-se no Curso juridico.

Grande fôra o trabalho intellectual, por isso resentia-se o organismo do extraordinario consumo nervoso, não compensado por um bom systema de educação physica. A falta desta, entre a nossa infancia, não avigorada pelos exercicios gymnasticos, e outros meios prescriptos pela hygiene, tem um eloquente e triste exemplo a registrar em Luiz Barbosa da Silva. Em outro paiz onde a instrução publica é bem curada; onde as escolas e os collegios a par dos estudos litterarios e scientificos com que illustram as intelligencias, robustecem tambem o corpo pelos exercicios musculares e fortalecem os organismos infantís, preparando homens sabios e validos, não teria talvez Luiz Barbosa completado os estudos de humanidades aos 14 annos, mas com certeza não teria perdido um anno em restabelecer a saude abalada, e não seria arrebatado á patria ainda moço e quando podia dar-lhe muitos fructos sua alta intelligencia e solida instrução.

Não pareça impertinencia nossa e considerações descabidas o que acabamos de escrever; em todo o paiz, e particularmente nesta provincia, pensa-se talvez mais em aperfeiçoar a raça cavallar que a nossa propria. As casas de educação, em geral, deixam muito a desejar quanto ao moral, e quasi tudo quanto á hygiene, não se ligando o menor cuidado quanto ao desenvolvimento physico das crianças. E' este assumpto digno de toda a ponderação; em vez de hippodromos, que servem para acoroçoar o jogo, edifiquem-se bons lyceos e construam gymnasios dignos dos filhos desta provincia, merecedores de cousa melhor que os seminarios e recolhimentos de jesuitas, que attrahem a mocidade descuidosa para o seu seio, e cujos fructos amargos vemos diariamente. Em que peze a muitos, esta é a verdade e com a franqueza de paulista a proclamamos.

Deixando esta ordem de considerações, nos occuparemos com a vida academica de Luiz Barbosa da Silva.

Matriculado em 1856, aos 15 annos de idade, na Academia de S. Paulo, percorreu Luiz Barbosa da Silva com applauso e distincção os cinco annos do curso juridico. Deixou nome de intelligente e estudioso entre todos os seus collegas que o estimavam pelas excellentes qualidades de character.

Não applicou a energia de seu talento, só ao estudo da sciencia de Ulpiniano e Rossi, entregou-se tambem aos estudos litterarios e cultivou as sciencias naturaes, das quaes possuia boas noções. Nas associações litterarias de então, distinguuiu-se Luiz Barbosa, conquistando merecido renome.

Não possuímos maiores esclarecimentos sobre este período da vida de Luiz Barbosa, mas é natural que existam escriptos e trabalhos elaborados nessa epocha, quiçá alguns publicados nos periodicos de então.

Graduado pela Academia de S. Paulo, fechou brilhantemente este primeiro ciclo de sua carreira. Findára o periodo em que as illusões tomam maior espaço na vida; era necessario conhecer as agruras do «struggle for life». Em 1851, foi Luiz Barbosa da Silva, para o Rio de Janeiro abrir escriptorio de advogado. Durante dous annos, mais ou menos, teve a vida affanosa, cheia de decepções e esteril que todos os moços embora os mais distinctos, encontram quando sahem das Academias e entram para os escriptorios de advocacia ou para os consultorios mœdicos.

E' a velha historia renovada sempre, experimentada por tantos jovens intelligentes que não têm patronos poderosos ou nomes herdados.

Passemos essas paginas da biographia do grande patriota e vejamo-lo na sua primeira phase de jornalista em 1864.

••

Nessa epocha a politica do paiz passava por uma transformação especial. Era o periodo em que os ministerios succediam-se com rapidez extraordinaria, subindo ao poder e desorganizando-se por questões futeis ás vezes. A crise financeira da quebra dos bancos, e o panico que dominava todo o commercio, ainda era agravada pela situação de uma guerra estrangeira que tantos sacrificios causou ao paiz.

A organização do partido progressista; uma das muitas mystificações que a monarchia tem imposto ao paiz, com o seu «programma» eclecticico, que segundo alguns dos proprios chefes dominantes não tinha sido acceito, (\*) imprimiu certa confusão na massa do partido liberal.

Não é occasião opportuna para discutir as diversas feições que apresentavam então os partidos monarchicos, degladiando-se em luctas estereis e sem um alvo elevado e patriotico. O grupo dos «liberaes historicos», gosava porém de maior popularidade, e tinha illustres representantes; na imprensa a «Actualidade», redigida por pennas do quilate de Flavio Farnese sustentava as tradições democraticas do partido. Era uma folha bem escripta, bem acceita e com uma circulação no paiz relativamente consideravel. Em

---

(\*) Americo Braziliense.—Os Programmas dos Partidos e o Segundo Imperio. Pag. 21.

1864 entrou Luiz Barbosa da Silva com seu irmão, o dr. Antonio Barbosa da Silva e Souza para a redacção desse periodico. Desde que tomou parte na gerencia da «Actualidade», dedicou-se-lhe de tal fórma e tão decidida influencia exerceu que pouco tempo depois era seu proprietario exclusivo. Reorganizou então o corpo de redacção e de collaboradores, dando maior desenvolvimento á parte litteraria e politica da «Actualidade». Acercou-se de talentos laboriosos, chamou reputações já conhecidas, convidou nomes promettedores de muita gloria, e tambem alguns de muita decepção como os... Mas para que repetir historias de transfugas vergonhosos e de mercenarios da honra e da dignidade?...

Se historiássemos a vida do jornalismo brasileiro, cumpriríamos com toda a franqueza e coragem o triste e doloroso dever de chronistas e registraríamos os nomes desses «Lafayettes», assignalando-os ao desprezo publico. Actualmente não é esse o nosso intento; voltaremos por tanto ao assumpto.

Entre os companheiros do dr. Luiz Barbosa da Silva, estava o mavioso poeta e distincto romancista Bernardo Guimarães, que muito trabalhou pelos credits da «Actualidade». «Entre seus muitos artigos nella insertos, alguns rubricados com a sua assignatura e outros anonymos, distinguem-se notavelmente os de critica litteraria, que peccando talvez as vezes por nimio-severos para com as producções analysadas, denunciavam comtudo em seu auctor uma razão clara, e proficiente applicação das regras da esthetica.» (\*) Cumpre observar que o dr. Luiz Barbosa da Silva era notavel pela facilidade com que escrevia e pelo modo practico e claro por que discutia as questões. Em pouco tempo tornou-se estimado entre seus correligionarios, que o consideravam um dos mais distinctos jornalistas.

Nem tudo, porém, era bonança; bem crueis transes soffreu o dr. Luiz Barbosa da Silva para manter a «Actualidade» e publica-la regularmente. Teve apesar de todos os esforços de suspender a impressão e tratou de liquidar o jornal. Restricto observador das leis do honesto, e cumpridor de sua palavra, foi obrigado a «vender tudo o que possuía, inclusivè todas as joias de familia», para solver o passivo da folha que dirigira com tanto brilhantismo e abnegação. Este facto, por si, é sufficiente para dar medida do grande character e da pureza de consciencia do dr. Luiz Barbosa da Silva.

---

(\*) Innoc. da Silva.—Dicc. Bibliogr. Tom. 8, pag. 394. (Supplemento).

Assim terminou o primeiro periodo de sua carreira de publicista.

. . .

Cheio de decepções amargas voltou á vida tranquilla do gabinete de advogado.

Dispondo de extensas relações, e contando amigos influentes como o conselheiro Francisco Silveira Lobo, que veio a ser um dos seus mais charos affectos, o dr. Luiz Barbosa teve em pequeno praso uma boa clientela.

Não o deixaram por muito tempo inactivo seus correli-gionarios; em Novembro de 1855, o ministro do imperio, Fernandes Torres, nomeou-o presidente do Rio Grande do Norte.

Para muitos é esse cargo um simples brinde de parente, e meio facil de recommendar-se ao governo para uma candidatura á Assembléa Legislativa. Se alguns caracteres sérios, preenchem com zelo e dignidade essa commissão, outros limitam-se ao inglorio papel de cabos eleitoraes e de simples automatos do governo que os dirige por meio do telegrapho, até na demissão de delegados da policia local!

É verdade que por muito pouco tempo occupou esse logar na administração publica, pois a 5 de Abril de 1867, ob-tinha a exoneração que pedira.

Se não ligou seu nome a grandes melhoramentos no Rio Grande do Norte, o dr. Luiz Barbosa ao menos não teve um remorso que o affligisse ao deixar a presidencia. Em uma epocha melindrosa para os administradores, pois tinham que enviar contingentes para esse vortice immenso a campanha do Paraguay, o dr. Luiz Barbosa não praticou uma violencia, não fez derramar lagrimas e não provocou inimidades.

Já era um grande successo, entre nós conseguir este desideratum em tempos tão calamitosos.

A saúde do distiucto patriota estava porém muito enfra-quecida; os primeiros symptomas da cruel enfermidade que o arrebatou tão prematuramente, revelaram-se nessa occa-sião. Retirou-se para seu sitio no Passa-Tres, e ahi teve que luctar energicamente a favor dos direitos de seu sogro con-tra o commendador Joaquim Breves.

Energico e vehemente na defeza d'essa causa, intenta-ram contra elle, tres acções de injurias verbaes. Não era porém, o dr. Luiz Barbosa, homem de ceder a violencia; mais elevou o diapasão de sua linguagem, de sorte que até contra sua vida tentaram, segundo affirmam pessoas bem in-formadas. O que é facto sabido, foi a tentativa dirigida con-

tra elle, por bala assassina, que felizmente não attingiu o alvo a que fôra destinada.

Succumbiu, porém, sua estremosa mãe, que convalescente de grave enfermidade, ao saber d'essa occurrencia, recahiu e poucos dias depois deixou de existir a 24 de Dezembro de 1869.

E' difficil descrever a impressão profunda e o pezar que affligiram o dr. Luiz Barbosa por causa desse transe doloroso.

Seu pae resolveu-se mudar para o Rio de Janeiro; o dr. Luiz Barbosa acompanhou-o e fixou residencia nessa cidade.

Era a epocha em que nossos bravos compatriotas voltavam do Sul, cobertos de gloria, e cheios de illusões vinham encontrar a ingratição do governo imperial em recompensa de serviços heroicos.

O enthusiasmo era geral; todos os cidadãos procuravam mostrar aos seus valentes patricios, os sentimentos de admiração pela coragem que os distinguia. O dr. Luiz Barbosa da Silva, coração aberto a todas as grandes emoções, intelligencia que se animava pelos nobres impulsos, não podia permanecer indifferente ante essa febre do povo que victoriava seus filhos, dignos de todas as honras. Compoz poesias inspiradas e recitou-as em diversas occasiões de chegada de voluntarios; entre essas algumas ha de subido valor, realçadas ainda pela magnifica recitação de seu auctor, como a dedicada a «Osorio» e pronunciada a 18 de Abril de 1870.

Foi a primeira vez que vimos o dr. Luiz Barbosa da Silva, e temos ainda bem viva a impressão que então sentimos. Foi na rua do Ouvidor, por occasião da passagem dos batalhões 32, 42 e 46.

Era immensa a affluencia de povo, que, como sempre, escolhia de preferencia essa localidade para vêr desflar esses denodados servidores da patria. Ao chegar á esquina da rua da Uruguayana, ainda então virgem dos tristes assassinatos de 1 de Janeiro de 1880, passou a brigada em frente aos «Desoito Bilhares»; e ahi de uma das janellas, o dr. Luiz Barbosa cheio de inspiração, como os bardos da antiguidade, arrebatou a multidão pela linguagem de fogo com que celebrou a gloria de Osorio, o querido do povo, ainda não desprestigiado pela farda de ministro imperial.

Grande era a admiração que votava o dr. Luiz Barbosa por esse heroe, para elle a synthese dos sentimentos generosos do povo, da abnegação e do valor nacional.

Foi o primeiro que teve a idéa de abrir uma subscrição popular para offerecer uma lança de honra a Osorio, projecto

que iniciou e que mais tarde foi realisado graças á coadjuvação poderosa de Octaviano Hudson.

Vem aqui, naturalmente, descrever a face do talento privilegiado do dr. Luiz Barbosa, como cultor inspirado da poesia. Conhecemos alguns productos de sua musa; quasi todos inéditos, que talvez sejam em breve publicados por seu irmão e maior amigo, o intelligente e illustrado dr. Braz Barbosa da Silva. Nesses cantos patrioticos, o arrojo da hyperbole é egualado á belleza de fórma e correcção de phrase.

Julguem da verdade deste juizo pela seguinte transcrição da poesia acima referida:

«Quem póde, como tu, dizer á tempestade:  
Mais corre o meu corsel nas nuvens da batalha;  
Quem bradar ao trovão, aos raios, ao pampeiro:  
Mais póde do que vós a lança d'um guerreiro!?»

Quem póde como tu, Osorio destemido,  
A's balas e estilhaços, ás lanças e ás espadas,  
Bradar: «Meu peito é rocha, e vergareis primeiro,  
Para chegar aos pés de um bravo brasileiro!?»

Heroe dos impossiveis! Indomito teu peito  
Impõe respeito á morte! Em vão de paraguayos  
Envolveu-te, sosinho, um batalhão inteiro!  
Do corsel da victoria és sempre o cavalleiro!»

Sentimos não poder incluir aqui muitas das bellas perollas do escriptorio poetico do dr. Luiz Barbosa da Silva. Entre ellas a intitulado o «Jongo», é cheia de conceitos elevados, e tem o merito da côr local.

Dansa, folga, pobre escravo,  
A' rubra luz da fogueira,  
Bate o tambor, tine o prato  
Faz a festa domingueira;  
O grande deus do trabalho  
Adora d'essa maneira!

O pae da natureza o Deus de amor  
Que o mundo povoa de almas delicias  
Para ti reservou o bem supremo  
De sem queixas soffrer, de rociar,  
Com teu suor fecundo, a terra dura  
Que sustenta o verdugo de teu corpo  
E com teu pranto, a palma do martyrio,

Que faz brotar o riso entre as angustias  
E a flor do perdão entre as torturas  
Que o branco te inflingiu!»

Não parece um trecho do inspirado poema do grande poeta do seculo, a «Piedade suprema»?

Entre as composições lyricas do dr. Luiz Barbosa, ha algumas de subido merito e de bastante delicadeza.

Não conhecemos, porém, todo seu thesouro; e de copia possuimos apenas, além das citadas, mais duas — «A tarde da partida» e a «Manhã da volta».

Creio que não tardará muito para que o paiz tenha a collecção dos cantos do dr. Luiz Barbosa.

Reatando o fio da biographia d'esse cidadão, devemos mencionar sua viagem aos Estados-Unidos.

..

A 14 de Novembro de 1870, partiu o dr. Luiz Barbosa da Silva a bordo do «Agamenon» para a America do Norte.

Ia em busca de um seu cunhado, victima de cruel enfermidade, e ao qual consagrava estima particular. Já não o encontrou, pois o doente chegára pelo vapor immediato ao Rio de Janeiro.

Não perdeu, porém, o dr. Luiz Barbosa, o tempo; na terra do «go ahead», durante seis mezes, viu, estudou e aproveitou a observação do que colheu n'essa viagem. Cerebro bem organizado e dado a encarar os problemas pelo lado pratico, recebeu agradável e profunda impressão do viver social dos norte-americanos.

Não tendo programma de Phileas Fogg, nem aspirando a ridicula celebridade de viajante-locomotiva, aproveitou a peregrinação pela grande Republica.

Esta epocha deve ser notada na historia do partido republicano brasileiro, com a mesma veneração que a «hegira» de Mahomet, na lei mulsumana.

«Até ahi, suas idéas foram sempre liberaes, mas ainda não tinham tomado uma formula definitiva. Seu espirito estava perplexo. Quantas vezes não lhe torturava o espirito a duvida: Se seriam as nossas instituições más, se os homens? De volta dessa admiravel republica onde o pensador viu em pratica suas idéas de liberdade individual, harmonisando-se com a força collectiva, começou a tomar corpo em seu espirito a idéa republicana como a unica fórma de realisar o seu ideal de governo.»

São as palavras, acima transcriptas, de um manuscrito

de seu illustrado irmão e grande admirador o dr. Braz Barbosa da Silva.

Na realidade, desde então contou o partido republicano mais um adepto que honrou sua bandeira, sacrificando até a vida pela defeza dos principios que adoptou. Mais adiante trataremos da parte brilhante e proeminente que teve o dr. Luiz Barbosa da Silva no partido republicano brasileiro.

A 16 de Maio de 1871 ei-lo annunciando seu escriptorio de advogado á rua do Rosario n. 87 e a 24 de Junho mudando-se para a rua Direita n. 13, onde funcionava então o «Club Republicano», que havia pouco tempo ahi estabeleceu-se com a typographia que publicava a «Republica».

Já não se contentava o dr. Luiz Barbosa em assistir indifferente o trabalho de seus correligionarios; não podia limitar seu papel a simples combatente, mais preocupado com os «provarás» da banca de advogado que com o rapido desenvolvimento que assumia o partido republicano.

Agitava-se a magna questão do elemento servil, trazida ao parlamento pelo notavel talento do visconde do Rio Branco, chefe do gabinete 7 de março, que então dirigia os negocios de estado.

Ainda se recordam todos, do movimento produzido no paiz por esse facto; os interesses particulares dos grandes proprietarios protestavam; os mercadores de «gado humano», na phrase expressiva de Torres-Homem, turvavam as aguas dizendo-se deffensores da lavoura nacional, e o commercio queria «dirigir a corrente», conforme declarou na reunião publica em que fundou-se o «Club da Lavoura e Commercio».

N'essa phase, appareceu um pamphletista energico e patriota que veio dizer ao paiz a verdade e defender a justiça: «foi Theodoro Parker»; assignatura que tomou o dr. Luiz Barbosa da Silva, quando começou a discutir esta questão nas columnas da «Republica» a 29 de Julho de 1871. (\*)

Nas paginas ardentes, profundas e eloquentes d'esse pamphleto, está todo o caracter politico e moral do dr. Luiz Barbosa da Silva.

Filho, genro e parente de muitos possuidores de grande escravatura, não trepidou em dar golpes profundos n'essa instituição iniqua, que máu grado os Martinhos de Campos, tende a desaparecer em breve da sociedade brasileira.

Não se julgue que o dr. Luiz Barbosa, surgiu emancipador, como a Minerva da fabula, de um momento; sempre manifestou horror por essa triste herança de nossos conquis-

---

(\*) A «Republica» n. 101. Anno I e seg.

tadores, e com seus fracos recursos pecuniarios libertava todos os escravos que possuia. A' propaganda abolicionista dedicou-se pois com todo o enthusiasmo e tenacidade de uma força de vontade excepcional; d'ahi a sua perseverança em trabalhar pela idéa republicana, que apoderou-se completamente de toda sua individualidade.

Tinha então 30 annos a epocha da vida humana em que os grandes homens assumem na historia as posições definitivas.

Vejamo-lo, na imprensa Republicana.

∴

A mudança de situação politica effectuada a 16 de Julho de 1868, produziu varias consequencias de ordem publica em todo o paiz. O partido liberal apeado do poder, não ficou silencioso; veio reconhecer, confessar e denunciar os vicios do systema monarchico representativo. D'essa epocha data a celebre sorite do senador Nabuco, que evidencia de modo indiscutivel o absolutismo, que exerce a corôa, sempre dentro das raias da Constituição, organizada por Pedro I.

Os liberaes, então despeitados, levantaram o grito de — «refôrma ou revolução»; sem pensarem que o «lapis fatidico» os condemnaria 10 annos mais tarde a representarem o mesmo papel, obrigando-os a pagarem com usura em genuflexões os doestos atirados por seus tribunos, contra si e contra os seus. «Comme les autres!» synthese expressiva e verdadeira que serve para nivellar todos os homens politicos dos dous partidos monarchicos, no segundo reinado.

Ha muito que existia no paiz grande numero de republicanos, e segundo attesta a historia patria, é o mais antigo dos partidos nacionaes, como talvez demonstremos em outro escripto. Não havia, porém, uma organização e ainda não se apresentára como em 1870 pujante e forte.

Muito contribuíram para isso os magníficos artigos e patrioticos escriptos da «Opinião Liberal» e do «Correio Nacional», a cuja frente estiveram os drs. José Monteiro de Souza, Henrique Limpo de Abreu, José Leandro Godoy de Vasconcellos, Francisco Rangel Pestana, e para os quaes collaboravam talentos notaveis como o dr. José Maria do Amaral, Urbano Sabino Pessoa de Mello, dr. Antonio Ferreira Jacobina, dr. Antonio Joaquim Ribas, e tantos outros bem sabidos do paiz.

Ainda mais adiantou a organização do partido republicano, crear-se o «Club Radical» em 1868; dando grande

impulso ao movimento democratico, as suas conferencias populares, feitas no theatro da Phenix dramatica.

Em meiado de 1870, havia no Rio de Janeiro, tres folhas radicaes, que propagavam as idéas republicanas mais ou menos accentuadamente. Eram a «Opinião Liberal», sob a redacção do dr. Godoy e Vasconcellos e padre Marcos Nevile; o «Correio Nacional» dos drs. Henrique Limpo de Abreu e Francisco Rangel Pestana, e o «Radical Academico» redigido por alguns estudantes de medicina, entre os quaes os drs. Ferreira Leal, Manoel Felizardo de Azevedo, Lopes Trovão, João da Matta Machado, Ramiro Fortes de Barcellos, Costa Senna, e muitos outros, todos republicanos, entre os quaes o auctor deste esboço.

Por essa occasião chegou de sua viagem ao Rio da Prata o notavel jornalista brasileiro Quintino Bocayuva. Logo depois de sua estada entre nós, á vista da situação da idéa democratica no Brazil, houve projecto de uma liga jornalística entre as folhas radicaes, para que diariamente fosse publicado na imprensa um organ das idéas adiantadas. Isoladas, periodicas, as tres folhas, com pequena circulação, não tinham a força que adquiririam unidas por um só pensamento motor e influenciadas por identidade de vistas de uma redacção principal e commum.

Na reunião convocada para esse fim, a que assisti por parte do «Radical Academico», estiveram presentes, além do representante de cada uma d'aquellas folhas, o sr. B. de Moura, proprietario da «Patria», e outros cavalheiros; não se resolveu, porém, cousa definitiva.

Mallograda essa primeira tentativa, procurou-se organizar um «Club» formado com os homens de idéas democraticas mais adiantadas; feitos numerosos convites em Outubro de 1870, reuniram-se muitos cidadãos de todas as classes sociaes, á rua do Ouvidor n. 29, e constituiram-se em assembléa sob a presidencia do sr. Christiano Benedicto Ottoni, que até então ainda era considerado como um dos nossos homens politicos, sérios.

Tratou-se logo de deliberar o nome que tomaria esse «Club».

O dr. Francisco L. Bittencourt Sampaio apresentou a idéa e fundamentou brilhantemente sua proposta, para que fosse denominado «Club Republicano», pois essa era a maioria da opinião que alli dominava.

Seguiu-se longa discussão, em que defenderam a mesma idéa os drs. José Maria de Albuquerque Mello, Aristides da Silveira Lobo, Pedro Bandeira de Gouvêa e outros cidadãos, sendo acceto esse titulo por votação quasi unanime. Decla-

rou-se então, que aquelles que não adherissem a esse programma, eram livres de retirar-se, sem que por isso houvesse reparo ou desar.

De facto, dous ou tres cavalheiros ausentaram-se e mais tarde Tavares Bastos e Urbano Sabino Pessoa de Mello, além de outros riscaram suas assignaturas das listas, confeccionadas anteriormente para a fundação do «Club», allegando que «eram radicaes, mas não republicanos, por ora!» Essas listas autographicas, até ha pouco existiam em poder do sr. João de Almeida, que m'as mostrou.

Elegeu-se uma commissão composta dos srs. drs. Joaquim Saldanha Marinho, Christiano Benedicto Ottoni, Aristides da Silveira Lobo, Quintino Bocayuva e Flavio Farnese, para redigir o notavel manifesto publicado a 3 de Dezembro de 1870.

Foi esse immortal documento de nossa historia patria lido em sessão de 30 de Novembro e approvado unanimemente; agitando-se nessa occasião o ponto de ser ou não o manifesto assignado por todos os republicanos presentes ou só pelos membros da commissão. Na mesma assembléa deliberou-se fundar um organ representante do partido na imprensa; suspendendo sua publicação o «Correio Nacional» e a «Opinião Liberal»; o primeiro numero da «Republica» appareceu a 3 de Dezembro de 1870.

Não é opportuno, descrever dia por dia a vida da «Republica», sustentada como organ do «Club Republicano», nem é para contar-se agora, quanto sacrificio e dedicação custou aos seus benemeritos fundadores. A principio publicava-se tres vezes por semana, imprimindo-se em uma typographia particular, á rua de Gonçalves Dias n. 33. (\*) A 21 de Fevereiro de 1871, estava montada a officina typographica que o «Club» fizera acquisição, á rua Direita n. 13, imprimindo-se pela primeira vez a «Republica» com material seu.

Por muito tempo manteve-se a folha vivendo da dedicação de seus correligionarios, discutindo todas as questões em terreno elevado e pugnando de modo brilhante pelas idéas republicanas.

Jornalistas do valor de Quintino Bocayuva, Aristides Lobo, Salvador de Mendonça, Lafayette Pereira, Flavio Far-

---

(\*) A redacção da «Republica» no semestre de Dezembro a Maio compoz-se dos srs. Aristides da Silveira Lobo, dr. Miguel Vieira Ferreira, Flavio Farnese, Lafayette Rodrigues Pereira, e Pedro R. Soares de Meirelles. — Vid. «Rep.» An. I, n. 1. — Not. Div.

nese, Miguel Vieira Ferreira, B. Pamplona, P. Meirelles, Bacharel Leitão Junior, Luiz Barbosa da Silva, Pedro Ferreira Vianna, Joaquim Pires d'Almeida, Zoroastro Pamplona e tantos outros illustravam as columnas da «Republica» como redactores eleitos pelo «Club» ou como collaboradores dedicados á idéa que professavam, trabalhando em prol dessa propaganda.

Os recursos pecuniarios, porém, não abundavam; isso fez com que o «Club Republicano» em sessão de 26 de Agosto de 1871, á rua de S. José n. 31, onde costumava se reunir então, tratasse de estabelecer bases solidas para garantir-se a vida da folha.

Entre os socios do «Club», estava o dr. Luiz Barbosa da Silva, que fôra proposto a 10 de Novembro pelo dr. Henrique Limpo de Abreu; propoz esse distincto patriota tomar a si a «Republica», continuando a publica-la no mesmo formato, e promettendo dar-lhe maior desenvolvimento.

O «Club», depois de longo debate, decidiu transferir-lhe a propriedade da folha, com todo material typographico, passando-lhe tambem os seus onus.

A 1 de Setembro annunciou o dr. Luiz Barbosa, que seria diaria a «Republica» e começou a ter o escriptorio da redacção á rua d'Ajuda n. 20, onde era aquella impressa desde 25 de maio.

Terminada esta pequena digressão, em que fizemos resenha rapida de factos importantes e necessarios, vejamos os serviços do dr. Luiz Barbosa á imprensa republicana e portanto ao partido a que pertencia.

Eis as palavras com que se dirigiu ao publico:

«Nunca um jornal teve no Brazil mais prospera carreira do que a «Republica». Desillusão das instituições gastas que nos regem, sentimento republicano ou verdadeira crença na superioridade dos principios da democracia pura, o acolhimento que recebeu em quasi todos os pontos do Brazil, o interesse crescente que despertou apesar de periodica, deram-lhe até hoje uma circulação effectiva de 2,000 exemplares. Esta acceitação admiravel em um paiz ainda não habituado á leitura e mantido em grande atrazo de instrucção pelo influxo obscurantista da monarchia, é a unica explicação do passo que hoje damos.»

Depois de expor o plano adoptado relativamente a preços de assignaturas, diz:

«O seu fito é offerecer aos espiritos serios o melhor ali-

mento possível, e satisfazer toda a legitima curiosidade, que cada qual sente de saber do que vae pelo mundo, de que somos operarios collaboradores e a que nos sentimos presos pelo laço da responsabilidade individual, na mais intima e estreita solidariedade. Tudo, porém, que exorbitar dessa esphera será rigorosamente banido das columnas da «Republica», onde jámais por consideração alguma, e menos pelo maximo interesse, encontrarão abrigo o insulto, a injuria, a calumnia, a diffamação ainda cobertos pela mais reforçada responsabilidade legal, e menos terão echo os odios e rancores pessoases em busca de desabafo ou outra paixão condemnavel. Tambem não terão guarida os annuncios corretores de serviços de escravos ou quaesquer outros que se refiram a vendas ou contractos de toda a ordem sobre captivos. A «Republica» desconhece a escravidão. Inutil é, pois, accrescentar que não annunciará escravos fugidos e nem praças de escravos.»

Para destruir boatos adrede espalhados, de que não era senão ephemera a existencia da folha, escreveu :

«A «Republica» está premunida contra quaesquer eventualidades por algum tempo com certeza, e confia o resto da accitação que ha de saber merecer e sempre e muito dos incansaveis auxiliares que nella enxergam sua arca de esperanças, o symbolo de suas crenças, o labaro que ha de levar o Brazil a seus grandiosos destinos.»

De facto o dr. Luiz Barbosa da Silva, trouxe recursos para a folha, e não enganou-se confiando o futuro de seus assignantes que corresponderam de modo brilhante á chamada feita.

Desde então o dr. Luiz Barbosa elevou a tiragem a 3,000 exemplares, instituiu a venda avulsa, á semelhança do que se praticava nos Estados-Unidos e na Europa e hoje faz-se entre nós.

Auxiliado por dedicações como o dr. José Maria de Albuquerque Mello e outros, correu prosperamente o primeiro mez da empreza, e cada vez mais cresceu sua popularidade e prestigio.

Mas o dr. Luiz Barbosa desejava dar maior desenvolvimento á folha, e por isso tomou para socio commanditario seu irmão, dr. Braz Barbosa da Silva, e com esse reforço, mudou suas officinas typographicas para a rua do Ouvidor n. 132, ahi publicando o primeiro numero a 4 de outubro de

1871. Tomara para redacção o dr. Salvador de Mendonça e para reporter o conhecido e activo sr. João de Almeida.

Desde então começou a lucta ingente do dr. Luiz Barbosa da Silva; a tudo assistia, tudo passava por exame e fiscalisação sua. Desde a materia politica e principal da folha até os annuncios; desde a revisão dos originaes até a remessa pelo correio para os assignantes.

Dormindo muito pouco, pois se era o ultimo a deitar-se, era o primeiro a levantar-se; sollicitado por mil preoccupações, sentiu o dr. Luiz Barbosa da Silva, enfraquecer sua saude.

Era nessa occasião a tiragem da «Republica» de 7,000 exemplares; apologista entusiasta dos habitos americanos, organisou o plano de premios a distribuir aos novos assignantes, no valor de 13.000\$000 de réis.

A folha era então procurada e lida com afan e curiosidade; tinha entrada na secretaria dos ministros, no salão da Praça do Commercio, no gabinete do litterato, no escriptorio dos negociantes, dos advogados, dos medicos e na casa do operario.

Além dos redactores effectivos, dos collaboradores republicanos, vultos como José de Alencar e talentos como Francisco Octaviano contribuiam com suas joias litterarias para a «Republica». As bellas poesias do traductor inspirado de Byron e Ossian figuravam ao lado dos romances do critico erudito e espirituoso aristarcho que analysava o «Vate Bragantino». Os artigos de fundo escriptos com criterio e em estylo elegante discutiam todas as questões sempre pela melhor face e em terreno elevado.

Não se julgue que todo o tempo do dr. Luiz Barbosa era destinado á gerencia da folha; frequentemente manejava a penna do redactor e sempre com exito. Artigos conceituosos e que foram tomados em consideração pelo governo, escreveu elle sobre a estrada de ferro de Pedro II, e ainda sobre outras questões, escolhendo de preferencia o lado pratico para resolve-la. A satyra não lhe era extranha, em occasião opportuna, e para exemplo ha mais de um escripto.

Não podemos aqui rememorar todas as paginas brilhantes que teve a «Republica», nesse periodo, talvez o mais glorioso de sua vida; em que Quintino Bocayuva ia até escrever o folhetim artistico a Pedro Americo; Salvador de Mendonça discutia esthetica com o architecto Francisco Caminhoá; Francisco Cunha enviava do Rio Grande do Sul os seus primorosos trechos de propaganda republicana; Aristides Lobo tratava magistralmente perante o direito do «Conflicto Allemão» e da «Reclamação argentina»; Lucio de Mendon-

ça, publicava suas primicias poeticas; e Ferreira de Menezes os seus elegantes folhetins; isto para não citar os succulentos trabalhos de Beulé, de Laboulaye, de Fernando Garrido, de Castellar que preenchiam sempre as columnas da «Republica», com materia instructiva e interessante.

Não descansava, porém, aquelle cerebro privilegiado; emquanto escrevia um editorial admiravel como o que tem por titulo «Philosopho ou Farfante», (\*) a proposito dos festejos que organisavam para a chegada imperial; publicava um novo plano de composição typographica, adoptando certas syllabas e letras dobradas, mandando fundir matrizes, proprias para esse methodo. A 18 de Março de 1872 publicou esse plano, e tendo que responder a alguém, que dizia-se primeiro inventor de tal systema, fe-lo de modo vantajoso, e logo publicou outro plano melhor ideado, segundo os especialistas.

Não se tem impunemente um excesso tal de vitalidade nervosa sem que outros systemas do organismo soffram profundamente; não havia compensação, entre as forças que perdia e o combustivel que assimilava.

Forçado a ceder perante o impossivel; a instancias da familia, dos amigos e por mandado do medico, que tambem era amigo, o dr. Fernandes de saudosa memoria, retirou-se em Abril para fóra do Rio, deixando a gerencia entregue ao dr. Salvador de Mendonça. Logo depois, entrou tambem para a redacção, o dr. Ferreira de Menezes, e assim foi mantendo-se a «Republica». Notava-se, porém, que alli faltava a energia vivificadora do dr. Luiz Barbosa, e tudo resentia-se de sua ausencia.

Boatos forjados por infames detractores, davam a empreza como empenhada; de sorte que para conjurar isso, declarou o dr. Luiz Barbosa na primeira columna da «Republica», a 24 de Abril que «nada devia», convidando a quem se «julgasse com direito a qualquer pagamento para apresentar a sua conta no escriptorio».

Por alguns dias cessaram os boatos; aproximando-se, porém a epocha do sorteio dos premios aos assignantes, novas Cassandras começaram a propalar que a «Republica» suspenderia a publicação antes de Maio, não pagando assim os premios.

O dr. Luiz Barbosa já estava fóra do Rio, mas tinha todo seu ser ligado ao andamento da empreza, e diariamente estava ao facto do que se passava ahi.

---

(\*) Vid. «Republica» de 25 de Fevereiro de 1872. Anno II n. 277.

Encerrou-se o sorteio no dia 2 de Maio com o numero de 9,984 assignantes especiaes, e no dia 3 a empresa annunciava o nome dos premiados, convidando-os a virem receber as quantias que lhe eram devidas; a todos satisfez integralmente, publicando os respectivos recibos. Não se abateu a coragem do dr. Luiz Barbosa; e annunciou novo sorteio para Agosto.

Não permanecia inactivo por fóra; procurava, entre correligionarios amigos e parentes, obter novas quotas para custeio da folha; a saude, porém, peiorava de dia para dia. Reconheceu seu estado e escreveu a Quintino Bocayuva para que viesse da Bahia, onde se achava, afim de assumir seu logar na direcção da folha.

Continuou sempre a occupar-se com toda a sollicitude da marcha moral e material da empresa; mas via com tristeza, que não era auxiliado como esperava por seus companheiros, e que perdera improficuamente seus grandes e heroicos sacrificios.

Não desejamos demorar a penna sobre este periodo doloroso da vida da «Republica», para não excitar susceptibilidades nem provocar queixas.

Desde que o dr. Luiz Barbosa começara a publicar o jornal na rua do Ouvidor, como que absorvera todas as outras manifestações do partido republicano, concentrada ahi, quasi todo o vigor dos correligionarios.

Foi um erro e um inconveniente, que sentiu-se logo depois; o partido não conhecia toda a extensão dos sacrificios do dr. Luiz Barbosa e menos ainda sabia das difficuldades pecuniarias com que luctava para sustentar a imprensa.

Muitos correligionarios, aliás dedicados, diziam que o dr. Luiz Barbosa, tinha recursos e que até era auxiliado por uma sociedade republicana dos Estados-Unidos!

Elle proprio conhecia esta situação, e sabia destes boatos; em conversa commigo, mais de uma vez, disse-me: «Quando perguntarem-te, como se chama a associação que subvenciona a «Republica», dize, que é o «Yankee-Club».

Era grande a acceitação da folha que em menos de um anno de vida diaria, attingira a 12,000 assignantes. Fez-se necessaria a vinda do dr. Luiz Barbosa da Silva em meiado de Setembro de 1872, ao Rio.

A 23 do mesmo mez assumiu a exclusiva propriedade e responsabilidade da empresa, conforme annunciou, ficando o dr. Salvador de Mendonça como redactor chefe auxiliado pelo dr. Ferreira de Menezes. Não era possivel, porém, sua permanencia no Rio; procurou por tanto entregar ao «Club» o deposito sagrado que recebera, sem indemnisação alguma.

Este facto honra o desinteresse do character integro do dr. Luiz Barbosa. Convocou a reunião do partido; mas poucos compareceram. Expoz-lhe com franqueza o estado real da empreza e pediu com urgencia uma deliberação.

Não sendo possivel decidir-se a questão com essa urgencia, e sob a pressão de circumstancias desagradaveis, decidiu o «Club», que ficava-lhe o direito de dispôr do material da typographia, como lhe approuvesse, com tanto que salvasse a folha de uma morte desastrosa.

Lavrrou-se uma acta da reunião, assignada por todos os presentes, que foi entregue ao dr. Luiz Barbosa, a seu pedido, como documento que o justificasse de qualquer accusação futura. Entrou em combinação com Quintino Bocayuva e transmittiu-lhe a folha que passou sob a nova phase, apparecendo o primeiro numero a 9 de Outubro de 1872.

Ao retirar-se da imprensa escreveu:

«Na vida de retiro a que o meu estado valetudinario me obriga só almejo ser acompanhado pela justiça d'aquelles que me conhecem, e que espero affirmarão que, se fiz pouco, fiz entretanto tudo quanto se podia exigir dos fracos recursos de que dispuz alentado embora pela mais completa abnegação.»

Aqui termina a nossa tarefa de acompanhar a vida da «Republica», a que esteve então intimamente ligada a vida do dr. Luiz Barbosa.

Ninguém pôde desconhecer os sacrificios athleticos que fez o dr. Luiz Barbosa, para manter com honra e brilhantismo o papel proeminente que teve a «Republica» no jornalismo brasileiro.

Talvez grande parte do partido ignore esses factos; nós que fomos testemunha de vista, do quanto trabalhou aquelle patriota a bem das idéas republicanas, trazemos este depoimento sincero, verdadeiro e desinteressado, para algum dia ser aproveitado pelos nossos historiadores, para que justiça seja feita ao grande merito do distincto republicano paulista morto prematuramente em serviço da boa causa.

Entregue o jornal a outras mãos, retirou-se para o sitio, á vida particular no seio de sua familia, cercado de amigos e de seus magnificos livros; assim passou cerca de dois annos e meio refazendo a delicada saude.

Achando-se um pouco melhor, pesou-lhe essa vida inactiva, e resolveu abrir escriptorio de advocacia em Barra-Mansa, visto como era-lhe prohibido pelos medicos voltar ao Rio de Janeiro.

A respeito deste ultimo periodo da vida do dr. Luiz Barbosa, seja-nos licito transcrever as eloquentes palavras de seu maior amigo e admirador, o dr. Braz Barbosa :

«Ahi (na Barra Mansa) como advogado, ainda seus trabalhos são consultados; era um oraculo e como homem era um semi-deus e o merecia. Seu espirito crescia com os annos, seus nobres sentimentos, sua eloquencia, nunca excedida tomaram um cunho particular de grandeza de quem se sente fóra das paixões e torpezas humanas, e preparado a ser apreciado pelo juiz dos juizes.»

Ainda hoje o nome do dr. Luiz Barbosa é proferido com amisade e respeito no municipio de Barra-Mansa e circumvisinhos.

Antes de concluir, demos-lhe os traços particulares, que completam esta grande individualidade.

Alto, esbelto, de physionomia expressivamente sympathica, o dr. Luiz Barbosa da Silva impressionava de modo agradável desde a primeira vez que se via. Testa espaçosa, bem conformada, olhos vivos, rosto oval, todos os traços eram bem accentuados e correctos, de modo que a pallidez do semblante, revelando uma constituição debil, imprimia um aspecto melancolico e suave ao dr. Luiz Barbosa. A voz sonora e agradável, embora fraca, atrahia a sympathia de seus ouvintes.

Frequentando ainda a Academia, enamorou-se da exma. sra. d. Emiliana Moraes Barbosa da Silva, com quem casou-se a 7 de Setembro de 1861.

Foi esta distincta senhora quem deu-lhe toda a suavidade que encontrou na longa e cruel enfermidade que o aniquilou.

Deixou apenas dois filhos, a exma. sra. d. Maria Natallina e o sr. Antonio Braz, que herdaram seu grande nome, e que tem a vida exemplar de seu pae, para transmittir aos descendentes.

Marido exemplar, pae extremosissimo, era typo do bom amigo, como fóra do filho desvelado e do irmão querido.

Dotado de solida e variada instrucção, tinha a intelligencia voltada sempre para o lado util e practico das cousas; mais accentuada ainda se tornou esta feição de seu character, depois da viagem aos Estados-Unidos.

Franco e leal, nunca soube disfarçar suas opiniões, nem

calar as convicções que nutria, fosse qual fosse o assumpto ou o individuo de que se tratasse; tudo sacrificava ante o direito estabelecido pela sua razão esclarecida e recta.

Delicado, cortez e espiituoso, tinha como Dumas, o segredo da palestra, sempre nova, attractiva e interessante.

Em litteratura, como em sciencias positivas, era possuidor de variado e grande cabedal, incessantemente renovado e augmentado pelo estudo e pela leitura de sua rica e preciosa bibliotheca.

Balsac era um de seus auctores predilectos, Legouvé e Laboulaye, tinham grande influencia sobre suas idéas.

Philantropo, como todo grande coração, durante toda a vida deu numerosos e eloquentes exemplos d'essa grande qualidade, deixando em seu testamento padrão immorredouro dos sentimentos elevados que o animavam.

Tão completo no seu todo, era tambem livre pensador em materia religiosa, ligando á theologia e suas creações o valor que a sciencia positivista lhe assignala hoje.

A especulação clerical, felizmente, não pôde anniquilar o documento precioso que deixou a seus filhos e á posteridade e que ainda o recommenda sob esse ponto de vista.

Eis como exprimiu-se neste assumpto, em seu testamento, escripto pouco antes de fallecer, e quando já via proximo o termo da vida.

«Quero ser sepultado sem pompa alguma e enterrado nú sem lençol, caso seja prohibido queimarem o meu cadaver, como desejo, lançadas as minhas cinzas em terreno de cultura agricola. Prohibo que se digam missas por minha alma e que se me façam encommendações ou obsequios religiosos em que não creio e que condemno como superstição impia e esbanjamento de dinheiro que se pôde aproveitar em esmolas, que peço aos que se lembrarem de mim depois de minha morte, as façam em meu nome ou intenção como se diz vulgarmente.»

Dotado de character energico; não atreveram-se os zuaivos do ultramontanismo, perturbarem-lhe a hora extrema, como soem fazer, nem insultaram-lhe a agonia como ao grande Cesara Zalousky, ou ousaram representar a farça burlesca como fizeram com o inclyto Osorio.

Pôde-se dizer do dr. Luiz Barbosa da Silva que era um paulista á antiga; energico, apprehendedor, leal, independente e escravo de sua palavra.

A enfermidade, porém, tinha caminhado a passos gigantados, sobrevindo-lhe fortes hemoptyses.

«O ultimo anno de sua existencia, escreveu Quintino Bocayuva, (\*) foi por assim dizer, uma agonia prolongada; mas nesse mesmo periodo, novos estudos, novas combinações, novas esperanças, illuminavam-lhe a alma, e elle sentia-se reviver, sempre que tinha occasião de conversar sobre o assumpto que lhe era predilecto, communicando, com vivo prazer, a amigos e estranhos os seus calculos e as suas aspirações.»

A 26 de Junho de 1875, ás 4 horas da tarde, na fazenda «Confiança», propriedade de seu sogro, falleceu o dr. Luiz Barbosa da Silva, perdendo a provincia de S. Paulo, um dos seus mais brilhantes talentos, o Brazil um dos cidadãos mais dignos e o partido republicano uma de suas mais charas esperanças e talvez uma de suas mais fortes columnas.

Felizmente não chegou a vêr tanta disserção vergonhosa e não teve como Flavio Farnese, que o precedera no tumulo, de corar por ter confiado em alguns individuos, formados de sentimentos de lacaio e de lama dos esterquilinos imperiaes.

Terminaremos este rapido esboço com as palavras que escreveu, ao traçar o necrologio de Flavio Farnese a 7 de Setembro de 1871 :

«Mas se lhe não foi dado vêr a realisação das suas mais charas esperanças, seu nome ahí fica na memoria do povo, fulgido e brilhante entre os clarões da aurora democratica.»

Quando no futuro o Brazil entrar na communhão dos povos livres, seus irmãos, na America, e o partido republicano levantar o Pantheon de seus benemeritos, entre os mais brilhantes gravará o do dr. Luiz Barbosa da Silva, pois «nenhum barateou tanto os bens da fortuna, o tempo, o trabalho com inteira abnegação e renuncia de todos os proveitos pessoaes, crente até sua ultima hora nos gloriosos destinos da liberdade e da patria!»

Guaratinguetá, Setembro de 1880.

Dr. A. C. DE MIRANDA AZEVEDO.

---

(\*) «O Globo». Anno II, n. 176. 29 de Junho de 1875.

## Refugio

Tem a panthera um antro solitario  
cuja negrura a traição encobre-a,  
e onde o pavor lampeja como um raio  
na fulva luz do seu olhar sinistro.  
Lá não se affouta o çafre temerario,  
quando a panthera silenciosa aguarda  
na sombra dos juncaes.

O condor audacissimo dos serros  
que vae pousar sobre o rochedo abrupto  
e dilatando a vista — sobranceira  
á zona das tormentas temeroso  
afinea o olhar no raio deslumbrante,  
despreza a astucia dos ardis humanos.  
Não ha furia de balla aventureira  
que vingue a altura da arrojada crypta  
onde mora o condor.

A timida alimaria que retouça  
o tenro broto do rasteiro matto  
foge ao tiro da flecha envenenada  
na escuridão da socegada lura.  
Foge-lhe presto o forasteiro passaro  
no recesso da fronde emaranhada  
onde escondera o ninho.

.....  
Eu—contra a dôr que inflingem-me os ingratos,  
contra o beijo dos judas traidores, me abrigo  
em nosso lar, e em teu amor.

S. Paulo—1880.

EZEQUIEL FREIRE.

DROGARIA CENTRAL HOMŒOPATHICA

DO

DR. LEOPOLDO RAMOS

**2 Largo de Palacio 2**

—( )—

Unico deposito dos productos chimicos e  
pharmaceuticos de

JAMES EPPS & C.

de Londres

—( )—

Consultas das 10 ás 12 horas da manhã.

Medicamentos inglezes e indigenas, em  
globulos e tinturas, de todas as dynamisa-  
ções, em vidros avulsos ou em carteiras.

Chá, café e chocolates homœopathicos.

Emplastro de arnica, opodeldocs, ceros,  
etc., pelo preço das pharmacias da  
Côrte.

**2 LARGO DE PALACIO 2**

**S. Paulo**

## Uma carta

Meu charo Lisboa.—Ao fervoroso empenho que hoje manifestaste-me, de publicares no teu bem aceito *Almanach de S. Paulo* algum escripto em prosa da penna do exm. conselheiro José Bonifacio, correspondo enviando-te de prompto o unico que possuo, que tenho como riqueza e que guardo como avarento; é uma carta datada de 26 de Abril de 1868, um precioso documento litterario e politico, endereçado a um amigo, quando redactor da *Democracia*, periodico partidario que aqui se publicava.

Essa carta acompanhou a celebre poesia—*PRIMUS INTER PARES*—por elle escripta e dedicada ao bravo capitão Arthur Silveira da Motta; é gemma preciosa pouco conhecida e que por certo te dará no gôto.

Teu

LUIZ GAMA.

---

Meu charo redactor.—Escrevo-lhe ás pressas, e escrevo-lhe para saudar um dos bonitos nomes da esquadra brasileira.

Esquecido ou lembrado—pouco importa; brilhará da propria gloria, como essa de Jeronymo Gonçalves, o heroico e zeloso commandante do

*Silvado*, tão prompto no ataque dos encouraçados, como o foi na Ilha da Redempção !

«Extravagancia, dirá talvez !... pois lembrese ainda de Humaytá e do assalto á bayoneta ao reducto Estabelecimento? Quer fallar-nos de guerra, quando o socego está por toda parte, o desanimo começa a invadir-nos a todos, e os horisontes nublam-se?! Entre as novas linhas do Tebiquary, para onde com todo o *socego, solemnidade e cuidado*, transporta o inimigo tudo que tem enquanto fazemos *grandes movimentos* estrategicos para tomar praças abandonadas, e a discutida intervenção estrangeira na imprensa europeá, não descobre variadissimas e tristes conjecturas?! As tres bandeirolas, que não se sabe ao certo aonde estavam erguidas, quando a nossa esquadra subiu a Assumpção para *comprimentar* o arsenal inimigo, não lhe parecem o conceito de uma charada, que já vae sendo advinhada?!»

—Comprehendo sim, comprehendo tudo isso ; mas trata-se de cousa differente. O que aprecio na presente guerra é o heroismo individual, é a coragem do soldado e do marinheiro, é a resignação em frente de todos os martyrios ; é a dedicação geral.

Continuidade de vistas, plano de operações, direcção no theatro da guerra, systema de ataque e de defesa—é cousa que nunca vi ! Pelo contrario tenho lido em caracteres maiusculos despropositos, que só neste paiz constitucional se escrevem.

Estes assaltos *homericos* para tomar uma peça de campanha, deixando ao inimigo retirar tudo

antes—sem te-lo percebido; estas expedições, que ateam incendios, destroem viveres e laçam carneiros, ficando intactos os arsenaes do inimigo, que aliás retira-se para dentro de novas linhas fortificadas; estas secções de encouraçados que estacionam mezes a bombardear uma fortificação, collocados entre duas fortalezas, e são alimentados por estradas de ferro, como se porventura tal operação devesse ser emprehendida antes de se poder atravessar Humaytá; estes reductos que se tomam e abandonam ao mesmo tempo; este sitio perpetuo e incomprehensivel, que jámais acaba de fechar-se e tem sempre occultas aberturas, como as portas mysteriosas das peças magicas; e mil outras cousas, se não forem explicadas, não dão direito a louvores, mas sim a tremendas responsabilidades!

A guerra está a terminar, não póde durar muito; ou a fortuna sorri ao exercito brasileiro para levar o ataque até o Tebiquary; ou, se o não fizer, ahí está a intervenção estrangeira, pesando com todos os seus elementos e com o auxilio que lhe prestam os nossos proprios erros.

Entenda-me: a questão para mim é outra: enthusiasma-me essa valente cavallaria rio-grandense, que atira-se (loucura sublime!) de lança em punho a escalar muralhas; applaudo com phrenesi esse Andrade Neves, que para mim nunca será titular, destroçando alegremente os corpos inimigos, como Murat vestido de sêda chicoteava os quadrados austriacos; queima-me o delirio do amor patrio, no meio das lagrimas que molham-me os olhos, quando contemplo essa

phalange de heróes, rica de talento e de mocidade, desimada pela peste, pelo soffrimento e pela metralha, e que morre cantando a marselheza da civilisação, como na França o faziam em outros tempos os convivas da guilhotina!! Eis ahí o que me electrisa, e tenho razão. E' o que ha de salvar-nos do ridiculo aos olhos da historia.

Estes pobres versos, que lhe remetto, nasceram desprezenciosos no sentimento desse amor, e exprimem ainda um grito da consciencia revoltada.

Quando, ao chegar a noticia da passagem de Humaytá, eu via de envolta com as exhibições officiaes, o enthusiasmo do povo correndo delirante; e quasi esquecido, ao resoar dos applausos, o nome do primeiro official brasileiro, que passou as famigeradas correntes — confesso que me entristecia.

Ah, meu paiz, meu paiz! exclamava contristado! se tu soubesses ser grande; grande como tuas montanhas e teus rios, não precisavas da força que esmaga, bastava-te o desprezo que se pulta, e o esquecimento que mata!

Os poderosos de hontem e de hoje não escarneceriam de tuas enfermidades, não te amariam como o fidalgo ama a lavrada baixela, o usurario a burra cheia de preciosos metaes, e o rico os trastes luxuosos do dourado salão!

Dispertasse a tua consciencia, a meio adormecida, para amar tudo que é nobre, elevado, justo e digno; e para punir o vicio, a hypocrisia, a vaidade e o crime... Como serias grande?!

Emquanto os governos sacodem os seus titu-

los e as suas condecorações, guardasses tu sempre para os que o merecessem as madresilvas de teus campos, as estrellas do teu céu de anil, e os sorrisos azues de tuas auroras purissimas!

Não, não precisavas da força que esmaga: era confundir o direito da victima com a brutalidade do carrasco.

Bastava-te um olhar severo, um gesto altivo, um gemido suffocado, ou mesmo o silencio; um silencio eloquente e mysterioso, como a nudez profunda da noute na solidão das florestas virgens.

Eis ahi o que eu dizia, afflicto, afflicto duas vezes, como brasileiro e como homem! Quiz protestar, e posto que nunca tenha escripto versos, fi-los pela primeira vez.

São seus,—se valem alguma cousa, publique-os. As democracias devem amar o talento, a gloria, a dedicação, o heroismo, tudo que é bom, bello e grande. Applaudi-los, onde quer que os encontremos—é o verdadeiro caminho para a futura victoria.

Porque não saudar o capitão-tenente Silveira da Motta? Demos-lhe nós, homens do povo, o nosso titulo! Não tem assignatura imperial; tanto melhor,—ninguem o póde falsificar.

Adeus—até depois.

Rio, 26 de Abril de 1868.

JOSÉ BONIFACIO.

## A paisagem

Que encantadora paisagem  
Bordaste, ó alva Leonor !  
Fizeste um poema selvagem  
Com as tuas linhas de côr !

Que ondulação de poesia  
Envolve o vasto ambiente !  
Basta olhar, e fica a gente  
Presa de immensa alegria !

Muito bem, artista ! Bravo !  
A' gloria chega-se assim !  
Como é perfeito este cravo...  
Como illude este jasmim !...

Do manso lago bem perto,  
Meio do sol resguardado,  
Ergueste um ninho adorado  
Semelhante a um céu aberto.

Quanta idéa e quanto effeito  
Em tudo ! Quasi que nós  
Não crêmos ser isto feito  
Com bocados de retroz.

E' um quadro todo primores...  
Alcatifas, rosas, nuvens...

Tem teu trabalho os fulgores  
De uma inspiração de Rubens !

Em torno daquella flôr  
Toda de orvalho esmaltada,  
Dança uma mosca doirada  
E esvoaça um beija-flôr !

Como que se escuta mesmo  
A vagar pelo arvoredado  
Uma aspiração a esmo...  
Braço dado com um segredo...

Além por aquelle atalho,  
Levando ao hombro um machado,  
Um camponez reforçado  
Vae em busca do trabalho.

Na sua frente sadia  
Ha sorrisos expressivos...  
O grande astro—a alegria  
Põe-lhe uns toques bellos, vivos...

E a camponeza fransina  
Que alli ficou junto ao lago,  
Beija n'um tumido affago  
Do filho a frente divina...

Do tecto da alva casinha  
(Ninho de amor e de graça)  
Vae fugindo a nuvensinha  
De uma azulada fumaça...

E' que lá dentro arde a lenha...  
Fogo que o almoço prepara  
Emquanto sobre a agua clara  
A folhagem se desenha.

Que encantadora paysagem,  
Bordaste, ó alva Leonor !  
Ha neste encanto selvagem  
Um mundo immenso de amor.

CARLOS FERREIRA.

---

## Abarémanduaba

As canôas de expedição que seguiam antigamente de Porto-Feliz a Cuyabá, e que levavam algum padre ou objectos do culto eram ornadas em sua pôpa com bandeiras em que pintava-se a ephigie de José de Anchieta, em commemoração do seguinte successo milagroso :

Uma vez em uma cachoeira do Tieté cahiu aquelle missionario; quando o julgavam morto, alguns indios encontraram-n'o debaixo d'agua, resando no seu breviario.

Dahi o nome de *Abarémanduaba* (lembrança do padre) dado a essa cachoeira.

O levantamento das costas maritimas desta provincia; razão por que os nossos rios correm da costa para o interior.

Quem percorre o nosso litoral desde as vizinhanças da cidade do Rio de Janeiro até a provincia de Santa Catharina, vê, que das proximidades das praias ou a curta distancia dellas se levanta a grande cordilheira chamada—Serra do mar—que nesta provincia tem o nome de Parnapiacaba, a qual orla a costa desta parte do continente sul americano.

Quem da cidade de Santos ou de qualquer outro ponto desta parte da nossa costa caminha para o interior, depois de atravessar a pequena planicie, mais ou menos extensa, que borda as praias ou os mangues, encontra de frente a grande, alta e alcantilada cordilheira, que tem de galgar para internar-se nesta provincia, na do Paraná e na de Santa Catharina.

Chegando, porém ao cimo da serra vê, salvo as ondulações do terreno, uma inclinação doce e suave da superficie que desce para o interior.

Desta conformação resulta que todas as aguas que brotam do alto da serra do mar para o lado do poente, ou que cahem das nuvens, correm para o interior do paiz, e vão formar as bacias do alto Parahyba, do Tieté, do Paranapanema,

do Iguassú, do Uruguay, e finalmente, a grande bacia do Paraná.

Tomadas as alturas de alguns pontos desta provincia, acima do nivel do mar, encontra-se o seguinte : alto da serra 842<sup>m</sup>; Braz 728<sup>m</sup>; Luz 737<sup>m</sup>; Campinas 694<sup>m</sup>; Rio-Claro 614<sup>m</sup>; Pindamonhangaba 558<sup>m</sup>; Sorocaba 535<sup>m</sup>; Ytú 513<sup>m</sup>; este facto demonstra concludentemente que a superficie geral dos terrenos se inclina ou desce suavemente para o interior nesta parte do nosso paiz.

Dizem as pessoas que têm percorrido e conhecem o interior da provincia, além da cidade do Rio-Claro, que alli se encontram planicies estereis, cobertas de arêa, vulgarmente chamadas —areões— e que do meio destas planicies se erguem montes, ou pequenas cordilheiras de terras ferteis, vestidas de frondosa vegetação como o Morro Pelado, Cuscuzeiro, etc.; representando ilhas emergidas daquelle mar de arêa.

No valle do rio Parahyba na cidade de Pindamonhangaba, na base da serra do Parahyba, encontra-se uma grossa camada de grez antiquissimo, que em pequenos fragmentos rolados é acarretado pelas aguas do rio Piracoama e Ribeirão Grande.

No alto da serra do Cubatão, nas proximidades do logar onde se acha a estação da linha ferrea Inglesa existe um pequeno ribeirão, que corre para o interior, margeando a estrada; este ribeirão acarreta tambem em fragmentos rolados grez da mesma natureza do que se encontra nos rios acima mencionados do municipio de Pin-

damonhangaba, e que podem ser vistos encrustados na gruta do Jardim Publico desta capital, tendo sido tirados e conduzidos do supradito ribeirão para as obras do referido jardim.

O alto da serra do Cubatão, como vimos, está a 842<sup>m</sup> acima do nivel do mar e Pindamonhangaba a 558<sup>m</sup>; differença 284<sup>m</sup>.

Notaveis geologos estabelecem o seguinte principio: que as rochas da mesma idade tem a mesma composição chimica e mineralogica; e reciprocamente, ás rochas tendo a mesma composição, e formadas de mineraes identicos, associados da mesma maneira, são da mesma idade.

Verdade seja que referem-se elles ás rochas de origem plutonica; mas, pela identidade de razão applica-se tambem este principio ás rochas formadas pela via liquida.

Das observações a que procedi (salvo a opinião dos profissionaes) conclui, ou me pareceu, que o grez do alto da serra do Cubatão é da mesma natureza, e portanto da mesma idade, do grez do municipio de Pindamonhangaba.

Este grez portanto já estava formado e achava-se mais ou menos na superficie dos terrenos desta parte da nossa provincia quando ella emergiu do seio das aguas, facto este que me parece teve logar mais ou menos na época secundaria.

Destas observações concluo tambem que quando teve logar o levantamento ou a emersão desta parte do nosso continente, os terrenos altearam-se mais ao correr da costa, no logar onde houve a ruptura da crosta solida sendo determinado este facto pelo abaixamento da parte occu-

pada pelo mar, e maior compressão da massa interior do globo; e este maior alteamento para o lado da costa determinou também a inclinação da superficie para o interior do paiz, e consequentemente a direcção dos nossos rios para o lado oeste da provincia.

Fallando sobre a ruptura da crosta solida do globo, ao correr da nossa costa, facto este que deu logar ao abaixamento da parte occupada pelo mar e ao levantamento da parte emergida, que constitue a serra e o interior do paiz, chamo a attenção para este ponto das pessoas que já desceram a serra do Cubatão, tanto pela antiga estrada da maioridade, como pela estrada de ferro da companhia Inglesa.

Se no alto da serra encontra-se a camada de grez, como já vimos, ao descer da serra encontram-se massas de todas as dimensões e fórmulas de granito, de gneiss, rochas eruptivas, de envolta com massas de quarts, de silica, de arêa, de talco e de argila, tudo em desordem, lançadas sobre aquelles profundos e alcantilados desfiladeiros, representando ruinas colossaes de gigantes desmoronamentos.

Estes destroços descem do alto até á raiz da serra e logo em seguida se encontra o mar.

Estes factos, portanto, vem ainda corroborar a nossa opinião, de que alli teve logar a ruptura da crosta solida do nosso globo.

A existencia das grandes planicies de arêa além do Rio-Claro, e o abaixamento progressivo da superficie dos terrenos para esse lado da provincia, a partir do alto da cordilheira maritima,

me faz crêr, que já se achavam emergidos os terrenos que do Rio-Claro vem ao alto da referida serra, quando os que vão do Rio-Claro para o interior ainda se achavam, no todo ou em parte, debaixo das aguas, quer fossem aguas do mar ou aguas doces; o que só o estudo feito nos proprios terrenos póde determinar, e que com o correr dos annos ou dos seculos, aquelles terrenos se foram alteando e as aguas a seu turno retirando-se.

Seriam estes alteamentos o resultado immediato de uma ou muitas dessas commoções, ou desses cataclysmos por que tem passado o nosso globo, sob a acção plutonica, ou o resultado de um levantamento lento e progressivo, como tambem se tem observado em varios pontos do mesmo globo ou o resultado de ambos estes factores?

Inclino-me a crêr que o primeiro rompimento, e consequente abaixamento e levantamento foi operado por uma ou diversas commoções violentas, e a partir desse primeiro facto, era possivel tambem, que a pressão progressiva da parte occupada pelo mar que ia recebendo augmento de pezo com os detritos acarretados pelas aguas das encostas da serra e contracção do proprio globo, fosse operando lentamente a progressão do levantamento da parte emergida, até chegar ao estado em que se acha em nossos dias.

De elevações rapidas de uma parte da crosta solida do nosso globo, temos exemplos ainda recentes.

Nas costas do Chile, paiz eminentemente volcanico e constantemente flagelado por essas com-

moções violentas, resultado da acção plutonica, ainda não ha muitos annos, em consequencia de um desses terremotos, levantou-se a costa, em uma extensão de 800 milhas, uns poucos de metros acima do nivel do mar, resultando dahi ficarem em secco portos onde antes ancoravam navios, e povoações que se achavam juntas a praias ficarem distante dellas; navios que estavam fundeados nos portos ficaram em secco e o mar distante.

De levantamentos lentos, temos exemplos em varios pontos do globo, e para não estender mais este estudo, lembro apenas as costas da Suecia, que ha muitos annos se estão alteando lentamente.

Era nosso proposito expender aqui a theoria dos levantamentos e abaixamentos da crosta solida do planeta que habitamos; porém este estudo nos levaria longe e nos é limitado o espaço de que podemos dispôr nas paginas deste *Almanach*.

Ficamos, portanto, aqui.

O desejo de aprender é que nos impelle a agitar, como simples curioso, estas questões. Se os nossos juizos e raciocinios não são verdadeiros, os profissionaes na materia dirão a palavra da sciencia, e nós aprenderemos.

Depois de já composto este artigo nos informou o dr. Martinho Prado Junior que, de escavações feitas no municipio das Araras, tiraram-se quantidade de cascas de ostras e de conchas marinhas, das quaes elle trouxe algumas amostras para esta capital e as offereceu ao dr. José Barbosa.

Este facto me parece que vem justificar a nossa opinião expendida no presente artigo de que aquelle lado da provincia ainda se achava debaixo do mar, quando a parte mais proxima das costas já se tinha emergido.

Resta agora examinar as referidas amostras para se determinar a época geologica a que pertencem e este exame e determinação trará toda a luz para o estudo a que procedemos.

S. Paulo, 4 de Outubro de 1880.

MIGUEL MONTEIRO DE GODOY.

---

?

( LOUISE BERTIN )

Se a vida tem por fim a *morte*—então, porque  
á beira do caminho  
ha tanta linda flôr nas moutas verdejantes  
e depois, se o outomno as desfolhou, porque  
choramos só de as vêr levadas pelo vento?

Se a vida tem por fim a *vida*—então, porque  
á beira do caminho  
topamos sob a relva a pedra aspera, e a flôr  
sob a petala esconde o espinho que nos fere  
nesta senda que vae, não sei se á morte ou á vida?

S. Paulo—1880.

EZEQUIEL FREIRE.

# CASA LAPORT

48 RUA DA IMPERATRIZ 48

S. PAULO

—( )—

## H. LAPORT & C.

CASA FILIAL DE

## HENRIQUE LAPORT & C.

SUCCESSORES DE

## VIUVA LAPORT, IRMÃOS & C.

Estabelecidos ha mais de 50 annos

NO

RIO DE JANEIRO

75 RUA DA ALFANDEGA 75

—( )—

## COM FABRICA DE ARMAS

Rua Laport n. 1, em Liège, Belgica

## H. LAPORT & C.

Tem a honra de participar ao respeitavel publico que desde Janeiro de 1879 estabeleceram na cidade de S. Paulo, rua da Imperatriz n. 18 (na antiga loja de Celestino Bourroul) uma casa filial da antiga e muito conhecida casa

## VUVA LAPORT, IRMÃOS & C.

O ramo de negocio do novo estabelecimento consistirá na venda por Atacado e varejo dos productos da sua fabrica de armas em Liège (Belgica), e dos generos de importação de todos os paizes, e com especialidade da França, da Inglaterra, da Belgica e dos Estados-Unidos da America; receberemos todos os artigos ditos de Ménagère: trens de cosinha, panellas, caldeirões, chaleiras, fogareiros, talheres, ferragens, miudezas,apparelhos, machinas, ferramentas, relogios de parede, despertadores, lampeões, velas, biscutos, vinhos, etc., etc., etc., de todas as qualidades e mais outros muitos que estão annunciados nas folhas de S. Paulo.

Encarregam-se de qualquer encommenda para o imperio e paizes d'além-mar e tambem recebem á consignação generos nacionaes e estrangeiros.

Dispondo dos meios precisos para offerrecer todas as possiveis vantagens a seus amigos e freguezes, os seus preços serão os da Côte, constituindo-lhes assim uma differença a seu favor de 5, de 10 e muitas vezes de 15 por cento.

O seu fim é portanto fornecer tudo a condições extraordinarias de modicidade de preço, bom acondicionamento e promptidão na remessa, para o que esperam ser preferidos d'ora avante, assegurando que não pouparão esforços para não desmerecer a confiança que lhes tiver sido outorgada.

## DAR!

( N'UMA FESTA DE CARIDADE )

Ha mil degráus na vida para a gloria!  
Mil desejos que o mundo ergue á vaidade!  
Mas um raio sómente abre a victoria  
Ao céu, á luz, ao tempo:—é a caridade!

Dar—é ter no semblante a alma sorrindo!  
E' ter no peito o sol, o orvalho e a messe!  
E' ter na consciencia o templo infindo,  
E nos sonhos do amor—o incenso e a prece!

Dar—é sorrir! sorrir da terra ao espaço!  
Vêr dos anjos a face, o olhar sem véus!  
E' quasi o coração, do labio escasso  
Saltar tremendo! e até fallar com Deus!

Dar—é sim, como agora, o gozo e a festa!  
A alegria que expande o almo thesouro!  
Dar—é isto, é uma noute assim como esta,  
Em que o perfume e a flôr são bagas de ouro!

Amanhã, quando á choça do operario  
Chegar a angustia e a febre,—a dôr que opprime,  
O desalento e a morte—o funebre sudario,  
E o impeto da raiva, irmã do crime;

Amanhã, desprendendo a loura trança,  
Oh pallida mulher, divino encanto !  
Tu seccarás de novo, aurea esperanza,  
Lá no albergue do enfermo, a magoa e o pranto.

E depois ha de a fé co'as azas puras  
Cobrir o pobre em nitido agazalho :  
Soltando o vôo ao seio das alturas,  
Erguendo a frente ao hymno do trabalho !

Ha mil degráus na vida para a gloria !  
Mil desejos que o mundo ergue á vaidade !  
Mas um raio sómente abre a victoria  
Ao céu, á luz, ao tempo :—é a caridade !

F. QUIRINO DOS SANTOS.

---

Um maritimo, por occasião da quaresma, dirigiu-se a um padre mestre, no convento do Carmo, a cumprir o preceito da confissão, e lhe prometteu de que, ao menos naquelle dia, não offenderia aos preceitos do Altissimo. Pouco depois o confessor, sahindo do claustro, o encontrou de conversação com uma guapa mocetona. O reverendo, á vista dos requebros que este lhe dirigia, lhe disse :

—O' Manduca, não foi isto que me promettestes ?

—O' padre Joaquim, lhe respondeu elle immediatamente, isto não é para hoje, é para amanhã.

## Padre Angelo de Siqueira

MISSIONARIO APOSTOLICO

Escrevo com o fim de supprir muito imperfeitamente a ommissão de qualquer noticia ácerca deste grande paulista, nos *Apontamentos Historicos*, do finado sr. Azevedo Marques.

Da nobre familia de Siqueira, estreitamente alliada com os Camargos, nasceu em Parnahyba, em fins do seculo XVII ou no começo do de XVIII, o padre Angelo de Siqueira Ribeiro do Prado, e no começo de sua vida sacerdotal foi levado por interesses de familia e por sua fortuna abastada a envolver-se na politica da época, e tendo-se applicado ao estudo do direito, prestava-se ao exercicio da advocacia. Succedeu que sendo patrono de uma causa foi em uma rua de S. Paulo encontrado pelo individuo com quem seu cliente pleiteava, e d'elle recebeu uma bofetada no rosto. Este successo que, attendendo ás allianças de familia e á fortuna do padre Angelo, deveria ter seguido por prompta e inexoravel vingança, foi pelo contrario por elle acceito como uma advertencia da Justiça Divina em reprehensão de seu apego ao seculo, e no momento resolveu obdecer á admoestação de cima; vendeu seus haveres (entre os quaes uma carruagem que se diz ter

sido a primeira conhecida em S. Paulo) e distribuiu o producto com pobres, com egrejas e com seus parentes, destinando especialmente uma quota para a educação de seu sobrinho o padre Antonio Ribeiro do Prado, ao depois vigario collado da matriz de Mogy-mirim.

Reservou para si uma muda de roupa e seu Breviario, e desceu a pé a serra até Santos, onde se embarcou para a Europa, e chegando a Roma foi alli bem recebido e honrado por Sua Santidade com lettras de missionario apostolico, em cuja qualidade elle prégou missões nos reinos de Castella e de Portugal com grande acceitação, e diz a tradição que elle, em sermão prégado em Lisboa, predissera o grande terremoto com que foi aquella cidade ao depois visitada.

Passados alguns annos o sobrinho padre Antonio Ribeiro do Prado, tendo recebido as sagradas ordens, dirigiu-se para a Europa a visitar o tio, e encontrou-o com aposentadoria na cidade de Tués, na Galliza, cercado do respeito e veneração do bispo, do clero e fieis, e além do prestigio devido ás suas virtudes e ás suas habilitações como orador sagrado, gozando de creditos como litterato e theologo, nascidos da publicação em Lisboa de dous livros de devoção ascetica.

Infelizmente não me recordo dos titulos destes livros, dos quaes vi, de um, um exemplar ha muitos annos em Ytú, em poder de um fulano Vieira, morador em Agua-Choca (hoje Monte-mór) que era cunhado do finado capitão Cyrino de Ytú e filho de um velho coronel Apiahy, e de outro apenas algumas folhas as quaes enviei com

noticia do autor ao finado biographo Innocencio da Silva, por intermedio do finado conselheiro dr. José Feliciano de Castilho, porém ignoro se a informação que prestei foi aproveitada.

Regressaram ao Brazil juntos o tio e o sobrinho, vindo este ultimo a ser o primeiro vigario collado em Mogy-mirim (antigo Mogy dos Campos), cuja matriz elle enriqueceu com as seis imagens da Paixão que servem para a procissão do Triumpho e que ainda existem naquella matriz, tendo sido feitas na Bahia.

Durante seu parochiato deu-se a installação da nova parochia de Campinas, a 8 de Setembro de 1774 quando elle assistiu á missa solemne e ao benzimento da matriz provisoria. Depois elle renunciou á parochia, e depois de curta residencia em Campinas, recolheu-se ao Salto de Ytú residindo no presbyterio annexo á igreja, onde servia de capella, e onde jaz enterrado.

O padre Angelo, depois de visitar os parentes em S. Paulo, passou-se para o Rio de Janeiro onde fundou o Seminario de Nossa Senhora da Lapa, e diz-se tambem que fundou outro estabelecimento de educação em Campos.

Quanto ao Seminario da Lapa, eu passo a transcrever o theôr do que vem relatado em algum livro que trata da historia do Rio de Janeiro, mas qual seja ignoro, que foi copiado por um meu amigo e remettido a mim por saber quanto eu me interessava ácerca da historia deste paulista por seu parentesco com minha familia.

Diz o autor do tal livro :

«Foi o padre Angelo de Siqueira, natural de

S. Paulo, e missionario apostolico, e fundador do Seminario da Lapa no Rio de Janeiro.

Obteve o terreno do capitão Antonio Rebello, e tendo alcançado licença do bispo d. frei Antonio do Desterro, pela provisão de 2 de Fevereiro de 1751, deu logo principio á obra, concorrendo elle com diversas esmolos, assim como outros bemfeitores.

Concluido o edificio, que foi consagrado a Nossa Senhora da Lapa, entraram em exercicio as aulas de latim e canto-chão e de ceremonias do côro.

No acto de lançamento da pedra fundamental, incluiu-se uma inscripção em latim que vem transcripta nas *Memorias*, de Pizarro.

Como os alumnos desse Seminario usavam de sotaina preta e capinha da mesma côr, o povo os denominava *Formigões*.

Esse Seminario foi extincto em 1810, e em 21 de Outubro desse anno começou a ser occupado pelos frades do Carmo.»

Eu já vi uma estampa antiga representando seminaristas da Lapa em seu habito.

Dos ultimos annos da vida deste notavel varão não tenho noticia.

Tão profunda foi a estima em que era tido que eu conheço um moço seu descendente collateral que recebeu o nome de Angelo em lembrança d'elle.

Na vida do padre Angelo e de outros muitos antigos paulistas se pôde conhecer o alto gráu de verdadeira civilisação em que S. Paulo se achava antes de começar a época do barbarismo

e demolição inaugurada pelo arcebispo da nobreza paulista—o desalmado Pombal.

Então e enquanto duravam as boas tradições, nem a abolição de pontos e sabbatinas teria trazido a desorganisação do ensino e a demoralisação que resulta da experimenta do sr. Leoncio.

Como prova citarei um velho meu conhecido que foi escrivão de orphams em Porto-Feliz, que estando a estudar humanidades em Ytú e com boa nota, foi não obstante designado pelo capitão-mór para partir n'uma leva de gente para o açougue do Prata; mas conseguindo fugir, levou ás costas seu dicionario e seu Horacio ao sítio em S. Roque, onde homisiou-se.

Campinas—1880.

DR. RICARDO GUMBLETON DAUNT.

---

Os guaranys na noute da vespera de finados costumavam rodear de luzes as sepulturas de seus mortos e algumas vezes em cada domingo.

---

Por ordem régia de 10 de Março de 1732 foi prohibido que das capitancias do Brazil passassem mulheres a Portugal sem licença prévia do governo.

# AO LIVRO DE OURO

RUA DE S. BENTO N. 65  
S. PAULO



Grande sortimento de papel, envelopes e brinquedos para crianças

OBJECTOS DE PHANTASIA PARA PRESENTES

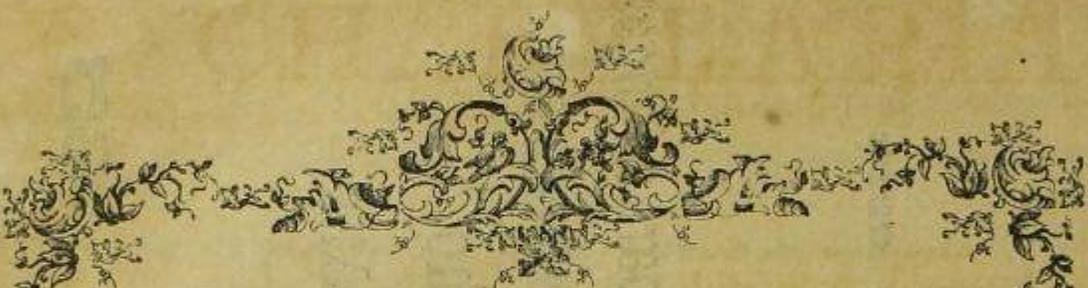
Objectos de escriptorio e armario

TINTA DE ESCRIVER E COPIAR

PREÇOS BARATISSIMOS



Rua de S. Bento N. 65



AO LIVRO DE OURO  
**PAULO EBERLEIN**

COM

OFFICINA DE ENCADERNAÇÃO  
PAUTAÇÃO E TYPOGRAPHIA  
FABRICA DE LIVROS EM BRANCO

Nesta grande e bem montada officina, aprrompta-se  
tudo que é de sua especialidade, com urgencia, gosto e  
zêlo, mediante preços modicos.

Rua de S. Bento N. 65

**S. PAULO**



## A uma estatua de Jupiter

Oh tu que tens do mundo o regimento,  
Se amas o bem, se odeias a maldade,  
Como vejo com premio a iniquidade,  
E abandonado o são merecimento?

Devo crêr que do tartaro o tormento  
Castiga uma mortal leviandade,  
Que seja alta sciencia, amor, piedade  
Expôr-me a um mal sem meu consentimento?

Guerras crueis, estupidos tyrannos,  
Males, queixumes, e molestias tristes,  
Enchem o curso dos pesados annos.

Se és deus, se isto prevês, e assim permittes,  
Ou fazes pouco apreço dos humanos,  
Ou só aqui em pedra bronca existas.

ALEXANDRE DE GUSMÃO. (Santista).

---

Os que dão attenção aos aduladores são como  
os cegos, que ouvindo o que lhe dizem, não vêem  
o que se lhe faz.

# CHAPELARIA

DO

## GRANDE HOTEL

DE

J. G. DE ANDRADE

51 RUA DE S. BENTO 51

—(C)—

Este estabelecimento recebe mensalmente da Europa um importante e esplendido sortimento de chapéus para senhoras, homens, meninos e meninas; gravatas mantas, plastron, regata, pompadour; lenços de seda; bolças indispensaveis; bengalas de Petropolis e á phantasia; chapéus de sol automaton (legitimos inglezes), para homem, ditos pompadour para senhora, ditos para meninas (ultima novidade); fichús de seda, colletes de fustão para senhora, sedas de côres, torquases, gros d'Italie, birmanie, mauresque, panamá, gorgorão, velludo, cordões de côres, tudo especialmente para enfeites de chapéus de senhora, aigretes dourados e á phantasia, fitas á pompadour, de gorgorão, velludo e setim.

Acaba de contratar a excellente modista **Mme. Juliette Madeira**, que trabalha no estabelecimento para directamente entender-se com as exmas. familias que nos honrarem com suas encomendas de chapéus.

Preços rasoaveis e sem competidor

# ALVARES PEREIRA & C.

69 RUA DE S. BENTO 69

**S. PAULO**

—( )—

## **Especialidades da casa**

GAZ—Magnifico sortimento de lustres de crystal, porcellana e metal, arandelas dos melhores gostos.

LAMPEÕES de kerosene, abat-jours, globos e chaminés.

BOMBAS de pressão, banheiras, latrinas de todos os systemas, bacias esmaltadas para cozinha, arame para cercas, e ornamentos para jardins, repuchos, baldes, etc., etc.

ENCANAMENTOS de ferro, cobre, chumbo e barro.

GRANDE variedade de generos norte-americanos, inglezes, etc., para uso domestico.

CELEBRES gazometros para gasolina.

CAMPAINHAS electricas para estabelecimentos publicos e particulares e encarregam-se da collocação.

PARA-RAIOS, porta-vozes, pias electricas, fios e conductores diversos.

## Os veteranos da independencia

Meu charo Lisboa.—Quando o destino me levou a residir na comarca de Santos, ha bons 14 annos, tive occasião de conhecer, em S. Sebastião, um homem intelligente, trabalhador e com todos os traços de um perfeito character.

Desde logo travamos relações de amizade e até hoje conservamo-nos reciproca estima.

Refiro-me ao sr. major Benedicto José de Oliveira Junior, que actualmente reside no Rio-Claro.

Acaba elle de remetter-me um escripto seu que entende com a epigraphie exarada no topo destas linhas.

Já pela sua excessiva modestia, já por tratar-se de assumpto que diz respeito a seu velho pae, mandou-me o artigo como base para eu tirar d'elle alguma memoria qualquer e dá-la a publico sob o meu nome.

Parece-me que é desnaturar a singeleza nativa de que esse escripto se reveste, e que é um dos seus principaes meritos a meu vêr, dar-lhe uma fôrma estranha e descabida. Demais eu não vejo razão para acanhamento n'um filho em sahír elle a proclamar o seu maior titulo de nobreza, como é sempre essa corôa de virtudes e de honras que nos póde legar um bom pae.

Por estes motivos não me peza a violencia

que faço á vontade do meu velho amigo, e offereço, meu charo Lisboa, para o seu *Almanach*, o alludido escripto, que, estou certo, ha de agradecer aos seus leitores.

Creia-me o

Amigo de sempre,

F. QUIRINO DOS SANTOS.

---

No *Almanach Litterario de S. Paulo*, do anno de 1878, pag. 49, o dr. Rangel Pestana diz que tendo um jornal da Côrte noticiado, e outros repetido, que havia morrido o ultimo soldado da independencia, não é exacta aquella noticia por que, pelo menos, existe ainda um na cidade de Mogy das Cruzes, de nome Rodrigo Gomes Vieira de Albuquerque.

O dr. Rangel Pestana, tem razão: existem ainda muitos soldados da independencia, e alguns conhecemos nesta provincia.

Em S. Sebastião, existe Benedicto José de Oliveira, que alli nasceu a 1º de Outubro de 1803; assentou praça voluntario no dia em que completou 14 annos, a 1º de Outubro de 1817, na então villa de Santos, no 5º batalhão de caçadores de que era commandante o tenente-coronel Candido Xavier de Almeida e Souza, substituido depois no commando pelo tenente-coronel Lazaro José Gonçalves, que depois foi substituido pelo tenente-coronel Carlos Maria de Oliva.

Fez parte da guarda de honra do primeiro imperador, sendo testemunha de todo o movi-

mento da independencia em 1822, e marchou no seu batalhão com o posto de 2º sargento para o Rio de Janeiro com outras tropas paulistas e mineiras afim de dominarem o movimento revoltoso das tropas portuguezas por occasião da independencia.

Accommodado o Rio de Janeiro, marchou o 5º batalhão de caçadores para Pernambuco, e o sargento Benedicto ficou addido ao 1º corpo de artilharia da côrte, de que era commandante o tenente-coronel Francisco de Paula Vasconcellos, sendo por muito tempo aquelle sargento encarregado da instrucção militar dos recrutas.

Entre os trabalhos daquelles tempos, o sargento Benedicto assistiu ao chamado *alevante militar*, na então villa de Santos, contra os marinheiros dos navios surtos no porto, sem tomar parte no movimento sedicioso, e foi testemunha das execuções dos chefes daquelle lastimoso movimento.

Deu baixa militar, por ter completado o seu tempo de serviço, no Rio de Janeiro, em Fevereiro de 1828, e seguiu para sua terra natal, onde desde então vive, empregado na lavoura, e é chefe de numerosa familia.

Alli exerceu muitas vezes cargos de nomeação do governo, e de eleição popular, sendo firme nas idéas do partido liberal.

Na primeira organização da guarda nacional, foi eleito 1º sargento por maioria de votos, e mais tarde a camara municipal o elegeu capitão da mesma guarda nacional, mas não perdeu elle nunca o nome de sargento Benedicto, pelo

qual é conhecido, e que affaga como um symbolo dos seus melhores tempos.

São seus veteranos e companheiros de armas o exm. visconde do Rio-Claro, o major João Alves da Silva Cruz, que residem na cidade do Rio-Claro, e Manoel Lourenço que reside em S. Sebastião.

Como se vê, conhecemos ainda quatro soldados da independencia, além do que o dr. R. Pestana conhece em Mogy das Cruzes.

Existem ainda em S. Sebastião o major Joaquim Thomaz de Sant'Anna e o alferes Antonio Henriques Vaz de Ornellas, contam presentemente 90 annos de idade cada um delles e que quanto não tivessem praça no exercito, serviram no corpo de milicia local durante o tempo da independencia, que dão noticia de factos historicos e interessantes daquelles tempos, sendo de notar que qualquer delles esteja no gozo perfeito de suas faculdades, occupando-se constantemente em seus negocios.

---

Um sujeito de má vida, ao confessar-se fazendo testamento, começou dizendo :

—Deixo a minha alma a Deus.

O padre lhe respondeu :

—Duvido muito que elle lhe acceite o legado.

---

Para a donzella honesta o trabalho é festa.

# DEPOSITO AMERICANO

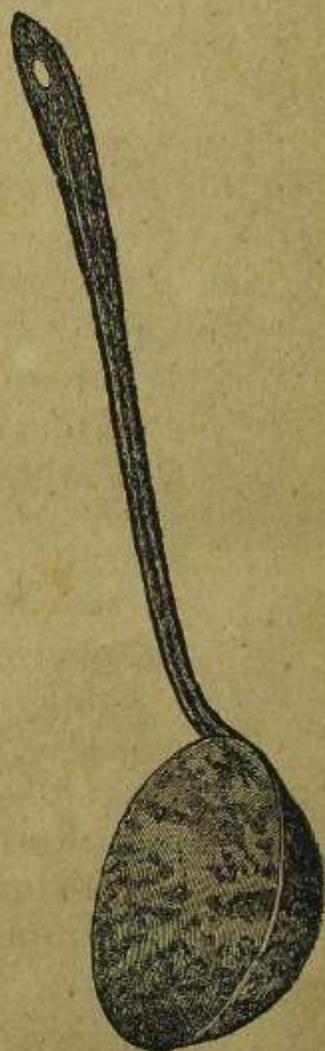
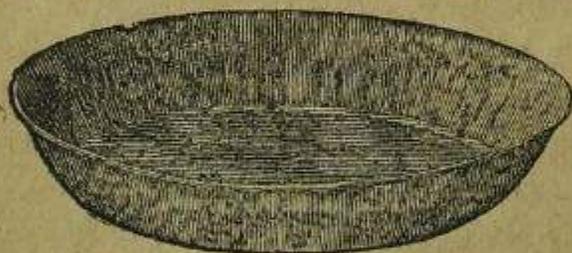
LOUÇAS DE FERRO AGATE

RUA DA IMPERATRIZ 52 A

**Ferro Agate**—A consistencia do ferro combinado com o asseio do crystal.

O AGATE é um vidrado marmoreo insolúvel, um esmalte apuradissimo e inteiramente novo, de extraordinaria durabilidade e resistencia, mesmo contra a acção do fogo mais vivo ou dos acidos fortes.

O FERRO AGATE é uma descoberta recente, e no seu processo não se empregam substancias toxicas ou nocivas, como o oxydo de chumbo, arsenico e outros que entram no fabrico de quasi todos os esmaltes communs brancos e azulados.



**F. A UPTON.**

## A vida do estudante

Triste vida do estudante,  
Vida triste e mal fadada,  
Que com a reles mesada  
Passa misérias.

Esperando pelas férias,  
A vêr se ganha dinheiro,  
Passa-se o anno inteiro  
Vida mofina.

Que a fome bem nos ensina,  
A não soffrer palanfrorios :  
E' viver n'um purgatorio,  
Não ter comida.

Arrenego eu da vida,  
Que nos faz tanto penar,  
Sómente para alcançar  
Um pergaminho.

Andarmos tanto caminho,  
Té chegar á Paulicéa,  
Ganharmos linda tetéa  
Borla encarnada !

Começa a nossa massada  
Por aturar *veteranos*,

Que nos tecem mil enganós,  
E nos *desfrutam*.

As horas sete se escutam,  
No triste sino tocar,  
Que nos fazem alevantar  
Da quente cama...

A' pressa grita-se á ama,  
Que ponha a agua no fogo ;  
E ella vem dizer logo :  
«*Chá 'stá na mesa...*»

Então de gravata tesa,  
Enfiando o casacão,  
No buxo damos c'um pão,  
Mal mastigado.

E vamos ao malfadado  
Convento de S. Francisco,  
Ainda correndo risco  
Das caçoadas.

Vem a feroz crueldade,  
Da embirrante philosophia,  
Rhetorica e geometria,  
Com que suamos.

Os sustos que então soffremos  
De algum—R—levar,  
Não se póde comparar  
Com os de morrer.

Mas se chegamos a vêr,  
Em livros para nós sagrados,  
Que estamos approvados,  
Oh que impostura !

Em casa ninguem atura,  
O modo porque contamos,  
Que ao lente nós *espichamos*  
Em um só momento !

Tiramos conhecimentos  
Na magra thesouraria,  
E vamos á Academia  
Matricular-nos.

Logo vamos sentar-nos,  
Em bancos enumerados,  
Matutos embatucados,  
A ouvir *cavaco*.

Mas se nos mettem no *caco*  
De premio ser estudante,  
Revolvendo toda estante  
Sem fazer nada.

Depois de mal amassada,  
A desfructavel lição,  
Com uns cadernos na mão,  
Vamos aos *geraes*.

Depois com alegres signaes,  
Pergunta-se :—«Ha feriado ?»

Responde um outro agastado :

—«Lá vem o lente !...»

Entra-se então descontente,

Para a classe nunca vista ;

Puxa o lente pela lista...

Oh que aperturas !

Por ora só conjecturas :

Suspensos todos ficamos,

Emquanto não escutamos :

—«Sr. fulano !»

Maldito primeiro anno !

Maldito seja o teu ponto...

Mas que vá tudo em desconto

Dos meus peccados !...

S. Paulo—1833.

DR. A. A. DE QUEIROGA.

---

Certo nobre, fallava muito, porém era pouco generoso. Uma dama em um dia que não estava satisfeita com o seu muito palrar, disse-lhe :

—O melhor senhor deste reino, seria vossa senhoria, se os cordões que tem a sua bolsa apertassem a sua bocca.

---

# DESPOLPADORES

## Novo despulpador de Beaven

O inventor reclama as vantagens seguintes sobre as machinas já conhecidas :

E' muito mais barata.

Separa melhor a casca e o café verde.

Leva menos força motora.

Precisa menos agua.

Póde-se tirar qualquer pedra ou cavaco em um instante sem parar a machina.

E' mais duravel e portanto menos dispendiosa em concertos.

Fazem-se as machinas de tres tamanhos para despolar 400, 600 ou 800 alqueires por dia.

Dirija-se ao inventor

SAMUEL BEAVEN

**Estação de Itaiocy**

# MACHINAS

PARA A

## LAVOURA

INVENÇÕES DE S. BEAVEN

Seccadores de café.

Despolpadores.

Lavradores para o café  
despolpado.

Limpadores de café para  
separar terra, pedras e cis-  
co na roça.

Mexedores de café para  
os terreiros.

Machinas novas para la-  
var, descascar, ralar e sec-  
car mandioca.

**SAMUEL BEAVEN**

**Estação de Itaicý**

## INDICE

Abarémanduaba. . . . .	208
A cruz . . . . .	23
A. Carlos Gomes (biographia) . . . . .	xxxv
A cidade de Ytú. . . . .	63
Acto de civismo. . . . .	142
A respeito de hygiene. . . . .	42
A' morte de Badaró . . . . .	125
A familia . . . . .	127
A capella de Nossa Senhora do Rosario de Campinas . . . . .	137
A uma creança . . . . .	146
A paysagem . . . . .	206
A uma estatua de Jupiter . . . . .	225
A vida do estudante . . . . .	233
Barra de Santos. . . . .	42
Beijo de mãe. . . . .	93
Bento Dias. . . . .	106
Byron (soneto) . . . . .	6
Carlos Gomes. . . . .	174
Casas de Misericordia . . . . .	19
Considerações sobre uma anomalia appa- rente do nosso clima. . . . .	1
Dar ! . . . . .	218
Deliciosa bebida. . . . .	130
Discurso . . . . .	94
Discrição . . . . .	9
Ermida de Santo Antonio. . . . .	7
Exportação da provincia. . . . .	38

Em 1830 . . . . .	48
Epigramma . . . . .	49
Emboaba . . . . .	172
Guaratinguetá . . . . .	40
Gosar e morrer . . . . .	105
Joaquim Xavier da Silveira, (dr.) . . . . .	48
Louise Bertin. . . . .	215
Luiz Barbosa da Silva, dr. (biographia). . . . .	177
Luiz Gama (biographia). . . . .	50
Montanha de ouro. . . . .	143
Novo insecticida. . . . .	122
Os caçadores. . . . .	87
Os veteranos da independencia . . . . .	228
O tubarão. . . . .	107
O rio e o vento . . . . .	121
O correio de S. Paulo. . . . .	123
O moralista . . . . .	131
Ouvidores da comarca de S. Paulo . . . . .	149
O levantamento das costas maritimas . . . . .	209
Padre Angelo de Siqueira . . . . .	220
Palavras indigenas. . . . .	151
Petéca . . . . .	175
Refugio. . . . .	199
S. José dos Campos. . . . .	153
Sete de Setembro de 1822 . . . . .	47
Soneto. . . . .	152
Soneto. . . . .	147
Teu nome. . . . .	
Thomazinho. . . . .	62
Tiradentes . . . . .	90
Um jesuita sem azas . . . . .	173
Uma curiosidade . . . . .	201
Uma carta. . . . .	

# CASA A. L. GARRAUX & C.<sup>IA</sup>

36, RUA DA IMPERATRIZ, 38

## SÃO PAULO

### Especialidade de Charutos da Havana

VINDOS EM PIREITURA

Esta Casa garante a legitimidade das marcas de Charutos e affiança os Charutos vendidos como VERDADEIROS HAVANAS. As marcas, sendo legitimas Havana e affiançadas pela Casa A. L. GARRAUX & COMP. serão sempre vendidas *à contento*.

Os compradores que não ficarem satisfeitos poderão trocar as marcas por outras mesmo serem reembolçados si o exigirem.

### Negocio de Confiança

#### Tabacs Francais

VÉRITABLE TABAC CAPORAL en 1<sup>re</sup> qualité  
TABAC À PRISER, qualité supérieure.

GRANDE SORTIMENTO de  
Cigarreiras, Charuteiras, Caixas  
para Phosphoros, de Couro da  
Russia, Marfim,  
Madreperola, Tartaruga.

LINDOS CACHIMBOS

#### LEGANTES PONTEIRAS

em  
Verdadeira E espuma de Mar e Ambar  
PARA CHARUTOS E CIGARROS.

### Vinhos de Bordeaux

Tem sempre grande sortimento de Vinhos  
de Bordeaux superiores

EM QUARTOLAS:

Marca: COUSTAU Frères—Bordeaux

EM CAIXAS:

Marca: A. LALANDE & Comp.

Tendo augmentado consideravelmente o consumo de Vinho de Bordeaux n'esta Provincia, tem-se introduzido, n'este ramo de negocio, productos falsificados, as vezes perigosos, sempre nocivos á saude.

A casa

### A. L. Garraux & Cia

offerece aos consumidores todas as garantias contra semelhantes abusos; reputa e garante os seus Vinhos os melhores que se pôde encontrar nos mercados de produção.

N'esta casa vende-se VINHO DE QUARTOLA engarrafado á razão de 7,000 RÉIS a dúzia. (Trazendo as garrafas.)

### Vinho excellente

# TYPOGRAPHIA

DE

**A. L. GARRAUX & COMP.**

ESTA BEM MONTADA TYPOGRAPHIA DISPÕE DE  
UM EXCELLENTE MATERIAL E HÁBEIS  
COMPOSITORES.

A superioridade de suas machinas produz  
uma grande DELICADEZA de impressão e  
sobretudo excessiva PROMPTIDÃO.

Imprime-se : Facturas, Cartões de todos os modelos,  
Cheques, Recibos, Circulares, Guias, Procurações,  
Enveloppes com endereço, etc. etc.

CARTÕES DE VISITA EM 15 MINUTOS.

Marca-se papel para cartas à *CHROMO*, com  
iniciais entrelaçadas e em relevo.  
(Especialidade da Casa.)

HA SEMPRE UM COMPLETO SORTIMENTO DE  
PAPEIS COMMERCIAES, DE FANTASIA E  
DE TODOS OS FORMATOS.

36, Rua da Imperatriz, 38

São Paulo



011750



